

VASUDEV
MURTHY

COMO AKIRA YAMASHITA

SHERLOCK
HOLMES
NO JAPÃO

1893. AVENTURAS DOS
ANOS PERDIDOS DO DETETIVE
MAIS FAMOSO
DA HISTÓRIA

VESTÍGIO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



VASUDEV MURTHY

COMO AKIRA YAMASHITA

SHERLOCK
HOLMES

— NO JAPÃO

1893, AVENTURAS DOS
ANOS PERDIDOS DO DETETIVE
MAIS FAMOSO
DA HISTÓRIA

TRADUÇÃO DE ANA CAROLINA OLIVEIRA

VESTÍGIO



Em memória de minha mãe

Prefácio

Meu primeiro contato com a Sociedade Sherlock Holmes de Londres foi em 2001, quando um amigo me convidou para acompanhá-los em um cruzeiro pelo Báltico, na comemoração do 50º aniversário da instituição. Minha esposa e eu fomos avisados com bastante antecedência sobre a viagem, mas, algumas semanas antes, soubemos que alguns dos passeios programados exigiriam o uso de trajes típicos de 1895 – quando Holmes começara a brilhar. Seguiram-se algumas visitas apressadas a figurinistas.

Visitamos vários países nessa viagem, e ficamos surpresos com a popularidade internacional de Sherlock Holmes. Em Copenhague, a Sociedade Sherlock Holmes local nos levou a um passeio pelos canais, para uma “identificação canônica dos barcos”. Os donos dessas embarcações eram incentivados a batizá-las com nomes de personagens e lugares extraídos das histórias de Sherlock Holmes, e nós tínhamos que identificá-las. A Sociedade de Estocolmo nos presenteou com a chave mestra da cidade. E, em São Petersburgo, conhecemos um fã russo que tinha viajado por dois dias, vindo da Sibéria, para juntar-se às nossas comemorações.

Obviamente, Sherlock Holmes é um personagem que tomou conta do imaginário de pessoas no mundo inteiro. E é claro que as histórias foram representadas exaustivamente no palco, na televisão e no cinema, quase ao mesmo tempo em que foram publicadas pela primeira vez. Além disso, os personagens de Holmes e Watson foram usados em incontáveis pastiches: novas histórias e filmes, que os retrataram em novas situações.

Alguns críticos se perguntaram sobre a posição da Sociedade Sherlock Holmes de Londres com relação a essas novidades, esperando que fôssemos os guardiões da integridade das histórias e das personagens originais, resistindo a qualquer possibilidade de transgressão. A realidade é o oposto: acolhemos com prazer essas novas explorações de Holmes – algumas das quais continuam a acontecer na Londres Vitoriana, enquanto outras o trazem para os dias atuais.

Fãs de jazz vão entender essa posição: músicos competentes pegam um clássico e o tocam com uma nova pegada, dando outra mostra de como a melodia poderia soar. O mesmo acontece com os personagens Holmes e Watson, quando autores os inserem em novos lugares e situações.

Com certeza, Sherlock Holmes não se preocupava exclusivamente com crimes, apesar de que sua autodescrição como “detetive consultor” pudesse levar a essa conclusão. “Detetive particular” é uma indicação mais correta de sua profissão, e muitas das histórias não envolvem crime algum: são sobre a resolução de situações misteriosas. Não é à toa que muitas são intituladas “*A Aventura de...*”. Há várias possibilidades para autores encaixarem Holmes em histórias muito distantes do clássico gênero romance policial.

Vasudev Murthy e eu nos conhecemos no decurso de nosso trabalho, há alguns anos, mas foi só em uma viagem de trem, saindo de Londres, que discutimos nosso interesse comum em Sherlock Holmes. Vasu me confidenciou que gostaria de escrever um livro sobre as aventuras de Holmes durante um tempo que os fãs chamam de “o grande hiato”. Esse é o período de maio de 1891 a abril de 1894, entre a

suposta morte de Holmes pelas mãos do Professor Moriarty, nas Cataratas de Reichenbach, e seu reaparecimento em *A Casa Vazia*. Não é nem um pouco claro o que Holmes esteve aprontando durante esse tempo: ele não se abriu com Watson, ou, talvez, o próprio Watson estivesse sendo discreto ou, deliberadamente, ocultando todos os detalhes que sabia. Contudo, Holmes admite ter viajado para Tibete, Meca e Cartum. Quem sabe onde mais ele pode ter estado nesse período?

Bem, a Índia é uma grande probabilidade. No início de 2014, a Sociedade Sherlock Holmes de Londres organizou uma viagem a Mumbai, Calcutá, Délhi e outras cidades indianas. Apesar de nenhuma das aventuras acontecer lá, Doutor Watson teria com certeza atravessado o país durante seu serviço militar no Afeganistão, e há outras referências a eventos e personagens relacionados à Índia, especialmente em *O Signo dos Quatro*. Além disso, há uma sensação de que a Índia faz parte do pulso essencial dos tempos vitorianos: uma presença que, de alguma forma, afeta quase todas as famílias.

Mas lembro-me de que Vasu aventou a hipótese de Holmes ter passado no Japão uma parte do seu tempo ausente. Isso teria sido em uma época particularmente turbulenta na história do país. Até a metade do século XIX, o Japão era completamente fechado a influências estrangeiras. Mudanças introduzidas durante a Restauração Meiji aceleraram a abertura do país para o mundo e ocasionaram uma rápida industrialização, que levou o Japão do feudalismo à era moderna em poucos anos. Mesmo no final do século, o país teria sido um destino exótico para a maioria dos vitorianos. E teria certamente atraído Sherlock Holmes.

Temos agora, então, uma nova aventura situada em novos lugares. Nas histórias de Sherlock Holmes, Doutor Watson é o narrador principal; são poucas, no entanto, aquelas em que o próprio Sherlock Holmes conta a história. Na narrativa de Vasu, há várias vozes – claramente narradas por Doutor Watson – mas cada uma contribuindo para a narrativa de uma forma particular.

Um dos prazeres das histórias de Sherlock Holmes é o detalhe casual – do clima (particularmente *fogs*, que eram agravados, naqueles dias, pela fumaça do carvão queimado nas casas e fábricas de Londres, resultando com frequência em um pesado nevoeiro), de viagens por estradas, mar e trem, e dos costumes e entretenimentos dos quais Holmes e Watson gostavam. Sem entregar nada do livro, ele fala sobre viajar meio-mundo até o Japão, e, é claro, isso era uma tarefa muito mais árdua no final do século XIX do que é hoje. Viagens que hoje duram um ou dois dias levavam, na época, várias semanas e traziam uma sensação muito maior de exotismo do que a experiência comoditizada que as companhias aéreas oferecem atualmente.

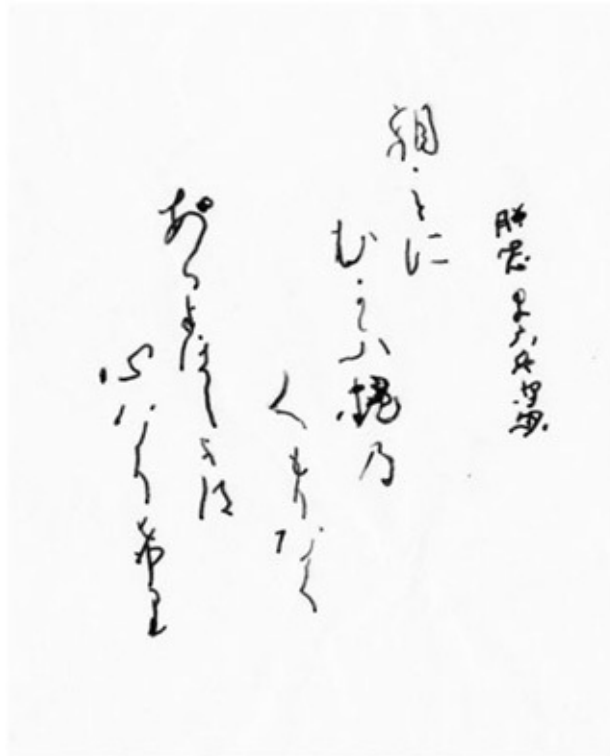
Esta história tem uma imensa riqueza de vozes, e levará você em uma jornada fascinante. É uma aventura, seguramente, mas é também uma experiência emocionante.

Aproveite!

Londres, dezembro 2012

CALVERT MARKHAM

Tesoureiro da Sociedade Sherlock Holmes de Londres



*A cada manhã
encaramos nossos espelhos
que são imaculados.
Ah, se pudéssemos ter
a mesma pureza de alma.*

Poema *waka* escrito pela Imperatriz Shoken
9 de maio de 1849 – 9 de abril de 1914

Prólogo



Forasteiro

Deixe os primeiros raios vermelhos do sol nascente a cariciarem suas pálpebras enquanto você medita. Deixe o Buda de Kamakura falar com você em silêncio.

As primeiras horas da manhã na Baía de Sagami são assim em qualquer dia: o Pacífico ondulando-se na praia, o som das ondas quebrando, o assobio da cerração, a maresia no ar. Do fundo do mar, os peixes olham para o alto quando os primeiros raios de luz se difundem na água agitada. As andorinhas e as gaivotas chamam de maneira desagradável mas feliz. Na morte de outros está a garantia de sua própria vida.

Muitos homens se foram das costas de Yokohama e voltaram como fantasmas atormentados, detidos pelo respingar envolvente das ondas transbordantes. O tempo continua a pintar tudo suavemente. O amor evapora e beija a gaivota inquieta; a ambição desintegra-se na areia e escorrega lá para baixo – muitos metros abaixo. Nenhum homem será poupado da morte. O Buda Amitaba de Kamakura vigiará todos os atos de paixão e de ódio, de maldade e de bondade.

Os barcos de pesca levarão uma hora para retornar de suas jornadas noturnas. Hideo, o poeta-filósofo andarilho, senta-se tranquilamente na praia, deixando a água tocá-lo de vez em quando. Sim, há um vestígio de vermelho nas nuvens, e devagar, com um objetivo perverso, ele se espalha por toda a baía. Hideo agora vê um mar de sangue, no qual até mesmo os fantasmas foram imersos.

Ele anda ao longo da praia, perguntando-se o que o mar terá trazido hoje. O de sempre – peixes mortos, algumas enguias contorcidas próximas do inevitável, muitas conchas e pedaços de madeira de navios que repousam no mar, inúmeras braças abaixo.

Na área pantanosa, longe do porto, ele vê uma sombra maior. Ah, talvez seja uma baleia ou um tubarão. Anda pela sujeira e pelas algas, e seus pés fazem um barulho aspirado, enquanto alterna o movimento das pernas. Alguns pássaros aninhados chiaram em alerta e raiva, e voaram para longe, o som do bater de suas asas misturando-se ao estrondo enfadonho do fundo do mar.

Um tubarão? Um polvo? A luz não está clara o suficiente. Ele se aventura a chegar mais perto e olha com cuidado.

Um corpo se mistura ao pântano, o rosto voltado para baixo. Um homem com um terno ocidental. Quem é ele? Por que veio nessa direção? Alguém pediu que viesse? Quem vai dizer?

Hideo olha para a Baía de Sagami, lá atrás. O vermelho está ainda mais forte, mas uma fresta de raio de sol consegue irradiar e encontrar uma nuvem que passa.

O Buda de Kamakura continua a meditar, seu sorriso gentil, congelado, como é há tantos anos.

Duas gaivotas voam para o alto, alegres, em silêncio.

Muito Honorável Walter Campbell
Secretário da
Associação dos Editores
Wimpole Street
Cavendish Square
Londres

25 de junho de 1909.

Caro Senhor,

Espero que me desculpe por presumir que já conheça meu nome, levando em conta a considerável publicidade que minhas crônicas sobre as aventuras do meu notável amigo, Sherlock Holmes, têm recebido nos últimos anos pelas mãos dos membros de sua própria Associação. Eu aceito humildemente o fato de que minha modesta fama, se alguma há, é consequência direta de uma parceria fortuita com um homem célebre, que será sempre lembrado por seu excepcional intelecto.

Escrevo esta carta formal de reclamação com considerável relutância. Contudo, dada a gravidade da questão, resolvi, depois da devida ponderação e de consultar meus advogados, que a comunicação franca seria a melhor opção. O senhor - e, na verdade, o público, já que decidi tornar esta carta pública - tem o direito de conhecer minha angústia.

Primeiro, gostaria de expressar minha admiração e meu respeito pelo alto grau de profissionalismo que os membros da sua Associação têm mostrado ao longo dos anos em que os conheço. Em nenhuma etapa ou época, algum editor achou necessário ir além de algumas sugestões construtivas sobre minha escrita; essas referiam-se, na sua maioria, à necessidade de expandir um tópico específico, para ajudar os leitores a entender alguma referência que porventura estivesse obscura. Sempre respeitei o julgamento do editor, e nossa parceria foi marcada pela harmonia. Talvez tenha a sorte de minha escrita sempre ter atendido aos padrões, um tanto rigorosos e exigentes, que os senhores impõem; nada foi alterado entre a hora em que escrevi e a hora em que chegou ao público. No entanto, sem querer soar pedante e sensível demais, sou obrigado a registrar formalmente meu incômodo, minha irritação e, para ser franco, meu ultraje com uma situação em sua comunidade profissional que promete trazer repercussões danosas para todos os envolvidos.

Refiro-me aqui à adoção de um novo tipo de editor, arrojado e excessivamente assertivo, com frequência uma jovem instruída, normalmente bonita e invariavelmente leitora ávida (talvez ávida demais, numa época em que quantidade é mais valorizada do que qualidade), com todo um novo vocabulário. Minha editora, HarperCollins, membro de sua Associação, infelizmente, sucumbiu a essa tendência e me impingiu uma dessas jovens, que insiste em enviar uma infindável enxurrada de sugestões ultrajantes,

não solicitadas, não desejadas, injustificáveis e presunçosas, por correio, telegrama, telefone ou pessoalmente.

Sou um historiador, e não estou acostumado a jovens (reconhecidamente com alguns elementos de charme) oferecendo sugestões desnecessárias sobre como devo escrever para o tal "público moderno". Ela sugere inúmeras vezes que eu reveja aspectos como: ritmo, fragilidades do enredo, aparentes contradições e coisas do gênero. Faz parecer que sou um novato e que não tenho habilidade para prender a atenção dos leitores. De fato, o comportamento geral dela poderia ser descrito como condescendente e superior, talvez como um missionário olhe para um pagão, em um canto qualquer das nossas terras além-mar.

A questão é que não escrevo para leitores frívolos e não acredito que tenha a obrigação de "prender" a atenção deles. Não invento, nem faço esforço para apelar para o mórbido ou celebrar o sensacionalismo. Relato fatos e não estou aqui para satisfazer a esses "leitores modernos", que, conforme me informa essa jovem, são inquietos, impacientes e incertos, em constante procura por satisfação em toda página - e, na sua falta, um trabalho rigoroso é descartado prontamente. Não sou obrigado a criar uma obra de ficção picante para invocar gritos de prazer de leitores imaturos, que se deliciam com assassinatos e mutilações. Relato fatos verídicos fielmente. Esperar que cada segundo da vida de Sherlock Holmes seja repleto de tensão, eventos chocantes, homens e mulheres do mal e enredos sinistros é uma afronta à sensibilidade de qualquer pessoa remotamente ligada a ele.

Poderia exemplificar alguns desses pontos de uma correspondência recente dessa jovem:

"O ritmo ficou lento em -"

"Não acho que isto seja necessário -"

"Holmes provavelmente não diria isso -"

A audácia dessa bela e vigorosa editora-júnior, de achar que pode segurar minha caneta e escrever no meu lugar, é uma questão que gera a mais profunda preocupação. Então, por que sou necessário? Como ousa me dizer, com um tom de sarcasmo paternalista, "Holmes não teria dito isso"? Ela nunca o encontrou nem nunca encontrará. Passei anos com ele, e minhas anotações resistiram aos testes do tempo e do escrutínio. Por que deveria haver uma expectativa de que Holmes falasse de certa maneira e não de outra? Ele era linguista, violinista, cientista, grande pesquisador e, certamente, tinha um dom para disfarces. Nada pode ser afirmado com absoluta certeza sobre ele, exceto que era um homem de extrema integridade.

Agora, minha mente está consumida por sérias dúvidas sobre a possibilidade de o meu trabalho chegar ao público sem a interferência dessa jovem e excessivamente instruída editora. Vemos agora o efeito pernicioso do Sufrágio Universal no local mais sagrado - a mesa dos editores respeitados. Exigi que esta carta de protesto fosse incluída no meu manuscrito final, pois não mais acredito que meu trabalho resistirá ileso.

A mulher moderna é traiçoeira e conta com a necessidade de um

cavalheiro de sempre ser um cavalheiro, em qualquer circunstância. Contudo, é a possibilidade de sujar a reputação do meu nobre amigo Sherlock Holmes que mais exercita meu cérebro. Não preciso nem dizer que estou em contato com meus advogados, Llewellyn, Harwood e Fox, Lincoln's Inn Fields, N° 15, Londres, para discutirmos o pertinente recurso legal e a reparação de danos, caso o esquema dessa jovem atraente seja bem-sucedido.

Espero ter chamado sua atenção para o problema e tenho certeza de que sua respeitada organização irá investigar o caso e impor punição devida à HarperCollins e a outras similares por suas tentativas de sufocar os escritores com inaceitáveis cuidados de jovens editoras.

Atenciosamente,

Doutor John H. Watson
Baker Street, N° 221B
Londres

Uma carta de Yokohama

友

Meu amigo, você viveu em Osaka e em Nagoya pelos últimos trinta anos. Mesmo assim, os elos da nossa amizade silenciosa são mais fortes do que o aço da espada do Samurai.

Quando escrevi *O Problema Final*, informando ao público sobre as circunstâncias que levaram à morte de Sherlock Holmes e de seu arqui-inimigo, Professor Moriarty, nas Cataratas de Reichenbach, próximas à cidade de Meiringen, na Suíça, não esperava tal reação. Seria pouco afirmar que o homem comum não sentiu nenhum constrangimento em juntar-se ao choro coletivo de dor: seu apartamento em Baker Street, N° 221B, tornou-se um verdadeiro santuário. O vendedor de rua, o atendente do escritório de expedição, o policial, os amigos de Holmes da área criminal – todos ficavam de pé lá fora, ombro a ombro, em silêncio, lamentando sua morte. Meus olhos se encheram de lágrimas, quando vi quanto amor meu estranho e solitário amigo tinha conquistado da população da cidade; claro que ele mesmo teria repudiado tal conjetura, pois, na sua mente racional, o amor, em qualquer de suas formas, só tinha lugar como uma lente sobre o comportamento humano, uma ferramenta que ele frequentemente usava em suas investigações.

Depois disso, vários indivíduos inescrupulosos tentaram tirar proveito desses sentimentos, alegando ter visto Holmes em diversos lugares. Ele estava em Mumbai, negociando antiguidades indianas, disse um comunicado da imprensa. Um reconhecimento confirmado em Durban, jurava um coronel do exército. Em Santiago, como um respeitado violinista, afirmou tranquilamente o capitão de um navio retornando de lá. Um hoteleiro em Vaasa, Finlândia, disse a animada esposa do segundo secretário da nossa embaixada naquele país.

Eu, no entanto, fiz as pazes com a morte dele e voltei para minha casa de campo com minha esposa. Prometi manter sua memória viva e comecei a árdua tarefa de reunir e organizar seus papéis, bens pessoais e correspondências; tinha plena consciência de como a história veria e idolatraria a memória desse grande homem e também sabia que minha associação com ele seria vista com bons olhos. O irmão de Holmes, Mycroft, gentilmente me entregou todos os bens do irmão, inclusive o adorado violino Stradivarius, dizendo: “Os laços de sangue nem sempre são mais fortes do que os da amizade leal, Watson”. Isso me causou grande emoção.

A carta do Japão, um pouco mais de dois anos depois do caso das Cataratas de Reichenbach, foi uma completa surpresa. A caligrafia era vagamente familiar. Não levei em consideração o aperto no coração e refleti sobre o conteúdo do envelope amarelo, com selos e carimbos desconhecidos. Vi que a carta tinha levado mais de três meses para chegar da cidade de Yokohama até mim. Abri o envelope e fiquei perplexo ao ver uma passagem, primeira-classe, de Liverpool para Yokohama, no navio comercial *North*

Star, para o dia 13 de junho.

Dei uma olhada no meu calendário: a data era dali a pouco mais de uma semana. Enquanto checava a passagem de novo, um pedaço de papel caiu do envelope na minha mesa. Era uma nota concisa, na caligrafia de Sherlock Holmes.

“Watson, preciso de você. Meu violino, por favor. S.H.”

Olhei para o papel por um tempo, atordoado. Parecia impossível, mas, mesmo assim, não havia erro. Era a caligrafia de Holmes. E o leve e familiar odor de tabaco confirmava: Sherlock Holmes estava vivo, e *ele* enviara aquele bilhete! Descartei a lógica de vez. Holmes costumava comentar, um tanto cruel, que minhas qualificações médicas medíocres atrapalhavam o pensamento alerta, e que eu era uma criatura condicionada, que seguiria a maré, a não ser no último caso. “Sinto muito se minhas observações o ofendem, Watson, mas ter combatido no Afeganistão não acarreta necessariamente grande capacidade mental”, tinha dito uma vez, com um sorriso de escárnio. Mas ali estava eu, aceitando alegremente um convite para ir ao Japão, para encontrar um amigo que eu acreditava ter morrido tragicamente dois anos antes!

O mais rápido que pude, fiz os preparativos para a viagem. Conversei com minha esposa, em segredo, e fiquei surpreso com sua receptividade. Ela não viu nenhum absurdo no fato de que Holmes poderia ainda estar vivo, e que ele estaria no Japão; sentiu certo orgulho de que eu tivesse sido chamado para seu lado em tão estranhas circunstâncias. Com sua habitual eficiência, assegurou-se de que eu estivesse com tudo pronto para essa jornada incomum. E, em poucos dias, partimos para Liverpool.

– Cuide-se, querida – eu disse, apertando sua mão.

Ficamos em pé na Doca Langton, enquanto me preparava para embarcar no *North Star*, um pequeno navio que levava alguns poucos passageiros na primeira-classe enquanto carregava mercadoria entre vários portos.

– Não se preocupe comigo – ela respondeu, com um sorriso, seus olhos com um brilho incomum. – Seu lugar é ao lado do sr. Holmes. Sempre acreditei que ele estivesse vivo. Agora, ele precisa de você mais do que eu.

Fiquei muito comovido e me lembrei da estima velada de Holmes por ela. “Uma dama e tanto você tem aí, Watson. Talvez ela mereça coisa melhor”, disse, enchendo meu coração tanto de orgulho, quanto de raiva da sua zombaria. Virei, sem conseguir falar nada, e logo embarquei no *North Star*, com o Stradivarius do meu querido amigo em uma caixa especial retangular, que poderia passar como bagagem de mão. Conforme o navio se afastava de Liverpool, e a multidão barulhenta no cais desaparecia, eu me perguntava que nova aventura esperava por mim numa terra desconhecida, em companhia do meu bom amigo Sherlock Holmes, que há tanto tempo não via.

A viagem começa

旅

Meu amigo, não me detenha. Preciso começar sem saber se acabarei. Ouvi que os mares nunca revelam seus segredos, mas abençoam os bravos que partem para cumprir seu dever.

A longa viagem a Yokohama me levaria pelo Estreito de Gibraltar, parando em Marselha, Alexandria, Áden, Mumbai, Singapura e Xangai. Esperava que a brisa do mar e a solidão me dessem a oportunidade de pensar tranquilamente sobre vários cenários e possibilidades relacionados ao fascinante, mas intrigante, ressurgimento de Sherlock Holmes.

Dividia a cabine com um distinto senhor japonês, alto e reservado, Kazushi Hashimoto, que mencionou estar voltando para o Japão, depois de passar seis meses na Escócia, cuidando de negócios. Ele se mantinha absorto em um tipo de jogo de tabuleiro japonês, o que era perfeito para mim. Tinha um instrumento musical interessante, que ele chamava de *koto* e dedilhava com delicadeza, à noite, depois de pedir minha permissão e desculpar-se várias vezes pelo inconveniente. Os sons não eram desagradáveis, apesar de incomuns, e eu conseguia bloqueá-los de minha consciência depois de pouco tempo. Na verdade, eles quase me ajudavam em minhas reflexões meditativas noturnas. Fiquei bastante confortável em sua presença e, em alguns dias, passei a ter uma rotina ordenada.

O capitão do *North Star* era Samuel Groves, uma criatura estranha, de estatura mediana, em seus 50 anos, que transmitia um ar de competência misturada a uma leve decadência que me perturbava.

Ele falava por frases tensas e desconexas: “Tempo está bom! Pessoas boas! Nunca gostei de Gibraltar! Detesto este lugar!”.

Na primeira noite, ele se juntou a nós no salão de jantar da primeira-classe. Olhei ao redor da mesa. À minha direita, estava a sra. Edith Andrews, de aproximadamente 30 anos, com uma aparência aristocrática, que disse estar indo encontrar seu marido na Residência do Governador em Áden, depois de umas férias curtas em sua casa de campo, perto de Bury Saint Edmunds. À sua direita, estava o Coronel James Burrowe, que afirmou ainda fazer parte do regimento de artilharia Royal Horse, o que me interessou, já que esse é o mesmo regimento em que eu tinha servido no Afeganistão, antes de me ferir na Batalha de Maiwand. Tinha certeza de que teríamos conhecidos em comum. Disse estar viajando para Penang. No entanto, como a sra. Andrews estava entre nós, não pude conversar muito com o coronel, sem parecer indelicado. Decidi trocar umas palavras com ele assim que fosse possível.

À minha esquerda, um senhor sique, sr. Shamsher Singh, que se apresentou como assistente do marajá do Principado de Patiala, em Panjab. Era um homem atraente, com seu turbante, olhos penetrantes e indiscutível carisma. Falava inglês extremamente bem, apesar do forte sotaque indiano. Manifestou seu interesse em Shakespeare e me impressionou com seu conhecimento sobre as atividades do Museu Britânico. No entanto, achei-o um pouco perturbador, não sei por quê; talvez fosse sua personalidade forte demais.

À sua esquerda, estava o sr. Hashimoto e, em seguida, a sra. Clara Bryant, pequena e sem graça, beirando os 50 anos, com olhos azuis e inteligentes e um jeito quieto, mas alegre. Disse estar viajando para Xangai, onde era tutora dos filhos do cônsul-geral japonês. Fiz uma anotação mental para conversar com ela mais tarde; afinal de contas, ali estava minha primeira ligação palpável entre a Inglaterra e o Japão. Sentado ao seu lado estava o sr. Simon Fletcher, que se apresentou como um banqueiro viajando para Singapura. Sua conduta era muito correta e educada, mas banal. Devia ter por volta de 55 anos e estava acima do peso.

O capitão entrou rapidamente e desejou a todos uma boa noite.

– Temos os melhores vinhos – disse cordialmente. – Bons ventos, esta noite! Trinta viagens como capitão deste navio! Áden, um ótimo lugar para descansar por um dia e ver os pontos turísticos! Interessante a biblioteca do navio, muitos romances policiais!

– A senhora nos deixará em Áden, madame – disse, virando-se para a sra. Andrews.

Ela ruborizou inesperadamente.

– Não gosto muito de lá, para falar a verdade.

– Ah? Por que não? – perguntou o capitão, interessado.

– É muito quente, e não gosto dos nativos – respondeu a sra. Andrews, com um arrepio.

A sra. Bryant de repente interveio do outro lado da mesa:

– Você pode se levar a gostar de qualquer lugar, sabe? Eu adoro Xangai hoje em dia, apesar de já ter achado que jamais gostaria de lá: o clima terrível, os chineses. Mas, agora, até que gosto deles. Estou feliz em estar voltando. Tem algo de ilimitado sobre a cultura lá.

Gostei da atitude dela e vi o sr. Hashimoto olhar para ela, com ar de aprovação. A sra. Andrews se virou para mim, um apelo nos olhos. Peguei a deixa e mudei de assunto:

– Nunca estive no Extremo Oriente. Será que algum dos senhores poderia me dar algumas dicas do que deveria esperar? – perguntei, olhando ao redor da mesa.

– Tenha cuidado – soltou um riso o capitão.

Shamsher Singh concordou.

– Sim – balançou a cabeça. – Tenha cuidado. Não acredite em ninguém, nem mesmo em mim.

– Evite visitar os portos de escala, se for possível. Eles atraem a escória do mundo – disse Simon Fletcher, com uma veemência que pareceu inadequada. – Só vá aonde deve ir e dane-se da cultura local!

Vi o sr. Hashimoto olhar para Simon Fletcher, pensativo.

– Eu pretendo visitar Alexandria, se for permitido – disse o sr. Singh, com uma voz profunda e ponderada. – Acho a cultura egípcia interessante, apesar de um pouco bárbara.

– Ah, sim, terão uns dias para dar uma olhada por lá, se quiserem. Pessoas boas. Frutas. Água. Tenham cuidado! Muito cuidado! Pernilongos! Muitos ladrões de meia tigela! – disse o capitão.

– Talvez queira se juntar a mim – disse o sr. Singh, virando-se para mim.

Foi uma ordem, e eu me peguei concordando sem hesitação.

Do outro lado da mesa, a sra. Bryant se pronunciou:

– Acompanharei os senhores, se não for problema.

– Eu também – disse o sr. Hashimoto.

Alguma coisa na sua voz me fez olhar para ele rapidamente, mas seu rosto estava impassível.

– Eu não – riu Coronel Burrowe. – Passarei um tempo tranquilo na biblioteca do navio e tomarei uns drinques. Alexandria é interessante, e já estive por lá algumas vezes, mas nada como Mumbai, meus amigos, nada como Mumbai!

Uma noite, logo antes de chegarmos a Marselha, estávamos de volta à nossa cabine depois do jantar, e eu tinha me acomodado com um charuto e um livro, quando o sr. Hashimoto de repente levantou a

cabeça do tabuleiro de jogo.

– Dr. Watson, não é do meu feitio ser indiscreto, mas posso lhe perguntar o objetivo de sua viagem ao meu país? – perguntou em um inglês preciso e sem sotaque.

Hesitei por uma breve fração de segundo.

– Por causa de minha condição física fragilizada, fui aconselhado a fazer uma estimulante viagem marítima – respondi.

– Entendo – ele respondeu pensativo – Certamente, é raro viajar para o Japão para melhorar a condição física – disse, com um sorriso amigável.

Sorri, mas não respondi, procurando a segurança do meu livro.

– Sinto a presença do mal neste navio – disse ele, de repente.

Baixei meu livro.

– Mesmo, caro senhor?

– Sinto muito o alarmar. Porém, preciso dividir com o senhor o fato de que estou apreensivo.

– Em que o senhor baseia essa observação?

Em resposta, ele puxou com cuidado um pedaço de papel de debaixo de seu travesseiro.

– Encontrei isto, debaixo de nossa porta, quando voltei do café da manhã.

No papel estava escrito:

ヤクザ

– Mas o que quer dizer? – perguntei surpreso.

O sr. Hashimoto olhou para mim, calado e sério, por alguns segundos.

– Dr. Watson, tudo o que posso dizer é que há um grande perigo pairando sobre nós. Temos que agir com o máximo de cautela e não correr riscos desnecessários ou engajar em amizades dispensáveis. Por alguma razão que desconheço, fomos advertidos.

Um arrepio desceu por minhas costas. Junto com ele, uma sensação de *déjà vu*. Quase me senti como se estivesse falando com meu velho amigo Holmes! Mas era impossível. Holmes estava morto. Não, estava no Japão. E o sr. Hashimoto era um distinto cavalheiro japonês, de idade avançada. Olhei para o outro lado da cabine e vi que ele me observava impassível. Tinha pegado seu *koto* e estava dedilhando-o suavemente.

Os sons incomuns do Japão tomaram conta da cabine.

Assassinato no North Star



*Cuidado com estranhos, meu amigo.
Quem sabe que maldade reside neles?
Derramarão sangue e seguirão seus caminhos.
Somente uma frágil senhora idosa em Hiroshima
lamentará, e isso não os afetará.*

Em Marselha, o capitão recebeu a bordo mais carga e mais três passageiros. Dois eram japoneses que indicaram não falar nada de inglês e que, depois de muitos cumprimentos com a cabeça e sorrisos, se retiraram para sua cabine, onde preferiram jantar e tomar o café da manhã, servidos pelo camareiro. O terceiro era um irlandês, David Joyce, que parecia um sujeito grosseiro e reservado. Ele também se retirou para sua cabine, que, por sinal, era ao lado da do Coronel Burrowe.

Começamos nossa jornada para Alexandria em águas calmas. Os esparsos sons do *koto* do sr. Hashimoto dançavam nas pequenas ondas do Mediterrâneo. O sr. Singh inclinava-se sobre a beirada do navio, observando a chegada da escuridão, perdido em seus pensamentos, com as sobrancelhas franzidas.

Mencionei ao sr. Hashimoto que tínhamos novos companheiros de viagem. Ele não tinha ido ao jantar, assim como a sra. Bryant. Isso aconteceu enquanto nos preparávamos para o café da manhã.

– Por sinal, eram dois japoneses e um irlandês.

– Mesmo? – disse o sr. Hashimoto, ajustando as mangas do casaco. – Como era o irlandês?

Achei a pergunta um tanto estranha, mas descrevi o sr. Joyce da melhor maneira que pude, e ele assentiu com a cabeça de um jeito curioso e satisfeito.

Os aposentos eram planejados da seguinte maneira: uma cabine, como a nossa, era grande, com considerável privacidade, garantida por dois banheiros separados e um quarto comum no meio. De um lado havia uma cabine similar, que as Sras. Andrews e Bryant dividiam. Do outro lado, estava a biblioteca, que era trancada pelo camareiro exatamente às 11 horas. Não havia aposentos sobre os nossos. Também havia cabines para uma pessoa, como as ocupadas pelo sr. Joyce e pelo Coronel Burrowe.

Minha parte da cabine tinha uma vigia a aproximadamente três metros do nível do mar. Ao avançarmos para o leste, minha vigia abria para o sul, assim como a do sr. Hashimoto. Havia mais uma na área comum da cabine. Eram estreitas demais para que uma pessoa comum pudesse passar por elas, mas uma criança ou alguém magro talvez conseguisse se espremer através delas, com alguma dificuldade. Sempre tínhamos bastante luz, e o Mediterrâneo estava calmo, como previsto.

A viagem de Marselha para Alexandria levou uns cinco dias. Apesar de eles terem sido pacatos, preciso descrever alguns eventos, aparentemente inocentes, que teriam um significado importante mais tarde.

As sras. Bryant e Andrews foram colocadas juntas, já que eram as únicas damas a bordo. Formavam um par improvável: uma jovem senhora, que não parecia nada entusiasmada com a viagem, e outra mais

velha e mais sábia, que parecia deleitar-se com a vida e estava ansiosa para chegar a seu destino. De manhã, andavam juntas no convés, em silêncio, para se exercitar e aproveitar a brisa do mar. Podia ouvi-las fechar a porta de sua cabine e as cumprimentava quando passavam, se, por acaso, estivesse na área comum da minha. Às vezes, acompanhava as duas em sua breve caminhada.

Na primeira manhã após deixarmos Marselha, ao andarmos juntos, passamos pelos dois senhores japoneses que tinham acabado de embarcar. Eu estava poucos metros à frente das senhoras, pois a passagem se estreitava em alguns lugares. Os homens estavam na borda do navio, entretidos em uma conversa. Tinham, bastante indecorosamente, tirado as camisas e fumavam, aproveitando o agradável sol. Notei que seus braços e peitos nus tinham várias tatuagens complexas e coloridas, com desenhos que me eram completamente estranhos. Eles se viraram quando nos ouviram aproximar.

Seus sorrisos desapareceram antes mesmo de se completar. Vi um leve sinal de reconhecimento em seus olhos. Houve um balbucio de surpresa atrás de mim, e então cessaram-se as conversas. Virei para trás e fiquei surpreso ao ver as duas senhoras andando rapidamente para longe dos japoneses – que olhavam para elas com o que me pareceu espanto. Presumi que elas tinham esquecido alguma coisa ou tinham ficado envergonhadas na presença de senhores seminus, e continuei minha caminhada.

Naquela tarde, quando relatei o incidente ao sr. Hashimoto, percebi seu rosto se contrair.

– Poderia descrever as mãos deles? – perguntou.

– As mãos?

– Sim, os homens. Notou alguma coisa estranha em seus dedos?

– Infelizmente, não – respondi sinceramente intrigado e irritado. – Por que faria isso?

– É uma questão insignificante. Por favor, esqueça minha pergunta – o sr. Hashimoto disse, com um tom apologético, notando que eu não tinha gostado da pergunta.

Uma noite, por acaso, eu estava acordado mais tarde do que o normal. Ao diminuir as luzes da cabine e me preparar para dormir, ouvi o barulho de passos no andar de cima e, depois, uma leve batida contra a parede lateral do navio, na direção da biblioteca ao lado. O som desapareceu em poucos segundos. Atravessei a cabine e enfiei a cabeça pela vigia, para olhar lá fora. Não havia nada. Fiquei perplexo. No dia seguinte, perguntei ao capitão sobre o ocorrido, mas ele confessou sua ignorância sobre o assunto.

Na noite anterior a nossa chegada em Alexandria, acabei me sentando ao lado do sr. Singh no jantar. Notei certa introspecção e preocupação; ele ficava mexendo na barba, com o olhar perdido. A sra. Bryant estava ausente, como sempre, alegando uma leve dor de cabeça. Os dois senhores japoneses não tinham aparecido, como era de costume. O Coronel Burrowe e Simon Fletcher estavam sentados juntos, engajados em uma conversa.

No outro canto da mesa, o sr. Hashimoto tinha conseguido iniciar um contato com David Joyce. Comentei com o sr. Singh sobre como o pão estava fresco. Aquilo, de alguma forma, me lembrava de algo que tinha experimentado no Afeganistão.

– Gostava especialmente do odor do pão afegão. Tinha uma singularidade que poderia ser descrita como ouro queimado – eu disse, relembrando com prazer.

O sr. Singh se virou para mim e falou baixo:

– Não sabia que a sra. Bryant e os senhores japoneses se conheciam.

– Desculpe?

– Sim, vi quando conversavam na sala de bilhar, logo antes do jantar.

– Sem dúvida, estava praticando seu japonês. Como você sabe, ela é tutora dos filhos do cônsul japonês em Xangai.

– Dr. Watson, não acredite em ninguém – exclamou e voltou para seu jantar.

Não falou mais nada.

Depois do jantar, fomos para o salão, onde puxei conversa com a sra. Bryant, que disse estar se sentindo bem melhor e que tinha descido de sua cabine para pegar uma revista.

Contou-me várias coisas sobre a China. Conversamos sobre a Grande Muralha, a cerâmica chinesa, a invenção do papel e da pólvora, a Mongólia Interior, entre outros temas. Ela era muito bem informada e estava bastante falante naquela noite, e seu entusiasmo pelo país era evidente. Insistiu que tomássemos uma xícara de chá, antes de voltarmos para nossas respectivas cabines; na verdade, ela mesma me serviu. Eu sinceramente admirava sua graça feminina e o claro indício de uma criação esmerada.

Voltei para minha cabine, acompanhado do sr. Hashimoto, pensando no estranho comentário feito pelo sr. Singh. Estava cansado e sonolento, e fui direto para a cama, esperando acordar cedo e visitar a antiga cidade de Alexandria, logo ao amanhecer.

Dormi extremamente bem. Sonhei com Holmes e com o que ele estaria fazendo no Japão. No sonho, um tanto vivo, vi Holmes quebrar uma janela, na tentativa de salvar uma pessoa e ouvi claramente o barulho de vidro despedaçado. No correr da noite, esfriou bastante; enrolei a coberta apertada em volta de mim, lamentando não ter prestado atenção ao conselho de minha esposa e levado um pijama mais quente.

Acordei de supetão. Os raios de sol tinham conseguido esgueirar-se para dentro do quarto.

Pulei da cama e fui até a área comum para acordar o sr. Hashimoto, como tinha sido combinado. Ele já estava sentado no sofá, perto da porta. A vigia estava aberta e balançava, e o quarto estava úmido.

– Ah, que pena. A vigia ficou aberta noite passada! – exclamei, andando pela cabine.

O sr. Hashimoto não respondeu. Vi cacos de vidro no chão, abaixo da vigia.

– Oh, ela está quebrada! Como isso aconteceu, sr. Hashimoto?

Gritei. Estava bastante assustado agora, e um sexto sentido, que andava esquecido, ressurgiu.

Olhei ao redor da cabine, à luz fraca. O sr. Hashimoto estava bem vestido, como na noite anterior, e dormia com a cabeça no encosto do sofá. Vi poças grandes aos seus pés.

– Sr. Hashimoto! Isto é muito estranho! O que aconteceu ontem à noite?

Ele não respondeu. Por alguma razão, não esperava que respondesse.

Corri em sua direção e vi que seus olhos estavam abertos e olhavam para o teto. Uma adaga atravessava grotescamente suas costelas, perto do esterno. Chequei seu pulso. Não havia nenhuma dúvida.

O sr. Hashimoto tinha sido assassinado.

Toquei o sino para chamar o camareiro. Quando ele chegou, pedi que chamasse o capitão, o médico e algum homem robusto que encontrasse. Enquanto isso, examinei o corpo. Havia uma única perfuração, na qual a adaga ainda estava cravada. Perda de sangue e choque devem ter sido as causas da morte. Em minutos, o capitão chegou correndo, com o médico do navio, dr. James Israel. Os srs. Singh e Fletcher os seguiram.

– Passageiro assassinado! Primeira vez em vinte anos... Escândalo! Coisas a fazer! Opinião do médico... inquérito! – balbuciava o capitão, muito agitado e incoerente.

O sr. Singh estava mais calmo. Vi seus olhos perspicazes e inteligentes percorrerem a cabine, parando por um momento na janela aberta e notando as rajadas frias de corrente de ar. Estudou as poças de sangue – que eu, inicialmente, tinha achado que eram água – aos pés do sr. Hashimoto. Também vi uma trilha de sangue indo da vigia até o sofá. Aparentemente, o sr. Hashimoto tinha se arrastado até o sofá e sangrado até a morte.

– Há quanto tempo ele está morto, dr. Israel? – perguntou, com uma autoridade natural.

– A julgar pelo estado de *rigor mortis*, diria que por volta de seis horas. Isso quer dizer que ele deve

ter sido morto aproximadamente à uma e trinta dessa madrugada.

Simon Fletcher estava examinando a vigia quebrada. Comentou em tom baixo:

– Ahn... muito estranho. Um pedaço de fibra no vidro. Como será que foi parar aí?

O capitão nos deu permissão para levar o corpo do sr. Hashimoto para sua cabine. Os srs. Singh e Fletcher transportaram o corpo com bastante cuidado.

Depois disso, dr. Israel e eu examinamos o corpo.

– O senhor nota algo peculiar sobre o ferimento, dr. Watson? – o dr. Israel perguntou depois de alguns minutos.

– Um ferimento profundo e um ângulo de entrada peculiar – respondi, depois de examinar cuidadosamente.

– Isso mesmo. O inquérito terá mais a dizer.

Removemos a longa, fina e curva adaga, na qual havia inscrições japonesas, e a colocamos de lado. Depois, limpamos o ferimento e embrulhamos o corpo o melhor que conseguimos. Saímos e encontramos o capitão e os srs. Singh e Fletcher olhando para alguma coisa atrás do sofá.

– Os senhores vão querer ver isto – disse o capitão.

No chão, havia outro pedaço de papel, no qual estava escrito isto:

ヤクザ

As letras tinham começado a se desbotar, tomando um tom amarronzado; supostamente tinham sido escritas pelo próprio sr. Hashimoto com o seu sangue.

– Claro! – murmurou alguém, em uma meia voz, que só eu ouvi. – Claro!



*Você nunca viu um espetáculo Kabuki, meu amigo?
Quão estranho é quando um homem que você
conhece como quieto e gentil se torna violento e
eloquente quando usa uma máscara no palco!*

O público supõe, com certa razão, que o frequente convívio com crimes das mais variadas formas chocantes faria com que os membros da polícia – e com certeza Holmes e eu – nos tornássemos pessoas insensíveis. Até certo ponto, isso é verdade. Sim, recobrávamos nossa paz de espírito mais rápido e tendíamos a não ceder à histeria. Mas dizer que assassinatos não nos afetavam nem um pouco seria uma grande mentira.

Eu tinha desenvolvido um carinho pelo cortês sr. Hashimoto e o considerava a companhia ideal, com hábitos comedidos e consideração por seus colegas passageiros. Por si só, ter estado tão perto de extrema violência e não ter tido consciência disso era certamente perturbador. Mas ver um homem, que eu estava começando a conhecer, de repente se tornar vítima de um crime hediondo era um choque terrível.

Ansiei pela presença de Holmes. Sabia que ele veria possibilidades e sombras onde eu só conseguia ver o que estava nítido. O capitão insistiu em me transferir para outra cabine grande e bem equipada, o que aceitei de bom grado. Em seguida, ele lacrou a vigia e a cabine. Logo depois, aportamos em Alexandria. A polícia local estava nos aguardando, pois tinha sido notificada mais cedo. Um representante do consulado britânico e um inspetor da polícia britânica subiram a bordo, acompanhados de quatro oficiais egípcios e um médico, e começaram a trabalhar. Respeitosamente, retiraram o corpo do sr. Hashimoto do navio. Então, com o direito que lhes cabia, recolheram nossos passaportes e formalmente nos disseram que éramos todos suspeitos, mas que não seríamos detidos, a não ser que houvesse alguma evidência circunstancial apontando para alguém. Interrogaram cada um de nós e conduziram uma busca em nossos aposentos, que não deu em nada. Depois de receber garantias do representante do cônsul britânico, a polícia nos permitiu deixar o navio por um curto período, se quiséssemos. O capitão sugeriu que visitássemos a cidade e os pontos turísticos, mas voltássemos logo, pois achava que a polícia poderia ter mais perguntas a nos fazer. O sr. Singh e eu partimos, acompanhados da eficiente sra. Bryant, que parecia um pouco deprimida – condição perfeitamente compreensível, levando em conta as circunstâncias.

– Tenham cuidado! – gritou Simon Fletcher, em pé na beirada do navio, com a sra. Andrews a seu lado.

Acenamos para eles e seguimos em frente. Alguém nos mostrou o caminho para o Bairro Judaico, e decidimos ir até lá e entrar no clima local. As ruas estavam lotadas de gente, de negociantes de antiguidades, de vendedores de frutas, de tâmaras cobertas de moscas e todo tipo de pedintes –

estrangeiros e nativos. Camelos, gado e cachorros perambulavam soltos. Árabes morenos, com seus *keffiyehs* nas cabeças, e mulheres envoltas em véus circulavam. O lugar era barulhento, sujo e exótico – e extremamente quente e úmido. Mas nós três estávamos acostumados a isso, por causa de nossas experiências passadas. Pude imaginar a sra. Andrews sentindo-se atormentada ali e achei bastante conveniente que ela tivesse resolvido ficar no navio.

– Que horror, dr. Watson! Um episódio brutal! E, além do mais, com um homem tão gentil! Esperava aprender muito mais sobre o Japão com ele. Oh, fico pensando em sua família – exclamou a sra. Bryant, de repente.

– Realmente, uma tragédia, sra. Bryant. Claro que devemos ajudar a polícia da melhor maneira que pudermos.

– A senhora ouviu qualquer coisa que seja, madame? – perguntou o sr. Singh, de propósito andando à frente.

Notei a sra. Bryant olhando de relance para ele.

– Não, infelizmente não.

– Ah, uma pena.

Continuamos andando. Viramos uma esquina que dava para outro beco barulhento e colorido, com centenas de pessoas. Eu me vi desfrutando da confusão e do ambiente totalmente estranho.

– Efêndi! Venha aqui, Efêndi! Compre! Muito barato! Muito barato, Efêndi! – gritavam os vendedores.

Tudo era muito dinâmico e estimulante.

De repente, o sr. Singh escorregou e trombou em mim, e eu tropecei e caí na rua. Ouvi um zumbido passar logo acima de mim. Alguém gemeu alto atrás de nós, e eu me virei. Um egípcio idoso apertava o pescoço com as mãos e se contorcia, sangue jorrava, seu rosto se desfigurava de terror. Uma faca o havia trespassado sem dificuldades. O sr. Singh puxou a sra. Bryant e eu para o lado, assim que um grande tumulto começou, com gritos e protestos, pessoas gesticulando e correndo. Dúzias de egípcios perturbados aglomeraram-se ao redor do homem agonizante.

– Não se envolvam nisto – disse o sr. Singh, com uma voz firme.

Ele nos guiou, como se nada tivesse acontecido. Eu estava abalado.

– Que sorte, sr. Singh, que tenha escorregado. Se não, um de nós teria morrido. Pergunto-me o que aconteceu.

– Muita sorte, realmente! – exclamou a sra. Bryant, retomando o fôlego. – Agora, já é o segundo assassinato que vemos hoje, e não é nem meio-dia ainda! Acham que deveríamos voltar para o navio?

– Não, acho que isso seria acovardar-se. Ah, vejo nossos amigos japoneses ali, bem à frente – ele disse, apontando. – Vamos nos juntar a eles.

Com dificuldade, consegui ver os dois japoneses em uma ruela apertada e cheia de gente. Eles pareciam longe demais para os alcançarmos, e estavam andando rápido demais, quase correndo.

– Deixe para lá – eu disse.

Mas o sr. Singh já nos tinha deixado e abria caminho entre a multidão. Em pouco tempo, o perdemos de vista.

Fiquei chocado com o que parecia ser um inusitado traço de irresponsabilidade naquele homem. Lá estávamos nós no meio de um desconhecido mercado no Bairro Judaico de Alexandria, tendo acabado de presenciar o assassinato de um homem em plena luz do dia, e o sr. Singh parecia querer nos dar mais motivo para tormento.

– Olhe, um *zoco*, um mercado! Temos que ir lá e comprar umas coisinhas! – gritou a sra. Bryant, animada com a ideia.

Seu entusiasmo era charmoso e revigorante.

– Vou ficar aqui, se não se importa, e esperar pelo sr. Singh. Acho que ele estará de volta logo – disse, parando debaixo do toldo de uma loja. – Mas, por favor, não demore.

Assegurando-me que estaria de volta em uma hora, desapareceu lá dentro, e fiquei esperando na entrada do *zoco*, procurando ansiosamente pelo alto sique. Mas não havia nenhum sinal dele. Quase 45 minutos depois, quando eu já ficava cada vez mais inquieto, um menino correu até mim e começou a tagarelar em árabe. Presumi que era um pedinte e o ignorei. Ele insistiu. Tentei acenar para que fosse embora. Ele segurou minha mão, colocou um pedaço de papel em minha palma e saiu correndo.

– Voltei, dr. Watson! Olhe o que encontrei! Escaravelhos e outras bugigangas! – a sra. Bryant, triunfante, levantou várias sacolas, surgindo de dentro do *zoco*.

– Deixe-me ajudá-la com isso – disse, guardando o papel no bolso da calça e estendendo-lhe a mão. Agradecida, ela me entregou algumas das sacolas.

– Obrigada – disse radiante. – Ficarei com as outras! O sr. Singh voltou?

– Não – disse, sentindo-me bastante aflito àquela altura. – Mas acho que seria mais sensato voltarmos e esperarmos por ele a bordo.

A sra. Bryant concordou, e caminhamos de volta à doca. Simon Fletcher estava esperando por nós na beirada do *North Star*. Abanou a mão alegremente.

– Bem-vindos de volta! Como foi o dia? Entraram no clima local?

– Bom, foi uma manhã variada, Fletcher – respondi.

Brevemente, descrevi nossa experiência peculiar.

– Bem, estes portos não são civilizados, dr. Watson. Eu bem que avisei. O sr. Singh não estava com os senhores? Não vejo o cavalheiro.

– Nós nos perdemos há uma hora, mas imagino que ele estará de volta logo. Ele é um homem de muitos recursos.

Voltamos a nossos aposentos e combinamos de nos encontrar para o almoço em uma hora. Estava com calor e suado, e afrouxei o colarinho, sentando-me na cama da minha nova cabine. Resolvi que uma soneca era uma boa ideia. Quando acordei, estava com uma leve dor de cabeça e estiquei os braços e as pernas. Alguma coisa amarfanhou no bolso da minha calça: era o papel que tinha guardado mais cedo.

Nele, na inconfundível caligrafia de Holmes, estavam as palavras: “Tenha cuidado, Watson”.

Olhei para o bilhete por um longo tempo. Não sabia o que pensar.

Em seguida, houve uma batida à porta, e, com minha autorização, o capitão entrou. Ele parecia muito preocupado.

– O sr. Singh não voltou, e a polícia gostaria de conversar com ele.

– Extraordinário! Todos os outros já se apresentaram?

O capitão estava exausto. Aquilo tudo tinha sido muito penoso para ele. Estava suando em bicas e extremamente agitado.

– Sim e temo que tenhamos que partir para Porto de Suez esta noite, com ou sem ele. Se ele não voltar, com certeza a polícia emitirá um mandado de prisão pela suspeita de que ele tenha assassinado o sr. Hashimoto. Oh, quando este pesadelo vai acabar?

Andamos até o convés e examinamos o porto ansiosamente. Todos estavam presentes, exceto o sr. Singh. Simon Fletcher estava em silêncio, fumando, perdido em seus pensamentos. O capitão ficava mais nervoso a cada minuto.

Mas sua apreensão logo teve fim, quando vimos o sr. Singh subir a passos largos a prancha de embarque do *North Star*.

– Desculpe-me pelo atraso, capitão – disse com sinceridade, fazendo um sinal para a sra. Bryant e

para mim. – Pensei ter visto nossos amigos japoneses, a certa distância, e fui procurá-los. Logo me perdi e, quando voltei ao último lugar onde estávamos juntos, os senhores também tinham ido embora.

– Todos presentes, capitão? – perguntou Fletcher. – As damas estão na cabine delas, não? Os japoneses voltaram há bastante tempo, se não me falha a memória.

– Sim, graças aos céus! – exclamou o capitão, com evidente alívio na voz. – Deixe-me buscar seus passaportes!

Ele desceu até o escritório da autoridade portuária e voltou com o inspetor da polícia britânica, Baynes, e seus assistentes egípcios. Baynes era um tipo reservado e, depois de confabular com o capitão em sua cabine, nos devolveu nossos passaportes e despediu-se de nós. Logo, estávamos em nosso caminho para Porto Said, na entrada do Canal de Suez.

~

Em Paris, o Professor Moriarty observava o telegrama que acabara de ser trazido para ele.

– Incompetência! Pura incompetência! – chiou.

Abriu um mapa e estudou uma seção específica com considerável atenção.

Em seguida, fechou os olhos e encostou-se na cadeira. Não estava dormindo.

De Alexandria a Mumbai



*Quem vive no poderoso Mar, meu amigo?
Os peixes e os espíritos observam silenciosamente
enquanto avançamos, impulsionados pelos ventos
relutantes, que sabem exatamente se é a desgraça ou
a glória que espera por nós.*

O *North Star* ia de Alexandria em direção ao Porto Said, de onde deveria atravessar o Canal de Suez e, de lá, seguir para o Mar Vermelho e Áden. Não seriam dias agradáveis; todos nós estávamos confabulando teorias em nossas cabeças sobre a morte do sr. Hashimoto e o incidente em Alexandria. A tensão era visível, com o calor e a umidade aumentando nosso desconforto. Ficamos cada vez mais irritados e desconfiados, e evitávamos ao máximo a companhia uns dos outros. Isso não era muito prático, pois a necessidade de interatividade social durante o café da manhã, o almoço e o jantar nos forçava a travar contato. O capitão continuava com seus esforços humorísticos, mas suas piadas não funcionavam, e, providencialmente, ele desistiu.

A sra. Andrews já podia sentir sua viagem chegando ao fim e iluminou-se visivelmente. Agora, era só descer pelo Mar Vermelho, e Áden estaria logo depois da curva. Ela parecia ser a única pessoa alegre do grupo.

– Dr. Watson, venha nos visitar na volta. Ficaríamos felicíssimos!

– Seria um prazer.

– Fico tão nervosa perto desses japoneses. Esta é a questão com os estrangeiros: a língua, os hábitos! Realmente, viajar não é para mim, dr. Watson.

– Ah, precisamos ter uma visão mais ampla, sra. Andrews. Talvez eles nos vejam de uma maneira parecida, quem sabe?

– Bem, não sei, mas ficarei feliz quando chegarmos a Áden. Tudo isso foi muito desgastante.

Enquanto isso, eu também estava agitado, tentando descobrir quem no navio era Sherlock Holmes. Ele estava aqui, quanto a isso não havia dúvida alguma. Ele me tinha advertido por escrito – no meio da expedição de um mercado. Não havia ninguém que parecia plausível, mas, conhecendo os métodos de Holmes, imaginei que poderia ser qualquer um deles. Coronel Burrowe? Não, sua postura militar era autêntica demais. Simon Fletcher? Não, muito sem graça e provinciano. Seria o sr. Shamsheer Singh, talvez? Sim, poderia ser – tinha uma autoridade natural e aproximadamente a altura e a constituição corretas. Seu estado de alerta e sua determinação no Bairro Judaico, em Alexandria, eram outra forte evidência; pareciam tão característicos de Holmes. Sim, concluí, provavelmente era ele. Mas como iria desmascará-lo?

Uma manhã, Shamsheer Singh me abordou no salão, ao passarmos pelo Porto Said e entrarmos no Canal. Eu estava lendo um livro sobre antiguidades egípcias e perdido em uma parte sobre o deus Ra.

– Dr. Watson, o senhor tem alguma teoria sobre como alguém entrou pela vigia e matou o sr. Hashimoto? – perguntou, com sua voz profunda.

– Na verdade, não. Por um momento, pensei que poderiam ter sido os japoneses, especialmente porque o sr. Hashimoto deixou aqueles símbolos japoneses. Mas eles parecem corpulentos demais para terem se espremido pela vigia para entrar, matado o sr. Hashimoto e saído do mesmo jeito.

– Hum... Bem, o senhor sabe o que as inscrições japonesas significam?

– Não, não estou familiarizado com a escrita.

– O sr. Fletcher me disse que significam os números 8-9-3, que é a assinatura de uma organização na sociedade japonesa.

– Estranho! Não fazia ideia de que o sr. Fletcher soubesse ler inscrições japonesas.

– Ninguém é quem parece ser, dr. Watson – disse o sr. Singh, fitando-me intensamente – O sr. Simon Fletcher é um homem inteligente.

– Oh? – Não tinha formado nenhuma opinião sobre Fletcher, apesar de ele ter sido prestativo quando tivemos que transportar o corpo do sr. Hashimoto. – E o que o senhor deduz de tudo isso?

– Nós, sr. Fletcher e eu, deduzimos que o sr. Hashimoto foi assassinado por alguém da organização, seja ela qual for, e por razões que desconhecemos.

– Bem possível. Como mencionei antes, alguém tinha enfiado um bilhete similar debaixo de nossa porta, logo que começamos a viagem, e o sr. Hashimoto ficou preocupado depois disso.

Neste momento, Simon Fletcher juntou-se a nós.

– Dr. Watson, acabei escutando os senhores ao subir. Então, alguém deixou um bilhete com aqueles números...

– Sim. E por que é que o senhor entende de números japoneses, sr. Fletcher?

– Um banqueiro que negocia em moedas estrangeiras, como eu, precisa conhecer outros sistemas numéricos. Isso não deveria causar surpresa.

– Verdade – admiti.

– Agora, por favor, lembre-se: o bilhete foi colocado lá antes ou depois de Marselha?

– Antes.

– Pois é, isso é muito interessante, realmente muito interessante. Os japoneses juntaram-se a nós em Marselha. Pode significar que eles não estejam envolvidos ou que haja outro ângulo do inquérito a ser investigado.

– O senhor contou para o dr. Watson sobre sua descoberta? – o sr. Singh perguntou a Simon Fletcher.

Fletcher balançou a cabeça:

– Não, não tivemos oportunidade.

– Bem, deixe-me lhe contar, dr. Watson, que tenho uma teoria que explorei e pude comprovar. Encontrei um pequeno pedaço de fibra, provavelmente parte de uma corda de cânhamo, preso nos cacos de vidro.

– Sim, lembro-me de ter mencionado isso.

– Eu me perguntei como ele tinha ido parar lá. A vigia é bem a uns quatro metros e meio abaixo do nível do convés. Por sugestão do sr. Singh, subi e examinei as beiradas do navio exatamente acima. Por acaso, eu tinha uma lupa – sou filatelista e sempre carrego uma – e encontrei evidências claras de que alguém tinha amarrado uma corda grossa à beirada, descido pelo lado de fora do navio, quebrado a vigia com um sapato e cometido o crime. Um pedaço de fibra ficou preso no vidro, quando o assassino entrou ou saiu pela vigia. Debrucei-me o mais que pude, procurando por mais evidência. A tinta no metal estava arranhada – obviamente por alguém escalando, depois do ataque, e tinha pedaços de vidro grudados na sola dos sapatos. Além disso, havia vários pequenos cacos de vidro no convés, que depois comparei com

o da janela quebrada; não havia nenhuma dúvida.

– Impressionante! – clamei. – Seus métodos são admiráveis!

– Obrigado. Sou um mero amador. Agora, o que concluo é que alguém leve e de pequena estatura – e considerável ousadia e coragem – amarrou essa corda à beirada do navio e executou esse plano audacioso.

– Os japoneses?

Shamsher Singh balançou a cabeça negativamente.

– Não, eles não são magros, e a corda de cânhamo não teria aguentado o peso. Não conseguiriam ter entrado pela vigia.

– Já relataram isso para o capitão?

– Ainda não. Quanto menos pessoas souberem, melhor. Preferimos contar para o senhor. Acho que cabe à polícia investigar e nos interrogar. Se eles não o fizerem em Áden, relatarei nossa teoria ao capitão.

A informação era perturbadora.

A sra. Andrews e o Coronel Burrowe entraram para tomar chá, e interrompemos nossa conversa.

Andamos até o convés e observamos o lado oeste do Canal – de longe, conseguíamos ver as famosas pirâmides, local de sono eterno dos mortos da realeza. Havia algo de sinistro naquela vista, dada a nossa recente experiência.

Logo deslizamos Mar Vermelho adentro, e o *North Star* progrediu rapidamente para as águas profundas, ao tomar o rumo do histórico Porto de Jidá. O sol brilhante nos animou um pouco. A certa altura, vimos golfinhos saltando no mar; muito agradável. Aos poucos, a sensação de angústia foi se dissipando.

Nos dias em que nos aproximávamos de Jidá, visitei a biblioteca. Queria encontrar um mapa da área somente para me situar melhor. Enquanto pesquisava, escondido em um canto, ouvi uma mulher cochichar em uma língua estranha. Espiando por entre os livros, vi a sra. Bryant tendo uma discussão animada com os dois senhores japoneses. Consegui segurar um grito de surpresa.

Por causa da estranheza da língua, não entendi quase nada do que foi dito. Mas ouvi palavras como: Xangai, Yakuza, Paris, Nippon, Sumiyoshi-kai e Joyce-san¹. Pareceu claro, pelo jeito seguro e firme com o qual ela estava se expressando, que a sra. Bryant estava comandando a conversa. Os japoneses não falavam muito e normalmente respondiam com “*Hai*” e balançavam a cabeça com vigor. Não demoraram a partir, deixando-me intrigado.

A parada em Jidá foi breve e sem problemas. Algumas provisões foram trazidas a bordo, e logo o navio estava a caminho de Áden. Decidi confrontar o sr. Shamsher Singh. Procurei por ele após o café da manhã. Ele estava no convés, sentado sozinho.

– Ah, dr. Watson! – ele balançou a cabeça afavelmente.

– Holmes, não há por que continuar com esta farsa.

– Desculpe-me?

Sorri. Desta vez, eu estava em vantagem.

– Holmes, você me subestima. Uma amizade antiga como a nossa... É necessário me enganar dia após dia dessa maneira? Especialmente, nestas circunstâncias?

– Infelizmente, não o estou entendendo, dr. Watson. O senhor está bem?

– O senhor é uma fraude! – declarei com veemência, sorrindo, sentindo-me extremamente superior.

O sr. Singh soltou com violência:

– Uma fraude? Uma fraude! O que o senhor quer dizer com isso? Com certeza, o senhor está me confundindo com alguém, ou propositalmente me insultando! Como ousa me acusar de fraude? Exijo um

pedido de desculpas, senhor!

– Oh, Holmes! Meu querido amigo, o jogo acabou! “Sr. Shamsher Singh”, realmente! Muito esperto! Mas você se esqueceu de que já o vi como uma velha senhora, um pedinte, um cavaleiro. Esse disfarce já se desgastou, Holmes, e não lhe convém mais: turbante, a barba, a pele morena e o complexo sotaque indiano. Bem, continue com ele, se faz você feliz e se há necessidade para isso. Sem dúvida, você vai me contar aos poucos por que está fazendo o que está fazendo. Mas saiba, meu caro amigo, descobri seu jogo! Realmente, um disfarce e tanto! Mas já foi o suficiente! Aceite que o Doutor John Watson reconheceu o grande Sherlock Holmes! – Ri alto, chamando a atenção de alguns passageiros por perto, que se viraram por um momento e, em seguida, retomaram suas atividades.

O rosto de Shamsher Singh tinha ficado vermelho escuro, e as veias em sua testa estavam dilatadas. Cerrou os punhos e levantou-se e, com esforço, controlou-se.

– Dr. Watson, ouça com muita atenção. Gostaria que soubesse que sou um homem facilmente levado à violência. O senhor tem sido um cavalheiro até aqui, portanto vou me segurar mais uma vez. Não sei quem Sherlock Holmes é e não faço questão de saber. Sou Shamsher Singh, assistente do marajá de Patiala. Não estou usando nenhum tipo de disfarce e não preciso disso. Sugiro veementemente que o senhor procure ajuda médica: ingleses não estão acostumados ao calor e à umidade desta parte do mundo e, por isso, costumam sofrer crises nervosas. Posso chamar o médico, se quiser. Se não, esta conversa está encerrada, e peço que se retire, ou relatarei essa afronta para o capitão!

Nesse instante, Simon Fletcher passou por nós:

– Senhores, está tudo bem?

Percebi que tinha cometido um terrível engano e que seria melhor fazer as pazes e terminar com aquela história o mais rápido possível.

– Sinto muito, sr. Singh. Com certeza, foi um erro imperdoável de julgamento. Estava convencido de que o senhor era um velho e querido amigo disfarçado. Sua reação é clara. Perdoe-me. – Baixei a cabeça, com o rosto vermelho de vergonha.

– Aceito suas desculpas, dr. Watson – disse o sr. Singh, de repente gentil, agradável e solícito. – Essas coisas podem acontecer com qualquer um. Seja lá quem for esse Sherlock Holmes, bem, ele deveria ficar honrado em ter um amigo tão nobre como o senhor. Nem pense mais nisso. Por favor, sente-se aqui. Não, não, eu insisto!

– Em um momento voltarei com um whisky e soda. Sem dúvida, a viagem e os últimos acontecimentos tiveram efeitos indesejáveis. O senhor é médico e, com certeza, conhece bem essas condições e como elas devem ser tratadas. Voltarei logo. – Sua generosidade me deixou ainda mais constrangido com minha atitude.

– O senhor o confundiu com o falecido Sherlock Holmes, o famoso detetive? – perguntou Fletcher, divertindo-se com meu constrangimento.

– Sim, não sei o que deu em mim – respondi mortificado. – Já ouviu falar em Sherlock Holmes, sr. Fletcher?

– Claro! Quem não ouviu? Ele é bastante conhecido no meio dos negócios bancários como a pessoa que solucionou o caso de falsificação de cheques do Banco Standard Norwich. A reputação da instituição teria sofrido danos irreparáveis não fosse por sua intervenção. Sim, nós – e eu – conhecemos o nome.

Shamsher Singh voltou com os drinques, e nós três nos sentamos para rever os fatos.

– Temos um assassino a bordo, senhores – disse Simon Fletcher, em um tom sério. – Todos somos suspeitos. Vamos tirar um tempo para listar todos os nomes e dar uma olhada em seus antecedentes.

Escreveu em uma folha de papel:

1. Hashimoto – morto

2. Samuel Groves – capitão
3. Coronel James Burrowe – Royal Horse
4. Simon Fletcher – banqueiro – Mumbai
5. Sr. Shamsheer Singh – assistente do marajá de Patiala
6. David Joyce – quem é ele?
7. Dr. James Israel – médico a bordo
8. Dr. James Watson – Yokohama
9. Senhor japonês 1 – quem é ele?
10. Senhor japonês 2 – quem é ele?
11. Sra. Clara Bryant – Xangai
12. Sra. Edith Andrews – Áden

Ele cortou o nome do sr. Hashimoto da lista.

– Não sabemos nada sobre ninguém. Eu digo ser um banqueiro, o senhor pode provar se sou ou não?

O senhor diz ser um assistente do marajá, podemos provar se é ou não? A resposta é não, e, além disso, não são obrigados a responder.

– Acredito, senhores, que é bem provável que outro incidente ocorra, e, por isso, devemos ter cuidado.

– Por que o senhor acha isso? – perguntou o sr. Singh.

– Bem, não sei por que o sr. Fletcher acha isso, mas com certeza penso que é possível. Pela seguinte razão... – contei a eles sobre a conversa que tinha ouvido na biblioteca.

– Muito estranho – murmurou o sr. Singh, mexendo na barba. – Com certeza, suspeito.

Fletcher deu de ombros.

– Difícil dizer. Há uma razão pela qual eles preferem não ser vistos juntos. O único nome que reconhecemos naquela conversa é Joyce. Isso pode significar que ele é um co-conspirador, uma vítima ou alguém a ser observado por alguma razão.

– O irlandês reservado que se juntou a nós em Marselha?

– Sim, não é muito comunicativo. Mantém distância.

– Presumindo que a referência tenha sido a ele, o que isso significa?

– Acho que ele é um policial à paisana – observou Shamsheer Singh.

– Mesmo? E o senhor não estava conversando com ele à mesa de jantar, há alguns dias?

Shamsheer Singh balançou a cabeça, positivamente.

– Sim, conversei com ele casualmente. Conversamos basicamente sobre a viagem e o clima durante a jornada. Quase só eu falei, apesar de ter que admitir que ele foi bem simpático comigo. Esses homens têm características peculiares. Conheço-os bem, porque lidei com a segurança do marajá no passado e usei os serviços deles. Certa confiança, um jeito taciturno, olhos atentos, a maneira como andam, o esforço para passarem despercebidos, as roupas discretas – se pensar bem, é muito fácil detectá-los, frustrando exatamente seu objetivo! Mas, claro, há exceções, e você tem que saber o que está procurando.

– Entendo o que quer dizer.

De repente, Simon Fletcher se virou para mim e falou com agressividade:

– E o senhor, dr. Watson? Por que não deveríamos suspeitar do senhor?

Levei um susto.

– Eu...

Shamsheer Singh interveio:

– Mais do que justo, já que somos todos suspeitos. O senhor dividia a cabine com a vítima. Alega ter dormido profundamente e não ter ouvido a janela ser quebrada ou a agonia de um homem sendo morto

violentamente, a menos de dez metros de distância! Por que deveríamos acreditar no senhor?

Fiquei mudo por um instante.

– Sim, realmente é algo no que se pensar. Tudo o que posso dizer é que é a verdade. Dormi profundamente naquela noite.

Shamsher Singh virou-se para Simon Fletcher:

– Um banqueiro a caminho de Singapura? Muito interessante. Qual é o seu álibi?

– Nenhum, exceto que nunca tinha visto o sr. Hashimoto antes; e também não posso provar isso. Sou pesado. Seria impossível ter descido pelo lado do navio e entrado na cabine pela vigia.

– Mas o senhor poderia ter entrado pela porta, arrombando a fechadura, e simulado todo o resto, enquanto eu estava dormindo – salientei.

– Possível, mas improvável. A vigia, os numerais japoneses escritos no papel pelo sr. Hashimoto; boa tentativa, mas acho que não.

– Não tenho nada de específico em minha defesa – disse Shamsher Singh, antecipando-se a nós. – Só conversei com o sr. Hashimoto duas vezes: uma, apresentando-me a ele, e outra, perguntando sobre o clima. Não sei nadar e não desceria de rapel pela lateral do navio. Mais uma vez, meu tamanho descarta a entrada pela vigia.

– Então, nós, três homens inteligentes, afirmamos que somente uma pessoa muito leve e ágil conseguiria entrar pela vigia, descendo de rapel pela lateral do navio, matar uma pessoa com o dobro de seu tamanho e desaparecer calmamente, sem alarmar o dr. Watson? Pouco plausível – disse Simon Fletcher, um tanto cínico.

Paramos nossas conjecturas nesse ponto, pois a sra. Andrews apareceu animada.

– Mais um dia! Só mais um dia, e poderei esticar minhas pernas em Áden! Estou tão feliz! Será o fim desta viagem horrível! Os senhores virão nos visitar na residência do governador, certo?

– Talvez, na nossa viagem de volta, sra. Andrews – respondi, por educação.

O jantar foi bastante silencioso e sério, e voltamos a nossas cabines rapidamente, trancando bem as portas.

Chegamos a Áden ao amanhecer. O posto avançado britânico teria sido uma oportunidade para descermos do navio e revigorar-nos em condições relativamente familiares. Mas ainda estávamos um pouco nervosos, em dúvida sobre o que esperar, e resolvemos permanecer a bordo. A sra. Andrews desembarcou, após despedir-se – foi um prazer ver sua felicidade ao avistar seu marido, um homem de quarenta e poucas primaveras e um excelente espécime do tipo de inglês expatriado, de quem se fala com tanta admiração nas altas classes.

E, assim, continuamos rapidamente. Nossa parada seria Mumbai, que eu tinha visitado muitos anos antes, quando era um jovem médico no Exército Britânico.

Agora, havia um passageiro a menos no *North Star*.

Depois de três dias navegando de Áden, a várias milhas náuticas das costas do Iêmen e no coração do Mar Arábico, David Joyce desapareceu.

No café da manhã, não estranhamos sua ausência, porque sabíamos que era um homem de hábitos, que gostava de comer em sua cabine. No almoço, Simon Fletcher sentiu sua falta, assim como o Coronel Burrowe. O capitão prometeu averiguar se havia algum problema de saúde com o sr. Joyce.

Shamsher Singh, Simon Fletcher e eu estávamos no salão, lendo números atrasados do jornal *The Times*, quando o capitão chegou correndo, muito contrariado.

– Desapareceu! Ele desapareceu!

– Quem? – perguntou Simon Fletcher, com seu jeito alerta e os membros tremendo de tensão nervosa.

– David Joyce! O cavalheiro que recebemos em Marselha! Fui até sua cabine para checar se estava

tudo bem, mas ele não estava lá. Alertei a tripulação, e todos procuraram por ele, mas ele desapareceu. Sumiu! – O rosto do capitão estava vermelho de ansiedade.

– Ele não pode ter simplesmente desaparecido! – falei, tentando acalmá-lo. – Vamos ver. Talvez na biblioteca? Quem sabe no convés?

O capitão estava, de novo, com os nervos à flor da pele.

– Busca minuciosa! Procuramos em todos os lugares! Desapareceu! Só problemas!

Nós quatro corremos para o aposento de David Joyce. A cama estava desfeita, com metade das cobertas no chão. Demos uma olhada ao redor, procurando uma pista sobre seu paradeiro.

– Aqui! – exclamou Shamsher Singh, apontando para o chão de madeira debaixo do capacho. – Olhem! Estas manchas: sangue?

Havia vários borrões no chão. Fletcher e eu nos baixamos para olhar mais de perto.

– Sim – confirmei devagar –, isso é sangue, e ainda não secou.

– Dá para ver as manchas no capacho também. Ele foi colocado aí para escondê-las.

Nós quatro olhamos um para o outro. Um vento frio tinha se infiltrado na cabine.

O dr. James Israel entrou correndo, requisitado pelo capitão. Com olhos treinados, observou a cena e levantou a sobrancelha.

– Homem desaparecido?

– Sim – disse o capitão, com a voz titubeante.

Simon Fletcher declarou, com bastante ponderação:

– Acho que alguém o acordou de manhã, e, quando ele abriu a porta, foi assassinado. Ainda não foram encontrados sinais de luta. A cabine é a apenas três metros da lateral do navio. Suspeito que tenha sido esfaqueado e jogado ao mar. Não acredito que vamos encontrá-lo.

O capitão jogou-se na cadeira mais próxima, seu rosto estava pálido. Não disse nada, devastado demais para conseguir se expressar. O pesadelo simplesmente se recusava a acabar.

Os outros examinamos a cabine, procurando por qualquer indício do que poderia ter acontecido.

– Nenhuma pista, mas acho que o senhor está certo, sr. Singh. Ele era da polícia. Olhe isto.

Sobre uma pequena mesa, estavam alguns dos pertences de David Joyce: uma caneta, algum dinheiro, um distintivo da Scotland Yard e uma folha de papel com marcas distintas de escritas em outra folha.

– Interessante... interessante – murmurou Simon Fletcher, segurando o papel contra a luz vinda da vigia e apertando os olhos.

– Ah! Parece que David Joyce estava escrevendo o rascunho de um telegrama para um tal de sr. Lestrade, da Scotland Yard. Deixe-me ler o que consigo.

“Membros de Yakuza claramente sob controle de...” não está claro... não dá para ler...

“Hashimoto assassinado de maneira suspeita e descrita a você anteriormente. Informar ao consulado. H. está fora de perigo.”

– Acho que temos que concluir que o corpo de David Joyce não será recuperado do mar. Ele deve ter sido assassinado há horas, por uma pessoa ou pessoas que não sabemos quem são. Mas temos uma pista: algo, possivelmente um grupo, chamado Yakuza.

– Quantos dias até Mumbai, capitão? – perguntei.

– Três – ele sussurrou, pálido como uma folha de papel.

– Então, não há nada a fazer, a não ser esperar. Vamos tomar as devidas precauções e não deixar ninguém fora de vista, nem mesmo por um momento.

Não houve resposta, e nem era preciso.

– Podemos manter os japoneses sob suspeita?

– Por que os japoneses? Por que o senhor suspeita deles? – indagou o sr. Singh.

Mencionei a conversa que tinha ouvido na biblioteca.

– Relevante, bem relevante... – murmurou Simon Fletcher.

– Intrigante mesmo – observou Shamsher Singh.

E continuou com veemência:

– Mas acho estranho que o senhor não suspeite, da mesma forma, da sra. Bryant. Foi ela quem falou, enquanto os japoneses ouviram. Mesmo assim, o senhor pede que os japoneses sejam detidos. Se eles devem ser detidos, a inglesa também deve ser!

– Muito justo – admiti, um pouco arrependido, chateado comigo mesmo por ter provavelmente parecido preconceituoso.

O capitão balançou a cabeça:

– Ninguém pode ser detido sem provas. No entanto, posso tentar interrogá-los, como autoridade do navio. Não, até isso parece acima da lei. Uma simples conversa na biblioteca, ouvida por uma pessoa, não compromete ninguém. Não há nenhuma evidência de que estiveram nesta cabine, certo? Isso terá que ser investigado pela polícia em Mumbai. Se eles quiserem interrogar os passageiros, podem.

– Concordo – disse o sr. Singh. – Mas seria prudente mantê-los sob vigilância.

Lacramos a cabine e continuamos nossa jornada sombria. Mau agouro, uma sensação de podre no ar, chame do que quiser: o estado de espírito estava tenso e pesado, todos com os nervos à flor da pele. Essa não era, de jeito nenhum, uma viagem prazerosa, e todos ansiávamos pelo seu fim. Eu mal acreditava que teria que continuar até Yokohama, muito além de Mumbai. Será que conseguiria chegar lá?

O capitão argumentou que a união fazia a força e me pediu que dividisse meu aposento espaçoso com Simon Fletcher. Apesar de estar incomodado com a inesperada falta de privacidade, vi a necessidade prática, e nós três transportamos os pertences de Fletcher para minha cabine. Shamsher Singh mudou-se para a cabine do capitão.

Andei até a lateral do navio. Precisava de ar fresco e queria ficar sozinho.

Ouvi Simon Fletcher subir atrás de mim, mas não estava a fim de companhia. Dei minhas costas para ele, enrolei-me firmemente no casaco, esperando ser deixado em paz. Mas ele se recusou a aceitar a indireta, aproximou-se e ficou em pé ao meu lado.

– Watson, não se assuste e não responda – disse a voz grave e metálica de Sherlock Holmes.

Não reagi. Estava paralisado pelo choque.

– Explicarei tudo em breve, Watson. Por enquanto, continue com a farsa. Sou Simon Fletcher. Você e eu iremos juntos para o hotel em Mumbai. O sr. Singh talvez vá conosco. Gostaria de evitar o Coronel Burrowe e os outros, se possível. Tenha muito, muito cuidado, Watson. Acidentes lamentáveis podem e são bem prováveis de acontecer. Há um espaço disponível maior em uma cidade, sem as restrições de um navio. Mas, ao mesmo tempo, há um tipo diferente de perigo espreitando a bordo, como acabamos de ver. Vamos ficar bem juntos. Não há outro jeito. Não faça nenhuma pergunta agora.

Encostei na beirada do navio para me amparar. O aperto firme e familiar de Holmes no meu braço esquerdo me equilibrou. Ficamos vinte minutos em silêncio e, depois, voltamos para nossa cabine.

Fechei a porta. Virei-me e olhei fixamente para um sorridente Sherlock Holmes.

Ele estava lá, de pé, totalmente transformado do comum e um pouco gorducho banqueiro inglês, Simon Fletcher, no alto, magro, confiante e carismático amigo que eu conhecia tão bem.

– Holmes! É possível ser você? – perguntei finalmente, tomado pela emoção, com dificuldade para ficar em pé, com a cabeça rodando. Segurei em uma cadeira para não cair.

Holmes correu e me ajudou a me sentar em um sofá.

– Watson, minhas mais sinceras desculpas! Se soubesse que você ficaria tão abalado, teria sido mais cauteloso. Sente-se, caro amigo, e deixe-me pegar um drinque para você.

Uns poucos goles de conhaque que Holmes providenciou, e logo estava sentado, olhando de boca aberta para o homem que achava ter sido levado pelas Cataratas de Reichenbach e que julgava morto, mas, agora, para meu grande choque e contentamento, tinha viajado comigo como “Simon Fletcher” todo o trajeto desde Liverpool.

– Então, você está vivo! – sussurrei finalmente.

– Sim – disse Holmes –, e lhe devo uma explicação. Vou lhe contar tudo aos poucos. Mas só quando chegarmos a Mumbai. Até lá, continuamos nossa farsa.

E, seja como for, com o navio balançando, embalado por ventos malévolos, três dias se passaram no misterioso Mar Arábico, e chegamos a Mumbai, o Portal da Índia.

¹ “San”, usado após o nome próprio, equivale a “senhor”, na língua portuguesa. “Sama”, na mesma situação, é mais formal e respeitoso, usado para as maiores autoridades. [N.T.]

Meiringen - Vladivostok - Yokohama

運

*Meu amigo, você e eu somos apenas pobres gravetos
nas poderosas correntes do universo.
Aceite o inevitável, pois tudo foi decidido mesmo
antes de você nascer em uma vila no distrito de
Chiba. Sinto muito. Não posso ajudá-lo.*

Juntar as partes de uma história tão complexa quanto esta envolve a confirmação independente de muitos eventos que supostamente aconteceram e os quais eu mesmo não presenciei. Na verdade, nenhum evento ocorre isoladamente. Pessoas se lembram de um mesmo incidente de maneiras diferentes, e é uma questão de integridade pessoal para um historiador ouvir todas as versões e apresentar outras perspectivas, da melhor maneira possível. Também se enfrenta constantemente a necessidade de mascarar eventos e ocultar nomes para proteger a privacidade dos indivíduos; usei meu bom senso nesse caso, mas algumas poucas pessoas mais habilidosas talvez ainda consigam chegar a conclusões precisas.

O que um leitor espera das minhas narrativas? Presumo que busque escapar brevemente do maçante tormento do dia a dia, que corrói sua alma. Deseja ficar em um estado de suspense e expectativa entusiasmada, esperando impaciente para saber como Sherlock Holmes resolveu um crime particularmente grave ou intrigante com exemplar destreza mental e genialidade pura, percebendo minúcias e deduzindo o impensável. Mas isso é necessariamente justo? É correto para mim, como historiador de Holmes, focar somente casos assim?

A resposta é não. É provável que haja pelo menos trezentos casos extremamente delicados, que detalham como Holmes evitou o desencadeamento de uma catástrofe. As histórias não vão deliciar nem satisfazer os mórbidos, por causa da falta de sangue ou porque a autoridade da lei não foi flagrantemente violada. No entanto, como qualquer membro da Scotland Yard irá lhe dizer, a prevenção ou o fracasso de um crime são mais satisfatórios do que chegar depois do ocorrido e esforçar-se para encontrar o criminoso e montar um caso legalmente seguro para instaurar um processo. Pode não ser uma leitura prazerosa nem ser atrativo ao gosto infeliz e sedento por sangue do público geral, em uma época de questionável decadência social, mas o intelectual exigente encontrará satisfação no controle hábil da ambição desenfreada, na prevenção da dor e no impedimento de uma intenção criminosa. Sherlock Holmes mesmo já foi um desses intelectuais, bastante sarcástico com relação a “resolver” um crime, que, de acordo com ele, não passava do uso de pensamento lógico.

Mas quando ele foi envolvido em uma batalha de gênios, em que o caçador e a caça se conheciam bem e cujo objetivo final não era nenhum segredo, ele se deleitou e encontrou verdadeira satisfação. Muitos crimes levam tempo para serem cometidos. Da mesma maneira, a ação de contrainteligência é muito sutil, e requer extraordinária paciência e criatividade, com questões como a psicologia do indivíduo, peculiaridades culturais e sensibilidades nacionais desempenhando um papel importante.

Tanto no mundo do crime quanto na diplomacia, os mais influentes permanecem praticamente anônimos. Para cada crime com proporções internacionais sobre o qual você lê, existe uma dúzia que foram impedidos de acontecer.

Depois de o episódio envolvendo o Japão chegar a uma conclusão satisfatória, pesquisei elementos-chave para me assegurar de que minhas crônicas estavam estritamente objetivas e não delineadas por minha própria limitada perspectiva. Tive a sorte de Holmes compartilhar suas anotações. Foi um pouco mais difícil conseguir as anotações do embaixador Sugiyama e do Professor Moriarty, mas finalmente pude fazê-lo graças às boas influências de vários amigos. Achei prudente e ético que partes da narrativa fossem mantidas em suas próprias vozes.

O leitor deve ter em mente que, até agora, ele não passou de um mero espectador – se tanto – de eventos que poderiam ter alterado completamente o equilíbrio global de poder e influência. Muitos indivíduos dotados de grande inteligência e motivos fortes lutaram para mudar o rumo da história e do comércio. O cidadão comum ou não tinha nenhuma ideia do que estava acontecendo ou, se tivesse sorte suficiente para ler os comentários limitados disponíveis nos jornais da época, não poderia ter feito nada, já que as reportagens eram raras, disfarçadas por insinuações e sem nenhuma relevância clara para seu dia a dia.

Apresento-lhe as anotações de Sherlock Holmes, do honorável embaixador Sugiyama e do Professor Moriarty, com um mínimo de edição, principalmente para gentilmente ocultar nomes. Não incluí minhas próprias anotações do período, simplesmente porque pensava que Holmes estava morto (e estava, portanto, tomado por profunda angústia) e, de qualquer forma, não estava presente. Porém, apresento primeiro a carta que Holmes me escreveu, logo antes de seu suposto acidente.

CARO WATSON,

Escrevo estas poucas linhas por cortesia do Professor Moriarty, que está a meu dispor para nossa discussão sobre as questões que se colocam entre nós dois. Ele vem me fazendo um relato dos métodos com os quais ele enganou a polícia britânica e se manteve informado sobre nossos movimentos. Com certeza, eles confirmam a excelente impressão que eu tinha de suas habilidades. Tenho o prazer de pensar que serei capaz de livrar a sociedade de quaisquer futuras consequências de sua presença, apesar de temer que isso terá como preço trazer dor a meus amigos e especialmente, meu caro Watson, a você. Já lhe expliquei, no entanto, que minha carreira tinha, de qualquer jeito, chegado a um impasse e, para mim, não poderia ter nenhuma conclusão possível mais conveniente do que essa. Na verdade, se posso fazer-lhe uma confissão completa, tinha quase certeza de que a carta de Meiríngen era um truque, e deixei que você partisse para averiguar, achando que algum resultado surgiria dali. Diga ao inspetor Patterson que os papéis dos quais ele precisa para condenar a gangue estão no escaninho M., em um envelope azul, com a inscrição “Professor Moriarty”. Antes de sair da Inglaterra, fiz um inventário das minhas propriedades e entreguei-o a meu irmão, Mycroft. Mandé minhas saudações à sra. Watson e acredite que sou

*Seu sincero amigo,
SHERLOCK Holmes*

O relato de Sherlock Holmes (de seus próprios documentos)

Perdi o equilíbrio, caí da borda das Cataratas de Reichenbach e mergulhei na água gelada abaixo. E, assim, começou uma jornada que nunca poderia imaginar enfrentar na minha vida. Uma jornada tão estranha, tão cheia de eventos inusitados, que, ao escrever isto, pergunto-me se realmente aconteceu.

Soube, através dos jornais, que muitas pessoas estavam ansiosas em saber meu paradeiro e que muitas sofriam por minha causa. Fiquei envergonhado ao saber que sentiam tanto minha perda. Poderia ter feito alguma coisa – mas não, NÃO poderia ter feito nada; sombras, perigos, a infindável batalha entre o bem e o mal – tive que fazer o que tinha que fazer, e isso significava silêncio absoluto. Espero ser perdoado, pois meu silêncio intencional me ajudou nos eventos que se seguiram e que foram de extrema importância para a civilização moderna. Como estiveram perto da aniquilação cultural, de uma maneira quase impossível de imaginar, os poderosos impérios da Inglaterra e da França! E o Japão! Sem exagero, acredito que o resto do mundo teria atacado e destruído o Japão, se eu não tivesse intervindo. Felizmente, toda a sórdida questão nunca veio a público. Cautela. É a primeira palavra no dicionário de diplomatas e detetives, e é uma característica absolutamente necessária para garantir que a honra e a integridade de nações e indivíduos permaneçam intactas.

Mas deixe-me começar pela queda.

Depois que o Professor Moriarty me cedeu algum tempo para escrever uma última carta, que enderecei a Watson, também me preparei para enfrentá-lo fisicamente. Não sou covarde e achei que o momento era adequado para atacá-lo. Lutamos na estreita beirada, no alto das Cataratas. Devíamos chegar a um desfecho, e, apesar de ter tido a impressão de que ambos tínhamos perdido o equilíbrio e caído, agora parece que o Professor Moriarty conseguiu se segurar em um arbusto protuberante e sobreviveu.

A queda foi de uma altura significativa, mas não me assustei. Na verdade, tive uma estranha sensação de suspense. Lembro-me de questionar como seria a experiência da morte; afinal de contas, a morte é a consequência natural e lógica da força vital de uma pessoa, e não senti nenhum medo. Tentei calcular a velocidade da queda e a potência do impacto na minha carne e nos meus ossos. Não sobreviveria. A tensão superficial da água me estraçalharia completamente – lembro-me de ter pensado com tranquilidade. Muito já foi falado sobre a velocidade do pensamento de alguém que se aproxima da morte, e posso dizer que, no meu caso, minha mente corria, com uma rapidez incrível, em milhões de direções.

Quando atingi a água, com certeza foi com mais intensidade do que eu tinha calculado. O frio era intenso, mas a força do impacto era ainda maior. Perdi a consciência, apesar de ter uma vaga lembrança de pedras caindo na água também. Provavelmente afundei nas profundezas e fui rapidamente levado pela corrente violenta. Se houvesse algum espectador, teria concluído logicamente que eu tinha morrido no impacto ou afogado. Fui rapidamente levado, em um estado de inconsciência, a uma distância considerável. Fiquei espantado por não ter atingido alguma pedra quando caí.

Quando recobrei a consciência, era noite, e estava preso nas raízes grossas de uma árvore nas margens do rio, que corria rapidamente. Apesar de ser maio, fazia um frio intenso. Sabia que sofreria uma hipotermia se não fizesse logo alguma coisa. Levantei-me com calma e examinei meu corpo, procurando por ferimentos. Fora uma leve dor de cabeça, um ombro arranhado e uma sensação latejante na panturrilha direita, estava surpreendentemente ileso.

Fiz uma bengala rústica de um galho de árvore e organizei meus pensamentos. O que deveria fazer? Aonde poderia ir? O perigo ainda rondava, e a estratégia mais segura era evitar chamar atenção para mim mesmo. Minha cabeça estava a mil, e decidi que seria melhor que o Professor Moriarty e seus homens acreditassem que eu estava morto ou desaparecido. E, naquele ponto, deve-se lembrar, eu não fazia

nenhuma ideia do que tinha acontecido a ele, e achei melhor presumir que ele também tivesse sobrevivido e que poderia muito bem estar ali por perto, determinado a resolver a questão. Ele não descansaria até ter certeza de minha destruição.

A uma distância de talvez uns oitocentos metros, vi o brilho fraco de uma luz. Comecei a andar naquela direção, sabendo que precisava me aquecer e descansar. Precisava me recuperar para conseguir pensar claramente e delinear um plano de ação. Não se engana a morte duas vezes.

A luz vinha de um pequeno chalé, no meio de um pasto, do tipo daqueles que os fazendeiros suíços constroem para visitantes e turistas. Concluí que seria uma opção tão segura quanto qualquer outra. Manquei em direção ao chalé – a dor agora estava forte – e olhei ao redor para ver se havia alguém do lado de fora. Não vi ninguém. Cheguei mais perto e com cautela dei uma olhada lá dentro. Pude ver alguém lendo à meia luz. Parecia um senhor de meia-idade, sentado em frente a uma lareira quente e convidativa.

Não hesitei. Bati firme à porta e ouvi o senhor arrastar a cadeira e andar na direção da porta.

– Quem é? – perguntou uma voz, com um sotaque incomum.

– Um viajante que precisa de ajuda. Busco ajuda, senhor, e não o incomodarei mais do que o necessário.

O ferrolho foi retirado e a porta se abriu.

Ao invés do rosto claro e corado de um fazendeiro suíço, vi uma fisionomia oriental espiar pela fresta. Não deixei minha surpresa transparecer: teria sido indelicado.

– Tive um pequeno acidente e peço sua ajuda – disse, surpreso ao ouvir minha voz tremer um pouco; obviamente, o incidente tinha me enfraquecido mais do que eu tinha percebido.

– Por favor, entre, entre! – disse o cavalheiro hospitaleiro, e logo eu já estava no chalé quente.

Ele me examinou à luz e exclamou:

– Ah, o senhor está molhado e machucado! Insisto que troque a roupa. Tome: tenho uma muda de roupas extras, e sinto que não sejam do tamanho certo, já que o senhor é alto, e eu, não! E estou vendo um machucado na sua cabeça. Não está bom, não está nada bom!

Bastante agitado, o gentil cavalheiro rapidamente se assegurou de que eu estivesse seco e aquecido, e minha cabeça, enfaixada. Fiquei impressionado com sua eficiência e atenção a detalhes, traços que me seriam úteis nos dias seguintes.

Ele preparou e me serviu um excelente jantar de última hora. Uma hora depois de minha chegada àquele chalé isolado, já estava me sentindo melhor. O senhor era quieto e nem um pouco inquisitivo. Sorria sempre e mantinha o fogo aceso. O calor de sua lembrança permanece até hoje, a começar pelo chalé aquecido no qual ele cuidou de mim.

Senti que devia uma explicação a meu inusitado anfitrião:

– Realmente sinto muito pela intrusão – disse. – Tirei enorme proveito de sua hospitalidade, senhor, e lhe devo uma explicação.

– Por favor, nem fale isso – respondeu meu anfitrião, com um sorriso gentil. – Isso tudo pode esperar até você estar descansado. Por favor, durma, e conversaremos amanhã.

No entanto, continuei:

– Sou Sherlock Holmes, detetive consultor. Estava nos arredores, conduzindo uma investigação, e infelizmente tive um pequeno contratempo e caí das Cataratas de Reichenbach. Fui trazido pela correnteza até perto daqui. É importante que minha presença permaneça secreta, apesar de não poder insistir nisso, já que fui eu que cheguei sem avisar. Minha vida está em perigo.

– Sou Hiroshi Sugiyama, embaixador do Japão na Suíça – disse meu anfitrião, com uma reverência elegantíssima. – E, claro, sr. Holmes, apesar de não estar esperando por sua visita, é um prazer conhecê-

lo. Já ouvi sobre sua fama através de meu amigo, Masataka Kawase, que era nosso embaixador em Londres, e considero uma honra conhecê-lo, em qualquer circunstância. Com relação à minha presença aqui, estava simplesmente tirando uma pequena folga, dando-me o prazer de uma paixão particular: escrever haicais, um tipo de poesia japonesa. As fazendas suíças são fonte de grande inspiração para a poesia, com seu clima revigorante. Irei para Berna em breve e retomarei minhas atividades.

Eu já havia percebido que não se tratava de uma pessoa comum. Tinha observado sua minuciosa escolha de palavras, a dicção cuidada, as mãos de porcelana que mostravam o interesse pelas artes, a extrema organização do chalé e seu tato. Senti que teria que confiar nele. Não tinha tempo a perder.

– Sr. Sugiyama, estou sendo perseguido por sujeitos criminosos. Neste momento, estou em desvantagem e preciso ficar, de certa maneira, invisível. Seria melhor para algumas nações e para homens íntegros que eu conduzisse investigações suplementares clandestinamente. Poderia ficar aqui por alguns dias? É claro que eu o recompensaria pelo incômodo.

– Entendo – respondeu o sr. Sugiyama, pensativo. – É uma situação realmente lamentável, sr. Holmes, lamentável. Fico feliz que o senhor esteja seguro agora e tentarei ajudá-lo.

Após um momento de silêncio, retomou:

– Em breve, precisaremos planejar seus próximos passos. Primeiro, o senhor deve dormir. Isso ajudará a ponderar sobre os fatos com mais parcimônia pela manhã.

– O mal, sr. Sugiyama, está em todo lugar. Há uma rede ao nosso redor. Preciso de tempo para me recuperar e pensar em um novo plano. O Professor Moriarty não desiste. Até que ele tenha uma prova cabal de minha morte, presumirá que estou vivo e tomará medidas a esse respeito. Não posso ser visto. Preciso que acreditem que estou morto e não posso ser rastreado. Não devo ficar em nenhum lugar um minuto a mais do que o necessário.

Ouvi o sr. Sugiyama tomar uma inspiração repentina. Tinha tido um *insight*.

– Professor Moriarty, o senhor disse? Talvez fique surpreso em saber que já ouvi esse nome – ele disse, após algum tempo. Havia um claro tom de afobação em sua voz. – Interessante, muito interessante. E, talvez, por coincidência; sim, poucas pessoas sabem de sua existência, e sabemos que ele prefere assim. O governo japonês também tem conhecimento dele e de seu poder. Por consequência, é meu dever ajudar o senhor. Nem mais uma palavra. Ordeno que feche os olhos e descanse. Encontrarei uma solução até amanhã.

O sr. Sugiyama voltou para sua mesa, onde ficou pensando, lendo e escrevendo haicais. Do lado de fora, uma coruja passou voando, na noite sem lua.

Assim, sentindo-me mais seguro, caí no sono.

Na manhã seguinte, o sr. Sugiyama me mostrou a versão em inglês de um haicai que tinha escrito.

A lua está em silêncio
Um vento frio murmura com medo
Os bravos reúnem forças

Relato do Professor Moriarty (*Conseguido, a meu pedido, graças à influência da French Sûreté, a Polícia Nacional Francesa, muitos anos depois do ocorrido. Algumas observações no final de certos capítulos também refletem minhas tentativas de reconstituir os atos do Professor Moriarty e como ele respondeu a elas.*)

A cada encontro, Sherlock Holmes e eu tínhamos nos afastado um do outro, na última hora. Minhas tentativas anteriores de eliminá-lo tinham falhado, em grande parte devido à incompetência e à inteligência limitada daqueles que eu tinha designado para a tarefa. Quando os relatos dessas tentativas malsucedidas chegavam a mim, podia ver claramente que não era o estratagema em si que estava errado, e sim a execução – era o homem responsável que não reagia da maneira correta. E é verdade que a inteligência de Sherlock Holmes se aproximava da minha, e que ele tinha instinto e habilidade mental superiores aos da força policial, pela qual tenho total desprezo.

Na beirada das Cataratas de Reichenbach, fiquei surpreso com a ousadia de Holmes – com minha superioridade física e intelectual, não havia uma maneira possível de ele vencer.

Ele só estava desperdiçando meu tempo. Um homem com seu temperamento lógico deveria ter percebido a inutilidade de lutar contra uma força superior.

Apesar disso, lutamos por vários minutos. Ele lançou a mão direita sobre meu rosto, conseguindo me arranhar e me fazendo sangrar, e também tentou me desequilibrar. Segurei-o perto de mim e acertei alguns socos em seu estômago e ombros. Cambaleamos; era uma luta de vida ou morte. A lama escorregadia tornava tudo mais difícil, mas continuamos a lutar, sem nenhum vitorioso evidente, acertando golpes um no outro. Eu ainda estava calmo e pedi a Holmes que parasse e não desperdiçasse sua energia nem meu tempo. Mas ele parecia não ouvir e continuou. Então, enquanto titubeávamos na beirada, ele agarrou meu colete para retomar o equilíbrio. Ele escorregou de novo, caindo de costas, e de repente meu colete rasgou. Nós dois perdemos o equilíbrio e caímos da borda. Enquanto Holmes foi jogado diretamente no espaço, consegui me segurar na beirada ao cair e, como escorreguei por mais uns três metros, pude amenizar a queda. Finalmente, parei em um arbusto grande que pendia do lado do precipício. Lá, retomei meu fôlego e organizei meus pensamentos.

Olhei para baixo. Tinha visto Holmes, quando ele começou sua jornada penhasco abaixo. Ao olhar a correnteza furiosa na água lá embaixo, não vi nenhum sinal dele. Muito provavelmente, estava morto. Mas eu teria que verificar isso minuciosa e rapidamente.

Primeiro, procurei por um caminho de volta, o que encontrei facilmente. As protruções naturais da pedra e os pequenos arbustos disponíveis para se segurar eram mais do que suficientes para eu escalar até o topo. Estava sujo e cansado, mas extremamente furioso com o comportamento de Holmes. Ele, que agora provavelmente estava morto, já sabia que esse era seu destino. Sempre me assusto com a estupidez, e esse era mais um exemplo ridículo dessa característica.

Subi rapidamente para Meiringen, cheguei ao hotel, troquei de roupa e destruí qualquer evidência da minha mais recente experiência, o que incluía sapatos enlameados, um colete rasgado e roupas sujas. Havia também a questão menor de esconder os ferimentos visíveis no meu rosto. Isso foi fácil, pois sou *expert* em disfarces, e mascarar um ferimento no rosto era brincadeira de criança. Tenho certeza de que, por ora, ganhei a batalha, mas até receber provas cabais da morte dele, não estou preparado para acreditar que ganhei a guerra. Tenho que enviar LeFevre nessa tarefa.

Deixei o hotel na manhã seguinte. Era imperativo chegar a Paris, onde tinha alguns negócios inacabados, envolvendo minhas operações de falsificação.

Peguei o trem das 11 horas para Berna e Lausanne. Dividi minha cabine de primeira classe com poucos passageiros: uma senhora idosa, com um cachorro montanhês, dois meninos, um casal francês de meia-idade, um turista japonês idoso e um cavalheiro corpulento, com um chapéu típico suíço. Cheguei a Lausanne e deixei instruções com Babineaux para me enviar, sem demora, todos os relatórios sobre Sherlock Holmes.

Holmes tinha causado danos profundos, ainda que remediáveis, às minhas ambições, mas ele não tinha ideia da real extensão do meu *network* e de minhas atividades. Suas tentativas infantis de

descoberta só encontraram exemplos superficiais de ineficiência e inteligência inferior dentro da minha organização, que foram úteis para mim, já que uma organização vibrante precisa estar em um processo de fluxo e regeneração contínuo. Claro que a recente prisão de vários dos meus assessores é preocupante, mas sempre dei valor à substituição e tive consciência da necessidade de não manter as coisas às claras. Era um mero revés. Em um mês, tudo estaria bem.

Sinto pena de Holmes e seu pequeno grupo de companheiros medíocres. Seu braço direito, dr. Watson, é de inteligência extremamente limitada; acredito que Holmes acabou expondo seu próprio erro de julgamento, ao escolher um parceiro tão inferior. Homens inteligentes precisam de assistentes extremamente minuciosos e sagazes em suas investigações profissionais. De tempos em tempos, precisamos trocar, impiedosamente, esses assistentes, para evitar estagnação. É por isso que Holmes sempre falhou, enquanto eu sempre fui, e continuarei a ser, bem-sucedido.

Nossas novas atividades prometem poder incalculável. Dinheiro é meramente o meio: a possibilidade de alterar a História como quisermos é a verdadeira prova do sucesso. O mundo está se tornando menor, e focar-se demais na Europa e se esquecer de países distantes como Japão e China é um erro. Ideias absurdas como democracia e ordem pública são uma distração, mas, talvez, por outro lado, instrumentos convenientes para manter ocupados homens menos importantes. É divertido ver como populações e nações acreditam possuir o poder de traçar o próprio destino. Deixem os tolos continuarem a pensar assim. São peões em um jogo de xadrez. Sou o grão-mestre e farei deles o que bem quiser. Bem, Holmes, um brinde à sua memória!

Os artefatos diplomáticos de Hiroshi Sugiyama, embaixador do Japão na Suíça *(Nota do dr. Watson: Holmes foi citado como PNY32, e o Professor Moriarty, como TWJ22 nos telegramas oficiais codificados ou correspondências secretas.)*

CONFIDENCIAL

5 de maio de 1891

CH-AHS-876

Escritório de Relações Exteriores

Tóquio

A/C: KX-56

1. Este se refere aos seus Memorandos 67, 68 e 69, relativos aos planos de expansão de _____ que necessitam de ação imediata e conclusiva, através da Operação Kobe⁵⁵.

2. Agi de acordo com sua sugestão, no que se refere a nosso hóspede PNY32.

3. PNY32 estava em condições físicas debilitadas, e consegui fácil e rapidamente trazê-lo de volta a sua forma normal. Sua chegada inesperada pode nos ser de grande ajuda neste momento delicado.

4. Disse a ele que gostaria de levá-lo para nossa embaixada em Berna e, de lá, para o Japão, onde estaria a salvo. Ele concordou prontamente, mas enfatizou a necessidade de um disfarce. Fui até a casa do fazendeiro para acertar as contas e consegui as roupas necessárias para PNY32 se passar por um fazendeiro corpulento, dizendo que gostaria de levar um conjunto de vestimenta suíça como lembrança.

5. Após um café da manhã leve, ambos nos preparamos para a viagem. Nosso

hóspede é muito competente no que diz respeito a disfarces. Ele se transformou em um fazendeiro suíço, completando o visual com uma pele rosada, uma atitude cordial e um jeito de andar típico dos homens suíços. Seu poder de observação é realmente perspicaz.

6. Andamos até a estação de trem de Meiringen. Comprei duas passagens de primeira classe para Berna e entrei na sala de espera. Sentamo-nos em silêncio. Outros viajantes entraram e saíram, mas ninguém notou PNY32; ao contrário, olharam de relance para mim, por razões óbvias. Pegamos o trem das 11 horas, na companhia de uma senhora com um grande cachorro montanhês, um casal francês, por volta dos 40 anos, dois adolescentes falantes e um cavalheiro reservado, com olhos penetrantes e um ar hostil, que parecia perdido em seus pensamentos e olhava fixamente para fora sem piscar. A viagem passou.

7. Andamos até a embaixada, que ficava a apenas 1,5 km, na Engestrasse. No caminho, PNY32 fez a surpreendente revelação de que TWJ22 estava no trem e que se tratava do senhor sombrio que olhava pela janela. Ele acha que o viajante deve estar a caminho de Lausanne ou Paris. Favor alocar alguém para vigiar as estações.

8. PNY32 está a salvo em seu aposento de hóspede. No entanto, rapidez é essencial.

HS

CONFIDENCIAL

6 de maio de 1891

CH-AHS-877

Escritório de Relações Exteriores

Tóquio

A/C: KX-56

1. Passei a noite trabalhando no plano sugerido. Devemos evitar a rota marítima via Marselha, porque precisamos manter distância entre nós e TWJ22. Tomaremos a rota para o Japão, via Moscou.

2. Precisamos chegar o mais rápido possível, por isso, necessito de sua ajuda para conseguir passagens e documentos. Por favor, deixe-os prontos em nossa embaixada por lá. Partiremos esta noite e deveremos chegar a Moscou em dois dias.

3. Ainda não contei a PNY32 que tenho uma missão para ele. É melhor que ele saiba sobre a Operação Kobe⁵⁵, quando chegarmos a Tóquio. A intenção dele é a de desaparecer pelo máximo de tempo possível, e não tenho nenhuma dúvida de que ele cooperará integralmente, quando pedirmos sua ajuda.

4. Além disso, favor assegurar-se de que relatórios sobre os passos de TWJ22 estejam em Moscou antes de nossa chegada.

HS

CONFIDENCIAL

7 de maio de 1891

Escritório de Relações Exteriores - KX-56

A/C: CH-HS de Berna

1. Preparativos foram feitos. O embaixador Toyoda lhe entregará os documentos pessoalmente.

2. Esperamos que a viagem de Berna para Moscou tenha sido tranquila.

3. TWJ22 chegou a Lausanne e partiu para Paris. Foi visto na Gare du Nord e, depois, desapareceu. Mas, até aqui, não temos razão para acreditar que ele saiba de seus passos.

4. Notícias sobre acontecimentos continuam em evidência nos jornais, como você deve ter notado.

5. Operação Kobe⁵⁵ deve agir rapidamente. Em Vladivostok, WRT⁷⁷ estará à disposição e os acompanhará a Tóquio.

KX-56

CONFIDENCIAL

9 de maio de 1891

CH-AHS-877 acampamento Moscou

Escritório de Relações Exteriores

Tóquio

A/C: KX-56

1. Nossa viagem de Berna para Moscou não foi exatamente tranquila. Pegamos o trem de classe econômica para Viena e, de lá, subimos por Varsóvia, Minsk e, então, Moscou, mudando de vagão sempre que possível. Mesmo tomando o máximo de precaução, PNY³² e eu sentimos que estávamos sendo observados ou seguidos.

2. Em uma estação perto de Varsóvia, descansamos e fomos lanchar. Um de nossos colegas viajantes, um inglês falante, talvez um caixeiro-viajante, foi um tanto inquisitivo e insistiu em ficar conosco, fazendo várias perguntas com uma voz muito alta.

3. Conseguimos ignorá-lo até que fosse embora, mas parece que a desnecessária conversa em tom alto tinha chamado a atenção de indivíduos astutos.

4. Um passageiro de aparência rude abordou PNY³², quando ele deu uma saída para fumar, e pediu para ver seus documentos. PNY³² recusou-se, e exigiu identificação, e o homem foi embora. Tememos que a notícia se espalhe sobre dois viajantes incomuns.

5. Embaixador Toyoda nos encontrou em Moscou e me entregou os documentos

necessários. Vamos partir esta noite no experimental Trans-Siberian. Várias partes dessa nova linha de trem ainda não estão completamente prontas, e haverá alguma dificuldade. Mas é o jeito mais seguro.

6. PNY32 anda pensativo e já sentiu que temos alguma coisa para pedir a ele. Seu poder de observação é impressionante. Ele continua disfarçado e está muito confortável.

7. Mesmo tendo bom conhecimento geral sobre contrabando, ele não tem, pelo que eu saiba, muito conhecimento sobre o contexto da Operação Kobe55. Acredito que perceberá a urgência estratégica da Operação Kobe55 e seu papel essencial nela.

HS

Memorando do embaixador Sugiyama (*Nota do dr. Watson: Neste memorando um tanto longo e um pouco informal, troquei PNY32, o codinome de Holmes, por seu verdadeiro nome, para evitar qualquer mal-entendido, e empreguei um tom mais oral. Além disso, também usei o nome do Professor Moriarty, no lugar de seu codinome, TWJ22.*)

CONFIDENCIAL

24 de maio de 1891

CH-AHS-877 – Memorando

Escritório de Relações Exteriores

Tóquio

A/C: KX-56

Agradecemos a organização impecável dos preparativos para a transferência segura de Holmes para nosso refúgio em Tóquio.

Ficamos em nossa embaixada em Tóquio por menos de um dia. A viagem de Moscou a Vladivostok, apesar de longa e frequentemente desconfortável, por causa da construção da ferroviária, foi tranquila. Sentimos que estávamos sendo seguidos, logo que deixamos as instalações da embaixada. Obviamente, eu chamava atenção por causa das minhas feições, mas meu sexto sentido me dizia que estavam olhando para mim com mais do que mera curiosidade.

Holmes se recusou a viajar sem disfarce, assumindo o papel de um executivo francês, e nossa embaixada lhe deu um passaporte falso. Ele tinha aprendido um pouco de russo e, com seu poder de persuasão, nos conseguiu, para a primeira parte da viagem, uma cabine privativa, ao invés de uma que teríamos que dividir com mais dois passageiros. A cabine era quente e confortável e tinha sido projetada com várias comodidades, com exceção do banheiro, que era do outro lado do vagão. A tripulação sempre vinha checar se precisávamos de alguma coisa, servir chá ou anotar nossos pedidos de lanches. À noite, traziam cobertas novas e quentes, que levavam embora de manhã. Evitávamos qualquer contato desnecessário, e Holmes passava o tempo fumando e jogando xadrez.

– O senhor é viúvo, sr. Sugiyama. Também é pintor. Viveu algum tempo na Alemanha e é contador por formação.

– Exatamente, sr. Holmes! Por favor, explique como chegou a essas deduções.

– Passamos vários dias juntos, sr. Sugiyama. Observei seus hábitos e notei que é bastante autossuficiente, mas não totalmente. Não mencionou uma esposa nenhuma vez, mas percebi que tem

dificuldade em organizar suas próprias coisas, deixando claro que estava acostumado a ter alguém que fazia isso para o senhor, até pouco tempo atrás.

– Verdade. Minha esposa faleceu, de uma doença, há mais ou menos um ano. E sobre ser pintor?

– Quem tem uma paixão sempre acha uma maneira de manter as brasas acesas e vivas. Ao longo do caminho, o senhor estava observando a paisagem. Pintores usam os polegares para medir a profundidade e a perspectiva. O senhor fez isso muitas vezes e ficou satisfeito, talvez tenha até feito uma anotação mental para um projeto futuro. Depois, passou vários minutos olhando as pinturas na sala de espera em Moscou; balançou a cabeça em apreciação, em frente a algumas delas, e vi o senhor tentar refazer os traços do pintor sobre as linhas complexas.

– Nada mau!

– Suas malas têm etiquetas de Berlim e Munique, e seu alemão é notavelmente fluente. Isso sugere que passou algum tempo na Alemanha, obviamente como parte de seu trabalho diplomático.

– É exatamente isso!

– Somente um contador manteria um exemplar do Anuário de Contadores da Harper, com tanto cuidado e, a julgar pela aparência das páginas, vejo que o senhor o consulta com frequência. Provavelmente é membro do Institute of Chartered Accountants da Inglaterra e do País de Gales – eles não recusaram a inscrição de Mary Smith alguns anos atrás? Além disso, apesar de menos importante, notei a maneira meticulosa e confiante com a qual o senhor anotou as contas de nossa viagem de Viena.

– Absurdamente simples! Achei que o senhor tivesse feito algo astuto, mas agora vejo que foi brincadeira de criança.

– Certamente, sr. Sugiyama – respondeu Holmes, com certa rispidez. – Gostaria de fazer alguma observação calculada a meu respeito? É um diplomata e talvez tenha uma percepção mais aguçada nesses assuntos do que a maioria dos indivíduos.

– Sinto-me lisonjeado, sr. Holmes. Não sou detetive, mas deixe-me tentar.

– Hum... Acredito que tenha um irmão mais velho, que o senhor admira enormemente, e sua energia nasce do desejo de equiparar-se a ele. Tem interesse por xadrez e jogos afins. Não é apaixonado pelas mulheres. Tem uma lamentável crença nos poderes curativos e estimulantes da cocaína e provavelmente faz uso dela frequentemente.

Holmes me encarou por um longo tempo, com o rosto inexpressivo.

– Por favor, explique seu método de dedução, sr. Sugiyama. Fiquei intrigado.

– Na minha experiência como diplomata, a maioria dos indivíduos movidos pela ação – existem muitas exceções, claro – são caçulas que tentam alcançar os feitos dos irmãos mais velhos. Profissionais sempre assegurarão que suas habilidades se mantenham bem afinadas; um detetive famoso como o senhor deve exercitar seu cérebro constantemente e não simplesmente assumir que não precisa de treino. Vejo que só jogos como xadrez e *go* lhe interessam. Deduzi que o senhor é indiferente às mulheres pelo fato de não ter mencionado nenhuma família em todos esses dias e, mesmo assim, ser extremamente organizado, o que sugere que tem vivido bem sem uma esposa. Sobre a cocaína, percebi ao cuidar do senhor, quando nos conhecemos; não mencionei as marcas de agulha que vi nas veias de seus braços. Claro, sr. Holmes, minhas observações não devem ter nenhuma base científica, mas no máximo podem ser atribuídas à experiência. Deixo essa parte para o senhor.

Holmes não disse uma palavra sequer por vários minutos. Depois, segurou minha mão com firmeza e carinho.

– Meu caro colega, estou encantado! Simplesmente encantado! O senhor se saiu muito, realmente muito bem!

Certa ocasião, um dia depois de começarmos nossa jornada, ele me perguntou se eu tinha alguma

opinião sobre um garçom em particular, que nos servia.

– Na verdade, não – respondi.

– Ele está à paisana, com ordens de protegê-lo, imagino, talvez porque o senhor é um embaixador e, por isso, uma pessoa importante. E, completamente irrelevante, ele também é pianista.

– Como você sabe disso? O embaixador não me disse que tinha pedido nenhuma ajuda à polícia russa.

– De qualquer maneira, é verdade. Seus olhos são vigilantes, e ele anda sempre com firmeza de propósito, sem nenhum movimento inútil. Anota os pedidos, não dá sugestões e não conhece muito do cardápio. Antes de entrar em nossa cabine, ele bate bruscamente, como alguém que não aceitaria “não” como resposta. Quando abro a porta, ele olha para um lado e para o outro, para ver se há alguém por perto, com a mão direita no bolso. Imagino que tenha um revólver à mão, lá dentro. Entra e fica de pé, de lado, e está sempre extremamente alerta. Seus dedos são muito longos e elegantes, e já o observei movimentando-os de um lado para o outro de uma forma propositalmente impaciente, enquanto espera por nosso pedido. Como se estivesse tocando um concerto. Se houvesse um piano aqui, a julgar pelo jeito que seus dedos se moviam, tenho quase certeza de que teríamos ouvido o estudo *Feux Follet*, de Liszt. Ah, brilhante!

– Tenho que elogiar o senhor por sua perspicácia!

Na manhã do segundo dia de viagem, o garçom apareceu novamente logo depois do café da manhã. Depois de olhar para os dois lados, da sua maneira usual, entrou rapidamente e entregou um revólver para Holmes, que, com um movimento tão suave quanto o dele, colocou a arma no bolso, sem parecer nem um pouco surpreso. O garçom virou-se para mim e falou em japonês:

“WRT77 me pediu para ficar de olho no senhor. Posso perceber que o senhor não saberia lidar com uma arma de fogo e que seu amigo está em melhores condições físicas. Por favor, fique atento.”

Virou-se e desapareceu tão de repente quanto tinha aparecido. Holmes estava certo. Ele apalpou o revólver em seu bolso.

– Esta é obviamente uma missão mais delicada do que o senhor revelou até agora. É bem estranho que alguém queira protegê-lo e entregue um revólver para um completo desconhecido. O senhor está em perigo, ou eu? Ou talvez nós dois? E por quê?

– O senhor está certo, sr. Holmes. É de conhecimento dos altos escalões que estou viajando para o Japão com uma pessoa não identificada muito importante. O garçom fez referência a alguém em nosso Serviço de Inteligência. Seria prudente dizer que nós dois devemos ficar de guarda. Sua dedução sobre o garçom parece correta. Estou surpreso comigo mesmo.

Na terceira manhã, fiz uma caminhada ao longo dos vagões para esticar as pernas e me exercitar um pouco. Depois, voltei e examinei uns papéis que tinha trazido comigo. Sherlock Holmes estava ocupado, lendo um jornal que tinha pegado na estação de Moscou.

De repente, aproximadamente às 11 horas, o trem parou na estação de Gostovskaya. Não conseguíamos entender a parada repentina. Holmes olhou pela janela com cuidado e relatou uma confusão a dois vagões de distância. Ele saiu para investigar, após se assegurar que o revólver estava em seu bolso. Voltou em dez minutos.

– O garçom foi encontrado morto – relatou, sombrio. – Um tiro no coração. Não foi um crime comum. Alguém está nos seguindo e está neste trem. A polícia da cidade mais próxima foi chamada. Ficaremos parados por algumas horas, imagino.

Eu estava muito chocado para responder.

– Sr. Sugiyama, por favor, fique atento. Não podemos os dois dormir ao mesmo tempo. Não saia da cabine por nenhuma razão sem me informar. Sou o mais forte de nós dois e terei de protegê-lo, caso haja

necessidade. De agora até o trem partir, devemos nos sentar aqui e não nos arriscarmos lá fora.

Assistimos ao caos do lado de fora, enquanto uma ambulância chegava, e quase uma dúzia de policiais barulhentos se ocuparam do corpo do garçom. Em minutos, ouvimos o barulho das solas das botas dos policiais, quando eles entraram em nosso vagão, batendo rudemente em cada porta fechada, fazendo perguntas em russo e passando para a próxima.

Como era de se esperar, também bateram à nossa, gritando: “*Atkriytiy, Politsiya, Politsiya! Atkriytiy!*”

Abri a porta. Três policiais nervosos ficaram de pé do lado de fora, e um deles começou um discurso incompreensível em russo. Convidei-os para entrar e apresentei meu passaporte diplomático, o que imediatamente diminuiu a tensão. Olharam com suspeita para Holmes e examinaram seu passaporte, que dizia que ele era um cidadão francês. Perguntaram-me se poderiam revistar a cabine. Não tinha outra escolha senão concordar.

Lembrei-me de que o garçom tinha dado um revólver a Holmes e pensei que estava tudo perdido. Felizmente, a busca superficial não revelou nada, e eles se despediram de nós e passaram para a próxima cabine.

Depois de aproximadamente uma hora, o trem voltou a andar, sem nenhuma conclusão sobre a procura de um suspeito. Fiquei aliviado e ansioso. Perguntei a Holmes sobre o revólver.

– Pus o revólver em uma beirada, perto do teto do banheiro público, assim que ouvi que tinha havido um assassinato. Irei até lá agora para recuperá-lo.

Ele voltou rapidamente com a arma, e discutimos a situação.

– Acredito que há um número de possibilidades. Vamos analisar cada uma com cuidado. Uma é que alguém em seu serviço de comunicações diplomáticas tenha passado a informação para o *network* do Professor Moriarty – o embaixador japonês da Suíça de repente desaparece de Berna com uma pessoa não identificada – sim, ele pode ter considerado a possibilidade de eu ter sobrevivido e estar viajando com o senhor. Talvez os incidentes irrelevantes que nos preocuparam na viagem de Berna para Moscou chegaram à rede de Moriarty, e agora eles estão neste trem, tentando nos encontrar. Talvez seu homem em Vladivostok nos tenha traído também, ou tenha ele mesmo se exposto. Todos os caminhos levam à mesma conclusão. Ou talvez esse tenha sido um assassinato meramente acidental; talvez nosso garçom tenha descoberto alguma coisa que não deveria. Bem o oposto de uma coincidência feliz. Mas uma coincidência, de qualquer maneira.

– E qual o senhor acha mais provável?

– A primeira. As pessoas que encontramos em nossa viagem não têm a descrição necessária para serem criminosos eficientes; eram somente um transtorno, e não teriam as habilidades necessárias para observar um comportamento incomum e relatar a questão. Imagino que alguém em sua embaixada em Moscou fez planos para sermos eliminados nesta viagem. Devem estar cientes de que estamos armados e estão esperando por uma oportunidade para atacar.

– Se for verdade, seria muito preocupante. Significaria que temos traidores em nossas embaixadas!

– Nada é impossível, senhor! Mas, por enquanto, vamos concentrar nossas energias em tentar permanecer vivos.

A tripulação do trem continuou a servir os passageiros da primeira classe em suas cabines. Comemos pouco, com medo de sermos envenenados. Por sorte, Holmes tinha insistido em levar suprimentos de comida para a viagem, apesar de, na hora, eu ter achado desnecessário, já que o trem era famoso por seu excelente serviço.

A longa viagem passou devagar, com muitas mudanças devidas à construção em andamento, o que só fez aumentar minha ansiedade a cada momento. Nenhum de nós dormiu bem. Demorei dois dias para

retomar minha serenidade. Sherlock Holmes, no entanto, estava bastante calmo.

– Obrigado por me ajudar. Espero poder fazer o mesmo pelo senhor um dia.

– Estará seguro em Tóquio, sr. Holmes. Na verdade, precisamos de sua ajuda em uma questão de grande importância internacional.

– Obviamente, estou em desvantagem com relação à língua. Mas, fora isso, estou pronto para ajudar.

O que preciso pessoalmente é de tempo – para me recuperar e obter os recursos necessários para capturar o Professor Moriarty.

No décimo dia, outro garçom apareceu:

– Chegaremos a Vladivostok em uma hora, senhores – anunciou, em um inglês com sotaque, e continuou seu caminho.

Holmes deu um sorriso sombrio, quando ele partiu.

– Ele não é garçom. Foi contratado para ficar de olho em nós. Talvez outra tentativa tenha sido considerada imprudente. Talvez estejamos sendo atraídos para uma armadilha.

Na estação de Vladivostok, encontrei DRT33 esperando por nós, ao invés de WRT77. DRT33 tinha trabalhado comigo em Singapura, em outra função, muitos anos antes. Ele nos deu a chocante notícia de que WRT77 tinha sido encontrado assassinado, nas docas de Vladivostok, no dia anterior.

– Não havia pistas – disse DRT33.

WRT77 não era uma pessoa suspeita: era um mero facilitador das ações. Não havia nada a ganhar com sua morte, achávamos, exceto talvez pela notícia de que estaríamos chegando a Moscou. Vladivostok já não era um lugar seguro; precisávamos partir sem demora.

DRT33 tinha arranjado nossa transferência em um pequeno navio que se dirigia diretamente a Yokohama. Dessa vez, nossa viagem foi totalmente sem problemas, apesar de Holmes ter ficado enjoado algumas vezes. Ele disse acreditar que o navio estava sendo monitorado, e que não estávamos necessariamente seguros.

Chegamos a Yokohama e passamos pela alfândega rapidamente, pois WRT77 já tinha tomado as devidas providências com antecedência.

Dei as boas-vindas a Holmes a nosso país e levei-o até o transporte para Tóquio, onde ele poderia descansar por um dia. Jiro Hamada foi designado para ser seu cozinheiro, mordomo e segurança. Hamada é um ex-lutador de sumô, com um temperamento muito atento e destemido.

Quando reencontrei Holmes, ele estava em perfeita saúde, apesar da viagem longa e cansativa. Ele também tinha se familiarizado com algumas palavras japonesas, cortesia de Hamada-san. Tinha mostrado interesse em aprender judô e pediu a Hamada-san um *koto* para tocar. Realmente tem sido um hóspede perfeito, com um interesse lisonjeiro em nosso país e nossa cultura.

Holmes, Hamada-san e eu fomos nos encontrar com o diretor de Inteligência e Pesquisa, Shigeo Oshima, conforme planejado. Em resposta às suas perguntas, eu tinha dito a Holmes que Oshima-san era um homem calmo, intenso, com extraordinária inteligência, que tinha uma reputação de ser direto em seus pensamentos e ações. É um liberal em suas atitudes e tem uma admirável habilidade para avaliar uma pessoa em um minuto, seguindo eventos mundiais e do submundo com grande interesse. Não sei do Japão há muitos anos e não mais tem permissão para fazê-lo, por causa de sua posição delicada, mas fala várias línguas fluentemente e é um leitor voraz.

Holmes me inquiriu sobre os hábitos de trabalho de Oshima-san. Informei-lhe que todos os dias ele lê os relatórios de seus agentes de todas as principais capitais do mundo e passa uma hora, pensando em silêncio, período durante o qual ele não deve ser perturbado. No final desse tempo, ele dita memorandos por três horas, sem parar, usando as informações que assimilou em sua memória privilegiada. Obviamente, ele tem muitas conexões no submundo e reconhece o valor de manter-se em contato com

elementos criminosos. Tem uma misteriosa habilidade de ligar dois eventos aparentemente desconectados, em duas partes do mundo, em dois momentos diferentes, e chegar a uma conclusão. Seu julgamento é considerado excepcional; é até convocado pela Corte Imperial do Imperador Meiji para ajudar a decifrar situações enigmáticas. É também um ávido estudioso de história mundial.

Levando em conta o que eu tinha aprendido sobre nosso hóspede, os dois provavelmente iriam se entender imediatamente.

Chegamos a Adachi-ku, em Tóquio, e andamos até um prédio comum, de onde Oshima-san operava. Houve uma imediata sensação de tensão, assim que entramos nas portas e passamos por múltiplas etapas de segurança física. Oshima-san sabia demais, e sua vida provavelmente tinha mais valor do que a do Imperador.

Hamada-san ficou do lado de fora, enquanto Holmes e eu entramos no escritório particular com seu secretário, Suzuki-san, que trabalhava com Oshima-san havia mais de vinte anos.

O escritório era cheio de coisas importantes para Oshima-san. Nas paredes, havia lindos quadros do Período Edo. Em vários cantos, havia delicados arranjos de ikebana e até uma pequena estátua de Buda. Em um canto, havia – bastante deslocado – um *koto*, o que dava a entender que Oshima-san era músico (e, na verdade, era; seu pai era um artista muito famoso em seu tempo). Observei Holmes absorver o ambiente, calma e metodicamente.

Ele também examinou o homem pequeno e delgado, de seus cinquenta anos, com um bigode lápis, e usando um terno, que se levantou de sua cadeira, deu a volta em sua mesa organizada e imaculada e reverenciou Holmes primeiro, depois a mim.

– Bem-vindo ao Japão, sr. Holmes. É uma grande honra para mim. Há muito tempo espero encontrá-lo. Nunca imaginei que um dia o senhor estaria em meu escritório, nestas circunstâncias. Infelizmente, devido a minhas responsabilidades, não posso deixar o Japão, ou certamente teria ido visitá-lo em Londres e demonstrado meu profundo respeito.

– O senhor é muito gentil – respondeu Holmes, com uma reverência.

– *Ohayo gozaimasu*, Oshima-san – ele disse, em um japonês sem nenhum sotaque, estabelecendo uma conexão imediata com Oshima-san.

– Sugiyama-san, nos encontramos novamente e, como sempre, fico muito contente. Invejo seu posto. Suíça!

Reverenciamo-nos formalmente e sentamo-nos ao redor da mesa de Oshima-san.

Um funcionário entrou humildemente e serviu chá japonês (chamado de “O-Cha”) para todos nós. Saiu discretamente.

– Sr. Holmes, constatei pelos relatórios de Sugiyama-san que teve umas semanas bastante agitadas. Estamos contentes que esteja seguro e sob nossos cuidados. Hamada-san é nosso melhor agente e cuidará de tudo de que o senhor precisar.

– Agradeço pela cortesia concedida a mim. Seu notável embaixador teve enorme trabalho para me escoltar pessoalmente por todo o caminho, desde Berna. Estou ansioso para ajudá-los, enquanto planejo os próximos passos para a captura do Professor Moriarty e seu sindicato.

– Existe a possibilidade de que ambos os objetivos possam ser atingidos ao mesmo tempo.

– Isso seria ideal, claro – disse Holmes, aceitando o cigarro oferecido por Oshima-san, assim como eu. – Por favor, diga-me o que o senhor deseja e como acha que posso ajudar.

Acomodou-se no encosto da cadeira para ouvir.

Tínhamos começado a execução da Operação Kobe55.

[2](#) O leitor pode recorrer a *O Problema Final* para obter o contexto preciso no qual Holmes escreveu essa mensagem.

Shigeo Oshima

英

Pode ser que você não note os primeiros flocos de neve nas árvores de sua vila em Hokkaido. Você chutou uma pedra, ao passar por aquele velho caminho. Os ventos suspiraram a seu respeito. Seus segredos já pertencem a ele. Ele ouve. E espera.

Nota: Reuni a narrativa que se segue, baseada em entrevistas com um número de pessoas, incluindo Sherlock Holmes e alguns funcionários do governo japonês, cujos nomes devem ser mantidos em sigilo. Refere-se ao começo da Operação Kobe55, sem dúvida, uma das mais delicadas e sigilosas operações de contraespionagem executadas no exterior, pelo Serviço Secreto do Império Japonês. Confesso que raras foram as vezes em que fui confrontado por um grupo de jogadores tão complexo. Espero que minha narrativa seja considerada precisa; quaisquer erros podem ser atribuídos à falha de memória ou, até mesmo, à incorreta interpretação das anotações.

O leitor será perdoado se nunca tiver ouvido falar da Yakuza. Em Londres, não somos tão bem informados quanto gostaríamos de acreditar que somos e não temos a noção exata da ameaça do crime mundial. A Scotland Yard prima por seu trabalho de investigação de crimes, mas no quesito conexão e prevenção de ilegalidade em outros lugares do mundo – com exceção de algumas forças policiais e das colônias, claro – pouco pode ser declarado com confiança. Além disso, como Holmes sempre dizia, o crime prospera onde o homem existe, e os métodos e motivos da classe criminosa ao redor do mundo não são tão diferentes assim. É evidente que os mesmos instrumentos que nos trazem benefícios serão provavelmente usados, pela classe criminosa, para facilitar seus fins nefastos. Seja para o telégrafo, os princípios da locomotiva ou o uso de químicos – o grande criminoso tem tanta probabilidade de encontrar um uso destrutivo poderoso quanto o benfeitor cientista social de ver os benefícios. A humanidade ainda não chegou a um estágio de avanço no qual a informação esteja disponível rapidamente, e a polícia internacional de algum tipo consiga manter um registro das atividades dos criminosos ao redor do mundo, de forma sistemática e organizada, como você pode encontrar nas fichas catalogadas de Holmes.

Nem mesmo Holmes tinha uma ideia real sobre a Yakuza antes de ser levado ao Japão. Exceto pelo conhecimento da arte-marcial do judô, sabia pouco sobre o país e, por consequência, sobre a natureza do crime local. Em termos simplificados, a Yakuza do Japão é mais ou menos o equivalente à Máfia americana. Voltando ao século XVII, certo grupo de clãs guerreiros, os Samurais, previamente designados à segurança pública, voltaram-se para o crime e o banditismo. O grupo progrediu, com o passar do tempo, e desenvolveu suas próprias sutilezas e peculiaridades. Atualmente, o grupo se vangloria de estar à margem da sociedade. Há três vertentes dentro da Yakuza: a *tekiya* (comerciantes de

rua suspeitos), *bakuto* (jogadores) e *gurentai* (criminosos violentos). Como parte de uma vasta rede, de amplitude mundial, a gestão financeira e a agilidade operacional da Yakuza funcionam como em qualquer outro grande conglomerado corporativo. A organização tem o seu próprio código de conduta e sistema de justiça. O chefe do sindicato é chamado de *kumicho*; na época de nossas aventuras, Shinobu Tsukasa, da ilha de Kyushu, tinha acabado de se tornar o *kumicho* de um grande clã, o Sumiyoshi-kai. Dois clãs Yakuza enormes, o Sumiyoshi-kai e o Inagawa-kai – estavam em uma espécie de equilíbrio nervoso; reivindicações territoriais sobre várias atividades ilegais eram normalmente a causa da tensão.

A própria palavra “Yakuza” reflete rejeição e perda. Holmes me disse que *ya* significa oito, *ku*, nove e *sa* quer dizer três. Os números somam 20, que é uma mão ruim no jogo de cartas *hana-fuda*. Provavelmente, há muito mito e exagero nisto, mas dizem que indivíduos que estão perseguindo uma carreira no crime achavam vantajoso se afiliarem à Yakuza, já que ela lhes proporcionava símbolos visíveis de poder e influência. Mas, como qualquer outra irmandade – a Maçonaria, a Skoptsi, os Illuminati e a Rosa-Cruz, por exemplo –, é o sentido de pertencer que é vital, uma sensação de que o grupo é, de algum modo, conhecedor de algo único e diferente, possuidor de alguma vantagem que os outros não têm – talvez uma compreensão sobre o futuro, que o grupo foi escolhido para receber. Isso leva a um fanatismo obstinado, que os de fora acham impossível entender.

Lealdade à Yakuza é a base para tornar-se um membro. De fato, o sinal físico mais visível da afiliação à Yakuza é a falta de uma falange, que é vista como um gesto de expiação. A falange é decepada em uma cerimônia chamada *ubitsume*. Segundo a tradição, ela torna o indivíduo mais fraco e cria uma lealdade ainda mais fanática ao clã. Complexas tatuagens corporais também são comuns, apesar de eu me lembrar de Holmes ter achado estranho que um membro expusesse seus antecedentes tão abertamente. “Um tipo de exibicionismo”, observou certa vez. De qualquer forma, era assim que acontecia.

Na verdade, Holmes achava curioso a Yakuza operar com tanta liberdade no Japão e até ter algum reconhecimento formal. Essa incoerência era intrigante, mas, por outro lado, era uma questão peculiar da cultura, que tinha que ser aceita.

Essa divagação é relevante para os eventos seguintes. Ao folhear minhas anotações, vejo que Oshima-san contextualizou pacientemente a questão para Holmes. “Nenhum detalhe”, comentou Holmes, “é pequeno demais. Como sempre tenho dito, vemos, mas não observamos. As trivialidades da rotina entorpecem mais ainda a mente não treinada e a tornam incapaz de compreender e detectar qualquer coisa fora do normal. Mas primeiro, Watson, é preciso recolher e organizar informações. Daí, começa o processo de criação de um plano de ação. Aprecio a mente meticulosa do sr. Oshima³. Há um entendimento velado entre nós; ele se parece com meu irmão Mycroft em alguns aspectos, obviamente, não físicos. A mesma inteligência aguçada, marcada por um crânio grande, a habilidade de simplesmente sentar, pensar e processar a informação, a habilidade de fazer as perguntas certas e chegar às conclusões, que são sempre corretas. O sr. Oshima também é um homem de ação, mas isso não é nem um pouco necessário, já que outras organizações existem para investigar e agir em seu nome. Seu escritório e sua mesa me dizem muito sobre o homem. Só divergimos no gosto pela natureza, mas ambos apreciamos música.

Oshima-san resumiu a situação em poucas palavras, após dar a Holmes uma breve explicação sobre a Yakuza.

– Sr. Holmes – disse, enquanto fumava um cigarro –, há uma possibilidade real de alteração na ordem mundial. Em nosso país, existe uma organização bastante complexa, chamada Yakuza. São criminosos que não temem nada, em termos de atividades ilegais. Jogo, prostituição, extorsão, sequestro: essas são suas principais áreas de atuação.

Depois, falou sobre a história da Yakuza e aprofundou-se em alguns aspectos interessantes.

– Sr. Holmes, todo país e civilização têm um certo grupo de pessoas que prefere operar à margem da sociedade e tem uma visão diferente da ética econômica. Mesmo em seu notável país, os contos de Robin Hood passam de geração a geração, pelo que sei. Quem era ele? Se perguntar a um policial, ele responderá sem pestanejar: “Apenas um bandido qualquer!”. Mas, de qualquer maneira, ele é idolatrado por, de certo modo, desafiar a ordem estabelecida e agir em favor dos pobres e desfavorecidos. Há histórias como essa no Japão também – temos a lendária figura de Ishikawa Goemon, de quatrocentos anos atrás, um bandido que supostamente roubava dos ricos para dar aos pobres e alcançou fama e notoriedade. Pelos problemas que causou, foi cozido vivo – alguns dizem que junto com seu filho, uma criança. Sim, muito chocante. Mas sua lenda continua viva e nunca será apagada. Naturalmente, com o tempo, os fatos são distorcidos e enfeitados. Tais contos são encontrados em todos os países. São fascinantes e muito emocionantes para o homem comum, que provavelmente vive com um sentimento de eterna raiva por sua situação nunca melhorar, porque seu destino é controlado por quem está no poder, o que com certeza cria uma aversão grosseira às representações visíveis de autoridade – em nosso caso, a polícia. Com isso, qualquer um visto zombando descaradamente deles ou fazendo-os de bobos provavelmente será reverenciado, às vezes, silenciosamente, às vezes, em alto e bom som. A Yakuza progride nessas situações. O cidadão comum se identifica com suas atividades ou, na melhor das hipóteses, é indiferente. Para nós, levando em conta o tamanho e a influência social dos clãs da Yakuza, é importante monitorá-los e observá-los constantemente. É inútil sonharmos que vamos conseguir destruir uma organização como essa, e normalmente não é prático tentar fazê-lo. Algumas missões extremamente secretas do governo japonês já usaram a Yakuza para obter documentos, assassinar pessoas indesejáveis ou conseguir certas vantagens na política exterior.

– Inusitado, mas vejo o uso prático da conexão com a classe criminosa. Eu mesmo faço isso, apesar de não ser para objetivos violentos – observou Holmes. – Mas, por favor, continue.

Fechou os olhos novamente, uniu as pontas dos dedos e voltou a ouvir.

– Ultimamente, estamos preocupados, porque dois clãs Yakuza se tornaram extremamente ambiciosos. Talvez não saiba, sr. Holmes, que a Yakuza também tem uma conexão com a Coreia, um país com o qual temos laços culturais e sociais antigos. Muitos chefes e agentes da Yakuza têm sangue coreano e são chamados de *burakamim*. Por essa razão, é compreensível que suas operações se estendam à península coreana. Agora, porém, temos indícios para acreditar que se tornaram ativos na China e têm planos concretos de expandirem para a Índia Britânica, o mundo árabe e a Europa. Isso não é crime de principiante, sr. Holmes. Suas implicações são tão imensuráveis, que podem interferir no comércio mundial e no equilíbrio geral de poder, tornando uma piada conceitos como “Estado de Direito” e “Estado-nação”. Eles não são instrumentos de poder do estado – estamos falando sobre a Yakuza querer tomar o controle da economia do mundo. Fui bastante claro?

– Sim. Continue.

– Nosso informante diz que dois clãs da Yakuza, o Sumiyoshi-kai e o Inagawa-kai – curiosamente, não o Yumiguchi-gumi, talvez por ser considerado grande demais – foram contratados por um sindicato chinês de drogas, sediado em Xangai, para estabelecer suas operações na Europa. O sindicato, chamado Green Gang Triad, negocia ópio. Imagino que o senhor tenha algum conhecimento sobre as duas Guerras do Ópio, travadas entre seu país e a China. A criação de Hong Kong foi o resultado da primeira delas. Atualmente, os ingleses continuam a negociar ópio, através da Companhia Britânica das Índias. O consumo de ópio na China levou à morte de muitos chineses e a um enfraquecimento geral da autoridade do Imperador chinês. O fato é que, atualmente, os chineses controlam, de Xangai, o comércio de ópio, apesar de ele ser produzido na Índia. É impossível impedir o transporte de ópio puro da Índia para a China, por causa da quantidade de rotas por terra. As rotas marítimas são um problema menor: mas

mesmo nelas encontramos dificuldades. Mas, no que diz respeito ao sindicato, o mercado real está na Europa. Há até uma teoria de que os chineses esperam infligir à Europa os mesmos golpes que eles sofreram na China pelas mãos dos ingleses. Com isso, quero dizer que os nacionalistas chineses consideram os europeus responsáveis pelo enfraquecimento do estado chinês, com a introdução do ópio como meio de pagar pela importação de chá e, depois, por prejudicar os cidadãos através do crescente consumo de um narcótico viciante. Houve um tempo, não muito distante, quando havia uma casa de ópio para aproximadamente cada setenta cidadãos; a China ficou arrasada, e isso não foi esquecido. Com o Imperador Qing atualmente preocupado com as ameaças russas na região de Shenyang, é a hora perfeita para os sindicatos de Xangai agirem. Ao exportar ópio para a Europa, o sindicato de Xangai, controlado por Tsong Wang, chamado de Rei do Ópio, acredita que uma forma peculiar de vingança pode ser atingida. Haverá domínio econômico, e a palavra final, em questão de superioridade cultural, será dada, ou assim eles pensam.

– Não tenho certeza de que entendo.

– Já estive em uma casa de ópio, sr. Holmes? É uma visão sombria. A escória da humanidade passa horas junta em um torpor, fumando ópio e criando um mundo perfeito de faz-de-conta, para o qual eles podem fugir. Seu uso medicinal é conhecido, mas como narcótico, que deixa a pessoa em um torpor venenoso por horas e dias ininterruptos – bem, o senhor talvez tenha que ver para acreditar. O vício acontece rápido, e, assim, a vida se torna realmente vã, sem a droga. Os viciados param de trabalhar, e, para manter o vício, recorrem ao crime. Então, imagine se o uso de ópio se espalhar pela Europa? Imagine casas de ópio em Berna, Praga, Lyon – devagar, mas com toda certeza, a economia ficaria prejudicada, com jovens ousados e inconsequentes começando a consumir um produto novo, supostamente inofensivo e interessante. O crime também se agravaria. Tudo isso é terra fértil tanto para ambos os sindicatos quanto para a nossa própria Yakuza. Implausível? Fantasioso demais? Não concordaria nem discordaria do senhor em qualquer resposta que me dê, mas digo que, em minhas análises de vários tipos de crimes e movimentos de massa do submundo, nas últimas décadas, observei que as pessoas são motivadas por ideologias e visões bizarras e farão planos complexos para alcançá-las.

– Ocasionalmente, uso uma droga chamada cocaína – observou Holmes, pensativo. – Ajuda-me a pensar mais claramente. Não conheço os efeitos do ópio, mas sem dúvida o senhor está certo.

– Não sei nada sobre cocaína, sr. Holmes, mas, em minha sabedoria limitada, diria que o consumo de qualquer coisa não natural pode provocar ganhos a curto prazo, mas leva a danos a longo prazo. Com certeza, considerou esse aspecto. Usuários de ópio são conhecidos por dizerem a mesma coisa, que se sentem felizes e pensam com clareza, mas, depois de um tempo, a situação se torna irreversível para uma pessoa comum. Ambos somos de natureza científica e sabemos que um homem sob a influência de drogas por um tempo prolongado deixa de ser um membro produtivo da sociedade. Até certo ponto, isso é só suposição e deverá ser verificado. Mas minhas fontes têm bastante certeza de que essa é a direção que o sindicato quer tomar. Para isso, precisam de dois ingredientes essenciais. Primeiro, contatos com *networks* extensos na Europa. Um sindicato criminoso que desloque homens e material silenciosamente, sem chamar atenção para si mesmo é primordial. O sindicato em Xangai não tem nem a *expertise* nem a habilidade de desenvolver tais contatos. Obviamente, a operação deve ser absolutamente secreta e dirigida por um agente de que ninguém jamais suspeitará. Segundo, certa crueldade é necessária para realmente gerir o negócio. Um *network* local, com uma reputação de impor um código de conduta, para criar processos de contabilidade e de transferência de dinheiro eficientes entre países e, depois, entre continentes.

Oshima-san olhou fixamente para Sugiyama-san.

– Sr. Holmes, seu benfeitor aqui, Sugiyama-san, já foi chefe da contraespionagem japonesa. Foi designado embaixador na Suíça por várias razões. Fala alemão, francês e inglês fluentemente e passou muitos anos na Europa. A Suíça é, claro, bastante famosa por seus bancos peculiares, e sabemos que a Yakuza mantém contas lá para financiar suas operações crescentes na Europa. Então, sua presença naquele país é muito útil. Mas, mais importante, o fato é que acreditamos que a Yakuza tenha se infiltrado no Serviço Diplomático Japonês e trabalhado para que o mesmo acontecesse em outros países. Sugiyama-san é atualmente nosso representante mais importante e confiável lá. Mas, de uma forma geral, não temos mais confiança total em nenhum de nossos diplomatas e seus funcionários. Eles são quem dizem ser? Trabalham para nós ou para a Yakuza?

– Sim, não tenho nenhuma dúvida de que alguém da embaixada japonesa de Moscou tentou nos assassinar no trem. Sua teoria é altamente justificável.

– Vi uma anotação de Sugiyama-san sobre esse assunto. Acredito que o senhor esteja certo. No entanto, não podemos reagir espontaneamente ou de nenhuma maneira óbvia, senão esses agentes saberão que estão sob suspeita. Acredito que malotes diplomáticos japoneses estão sendo usados para comunicação entre a Yakuza e os membros aqui – provavelmente até no Ministério do Exterior – e seus agentes nas nossas embaixadas. O senhor sabe que pacotes diplomáticos são considerados invioláveis, por um acordo recíproco geral entre as nações. São propriedade de cada país específico e não podem ser examinados pela alfândega em portos de entrada; obviamente, são destinados a materiais diplomáticos legítimos e não para contrabandear ópio ou qualquer outra coisa do gênero. Além disso, achamos ser possível que algumas de nossas embaixadas estejam fornecendo documentos e vários tipos de apoio para as atividades legais, incluindo a importação de drogas do Japão, como se fossem mercadorias inofensivas. Se isso for realmente verdade, seria, com certeza, uma questão de grande vergonha, e a humilhação nacional seria intolerável.

– Posso, com certeza, imaginar as consequências. Mas qual é seu segundo ponto?

– Ah, sim. Falei da necessidade óbvia de ter uma aliança com um *network* criminoso na Europa. A Yakuza fica muito evidente de várias maneiras na Europa, onde tatuagens são raras. A língua é estranha, assim como as características físicas dos membros. Um típico membro da Yakuza não poderia operar efetivamente e precisaria de uma aliança local. Então, uma conexão europeia é primordial. E...

– O Professor Moriarty!

– Exatamente, sr. Holmes, exatamente! Só existe um homem com inteligência extrema, recursos, crueldade, coragem e controle direto de múltiplos *networks*, com quem a Yakuza pode trabalhar. Você se lembra do caso do turista japonês encontrado morto nas catacumbas de Paris, que seu colega Monsieur Dubugue⁴, da Sûreté, não conseguiu resolver. O assassinato foi relatado como resultado de um ataque casual de bandidos. A vítima era, na verdade, um policial que tinha sido nomeado por nós, quando começamos a ficar desconfiados, meses antes. Achamos que foi assassinado antes de conseguir chegar ao nome do diplomata japonês que estava em contato com o Professor Moriarty.

– Dubugue mencionou esse caso peculiar, e eu, por outro lado, discuti o assunto com meu irmão Mycroft – observou Holmes. – Ele também concluiu que havia um componente do mundo diplomático envolvido na questão. Mas não levamos o caso adiante, pois não tínhamos fatos suficientes, e Dubugue não pôde nos encontrar pessoalmente.

– Imagine, sr. Holmes, as repercussões se essa situação vier à tona. Nossos problemas com os americanos e os britânicos sairiam de controle, se descobrissem que o Serviço Diplomático Japonês está trabalhando com a Yakuza, com o sindicato de ópio de Xangai, Green Gang Triad, e com a gangue criminosa mais temida da Europa. Se não agirmos, e a estratégia do sindicato funcionar, o controle da economia enfraquecida da Europa poderá passar para as mãos do Professor Moriarty. Além disso, a

Yakuza poderia facilmente assumir o controle do Japão, aproveitando-se do clima político instável do país, sobre o qual o senhor será informado em breve. Há outros cenários que podem ser previstos, como uma guerra mundial, envolvendo vários países de diferentes continentes, se certos limites culturais e econômicos forem ultrapassados além do tolerável. Tais possibilidades são inaceitáveis. Mas nada é ilusório ou improvável. Em nosso escritório, não descartamos nada. Cada cenário possível é levado em consideração e tratado com respeito; uma tarefa sem fim. É o meu trabalho.

– Sua descrição é minuciosa. Com certeza, uma Europa eviscerada, com sua força de trabalho produtiva em casas de ópio, é uma possibilidade inimaginável. De fato, agora me lembro de ter lido recentemente um artigo sobre um movimento holandês para a legalização das drogas em pequenas quantidades.

– Sim, sr. Holmes, estou ciente disso. É bem provável que seja uma pesquisa de mercado da organização do Professor Moriarty, em nome da Yakuza, para sondar a opinião pública e talvez gradual e sutilmente influenciá-la de forma vantajosa. Qual é o mal, alguns argumentam, em consumir uma droga que existe há milhares de anos e tem sido usada no láudano, para controlar pessoas agitadas, ou na morfina, para aliviar a dor? Tal droga, eles afirmam, deveria ser legalizada e taxada, ou então, o submundo inescrupuloso suprirá essas necessidades. O argumento é encoberto por excelente lógica, porém não revela os sérios problemas econômicos e de saúde que podem surgir. Se eles ganharem a Holanda, então, essa maneira distorcida de pensar com certeza se espalhará.

Houve silêncio, enquanto um funcionário entrou e serviu mais *O-cha* e saiu de novo.

– É hora de agir, sr. Holmes. Eu mesmo só posso pensar na estratégia e preparar o caminho para a ação. Mas são homens como o senhor que têm a habilidade de executar planos de contrainteligência extremamente audaciosos e perigosos. Elaboramos a Operação Kobe55 há aproximadamente um ano. Não há uma razão específica para termos escolhido esse codinome. O objetivo da Operação Kobe55 é muito simples – prejudicar a Yakuza, identificando os traidores em nosso Serviço Diplomático na Europa. Uma vez que eles sejam expostos, o sindicato de Xangai ficará recuado; o Professor Moriarty continuará a ser um problema da Europa, ao invés de se tornar um também nosso. Essa é nossa expectativa. O mecanismo é mais difícil – infiltrar nosso próprio Serviço Diplomático, identificar os canais de financiamento e apoderar-nos dos planos do sindicato, antes de eles poderem ser colocados em prática. Se diplomatas podem ser corrompidos, políticos com certeza também podem. Pela minha estimativa, estamos a mais ou menos dois anos de vermos uma completa tomada de poder econômico e político da Europa pela Triad de Xangai, totalmente facilitada por nossa Yakuza e por seu Professor Moriarty. O financiamento está organizado – por isso Sugiyama-san foi transferido para Berna. O que estava faltando era uma pessoa que pudesse fazer a operação triunfar. A sorte sorriu para nós, de uma forma muito inesperada. Acreditamos que essa pessoa é o senhor, sr. Holmes.

Holmes não tinha se movido durante toda a fala. Seus olhos estavam fechados, e ele ouvia com atenção e fascinação.

– Não há razão para hesitação. Devo fazer isso. Quais são exatamente seus planos? Que tipo de suporte os senhores me darão? Quantas pessoas sabem sobre isso? – perguntou finalmente.

– Estou sensibilizado por ter aceitado tão prontamente, sr. Holmes – disse Oshima-san, depois de um momento de silêncio. – Obrigado. A partir deste instante, o senhor faz parte do círculo mais secreto do governo japonês. A operação Kobe55 se inicia agora. Há uma suposição implícita de sigilo absoluto, e não o insultarei ao pedir-lhe para prestar um juramento. Além do senhor, há somente mais dez pessoas que sabem sobre a operação Kobe55. Por favor, leia esta lista, que destruirei depois que o senhor tiver memorizado os nomes.

Entregou uma folha de papel, com uma lista de nomes escrita em inglês.

1. *O Imperador*
2. *Shigeo Oshima, Diretor de Inteligência e Pesquisa*
3. *Hiroshi Sugiyama, Embaixador do Japão na Suíça*
4. *Akira Otawa, Ministro do Interior*
5. *Isamu Nishikawa, Ministro da Fazenda*
6. *Yoshio Yoshida, Ministro das Relações Exteriores*
7. *Hajime Sasaki, Chefe da Polícia Secreta*
8. *Kazuo Takenaka, Embaixador do Japão na França*
9. *Seiichiro Kasama, Côsul-Geral do Japão na China*
10. *Masako Nohara, Secretária Particular*

Holmes estudou os nomes cuidadosamente. Depois, dobrou lentamente o papel e devolveu-o para Oshima-san, que o rasgou e colocou de lado para destruí-lo mais tarde.

– Sua secretária particular – Holmes observou, pensativo. – Uma mulher?

– Sim. Masako era uma agente secreta e é provavelmente a mulher mais inteligente do Japão.

Na opinião de Holmes, a única mulher digna de admiração era Irene Adler⁵. Mas ela era de uma época diferente.

– Essas são pessoas com posições importantes e poder. Provavelmente patrióticas e completamente insuspeitas.

– Verdade, sr. Holmes. Mas, como o senhor, não confio em ninguém. Nesse negócio não podemos nos dar esse luxo. Esses dez indivíduos sabem sobre a Operação Kobe55. Mas somente Masako e eu temos uma visão completa. Curiosamente, é ela que tem os contatos no clã da Yakuza, Sumiyoshi-kai, e foi responsável por descobrir a conspiração. Os outros conhecem alguns aspectos, mas, de novo, nesse negócio, quanto menos você souber, mais seguro estará. Todos os membros desse grupo sabem da existência dos outros. No entanto, cada pessoa só tem as informações necessárias para executar suas funções.

Vamos almoçar agora. O senhor talvez ache a culinária japonesa um pouco diferente do que está acostumado, mas espero que adquira gosto por ela em breve. Em seguida, pedirei a Masako que o coloque à parte do plano e a Sugiyama-san que se retire. Para sua própria segurança, claro.

³ Holmes nunca se referiu ao diretor como “Oshima-san”.

⁴ O leitor poderá consultar *O Tratado Naval* para obter informações sobre Monsieur Dubugue.

⁵ Os leitores são aconselhados a consultar *Um Escândalo na Boemia*, para obter mais informação sobre o charme e a inteligência de Irene Adler.

Masako Nohara

勇

*O mundo pertence aos corajosos, meu amigo, como
você disse tantas vezes, enquanto passeávamos
em nosso jardim favorito em Fukuoka.
Eles se comportam como Samurais,
mesmo sem usar suas armaduras.*

Nota: Este é o relato de Masako Nohara, secretária particular de Shigeo Oshima. Conversei com ela em muitas ocasiões, ao longo de vários anos e, além disso, revi inúmeros documentos que me foram dados pelo governo japonês, para confirmar certos fatos. O que você lerá agora tem seu acordo como sendo um resumo fiel de várias entrevistas.

Ameya-Okochi, o apertado e lotado mercado de Tóquio, é uma área onde o clã da Yakuza, Sumiyoshi-kai, opera abertamente.

Não há nada que sugira, dr. Watson, que este lugar tenha algo de especial. É como qualquer outro mercado no Japão, ou mesmo na Ásia. Não é limpo nem organizado. Os comerciantes não têm fineza, e a qualidade de suas mercadorias nem sempre é confiável. A linguagem deles é grosseira, e eles parecem se contentar em conduzir os negócios da mesma maneira, ano após ano, sem nenhuma mudança visível em sua condição econômica.

Para aqueles que conseguem ver além do óbvio, não há melhor disfarce para a Yakuza. Olhe um pouco mais de perto e verá vários salões de tatuagens e muitos homens indo e vindo. As partes de cima de seus corpos normalmente estão desnudas, e eles mostram suas tatuagens bastante complexas e coloridas mais livremente do que em qualquer outro mercado. E, se olhar ainda mais de perto – o que não pode fazer, sem ser notado como um forasteiro curioso, que nem deveria estar ali – talvez observe que vários homens têm um dedo menor do que o normal. Por quê? Muito simples – a maioria não tem uma falange, como resultado da cerimônia *ubitsume*. É uma prova de que se orgulham de serem membros leais de um clã da Yakuza. Mesmo quando era criança, achava a cerimônia e o propósito sem lógica. Mas nunca fui falante e sabia quando deveria guardar meus pensamentos para mim mesma. Isso sempre me ajudou. No Japão, como na maioria dos países, o valor das mulheres é mínimo, e a importância da nossa opinião não é alta. Sempre achei isso uma vantagem para conseguir realizar meu trabalho.

Os membros da Yakuza não são pessoas grotescas, com pouca inteligência; ao contrário, muitos são extremamente inteligentes e até se sobressaem em matemática, música e artes. Mas por várias razões – um passado socioeconômico difícil, exposição ao crime ainda muito novos, ou o glamour de ser diferente e controverso e, assim, ser admirado com fascinação – resolveram tornar-se parte de um grupo que atrai crítica por parte da sociedade civil.

O senhor pergunta sobre mim, dr. Watson. Quando era uma menina, crescendo em Nagoya, ao sudeste de Tóquio, rapidamente descobri que tinha uma memória excelente. Não esquecia nada – rostos, cores, padrões, números – nem se quisesse. Meus pais tinham uma pequena loja de roupas, e vivíamos uma vida confortável, apesar de não sermos ricos. Tinha um irmão que não tinha nenhum interesse na escola e logo largou os estudos, para ajudar na loja. Meus pais viram que eu era bem dotada e me encorajaram. Eu me saía muito bem em música, esportes, caligrafia, ciência e história. Mas também era quieta e preferia ficar sozinha. Não achava muito interessante a experiência de ser uma menina. E não gostava de usar quimonos enfeitados. Essas atividades femininas eram chatas e desconcertantes. Preferia ler e pensar. Tinha plena consciência da minha inteligência superior e não acreditava em falsa modéstia. Minha família tinha orgulho de mim.

Enviaram-me para Tóquio, depois que acabei o ensino médio, e entrei para a Universidade de Tóquio, onde me formei em Matemática e Economia. Não tinha nenhum tempo para os interesses normais da maioria das meninas; era bonita, mas beleza é só a matemática aplicada da natureza, e não podia me preocupar com isso. Qualquer aluno que se aproximasse de mim rapidamente ia embora, pois meu absoluto desinteresse nele se tornava evidente em poucos segundos. É uma verdade universal, dr. Watson, que homens não gostam de mulheres que são mais inteligentes do que eles. Casar era fora de questão, apesar de que minha mãe, como todas as mães em todo lugar, gostaria que eu considerasse essa possibilidade. Pedi que eles me apresentassem um par ideal – não havia nenhum, e a questão se encerrou ali mesmo. Meu irmão Kazuo era carinhoso e trabalhador, e não se importava em ficar para trás, enquanto eu, sua irmã mais nova e mais inteligente, ficava famosa. Ele era muito orgulhoso de mim e me socorria em algumas circunstâncias estranhas nas quais me metia de tempos em tempos, quando a fragilidade natural de uma mulher causava complicações.

Entre para o Departamento de Inteligência e Pesquisa do governo japonês, depois da universidade, como recruta especial. Éramos quatro – não posso lhe dizer o nome dos outros, claro. Após passar um ano com Oshima-san e reaprender a arte de pensar, fui enviada para ser treinada como agente de campo. Minha prudência natural, memória extraordinária e total confiança em mim mesma fizeram de mim a agente ideal. A obtenção de informação não tem a ver com estar no meio de assassinatos, como o senhor obviamente sabe. Crimes econômicos e a avaliação de ameaças estrangeiras ao Japão eram de meu especial interesse. Viajava muito – para Singapura, Filipinas, Coreia, Manchúria, Formosa, China, Estados Unidos, França, Inglaterra e Rússia. Normalmente fazia essas viagens como uma funcionária inofensiva – terceira secretária para assuntos econômicos, ou adida de imprensa, por exemplo. Encontrava-me com ministros, jornalistas, outros diplomatas – mas, através disso, estava ocupada, reunindo informação e guardando tudo de forma metódica em minha mente. De tempos em tempos, enviava mensagens para Oshima-san; tinha aprendido a dar-lhe exatamente o que ele queria, da forma que ele preferia para uma assimilação mais rápida. Nós dois sabíamos que eu era muito mais inteligente do que ele, mas ele era uma figura paternal e orgulhava-se de ser meu mentor. Por sua vez, eu respeitava seu discernimento e sua experiência.

Em Paris, dr. Watson, conheci por acaso, em um evento diplomático, um detetive francês da Sûreté, chamado François le Villard. Fiquei bastante impressionada com sua inteligência e também com o fato de ele ter ficado encantado comigo, e não intimidado. Ele me levou ao Louvre e à recém-inaugurada Torre Eiffel e foi extremamente amável. A certa altura, mencionou o nome Sherlock Holmes, um inglês com enorme habilidade para dedução e investigação. Ele me deu vários exemplos de sua notável capacidade de pensar de maneira diferente, o que me fez lembrar Oshima-san. Também ouvi falar sobre um Professor Moriarty, que parecia liderar um vasto e obscuro mundo de maneira tão inteligente, que ninguém nunca tinha conseguido conectá-lo a nenhum crime, não importa qual fosse a consequência. E, apesar disso,

todos os departamentos de polícia sabiam que só ele poderia estar envolvido. Nem mesmo os elementos participantes do crime sabiam que tinham sido simplesmente usados. Menciono tudo isso para lhe contar, dr. Watson, que já sabia da existência de seu nobre amigo há muito tempo.

Em uma das minhas correspondências de Paris, lembro-me de mencionar que Professor Moriarty era provavelmente uma pessoa que traria consequências para o Império Japonês, e que faríamos bem em manter um dossiê ativo sobre ele. Oshima-san não pôde fazer nada sobre o assunto, pois havia pouca coisa na qual se embasar, mas ele instruiu a embaixada japonesa a enviar-lhe qualquer informação sobre o homem, sempre que ouvissem alguma coisa. É pouco provável que alguma informação tenha sido enviada; o professor vivia nas sombras mais escuras e não se interessava por publicidade.

Oshima-san me chamou de volta para Tóquio no começo de 1888. Naquela época, estava usando o disfarce de segunda secretária para assuntos econômicos, domiciliada em Xangai, e tinha acumulado muito conhecimento sobre os sindicatos de ópio. Green Gang Triad, liderada por Tsong Wang, tinha chamado minha atenção, e eu acabara de submeter um documento a Oshima-san, rastreando o fluxo de fundos indo e vindo do grupo. O comércio era facilitado pelos indianos e pelos judeus de Bagdá, em Xangai e Hong Kong, mas os negócios efetivos, o gerenciamento das casas de ópio e os consequentes crimes eram controlados por Tsong Wang e seu grupo. Percebi que não demoraria para Tsong Wang prestar atenção no mercado japonês e achei necessário mencionar isso em algumas de minhas correspondências.

Ao receber a convocação, parti para Yokohama e fui encontrar Oshima-san em Tóquio. Uma jovem com autoridade era fato curioso, e tinha consciência de estar quebrando todas as normas culturais. No entanto, eu não me importava, tampouco Oshima-san. Não tínhamos tempo a perder com bobagens, pois sabíamos das possíveis consequências de um minuto desperdiçado. É possível que a obtenção de informação seja 99% assimilação e dedução, mas, quando ação é necessária, tem que ser conclusiva, e nem um segundo de procrastinação pode ser tolerado.

– Masako, temos um projeto delicado. Talvez você precise usar seu irmão para a tarefa que tenho em mente.

– Explique, Oshima-san.

– Penso que não entendemos corretamente a Yakuza. Sim, temos amigos entre eles. Sabemos o que eles estão contrabandeando, quem estão extorquindo e que tipos de crimes menores podem ter planejado e cometido. Mas, em geral, estamos em um estado de aceitação. Estou preocupado que estejamos sendo complacentes e não sabemos sobre seus planos futuros como deveríamos. Seu relatório de Xangai deixou claro que precisamos fazer alguma coisa rapidamente. Quando ouvi que Watanabe, da Inagawa-kai, e Kiyono, da Sumiyoshi-kai, tinham ambos viajado para Xangai com poucos dias de diferença, senti que algo estava errado. Não é comum que o *saiko-komon*, que dirige as atividades diárias de dois grandes clãs da Yakuza viajem para o mesmo destino, ao mesmo tempo. Nenhum dos dois está ativo na China, nem tem nenhum interesse particular em negócios lá. Então, por quê?

– Por que não fui avisada dessa viagem? Poderia ter investigado em Xangai.

– A Inteligência só conseguiu se comunicar comigo depois que eles voltaram para o Japão, durante a semana passada. Lamentar é inútil. Agora, vamos estabelecer uma maneira de descobrir seus planos.

– Suas sugestões?

– Você precisa se infiltrar nos dois clãs, de alguma maneira.

– Como preciso me preparar? Sei pouco sobre a Yakuza, já que atuei principalmente fora do Japão.

– Honda-san, da Seção Seis, é um ex-agente da Yakuza, que trabalhou em um clã muito menor e agora extinto, o Kyosei-kai. Ele lhe informará sobre cada grupo da Yakuza. É de confiança, mas, neste momento, não mencione que você está em uma missão. Depois disso, precisamos encontrar uma maneira

de você procurar um desses clãs, pedindo ajuda para o negócio de seu irmão.

– Sim, Oshima-san.

– E, ah, Masako, tente parecer feminina. Ajudará nesta missão.

– Sim, Oshima-san.

Fiz uma reverência e saí. Independência de ação é uma exigência básica do meu posto. Não havia nenhuma chance de alguém me ajudar, em qualquer estágio da operação, como tenho certeza que o senhor entenderá, dr. Watson.

Honda-san, da Seção Seis, um grupo de agentes da ativa infiltrados com conexão com elementos criminosos, me deu um excelente esboço sobre os métodos da Yakuza. Ele mantinha contato com antigos amigos, alguns dos quais eram efetivamente membros da organização. Ele nunca foi considerado uma ameaça real à Yakuza e conseguia atuar muito bem.

Convenci Kazuo, através de cartas, que ele deveria ser mais ambicioso e expandir seu negócio. Depois de alguma hesitação inicial, ele concordou e veio a Tóquio para me encontrar. Uma tarde em agosto, fomos juntos até Ameya-Okochi para nos familiarizarmos com o lugar.

Kazuo andou pelo mercado, apresentando-se como um comerciante de tecidos de Nagoya, de mudança para Tóquio para começar um pequeno negócio e pesquisando se havia alguém que poderia ajudá-lo. Eu andava a seu lado, recatada, usando um quimono, estampado pelo exclusivo tingimento *yusen*, com um design característico da região de Kanto. Fazia reverência e falava pouco.

Aos poucos, ele fez amizade com um lojista, que, na verdade, estava mais interessado em mim e mantinha a conversa para poder conversar comigo também. Ele concordou em nos apresentar a alguém que poderia nos ajudar. Pediu para voltarmos na manhã seguinte. Mas, antes, ofereceu-nos chá e perguntou se eu era casada.

Chegamos à sua loja na manhã seguinte e encontramos outro homem lá. Tinha mais ou menos 35 anos, pouco cabelo e olhos frios. Fomos apresentados a ele como pessoas que queriam abrir um novo negócio em Ameya-Okochi. Esse indivíduo era Kobayashi e era um membro da Yakuza – fato que ele não tentava esconder. Notei a falta de uma falange, e as sombras das tatuagens eram visíveis através de sua camisa.

– Por que quer se mudar de Nagoya? – perguntou a Kazuo.

Eu tinha preparado Kazuo.

– Os negócios não vão muito bem, e acho que não tenho contatos suficientes. Acho que um homem ambicioso precisa passar um tempo em Tóquio.

– Tenho uma loja disponível para alugar.

Ele deu um preço bastante alto. Falei suave e recatadamente e pisquei, realçando meus cílios.

– Não somos ricos, Kobayashi-sama. Por favor, reconsidere. Seremos eternamente gratos ao senhor.

Prontamente, Kobayashi reconsiderou, e logo a transação estava concluída. Expressei minha gratidão e fiz várias reverências, da maneira mais feminina e subserviente possível. Mais uma vez, o lojista e Kobayashi, que agora estavam bem mais amáveis, insistiram que tomássemos chá. Tomamos.

Montei a loja para Kazuo, convidei o lojista e Kobayashi para a inauguração formal e servi chá da maneira mais elaborada e tradicional. Acendemos incenso e rezamos juntos pelo sucesso do negócio. Apresentei a eles nosso melhor tecido, que tínhamos comprado como parte do estoque inicial. Acho que era um *tweed* inglês.

Kobayashi tornou-se um fã devoto e sempre vinha me ver. Contava histórias de suas façanhas e incidentes em crimes menores, dos quais era o cérebro, e todos ficavam impressionados com sua suposta inteligência e enorme coragem. Eu ouvia com os olhos arregalados de admiração e exclamava “oh!”, maravilhada, aqui e ali, ao mesmo tempo pensando que nunca tinha encontrado um idiota maior.

Antes que se desse conta, ele já queria me apresentar para seu chefe, Uchiyama, que supostamente

controlava os negócios na área. Um homem gosta de ter uma mulher bonita a seu lado, como símbolo de conquista e poder. Provavelmente pensou que sua influência aumentaria.

E realmente foi o que aconteceu, pois, em semanas, Uchiyama me apresentou a seu chefe, que, por sua vez, me apresentou a seu chefe. Porque eu era atraente e me comportava de maneira provocativa porém conservadora, os homens não tomavam liberdades comigo e me tratavam com respeito.

Finalmente, conheci Kiyono-san, o *saiko-komon* da Sumiyoshi-kai, em uma festa organizada por Uchiyama.

Fiz uma reverência graciosa para ele.

– Meu irmão e eu somos muito gratos por sua bondade, Kiyono-san. Nosso negócio está indo bem, e Uchiyama-san e Kobayashi-san têm sido extremamente atenciosos. Gostaríamos de poder demonstrar nossa gratidão de alguma forma.

Lisonja consegue levar você longe, dr. Watson. Massagear o ego de um homem abre muitas portas.

Então, não demorou muito para que Kiyono-san se apaixonasse e começasse a passar muito tempo comigo. Eu estava a seu lado durante suas sessões de jogos de cartas de *Oichu-Kabu*. As pessoas achavam que eu era sua amante, mas *realmente* não era. Kiyono-san gostava de mim e apreciava o jeito detalhado com o qual eu elogiava sua perspicácia para os negócios. Às vezes, quando estava mais falante e contava sobre um problema aqui ou ali, eu oferecia uma sugestão sutil que ele apreciava com prazer e, mais tarde, colocava em prática. Começou a me chamar de seu amuleto da sorte. Tudo isso em três meses, dr. Watson!

Um dia, convocou para uma reunião alguns de seus tenentes, em uma casa de jogo. Requisitou também que eu estivesse presente e servisse saquê. Concordei.

Reconheci Takada, Murakami, Kobayashi, Itoh e Sasaki, o núcleo de seu time. Servi saquê continuamente e fiz o possível para não ser notada. Os homens gostaram da atenção quase invisível.

– O projeto Europa está pronto para começar – Kiyono-san declarou para seu time, ignorando-me completamente. – Nossos planos estão organizados. Shirata-san confirmou que nossos contatos na embaixada japonesa foram ativados. Dinheiro está sendo enviado para eles. Agora, precisam fazer planos para mudarem para a Europa imediatamente. Considerem ficar lá por pelo menos um ano, talvez dois. Takada, você tem de se domiciliar em Roma. Murakami, em Paris. Itoh, em Berlim. Kobayashi, em Berna. E Sasaki, em Londres. Sabem que funções terão lá. Esperem por mais instruções. Eu viajarei para Paris, para encontrar com o professor e formalizar os preparativos. Encontrarei cada um de vocês, individualmente, na Europa para checar seu progresso.

– Quão confiantes estamos com relação aos chineses? – perguntou Takada.

– Estou convencido, e Oyabun também está. Nossa *expertise* não é o ópio. Vamos fornecer aos chineses os canais seguros que eles precisam para comercializar. Assinamos um acordo com o sindicato de Xangai. Recolhemos 20% do valor das vendas na Europa. Isso será substancial. Recebemos um milhão de dólares como garantia de boa fé.

Kiyono-san abriu inúmeros mapas, e o grupo discutiu vários planos durante a noite. Foram interrompidos por jovens que tinham acabado de completar uma cerimônia *ubitsume*. Seus rostos estavam pálidos. Tinham enrolado suas falanges dilaceradas em um pano branco macio e, com uma profunda reverência, apresentaram seus embrulhos para Itoh e Sasaki respectivamente. Ambos acenaram com indiferença e responderam com uma ligeira reverência, mostrando que tinham recebido a entrega. Sangue ainda pingava no chão. Não era uma cena bonita de se ver.

Assim, reuni os planos estratégicos do clã, Sumiyoshi-kai, da Yakuza. Também descobri que Inagawa-kai estava fazendo exatamente a mesma coisa, simplesmente para dobrar as operações. Relatei tudo isso para Oshima-san, que ficou tanto impressionado com minha eficiência, quanto extremamente

alarmado com as notícias que lhe dei.

Em seguida, ele armou o processo para a Operação Kobe55, mas o que nos faltava era uma força peculiar capaz de transformar o plano em ação. Esse vácuo foi preenchido pela adesão de Sherlock Holmes.

Meus pais ficaram doentes, de repente, nessa época (foi o que disse a Kiyono-san), e tive que deixar Tóquio por alguns meses para ficar com eles. Prometi voltar. Mas, claro, passei um tempo com Oshima-san, trabalhando nos detalhes da Operação Kobe55. Kazuo continuou com seu negócio e se deu bastante bem em Tóquio.

Mumbai

ÉP

Não gosto de cidades, meu amigo. Os caminhos dos ventos cordiais são bloqueados por prédios medonhos. As fumaças dos pensamentos malévolos de pessoas mesquinhas se acumulam e ofendem os céus. Volte para sua vila perto de Nagasaki, e descanse no orvalho da manhã da campina.

A distância, a cidade de Mumbai não parecia especialmente atraente. Os prédios pareciam desconectados e realmente feios. Estava na porta de entrada da Índia, uma terra de história incompreensível, fascinante cultura, de marajás e crenças e religiões místicas, línguas complexas e música rara. Tinha visitado aquele vasto país havia muitos anos, mas, de alguma forma, ainda parecia familiar.

O capitão tinha encontrado cada um de nós e nos dito que o navio pararia em Mumbai por apenas um dia, para reparos e para reposição do estoque de suprimentos, e partiria de novo às 2 horas da tarde, no dia seguinte. Apartamentos tinham sido reservados para nós no elegante Watson's Hotel⁶, ele disse, e nossos pertences poderiam ser levados conosco. Ele precisava preencher um relatório policial sobre o desaparecimento de David Joyce e se comunicar por telegrama com o dono do navio, em Liverpool, e o dr. James Israel também tinha que ficar a bordo para ajudá-lo com a desagradável papelada. Ele também estaria ocupado com alguns pequenos reparos nas caldeiras do navio, disse.

– Viagem está atrasada! Favor voltar rápido – pediu o capitão Groves. – Ou não teremos outra opção, senão deixá-los para trás. Mas aproveitem a cidade. Bom hotel! Excelente! Organizei um *tour* pela cidade para amanhã de manhã! Depois dele, serão trazidos de volta para cá. Em seguida, partimos.

Eram aproximadamente 10 horas da manhã quando entramos em nosso ancoradouro no porto. Algumas gaivotas cumprimentaram nossa chegada com altos grasnidos, voando próximas às águas turbulentas. Nas docas, estivadores trabalhavam duro, preparando tudo para a chegada do navio.

Os outros também pareciam contentes em desembarcar e respirar com liberdade, sem a tensão e a suspeita que tinham criado uma nuvem negra sobre o navio. O *North Star* logo foi ancorado e amarrado, e a prancha de desembarque, estendida. Os dois japoneses logo desceram, apressados, seguidos pelo Coronel Burrowe, a sra. Bryant, o sr. Shamsheer Singh e nós. Após as formalidades na alfândega, saímos na área portuária. Carruagens esperavam para nos levar e a nossos pertences, como combinado. Holmes e eu estávamos juntos em uma. O sr. Shamsheer Singh, a sra. Bryant e o Coronel Burrowe estavam em outra, e os japoneses, em uma terceira. A jornada até o hotel foi curta. Pedimos uma suíte grande, e todos logo se recolheram a seus respectivos apartamentos. Segui Holmes sem pestanejar.

Fomos levados a uma suíte no primeiro andar e nos refrescamos. Agora, preparava-me para saber o máximo possível sobre o reaparecimento misterioso de Holmes, na pele de Simon Fletcher. De comum

acordo, não tínhamos conversado sobre nada até então. Paredes têm ouvidos, até em navios, e a prioridade não era conversar, e sim simplesmente ficarmos vivos.

Alguém bateu à porta. Holmes a abriu para um garçom com uma grande bandeja, cheia de pratos exóticos, que exalavam fragrâncias incomuns. “Isto é de boas-vindas do Watson’s Hotel”, disse o jovem radiante, fazendo várias reverências e partindo, em seguida. Não estava com disposição para comer, ainda tentando assimilar o fato de que estava em companhia de um homem cuja morte eu tinha velado por tanto tempo. Estava surpreso comigo mesmo: como pude não perceber sua verdadeira identidade no *North Star*, durante todos esses dias? E, de repente, parecia que aquela suíte no Watson’s Hotel era Baker Street, nº 221B. Holmes tinha encontrado uma cadeira bem parecida com a que costumava usar e já estava acomodado com seu cachimbo. Os dois anos de ausência, tão profundamente sentida, evaporaram-se em um segundo.

– Esses dois anos foram árduos, Watson – disse Holmes. – Vi muito do mundo e defrontei-me com o comportamento humano mais obtuso e sórdido. Às vezes, fico espantado que a sociedade consiga ao menos funcionar em um nível tolerável, onde pessoas inocentes podem falar sobre as vantagens de uma existência civilizada. O Estado de Direito é a exceção, infelizmente, talvez uma inútil, fútil e frágil tentativa de resistir à esmagadora corrente de necessidades, invejas e consequente violência. O crime é endêmico. O mal está, para sempre, borbulhante em toda parte. Estamos nos enganando quando pensamos que há uma organização legal, na qual os cidadãos de bem devem ter fé, e que deve guiar os destinos individuais.

Raramente tinha ouvido Holmes falar de maneira tão amarga.

– Sem dúvida, você está chocado e confuso com minha repentina reaparição e curioso sobre meu paradeiro nos últimos anos. Tem o direito de se sentir assim, não tenho sido nem um pouco honesto com você, Watson, e sinto muito por não ter entrado em contato, apesar de ter tido vontade muitas vezes. Só meu irmão, Mycroft, e Lestrade, da Scotland Yard, sabiam que eu estava vivo, além de alguns outros, cujos nomes lhe contarei em breve. Sobre como viajei de Meiringen para Mumbai, bem, é uma longa história que precisa ser contada. Com certeza, gostaria que você a escrevesse, para seu prazer, algum dia no futuro. Primeiro, um breve resumo e vamos fazer um balanço da situação.

Sherlock Holmes passou a me contar sobre sua fuga miraculosa das Cataratas de Reichenbach e uma extraordinária viagem através da Rússia até o Japão, com uma subsequente prolongada estada na Europa, com uma identidade falsa (um americano importador de bebidas, inclusive saquê, o vinho japonês feito de arroz), e os eventos que o levaram a ser um passageiro do *North Star* (voltando ao Japão, em poder de informações delicadas, com gangues criminosas em seu encalço, que esperava poder despistar). Às vezes, a história parecia tão fantástica, que eu me perguntava se Holmes não estaria louco. Agentes secretos, uma organização criminosa – não, não uma, não duas, mas três! Operação Kobe55, Oshima, Nohara, Tsong Wang, casas de ópio, a Restauração Meiji, o Professor Moriarty – a coisa toda era desorientadora em sua complexidade! Mas Holmes nunca foi do tipo de fantasiar, sendo algo como uma máquina, nunca preocupado com nada, a não ser fatos objetivos. O leitor é direcionado aos capítulos seguintes deste livro para obter detalhes.

– Vamos agora aos eventos recentes, que são mais relevantes. Supostamente, sou Simon Fletcher nesta viagem, mas o Professor Moriarty, sentado em Paris, mais cedo ou mais tarde, descobrirá minha verdadeira identidade. Não me surpreenderia se ele já tiver descoberto, com base em relatórios que deve estar recebendo regularmente. Disto tenho certeza: os japoneses pertencem à Yakuza, e a sra. Bryant, longe de uma jovem senhora gentil e insuspeita, viajando para Xangai para dar aulas para os filhos do cônsul japonês, é uma outra pessoa. Noto uma conexão e mesmo uma mentira, mas não discutiremos isso agora. Coronel Burrowe – então, quem você pensa que ele é, Watson?

– Não saberia dizer, Holmes. Por que está desconfiado?

– Ser desconfiado está na natureza do meu trabalho, Watson. Estou surpreso que você não esteja! Vai se lembrar que ele se apresentou como sendo do regimento de artilharia Royal Horse, mas você, pelo que sei, nunca conversou com ele sobre isso no navio. Eu, por outro lado, fiz a ele algumas perguntas casuais. Se ele tivesse realmente estado na Royal Horse, saberia sobre as atividades daquele regimento na Guerra Napoleônica, quem foi General George Campbell, onde as tropas estavam estabelecidas na Inglaterra e coisas do gênero. Ele não se lembrava nem das cores do regimento da Royal Horse, que, a propósito, são azul, com detalhes dourados e vermelhos. Respondeu com desembaraço às minhas perguntas cordiais, mas, em todas, ele mentiu. Resumindo, não tinha feito seu dever de casa – a marca de um grande criminoso, com excesso de confiança, que conclui, muito erroneamente, que alguma fluência e a atitude correta sempre vão cobrir uma mentira. Que era um soldado, não tenho dúvida. Mas claramente não era quem dizia ser.

– Então, quem ele realmente é?

– Um general só é eficiente se seus assessores também forem, Watson. Esse homem é o Coronel Sebastian Moran, ex-oficial do Primeiro Batalhão dos Pioneiros de Bangalore. Por sinal, os Pioneiros são os engenheiros de um exército, e não conseguem se passar por um Artilheiro aos olhos de uma pessoa astuta. Foi condecorado no Afeganistão e participou das Batalhas de Charasiab e Sherpur, com uma posterior pretensa fama de caçador de grandes espécies. É o braço direito do Professor Moriarty, tendo entrado para a vida do crime após ter se aposentado do exército da Rainha. Triste, sim, mas essas coisas acontecem. Uma veia criminosa fica adormecida e pode ser ativada por qualquer razão desconhecida, como um homem da medicina, como você, com certeza entenderá, Watson; esse foi o caso aqui, e, rapidamente, ele se tornou assessor do Professor Moriarty, designado a executar as operações mais delicadas e audaciosas. Você deve se lembrar do sensacional roubo do anel de safira do Marquês de Kintyre, do arrojado assassinato do secretário do Duque de Roxburghe, ou mesmo do chocante sequestro do jovem filho do embaixador da Eslovênia. Ele estava por trás de todos esses incidentes ultrajantes. Precisão militar, completa ausência de vestígio – ah, eu até admiraria um homem desses, se não fosse pelo fato de ele ter cometido ou ajudado os crimes mais graves do mundo! Mas estou divagando...

Esse é um grupo perigoso, cujo objetivo, viajando juntos, é me encontrar, antes que eu chegue a Tóquio. Acho que têm outro propósito, mas ainda não tenho certeza; saberemos em breve. O inspetor David Joyce foi designado por Lestrade para me proteger e observar outros passageiros suspeitos no *North Star*, especialmente os japoneses. Tenho certeza de que o Coronel Moran e os japoneses o mataram. Acredito que, durante todo esse tempo, achavam, e ainda acham, que Shamsheer Singh é Sherlock Holmes e têm tentado encontrar maneiras de eliminá-lo. Isso pode explicar o evento em Alexandria. A faca era destinada a mim, mas o homem não é tolo. Sentiu o perigo e ainda salvou sua vida também. Sei disso, porque segui os japoneses quando saíram do navio, depois de você, e vi um deles jogar a faca. Então, escrevi o bilhete para você, pedindo que tomasse cuidado. Já sobre Hashimoto, eu sabia que era um agente secreto da embaixada japonesa de Londres, voltando para casa.

– Você se lembra, Watson, dos caracteres japoneses na folha de papel dos quais ele lhe falou? Deixe-me lembrá-lo.

Homes escreveu os números num pedaço de papel.

ヤクザ

– Os números são “893”, a “assinatura” da Yakuza, digamos assim. Explicarei mais tarde o que isso significa, mas acredite quando digo que é de extrema importância. Fui eu que pus aquele papel debaixo da porta do sr. Hashimoto, alertando-o para a provável e iminente presença da Yakuza no navio; já sabia que os japoneses deveriam se juntar a nós em Marselha, pois Lestrade me tinha avisado. O sr. Hashimoto não tinha como saber que *eu* o tinha advertido, imagino. Quando ele faleceu, deixou uma pista para quem pudesse entender: escreveu os mesmos números em outra folha de papel, com seu próprio sangue, para declarar que tinha sido assassinado pela Yakuza.

– Isso é de arrepiar os cabelos, Holmes!

– Estou sendo perseguido, Watson, porque tenho informações que destruirão a base de uma conspiração criminoso com objetivos muito graves. Tive que partir porque minha identidade estava comprometida. Se chegar ao Japão e informar às autoridades, atrapalharei alguns indivíduos, e eles não ficarão contentes. Pelos meus cálculos, devemos chegar a Tóquio e entregar as informações em 10 de agosto, que é o dia de chegada do *North Star* em Yokohama. O festival de *Obon*, que é o período de férias japonesas, começa logo em seguida, e a maioria dos japoneses estarão viajando por longos períodos. Seria uma época perigosa para nós e talvez para outros.

Muitas coisas ficarão claras enquanto viajamos e quando finalmente chegarmos a Yokohama, Watson. Se chegarmos a Yokohama. E, depois, Tóquio, onde temos que encontrar meu amigo, sr. Oshima, e entregar-lhe imediatamente a informação de que ele precisa. Manterei esse segredo até de você, porque é muito delicado, e mesmo sua vida pode estar em perigo, se descobrirem que sabe de coisas que não deveria. Sei que não se importará.

– Claro, Holmes. Respeito sua posição.

– Obrigado, Watson. Voltando à nossa atual incômoda situação...

– E o sr. Shamsheer Singh, Holmes? – interrompi. – Ele é quem diz ser, você acha?

– Acho que sim, Watson. É impossível ter 100% de certeza, claro, mas acredito que ele realmente seja assistente do marajá de Patiala. Atitude, linguagem, autoridade – tudo indica que é um homem de grande conteúdo e comando. Minha única preocupação é que ele não perca a vida simplesmente porque o Coronel Moran suspeita que ele seja eu.

– Qual é o próximo passo, então?

– A resposta está clara em minha mente, Watson, e peço sua opinião. Penso que deveríamos escapar do Coronel Moran, de Clara Bryant e dos japoneses em Mumbai. Não deveríamos continuar nossa viagem em um navio onde não temos nenhuma vantagem, exceto, talvez, nossos cérebros. Uma coisa é ser corajoso, outra é ser imprudente, em uma posição de desvantagem e sem segurança. Se eventos acontecerem em um navio mercante, em pleno oceano, a centenas de quilômetros de postos avançados da civilização, não há recurso nem proteção. A presença forte de Shamsheer Singh também fará falta – ele está planejando ficar no hotel durante o resto do dia e pegar um trem para Deli e Patiala, mais tarde na noite, se minha memória não me falha. Isso, se ele não for assassinado até lá. Deveríamos aparecer no último minuto, fingindo estar doentes, e pegar o próximo navio para Yokohama – que deve ser daqui a poucos dias. Até lá, continuarei a ser o enfadonho, monótono e anônimo banqueiro, Simon Fletcher.

– Seu raciocínio é sempre lúcido, Holmes.

– Obrigado, Watson. Vamos nos refrescar e comer alguma coisa leve, se você estiver disposto.

Levantei-me e andei até a mesa onde, mais cedo, o garçom tinha colocado a comida.

Holmes se adiantou e me segurou.

– Não tão rápido, Watson. Não confie em ninguém.

Ele pegou uma colher cheia do cheiroso arroz *pilaf* e foi até a varanda, onde havia vários pombos. Espalhou o arroz no chão e esperou. Um pombo aproximou-se, corajoso, para experimentar os grãos de

arroz, enquanto o resto manteve distância. Em um minuto, o pássaro estava agonizando e, enquanto olhávamos, chocados, ele caiu para o lado, morto.

Holmes e eu nos olhamos. Não havia nada a dizer.

Espantamos os outros pássaros e limpamos o arroz envenenado, colocando o pombo morto cuidadosamente em uma pequena caixa.

– Bem – Holmes levantou os ombros –, sinto pela morte desnecessária do pássaro. Mas isso comprova nossas preocupações. Alguém realmente não nos quer vivos. Na melhor das hipóteses, querem nos incapacitar. Talvez possamos usar isso para nosso próprio benefício; veremos. Vamos descer para o *lobby*.

Descemos, e ficamos aliviados ao vermos o sr. Shamsheer Singh sentado a uma mesa, folheando um jornal, que pôs de lado quando chegamos.

– Ah, cavalheiros! Bem-vindos! Juntem-se a mim para almoçar – disse, sorrindo.

Aceitamos o convite. À distância, vimos os dois japoneses comendo a uma mesa, e a sra. Bryant e o Coronel Moran, à outra, inclinados e absortos em uma conversa; eles não nos tinham visto.

Apreciamos nossa refeição temperada e apetitosa. O sr. Singh nos contou que estava partindo à noite para Deli e, de lá, para Patiala.

– Há muito tempo estou longe de casa, cavalheiros. Sinto falta da comida e da cultura animada do meu povo, como os senhores devem sentir da sua própria agora.

– Os ingleses não são famosos por serem sociáveis e espontâneos, sr. Singh – observou Holmes, com um leve sorriso.

Falamos longamente sobre nossa estranha viagem de Liverpool. Ele mostrou angústia com relação às duas mortes a bordo do *North Star* e o espantoso assassinato em Alexandria.

– Precisamos estar sempre vigilantes. Quem pode dizer quando seremos atacados e por que razão? A atmosfera aqui na Índia engana. Os senhores podem pensar que somos um povo pacífico, impregnado de misticismo dócil, mas isso não poderia estar mais longe da verdade. A violência está em cada esquina. Não confiem em ninguém. Espero que tenham uma viagem agradável até o Japão, sr. Fletcher e dr. Watson. Sempre quis visitar aquele país. Talvez, quando estiverem voltando, deem-me o prazer de me visitarem em Patiala. Seria uma honra recebê-los. Irão gostar muito da experiência, posso assegurar.

– A que horas é seu trem, sr. Singh? – perguntou Holmes.

– Às seis horas da tarde. O hotel me fez a gentileza de comprar a passagem essa manhã.

– Gostaria de acompanhá-lo até a estação, se o senhor não vir nenhum inconveniente. Isso me daria também uma oportunidade de ver a cidade.

– Se não for nenhum incômodo, ficarei muito contente com a companhia.

Fiquei surpreso com a demonstração de cordialidade de Holmes. Por que ele se daria o trabalho de acompanhar alguém praticamente estranho até a estação de trem? Mas estava cansado demais para pensar e, em vez disso, concentrei-me na refeição. Sherlock Holmes e Shamsheer Singh falaram sobre vários assuntos, como a questão da cidade de Cawnpore, os recentes pronunciamentos do governador-geral Lansdowne, a campanha militar em andamento nas áreas da província da Fronteira, a turbulência criada pelo ornitólogo e político inglês Allan Octavian Hume e outros tópicos políticos frequentes na Índia Britânica. Eu me perguntava como Holmes sempre tinha um reservatório de informações sobre quase qualquer coisa. Finalmente, terminamos e andamos de volta para nossos quartos. Ainda eram mais ou menos 2 horas da tarde, mas decidi descansar um pouco em uma cama que não balançasse, para variar.

Acordei de repente e percebi que meu breve cochilo tinha-se estendido por umas boas três horas. Holmes não estava lá. Tinha deixado um bilhete na mesa: “Fui acompanhar Shamsheer Singh à estação. Voltarei em breve”.

Abri as janelas e olhei para a cidade lá fora. Os pombos tinham se acalmado, mas as ruas ainda estavam cheias. Era barulhento, sujo, mas encantador. Carruagens puxadas por cavalos, mulheres passeando com *saris* coloridos, cachorros deitados tranquilos aqui e ali, vacas ruminando à vontade – tudo muito diferente de Londres.

Aproveitei para organizar minhas contas e escrevi uma carta para minha esposa, informando-a da minha chegada à Índia, evitando mencionar a aparição tipo fênix de Sherlock Holmes. Eu a teria deixado preocupada, e percebi que a existência de Holmes ainda deveria permanecer encoberta.

De repente, ouvi um arranhar bem abafado. Virei-me para a porta; o barulho com certeza estava vindo daquela direção. Vi a maçaneta sendo girada bem devagar, em uma tentativa de forçá-la a abrir.

– Quem está aí? – gritei.

O barulho parou imediatamente, e ouvi o bater de pés ao longo do corredor. Corri para a porta, abri e saí. Não tinha ninguém à vista. Examinei a fechadura na porta – havia clara evidência de arranhões recentes no metal.

Tranquei a porta pelo lado de fora e descii para relatar a questão para o jovem gerente, Charles Atwood. Ele ficou extremamente envergonhado, pediu muitas desculpas e subiu ao apartamento com mais dois funcionários. Eles examinaram a porta e concluíram que uma tentativa de invasão tinha realmente acontecido. Ele pediu desculpas novamente. “Mil perdões, dr. Watson. Estou chocado, extremamente chocado! Primeira vez que uma coisa dessas acontece no Watson’s Hotel! Pretendo instituir investigações...” Assegurou-me que um guarda seria posto do lado de fora, pelo restante de nossa estadia. Entrei e tranquei a porta de novo, bastante perturbado, esperando que Holmes voltasse logo.

Holmes retornou por volta das sete horas, depois de acompanhar Shamsheer Singh.

– O que é aquele homem do lado de fora, Watson? – perguntou, ao entrar e fechar a porta.

Contei-lhe sobre o incidente.

– Bem, com certeza alguém, que não sabemos quem é, não nos quer por aqui – ele disse. – Deveria ter dado a você meu revólver extra, Watson. De qualquer forma, há probabilidade de uma nova ocorrência, agora, que estamos os dois aqui. Acompanhei Shamsheer Singh à Estação Victoria, Watson. Tivemos uma conversa muito interessante. Ele é, como você deve concordar, uma pessoa extremamente bem informada. E o marajá tem um interesse incomum por carros e paixão por polo, além de ter um harém enorme.

Tenho quase certeza de que fomos seguidos do hotel, por um curto período de tempo. Uma vez que o perseguidor – seja lá quem for – nos viu de uma distância segura, talvez tenha achado que o apartamento estivesse vazio e tentou abrir a porta. Ele queria revistar o quarto, talvez? Temos alguma coisa de valor aqui, além do meu Stradivarius? Bem, talvez nunca saibamos. Tive a oportunidade de ver a cidade e fazer algumas perguntas. Não tenho mais nenhuma dúvida agora. Não podemos embarcar no *North Star* e devemos pegar o próximo navio para Yokohama. Mas precisamos de um plano – acho que tenho um, mas devo pensar um pouco mais. Temos pouquíssimo tempo.

– Estão nos esperando para algum tipo de *tour* pela cidade amanhã, organizado pelo hotel – lembrei a Holmes.

– Interessante. Bom, isso me dá uma ideia. Acho improvável que um atentado contra nós seja feito em Mumbai. Uma tentativa de nos atrasar, causando um problema de estômago por leve envenenamento, é uma coisa, mas mais um assassinato é diferente. Se nos ferirem, seus próprios planos de viajarem para Yokohama ficariam prejudicados, e o capitão teria o direito de impedi-los de embarcar, com os argumentos concretos de suspeita e segurança. Na verdade, tenho certeza de que ele o faria. Passei pelo *North Star* agora, para ver como as coisas estavam indo com os reparos, e o vi conversando com a polícia. Ele me disse que tinha relatado a questão em detalhes e contratado alguns guardas para seguir no

navio durante o restante da viagem. Insinuei que você não estava bem. Ele sugeriu – com algum entusiasmo – que se você continuasse na mesma condição, seria aconselhável fazer uma pausa na viagem em Mumbai e pegar o próximo navio de passageiros. Acho que agora ele prefere viajar sem passageiros e ficaria feliz só com carga!

Encerramos aquele dia, cheio de eventos, com uma conferência rigorosa em nossas contas e fizemos várias anotações em nossos diários pessoais. Holmes tivera a consideração de trazer um jantar para nós, de um lugar ao qual ele se referiu como um “restaurante iraniano”.

– Não podemos nos arriscar jantando aqui, Watson – disse.

Atwood bateu à porta e insistiu que descêssemos até o *lobby* para um concerto especial que ele tinha organizado. Sentia-se mal pela tentativa de invasão e estava fazendo o possível para nos recompensar.

– Um concerto de música e dança indiana exclusivamente para os senhores, cavalheiros, com os cumprimentos do Watson’s Hotel. Acho que vão apreciar muitíssimo. E dois guardas ficarão de plantão aqui, não temam!

Holmes não era do tipo de recusar um convite para ouvir música. Apreciamos o gesto de Atwood e descemos para o *lobby*. Outros poucos hóspedes tinham-se reunido, mas o Coronel Burrowe, a sra. Bryant e os dois japoneses não estavam presentes.

Um pequeno grupo de músicos indianos entrou e sentou-se em uma plataforma elevada. Então, por aproximadamente uma hora, ouvimos um senhor cantar de forma muito peculiar, balançando seus braços no ar de tempos em tempos, enquanto mantinha o ritmo com um instrumento de percussão chamado tabla. Às vezes, ele rugia, às vezes, sussurrava. Fazia careta, franzia a testa, ria, chorava, pulava, inclinava-se para trás e punha a mão sobre o ouvido, como se não aguentasse ouvir seu próprio canto. Havia também um instrumento de corda chamado sarangi, que estava sendo tocado por um senhor idoso, que parecia ter dormido, debruçado sobre ele. O som do sarangi era estridente, horroroso e com certeza assustador, quiçá diabólico. O senhor tentava, em vão, seguir as explosões histéricas do cantor, mas falhava repetidamente. Um jovem tocava tabla com entusiasmo e vigor, e sorria várias vezes para nós, no público, esperando captar nossa apreciação. A certa altura, o cantor pareceu apontar para mim, e sua voz atingiu alturas ensurdecedoras, quase uma ameaça, simplesmente para ser seguida por um tipo de sussurro bajulador. O público parecia estar gostando. Mas eu estava perplexo, e até um pouco apreensivo. Não conseguia entender nada da elaboração caótica dos sons e da cantoria próxima da violência, mas Holmes parecia apreciar imensamente. Não havia partitura, mas a trupe parecia continuar e continuar, repetindo como refrão uma sequência bem particular. Achei aquilo um pouco cansativo, enquanto Holmes estava enfeitiçado. Depois do concerto, foi até os músicos e conversou com eles, perguntando sobre os instrumentos e a música. Fiquei feliz quando, finalmente, voltamos para a suíte, onde os guardas esperavam nossa volta. Muito tempo depois, fiquei sabendo que o cantor era famoso por um tipo musical conhecido na Índia como *thumri*, e a apresentação tinha sido essencialmente romântica, uma explicação que achei surpreendente. Eu tinha ficado com uma dor de cabeça de matar.

O dia seguinte prometia ser cheio. Holmes explicou seu plano, e concordei que parecia ousado e viável.

De manhã, tendo feito as malas com cuidado, descemos para o *lobby* do hotel e nos juntamos a nossos colegas passageiros, no salão de jantar. Os dois japoneses estavam em outra mesa, numa conversa tensa. Moran ainda não tinha chegado. Clara Bryant estava mais charmosa do que nunca. Cumprimentou-nos efusivamente e contou sobre a aventura de compras, à qual tinha ido na noite anterior.

– Uma cidade excitante, dr. Watson. Cheia de lugares e mercados interessantes. Visitei um lugar chamado Crawford Market e comprei várias antiguidades. Um país fascinante, não acham?

Valorizava o fato de ela ter tanta energia naquela altura da vida.

– Com certeza, parece que sim. A senhora realmente gosta bastante de fazer compras, sra. Bryant!

Lembro-me de nossa pequena aventura em Alexandria.

– Ah, sim! – disse, com um sorriso totalmente cativante. – Mas por onde esteve, dr. Watson? Acho que o vi no almoço ontem.

– Uma situação delicada, sra. Bryant. Alguma coisa que comi parece não me ter feito bem.

– Oh, não! – ela balançou a cabeça com verdadeira preocupação. – Isso é a Índia e os trópicos, o senhor sabe. Temos sempre que tomar cuidado extra. Sempre carrego bicarbonato de sódio comigo; gostaria de tomar um pouco?

Ela tinha olhos azuis muito expressivos.

– Já tomei, obrigado. Ainda estou um pouco tonto, mas preciso me recuperar e estar pronto para embarcar no *North Star* esta tarde.

– O senhor é um homem corajoso, dr. Watson!

Holmes interveio:

– Isso ele realmente é. A senhora sabia que tivemos uma tentativa de invasão a nossa suíte na noite passada? O dr. Watson aqui teve a presença de espírito de impedir as tentativas dos bandidos. Não os avisei sobre os nativos? Não podemos confiar neles!

– Estou chocada! Mas isso é muito cruel, sr. Fletcher. Acho as pessoas aqui muito simpáticas – disse a sra. Bryant, amável. – Como sabe que foi um nativo?

Holmes deu de ombro.

– Quem mais seria tão audacioso? O sr. Singh nos alertou também, logo antes de partir.

– Ele partiu? – exclamou a sra. Bryant, com surpresa nos olhos. – Que cavalheiro charmoso ele é! Não tive a oportunidade de me despedir.

– Sim, ele foi para Deli ontem. Quase um inglês, eu pensei. Sua linguagem, suas maneiras; muito elegante – observei.

Moran se juntou a nós à mesa e expressou sua felicidade em estar indo embora naquela tarde.

– Mal posso esperar para chegar a Penang e relaxar em uma rede! – disse.

A conversa foi casual. Íamos fazer um pequeno *tour* pela cidade, antes de voltar e partir para o porto. Eu fazia uma careta, ocasionalmente, e punha a mão no estômago, e todos olhavam para mim com dó. Recusei comer muito e tomei uns goles de chá.

– Seu nome é muito familiar, dr. Watson – disse a sra. Bryant, de repente. – Por que tenho a sensação de que já o ouvi antes?

– Não saberia dizer. Mas talvez tenha lido uma de minhas crônicas das aventuras do meu amigo, o falecido Sherlock Holmes.

– Ah, sim! – disse o Coronel Moran. – Ele morreu há dois ou três anos, não? Uma situação desastrosa na Suíça, se me lembro bem.

– Verdade. Éramos grandes amigos. Um indivíduo da maior astúcia e inteligência.

– Seu corpo foi encontrado?

Balancei a cabeça.

– Não. É uma situação muito trágica.

– Ah, vejo que as carruagens chegaram. Hora de nosso pequeno *tour* por Mumbai. Vai conosco, dr. Watson?

– Não perderia isso por nada no mundo – disse, com um riso forçado.

Entramos nas duas carruagens que o hotel tinha arranjado para nós e partimos. Os dois japoneses e o Coronel Burrowe estavam em uma, e Holmes, Clara Bryant e eu, em outra.

Fomos a vários lugares de interesse – a praia de Juhu, o Templo Hindu Mumba Devi (só do lado de fora), a Mesquita Haji Ali (também, só do lado de fora) e muitos outros. Na praia de Chowpatty, vários vendedores ambulantes sugeriram que experimentássemos uma iguaria local chamada *bhel puri*. Somente Holmes e os japoneses tiveram coragem de se arriscar (o processo de preparação parecia anti-higiênico ao extremo) e apreciaram muito. Enquanto isso, continuei a gemer e a apertar meu estômago.

Finalmente, declarei, em uma voz fraca e trêmula, que voltaria para o hotel, descansaria um pouco e iria direto para o *North Star*. Já eram mais ou menos dez e meia. A expedição deveria ainda levar uma hora. A sra. Bryant ficou chocada que estivéssemos voltando para o hotel, logo quando chegávamos ao fascinante Bazar Chor (um lugar onde ladrões revendem suas aquisições ilegais às escondidas, com um lucro modesto, e onde, fiquei chocado em saber, alguns dos violinos roubados da Rainha Victoria tinham reaparecido – mas eu divago). Holmes foi muito solícito e me ajudou a subir de volta na carruagem, e voltamos ao hotel. Quando os cavalos começaram a galopar, ele olhou para trás por um segundo. Clara Bryant estava conversando com o Coronel, enquanto os japoneses tinham desaparecido para dentro do mercado.

– Coronel Moran não é tolo, Watson – disse Holmes, seu rosto sério e sombrio. – Ele sabe quem sou. Ter-me por perto foi reconfortante para ele; em nossa ausência, sentirá que há alguma ação em andamento. Suas habilidades teatrais são impressionantes, por sinal. Preciso recomendar seus talentos para o Shakespeare Theatre, quando voltarmos a Londres! Agora, vamos correr para o hotel e pegar a carruagem para o *North Star*. Cada segundo é importante!

Chegamos ao hotel e trouxemos nossa bagagem para o *lobby*. Enquanto acertávamos nossas contas, informamos a Atwood que estávamos indo mais cedo para o *North Star*. Atwood estava ansioso e solícito.

– Espero que sua breve estadia tenha sido agradável, sr. Fletcher. Também sinto muito pelo incidente de ontem, dr. Watson. Tem certeza de que não gostaria de ser examinado por um médico? Posso trazer um imediatamente.

– Obrigado, mas preciso recusar. Esta viagem é importantíssima, infelizmente. Descansarei a bordo. Obrigado novamente.

Sáímos, e a carruagem chegou ao porto de Mumbai, onde descemos. Demos uma gorjeta para o cocheiro, depois de nossa bagagem ser descarregada, e nos despedimos dele. Ficamos examinando nossos pertences, enquanto Holmes observava, discretamente, a partida da carruagem.

– O cocheiro não está mais à vista – disse Holmes. – Precisamos agir!

Ele fez uso de um aparato local muito mais humilde, uma *tonga* puxada por cavalos, sobre a qual pôs nossos pertences. Em seguida, seguimos rapidamente em uma direção contrária ao porto, sem chance de sermos interceptados.

Nota: Alguns anos mais tarde, encontrei Atwood por acaso, na Galeria de Répteis do Museu de História Natural de Londres. Ele não tinha mudado muito e estava exuberante como sempre. Lembrava-se bem de mim e do jeito como Holmes e eu tínhamos deixado o hotel para ir para o porto.

Disse que o outro grupo tinha voltado rapidamente ao Watson's Hotel, depois do *tour* da cidade. Quando desembarcaram, perguntaram sobre nós.

Ele lhes disse que nós tínhamos insistido em ir para o navio, pois o dr. Watson preferia descansar a bordo. A sra. Bryant pediu que ele checasse se o cocheiro os tinha realmente deixado no porto. Ela pareceu muito contente em ouvir a confirmação. Por alguma razão, o Coronel Moran não estava igualmente entusiasmado.

Atwood disse-lhe que era sempre um prazer ver tanta camaradagem entre passageiros. Ele supunha que viagens tão longas nutriam amizades.

– De fato – respondeu Coronel Moran, sombrio, entrando no hotel.

– Sujeito bizarro, dr. Watson – disse Atwood, voltando ao presente. – Eu me pergunto por onde anda.

6 Uma mera coincidência.

Uma jornada pela Índia



*Tão velha é aquela terra,
aquela alma de humanidade, meu amigo,
que é preciso perguntar às pedras e à brisa se elas
sabem sua idade. Reze para Buda em Quioto,
e ele lhe dirá para viajar para a Índia e
rezar para ele lá também. Vamos?*

– Nem um momento a perder, Watson! – gritou Holmes, enquanto corríamos para longe do porto de Mumbai. – Cheque nossa bagagem de novo, por favor. Há um trem para Calcutá, saindo da Estação Victoria em apenas quarenta minutos. Comprei as passagens ontem, quando levei Shamsheer Singh. Precisamos partir, antes que notem que não estamos no *North Star*!

Tínhamos escapado de nossos colegas passageiros, curiosos e bastante malignos. Imaginei que o Coronel Moran ficaria mortificado com nosso golpe e teria um enfarte.

– Mas o homem é esperto, Watson. Nunca é uma boa ideia subestimá-lo ou ao Professor Moriarty. Vamos ver o que vai acontecer.

Holmes estava completamente indiferente ao caos, ao barulho e ao cheiro a nosso redor. Para mim, a Índia era impressionante, mesmo naquele momento tenso. O *tonga-wallah*, o cocheiro da *tonga*, encontrou espaço na frente, onde não havia nenhum. Cachorros, vacas, outras *tongas*, os gritos dos operadores de riquexó, a infinita gritaria e *click-clack* dos veículos, a extraordinária massa e o turbilhão de pessoas, a absoluta despreocupação de todos ao cruzarem as ruas estreitas, a segundos e centímetros da morte – aquilo era inacreditável. Vi alguns homens santos, sentados no meio da calçada, ignorando os pedestres, que, por sua vez, passavam por eles sem reclamar. Apesar de ter vivenciado combates no Afeganistão e estar minimamente familiarizado com Karachi e Lahore, nunca realmente tinha visto esse lado da vida na Índia.

Durante a louca corrida para a Estação Victoria, Holmes era o retrato da tranquilidade. O balançar violento da *tonga* não o perturbava. Ele permanecia sentado como um nobre, o queixo afundado no peito, em uma posição clássica de repouso, que significava que estava pensando. Do mesmo jeito, ele poderia estar sentado em um táxi cabriolé em Londres, ou em sua cadeira na Baker Street, nº 221B. Sua mente perspicaz estava processando fatos, encontrando soluções, eliminando informações inúteis, determinando a melhor e mais vantajosa estratégia.

– Por favor, segure firme meu Stradivarius, meu caro amigo – exclamou, mais alto do que o burburinho a nossa volta. – É um instrumento excêntrico e sensível, não está acostumado a tanto caos, calor e umidade.

– Eu o guardarei com minha vida, Holmes. Mostre o caminho, eu o seguirei, com o violino na mão! – gritei, quase sendo jogado para fora da *tonga*, enquanto vencíamos um enorme buraco.

– Você tem alguma opinião sobre a música clássica indiana, Watson? – perguntou ele de repente, exatamente quando a carruagem passava sobre outro buraco grande, com um solavanco forte e total indiferença por nosso bem-estar. – Achei o concerto extremamente encantador.

– Não faço nenhuma ideia, Holmes – gritei, segurando meu chapéu e minha sanidade. – Não entendo a música deles e não compreendi nada na noite passada. Tudo que pareciam fazer era gritar!

– Uma conclusão lamentável, Watson. Tenho a opinião bem contrária – disse Holmes, em um tom desaprovador.

– Um país incomum, Watson – continuou, no seu tom normal. – A música é um gosto adquirido, mas é bastante encantadora. Os hindus juntaram religião e melodia e criaram uma mistura poderosa. Espero pesquisar essa questão e escrever uma monografia, quando terminarmos nossa jornada, claro, para tentar entender suas melodias em meu violino. Mas, por outro lado, há o pequeno desafio de chegarmos a Tóquio inteiros, o mais rápido possível.

– Holmes! – gritei, irritado – Como pode pensar em monografias numa hora destas?

– Não há nenhum momento, meu caro Watson – disse Holmes, com uma voz equilibrada, indiferente ao relinchar incomodado do cavalo, ao passar por uma vaca esvaziando seu intestino casualmente no meio da rua –, em que não pense em monografias. Conhecimento precisa ser capturado e distribuído generosamente. Esse é o meio escolhido por mim para disseminar tudo que aprendi com minhas experiências.

O *tonga-wallah* estava gritando com toda a força dos pulmões, pedindo passagem. Outros indivíduos, também furiosos, gritavam de volta. Eu mal podia ouvir minha voz. Ao meu lado, estava um homem observando a musicalidade dos nativos.

Chegamos à Estação Victoria e, enquanto Holmes pagava a corrida de *tonga*, juntei nossos pertences e fui até a plataforma onde nosso trem Mumbai-Calcutá estava esperando para partir. A estação estava completamente entupida de gente: comparadas a ela, as ruas de Mumbai pareciam desertas. Empurramos as pessoas e nos esprememos, tentando abrir caminho, ignorando os pedintes que nos tinham visto e esperavam se beneficiar de nossa bondade. Holmes se movia rapidamente, como se nada estivesse acontecendo. Em poucos minutos, encontramos o vagão da primeira classe e nossa cabine e nos acomodamos. Holmes fechou a janela, apesar de o clima estar quente e abafado.

– Uma precaução, Watson. Quem sabe quem está nos observando?

O trem logo deixou o caos da estação e estabeleceu um ritmo lento mas constante. Holmes abriu a janela, e ambos olhamos para fora, enquanto o trem se movia pela excitante cidade de Mumbai. Ficamos algum tempo em silêncio, repensando os extraordinários eventos do dia anterior.

– Podemos ter escapado deles por enquanto, Watson, mas não devemos tirar nenhuma conclusão, nem baixar a guarda – disse Holmes, sentando-se em seu leito.

– Concordo – respondi. – Eles não vão demorar a descobrir que não embarcamos no *North Star*.

Holmes tirou um mapa da Índia de seu bolso e o abriu. Apontou para Mumbai com seu cachimbo e traçou a provável jornada.

– Nosso trem nos leva ao entroncamento ferroviário de Itarsi, depois, Jubbulpore e, de lá, para as Províncias Centrais e o entroncamento Mughal Sarai², perto de Varanasi. De lá, continuamos até Calcutá e planejamos nossos próximos passos. Ainda não tenho certeza se estamos sendo seguidos, mas não vou deixar nada ao acaso. Devemos pensar em um disfarce, logo que possível – estamos muito expostos, e a notícia de dois ingleses, viajando no interior do país, com certeza levará a comentários. De qualquer forma, Watson, esse breve intervalo nos dá algum tempo para avaliarmos os fatos e criar uma estratégia. Como podemos chegar a Tóquio o mais rápido possível, encontrar o sr. Oshima e entregar as informações necessárias para que ele aja? O Professor Moriarty não é tolo; a menos que tenha uma prova

cabal, não acreditará que embarcamos no navio de Mumbai para Yokohama. Então, acho que o perigo espera por nós em todos os lugares. Seu *network* certamente se estende à Índia. Ele pode nos interceptar, planejar acidentes casuais, atrair-nos para armadilhas. Ah, um adversário realmente muito astuto!

Ele pitou seu cachimbo, com os olhos perdidos. Mais algum tempo se passou em silêncio.

Eu também me encostei, analisando a situação. Toda a viagem desde Liverpool tinha sido uma série de eventos inesperados. O sr. Singh, a sra. Bryant, o assassinato de meu amigo Hashimoto, os acontecimentos de Alexandria e de Mumbai. O inexplicável comportamento dos japoneses tatuados e a inesperada revelação sobre a conexão da sra. Bryant com os japoneses. Refletia filosoficamente. Nada é o que parece ser. Os modelos de conduta de uma cultura são muito diferentes dos de outra. Vejo uma pessoa – mas ela é realmente quem diz ser? Você pode confiar em seus olhos e nos outros sentidos? Nós nos treinamos para ver o que queremos ver? Quais são os vários tons de cinza nas condutas, nas relações, nos significados e na importância das palavras? Por que estava convencido de que Shamsheer Singh era Holmes, quando, na verdade, não era? Por que não fui capaz de perceber que Simon Fletcher era, ele sim, Sherlock Holmes? Qual é a verdade sobre qualquer coisa? E, então, meus pensamentos vaguearam. Abri uma velha edição do jornal *Times of India*, que tinha pegado em Mumbai, e comecei a ler, distraidamente.

O trem continuava, o *click-clack* de seu movimento era um pano de fundo agradável para meus pensamentos. Depois de aproximadamente uma hora, Holmes falou.

– Sua esposa é uma mulher corajosa e inteligente, Watson. Tem condições de cuidar de si mesma.

– Sim, sim, isso ela é, você tem razão... mas por que diabos você sabia que eu estava preocupado com minha esposa, Holmes? Isso é inacreditável! – estava assombrado.

– Se eu lhe contar como deduzi esse fato, vai dizer que foi absurdamente simplório, Watson.

– Óbvio que não, Holmes. Você me aflige!

– Bem, veremos. Vi o artigo no *Times of India*, que relatava a morte do sr. Hashimoto no *North Star*. Deixe-me lê-lo de novo para você.

De nosso correspondente em Londres: Os leitores se lembrarão de nossa recente matéria sobre o misterioso assassinato do sr. Kazushi Hashimoto, um executivo japonês que voltava para Yokohama a bordo do *North Star*. As circunstâncias peculiares referentes à descoberta do crime já foram detalhadas nesta coluna. Desde então, nosso correspondente descobriu que dr. John Watson, o médico e antigo confidente do falecido Sherlock Holmes, dividia a cabine com o sr. Hashimoto e estava bastante perturbado com o incidente chocante que ocorreu a menos de 6 metros dele, quando dormia em sua cama. A investigação do caso continua em Alexandria, sob a supervisão do formidável inspetor G. Lestrade, de nossa Scotland Yard. Nossas fontes nos dizem que o cavalheiro japonês poderia ser, de fato, um diplomata viajando com uma falsa identidade, mas ainda não temos uma confirmação sobre isso. Além disso, se for verdade, não podemos fazer nenhuma conjectura sobre por que tal estratégia teria sido necessário. Continuaremos nosso empenho para manter nossos leitores informados sobre futuras revelações desse terrível caso.

– Isso obviamente causou-lhe preocupação, já que você deduziu que sua esposa pode ter lido essa mesma notícia. Estamos lendo isso vários dias após a reportagem ter sido enviada de Londres. Vi você

checar a data do jornal duas vezes, então seus olhos perderam-se no teto, enquanto calculava os dias. Depois, fechou o jornal – tinha um olhar preocupado. Em seguida, olhou para seu relógio de bolso por bastante tempo. Sei que ele foi um presente de sua esposa e que tem grande valor sentimental para você. Então, fechou os olhos por um momento e balançou a cabeça. Concluí que seus pensamentos estavam com ela.

– Absurdamente simples, Holmes!

– Exatamente como tinha predito – Holmes respondeu, com um sorriso forçado.

– Sugeriria que envie uma carta para ela da próxima estação, se tiver algum tempo, só para assegurá-la de que está bem. Não dê nenhum detalhe.

O atendente, um senhor idoso, alto e magro, com olhos lacrimejantes, entrou para checar se estávamos bem. Era bastante servil, como é normal nesta classe de indivíduos. Seu nome era Rahman Kahn, disse ele, em um inglês mal falado e com um sotaque forte.

– Eu ajudo senhores. Que vão querer para janta esta noite, *Sahib*? Vegetariano? Não vegetariano, senhor quer, *Sahib*?

– Vegetariano, por favor – respondeu Holmes.

Olhei para ele de relance, surpreso.

Rahman Khan saiu, fazendo várias reverências e prometendo voltar em meia hora, depois de olhar seu relógio de bolso. Ele se abaixou para pegar um pedaço de papel caído no chão e entregou-o a Holmes. Em seguida, saiu.

– Vegetarianismo, Holmes? Você me surpreende! Sempre se deleitou com carne, bacon e ovos.

– Watson, em tempos de viagens não planejadas e perigo, quando se precisa de força mais do que qualquer outra coisa, é mais seguro não consumir carne. Você mesmo comentou sobre a higiene deste lugar.

– É verdade, Holmes. Doenças tropicais e uma noção duvidosa de limpeza, especialmente em público, são coisas contra as quais precisamos nos prevenir.

– Além disso, Watson, recentemente desenvolvi uma nova perspectiva sobre o conceito de vegetarianismo. Concluí que, havendo escolha, é muito mais racional e ético não destruir a vida animal para consumo pessoal. Talvez eu tenha sido influenciado por minha estada na Ásia, ou, mais especificamente, pelas observações espirituais das religiões orientais que não veem dificuldade em equiparar todas as formas de vida, não dando valor maior à humanidade. No entanto, não gostaria de discutir isso com você, neste momento. Vamos ver até onde vou progredir. Seja como for, você está ciente do meu novo ponto de vista, de acordo com o qual comer pouco efetivamente estimula o cérebro e estimula o pensamento.

– Certamente, Holmes.

Rahman Khan voltou com nosso jantar e pousou nossos talheres e pratos. Havia um tipo de pão local, um *dal* amarelado – um tipo de sopa de lentilhas – batatas com espinafre, um tipo de *chutney* picante e salada. Uma refeição apetitosa.

– Um homem interessante, nosso amigo aqui – comentou Holmes, durante o jantar. – Tem alguma opinião sobre ele, Watson?

– Além de que tem provavelmente uns sessenta anos, não.

– Posso contar-lhe mais. Esse é um homem que já teve dias melhores, gosta de criar pombos e provavelmente, em sua juventude, foi esfaqueado no estômago.

– Holmes! Isso é impossível!

– Com certeza, meu caro Watson. Não insistirei. Mas, sem dúvida, não há outra explicação para os seus sapatos estarem quase acabados e ele ainda os polir tão bem; ou para ele só possuir um relógio de

bolso – que deve ser bem raro – e ser nada menos que um Emery. Não é difícil perceber que ele cria pombos; é possível notar várias penas finas em seu uniforme e sentir o leve aroma peculiar do pássaro nele.

– Agora que você comentou, parece bem óbvio. Mas ter sido esfaqueado no estômago?

– Uma vez perfurada, a carne nunca recupera completamente sua elasticidade. Viu-o abaixar-se, com alguma dificuldade, para pegar um pedaço de papel. Poderia dizer que é por causa da idade, mas, na verdade, queria evitar distender seu abdômen. Sua camisa levantou quando ele se abaixou, e pude ver uma longa cicatriz.

– Achei que fosse dizer alguma coisa inteligente, Holmes, mas essa dedução parece bem rasa.

– Verdade? Então, por que não descobriu você mesmo?

– Não estou muito bem, Holmes – respondi, fraco.

– Claro, claro, Watson! Estar bem nutrido é necessário, depois disso, suas faculdades mentais estarão em excelentes condições.

Holmes e eu comemos e nos sentimos muito melhor, depois do caos daquele dia.

Neste momento, o trem passava pela zona rural e por cidades interessantes no caminho desde Mumbai. Comecei a me sentir incomodado. Chequei e vi que estava com febre, e achei melhor deitar-me em meu leito. Holmes ficou muito preocupado e insistiu que eu vestisse meu pijama e descansasse. Logo, comecei a ter calafrios e a suar profusamente. Não havia dúvidas – provavelmente estava agora muito doente com malária. Achei que deveria ter contraído a doença em Alexandria. Felizmente, tinha trazido comigo um pouco de tintura de Warburg, suprimento padrão no exército, durante meu tempo no Afeganistão. Tinha algum conhecimento sobre a doença e como tratá-la, devido a minha experiência pessoal durante a campanha naquele país. E agora, com as mudanças climáticas, a bala de *jezail* em meu ombro fazia sua presença ser lembrada.

Tive uma noite agitada. Holmes cuidou de mim generosamente, assegurando-se de que o leito estivesse confortável e que eu tomasse doses regulares da tintura. Rahman Kahn estava extremamente preocupado e trouxe água fervida e toalhas várias vezes.

– Chamei médico próxima estação, Sahib, e ele lhe dá remédio. O senhor ficará melhor logo, Sahib! – Ele estava muito abalado.

Tranquelizei-o, dizendo que também era médico e que conhecia doenças tropicais. No entanto, estava frustrado por ter ficado doente em uma hora tão inoportuna, quando Holmes precisava tanto de mim.

– Não seria mais prudente, Holmes, se você continuasse e eu voltasse para Mumbai e, de lá, para Londres? Sua missão é muito importante para eu atrasar você.

– Ao contrário, Watson, não posso completar essa missão sem sua ajuda. Temos, pelo menos, um dia inteiro, antes de chegarmos a Itarsi. Decidiremos lá. Mas, por enquanto, nem mais uma palavra.

A locomotiva a vapor continuava sua jornada noite adentro, soltando fumaça e assobiando alto. Caí em um sono inquieto, enquanto a febre brigava com a tintura. Holmes fumava seu cachimbo calmamente em um canto, seus pensamentos em Paris, Mumbai e Japão.

~

Enquanto isso, na Europa, o Professor Moriarty olhava fixamente para o telegrama que tinha acabado de lhe ser entregue.

– Holmes e Watson desapareceram do Porto de Mumbai sem deixar nenhum vestígio! Tiram os olhos de cima dele por um minuto e pronto! Primeiro, disseram que era um tal Singh! Agora falam que é o banqueiro tolo e que não desconfiaram em momento algum. Imbecis!

Balançou o punho mais ou menos na direção de Mumbai.

Ele escreveu um longo telegrama para seu assistente, Coronel James Burrowe, endereçado ao *North Star*, Porto de Singapura, expressando sua forte e abalizada opinião sobre a imensa incompetência do coronel e ordenando que ele voltasse imediatamente para o continente europeu. Em seguida, abriu um mapa da Índia, uma tabela de horários do sistema ferroviário indiano e um mapa da Ásia. Por um longo tempo, pensou no que Sherlock Holmes poderia fazer e, então, escreveu outro telegrama para um companheiro de confiança em Mumbai, com instruções detalhadas sobre os passos que ele precisaria seguir.

⁷ A expressão se traduz como “um lugar de descanso para os Mughals”. Os Mughals governaram a Índia no período anterior ao estabelecimento do Império Britânico.

敬

Quando você aceita que não sabe nada, depois de anos de estudo e experiência, começa a busca por um professor que saiba mais do que você. O manto do tempo nos encobre de escuridão, meu amigo. Mas o professor em nosso coração nos enche de luz, e não temos medo.

A noite foi exaustiva, e acordei na manhã seguinte com os inconfundíveis sintomas da malária. Ainda não estava tendo delírios, mas estaria em breve. A febre vinha em ondas regulares. Meu corpo estava consideravelmente enfraquecido, e eu mal conseguia me sentar sem a ajuda de Holmes e Khan. A paciência e o cuidado dos dois eram impressionantes e emocionantes. Não conseguia imaginar como poderíamos completar os cinco dias de viagem nessa condição. Estava determinado a não ser um fardo para Holmes de qualquer maneira que fosse, mas sabia que não era a hora de tentar convencê-lo de nada.

O trem continuava, parando em estações alternadas. A fumaça da locomotiva não melhorava as coisas, mas o campo com certeza proporcionava um alívio. A natureza tinha sido generosa com esse país fascinante, com seus vários tons de verde, as mais gloriosas vistas, pequenas vilas coloridas e cidades com templos charmosos, representando a fé dos habitantes. Os cenários eram terapêuticos, mas não o suficiente. Sabia que provavelmente precisaria de cuidados médicos, além de minha própria assistência. Mas calculei que seria capaz de aguentar, pelo menos, por dois dias.

Holmes mudava de extrema preocupação com minha condição à furiosa frustração por não ser capaz de pensar em um plano para chegarmos a Tóquio o mais rápido possível. Nenhum de nós conhecia uma alma na Índia; pedir ajuda às autoridades seria revelar nossas identidades, o que era impossível. Simplesmente teríamos que viajar incógnitos para nosso destino.

Os indianos são naturalmente curiosos. Precisam perguntar sobre todos os aspectos da vida de seus colegas passageiros. Ninguém se ofende se perguntam sobre suas famílias, suas fontes de renda e questões domésticas. Uma viagem de trem na Índia, conforme aprendi, era um grande evento de comunhão, com histórias e músicas, compartilhadas sem pestanejar. Apesar de estarmos viajando de primeira classe, o que garantia privacidade, ela não era absoluta, e recebíamos visitantes frequentes. O cobrador de passagens, vários atendentes e outros passageiros em nosso compartimento – todos queriam nos visitar e dar sugestões e consolo. Mas a presença autoritária de Holmes e a atitude protetora de Rahman Kahn asseguraram que não fôssemos tão perturbados.

Holmes aproveitou a oportunidade para confraternizar com os passageiros dos vagões de classes mais baixas, sempre que tinha a chance de descer e subir do trem, durante as frequentes paradas. Rahman Khan lhe tinha ensinado algumas palavras em hindustani, e Holmes, sendo um aluno rápido e perceptivo, conseguiu rapidamente falar algumas frases picadas. Além disso, com seu usual planejamento, tinha

comprado a *Gramática da Língua Hindustani*, de John Gilchrist, e, sempre que possível, ocupava-se em folhear suas páginas e fazer anotações, assegurando-se de checar o uso e aspectos de várias palavras. Sempre que o trem parava em uma estação – o que acontecia com muita frequência – ele desaparecia por períodos curtos e retornava para checar como eu estava.

– Não há melhor maneira para permanecermos anônimos em um país estrangeiro do que parecer falar a língua local com confiança, Watson. Pretendo assegurar que nossa dependência de um intérprete seja reduzida enquanto atravessamos a Índia. No vagão ao lado, Watson, há vários *sadhus* hindus – pedintes religiosos – vestidos com túnicas ocres, que proclamam seu desígnio religioso. Fiquei impressionado com sua visão minimalista da vida e sua ênfase no desapego e na simplicidade. Foram muito generosos comigo, compartilhando suas perspectivas sobre várias questões. De tempos em tempos, começavam cantos religiosos, batidas de tambores e címbalos. Um tanto barulhento, mas com certeza animado.

A certa altura, ele observou:

– Um povo curioso, os indianos. Ao mesmo tempo, hiperbólicos, solícitos, taciturnos, ignorantes, filósofos, sábios, criativos, práticos, indiferentes, resignados, fatalistas: uma raça muito peculiar. Nosso conhecimento sobre a Índia tem sido imensamente de segunda-mão, de histórias passadas adiante por aqueles que viveram aqui por poucos anos e tiveram uma experiência muito superficial. Não há substituto para a verdadeira interação com o povo: comendo o que eles comem, tentando gostar do que gostam e nunca sendo paternalistas. Na sua grande maioria, são um povo com rara inteligência, mas curiosamente sem ambição e bastante confortável com suas crenças. Se sentem que estão sendo vistos como curiosidades, o comportamento deles muda para tolerância, escondendo muito bem seu desprezo. Tive a chance de ouvir um jovem cantar uma canção no vagão ao lado. Sinto vontade de tentar tocá-la em meu violino, Watson, com sua permissão.

– Claro, Holmes, seria terapêutico, tenho certeza – minha voz era um mero sussurro desanimado.

Holmes pegou seu violino e o afinou. Em seguida, tocou o arco nas cordas e extraiu uma melodia incomum. Nem Chopin nem Paganini – alguma coisa bem diferente, mas, de qualquer forma, comovente e melancólico. Imaginei que dizia da terra, e era perfeita para o cenário pelo qual estávamos passando – montanhas verdes, céu azul com nuvens espalhadas e um odor no ar que era tão peculiar a esse país. Não acredito que já tenha ouvido uma melodia tão estranha e suave.

– Interessante, interessante... Vejo possibilidades... sim... – murmurou Holmes, guardando o violino e o arco, assim que julgou acertado.

– Meu caro Watson – devaneou Holmes –, o que na música favorece o pensamento sistemático? Tenho usado muito meu cérebro para essa questão. Música é meramente matemática refinada. Uma nota sozinha não tem significado, a não ser ouvida no contexto em que aparece. Uma nota tem muito mais a dizer se consideramos a distância entre ela e a antecedente, a extensão do silêncio, o tom, o volume, a cadência. A mente humana é imperfeita. Matemática e música são muito mais concretas. Diga-me um músico, Watson, e lhe mostrarei um homem que conhece o valor dos detalhes.

Então, mais uma vez, ele enxugou minha testa e assegurou-se de que eu estava confortável, antes de me dar mais uma dose da tintura. Tinha um jeito tranquilizador e extremamente reconfortante.

Alguns dias se passaram, e logo estávamos nas Províncias Centrais e depois Mughal Sarai, que estava se desenvolvendo como uma área ferroviária importante. Certamente havia um médico lá que poderia ter me examinado. No entanto, eu me senti bem o suficiente para continuar e não queria fazer uma pausa na viagem. Passamos pelo Ganges, o rio sagrado dos hindus. Nessa altura, Holmes tinha se tornado bastante bem informado sobre o rio e a cultura e processara cada pequeno pedaço de informação que tinha absorvido. Ele me manteve entretido com fascinantes histórias sobre as práticas religiosas e culturais das pessoas, a importância do rio e os hábitos alimentares locais. Ele também pegou o sotaque,

o jeito, as afetações e os coloquialismos do povo e, com a ajuda de Rahman Khan, adquiriu algumas roupas locais – uma *kurta* e um *dhoti*, como eram chamados – e aprendeu a usá-los. Mas eu podia ver que sua mente estava, na verdade, em Tóquio, durante todo o tempo.

Enquanto isso, Rahman Khan confidenciou que tinha de fato pertencido a uma família rica que tinha perdido suas posses havia muitos anos. A vida sombria, cheia de dívidas e dificuldades, tinha substituído uma de extrema riqueza. E, com certeza, ele gostava de criar pombos no terraço de sua casa, perto da cidade de Patna. Mas a pergunta gentil de Holmes sobre sua lesão perturbou-o; suas pupilas dilataram-se com medo, e ele se encolheu, quase deixando cair a bandeja. A ferida obviamente ainda estava recente. Holmes não o pressionou:

– Todos – ele disse – têm um passado que não discutem. – E assegurou-lhe que não quis ofendê-lo.

Na estação de Mughal Sarai, ocorreu um incidente que nos convenceu de que os temores de Holmes não eram sem fundamento. Ele sempre foi cauteloso em grandes estações. Conjecturou que o Professor Moriarty não estaria totalmente convencido de que tínhamos tomado o navio seguinte, partindo de Mumbai.

– E se eu pensei em pegar um trem e atravessar a Índia para viajar para o Japão de uma forma totalmente diferente, é muito provável que o Professor Moriarty teria feito o mesmo.

Assim que a locomotiva apitou para anunciar sua saída do Mughal Sarai e calmamente deslizou para fora, ouvimos um barulho na entrada da estação, a uma distância de cerca de 180 metros. Vimos três civis, que pareciam ser ingleses, correr para a plataforma e olhar para cima e para baixo na direção do trem que partia, gritando instruções um para o outro. Um dos homens correu para o vagão da primeira classe. Em um movimento rápido, Holmes, que estava fumando seu cachimbo e olhando para fora da janela tranquilamente, ficou completamente transformado. Ele pulou de seu assento, abaixou-me no leito e rapidamente fechou as janelas, deixando uma fresta aberta para observar os movimentos dos homens. Por sorte, o trem estava se movendo muito rapidamente, naquele momento, para qualquer dos homens embarcar, mas não havia dúvida: o Professor Moriarty estava procurando por nós. Teríamos de estar atentos. Outra pessoa certamente estaria esperando por nós na próxima estação importante, Patna.

– Mais uma vez, Watson, vemos o impressionante poder de alcance do Professor Moriarty. Este é um jogo de xadrez, de certa forma. Ele antecipa a minha jogada, eu antecipo a dele. Não fomos vistos, mas ele não descartará nada, a menos que tenha certeza. Mas, meu caro amigo, faço-lhe uma injustiça. Está doente e não devo alarmar você.

Ignorando meus protestos, ele voltou a fumar seu cachimbo, enquanto o trem ganhava velocidade. Pegou o mapa da Índia e olhou-o atentamente. Então, chamou Rahman Khan e fez a ele algumas perguntas em um hindustani mal falado. As respostas de Rahman Khan provocaram acenos satisfeitos de Holmes, e eu podia ver que ele tinha pensado em uma possibilidade. Deu algumas instruções a Rahman Khan e pediu que saísse.

– Como você está agora, meu bom amigo? – perguntou com preocupação gentil. Em raras ocasiões como esta, meu caro amigo mostrava sinais de ser humano.

– Holmes, mais uma noite ou duas, e você me terá a seu dispor.

– Excelente, excelente! O sempre confiável dr. John H. Watson! O nosso atendente é muito confiável e cheio de recursos, e está em uma pequena missão a meu pedido. Durma bem esta noite. Amanhã, o perigo nos aguarda.

Ele então explicou seu plano em detalhes. Fiquei espantado com a incrível audácia de seu pensamento.

O Professor Moriarty leu o telegrama com uma frustração crescente:

Busca no Mumbai-Calcutá antes de Patna não revelou nenhum sinal de Holmes e Watson. O atendente disse que dois homens europeus tinham desembarcado em Jubbulpore, mas nenhum se encaixava na descrição. Procuramos no vagão ao lado para nos certificarmos. Sadhus hindus de túnicas ocre estavam cantando hinos religiosos com os passageiros. Nenhum europeu foi visto. Aguardando instruções.

– Holmes, você é esperto, muito esperto. Mas não terminamos ainda – chiou o Professor.

~

Nós nos tínhamos transferido para o vagão adjacente e, quando o trem chegou a Patna, desembarcamos com o *sadhus* e nos fundimos a seu caos. Rahman Khan tinha instruções para lidar com a nossa bagagem separadamente. Embarcamos no trem lento para Gaya, uma cidade ao sul de Patna, ajudados por Khan, a quem seremos eternamente agradecidos. Eu já estava quase completamente recuperado, embora cansado e um pouco desidratado. Sentamo-nos no vagão de quarta classe, com dezenas de outros passageiros, os quais eram muito diferentes de dois homens santos, viajando para um local de peregrinação. Holmes já havia adquirido uma compreensão mais do que rudimentar do dialeto local e estava completamente dissolvido à Índia, por assim dizer. Mais tarde, ele subestimou esse esforço sobre-humano, dizendo que a dicção, o vocabulário e a gramática do hindustani eram inteiramente lógicos. O estojo de seu violino e nossas outras bagagens estavam camuflados ou escondidos de outras maneiras. Ele aceitou o convite para fumar a droga local, o *charas* ou haxixe, em um tipo de cachimbo chamado *chillum*, e convenceu os colegas passageiros de que eu era mudo e estava doente, poupando-me, assim, da possibilidade de qualquer interação. Ele estava totalmente em casa. Na minha opinião, sua habilidade surpreendente como mestre do disfarce estava em evidência da forma mais impressionante. A pele morena, os cabelos longos e emaranhados, as roupas amassadas e sujas dos *sadhus*, os maneirismos locais – ninguém em nosso círculo de amizades jamais teria acreditado que dois homens honrados, com apartamentos em Baker Street, nº 221B e filiação a clubes exclusivos em Londres, poderiam ser vistos em tais vestimentas, sentados no chão imundo de um vagão popular do trem lento de Patna para Gaya.

No trem Mumbai-Calcutá, o engenhoso Rahman Khan tinha obtido de suas fontes as túnicas ocre, cinza sagrada e cachos emaranhados, e, em algumas horas, ambos nos tínhamos transformado. Ele entendeu que estávamos em perigo e prontamente nos ajudou a transferir nossos pertences para o próximo vagão, que por acaso tinha vários *sadhus*. Ele ainda se recusou a aceitar qualquer gratificação, insistindo que era seu dever.

Chegamos a Bodh Gaya, um destino de peregrinação budista associado à iluminação de Buda. Holmes sentiu que seria sensato descansar ali por alguns dias, por duas razões: para despistar nossos perseguidores e permitir-me recuperar as energias. Andamos todo o caminho até o complexo do templo, na esperança de encontrar alojamentos aceitáveis. Apenas alguns anos antes de nossa chegada, Sir Alexander Cunningham tinha feito uma séria tentativa de resgatar aquele santuário da ruína total. Achei-o esplêndido.

O complexo estava cheio de peregrinos budistas de vários países. A maioria tinha a cabeça raspada e possuía traços orientais. Imaginei que muitos eram de Tibete, Birmânia, Sião, Ceilão e China, onde a fé tinha criado raízes profundas. Eu mesmo tinha pouco conhecimento dos preceitos dessa religião.

Quando passamos por dois monges budistas, Holmes, de repente, enrijeceu e agarrou meu pulso.

– Olhe, Watson, você notou alguma coisa? Um dos monges não tinha uma falange! O que você deduz?

Balancei a cabeça negativamente.

– Sinto muito, Holmes. Eu me lembro de que os dois japoneses do *North Star* também não tinham uma falange, mas não saberia dizer o que isso significa. Na melhor das hipóteses, deduzo, por suas feições, que provavelmente são japoneses.

Holmes virou-se abruptamente e voltou até os monges. Eu o segui. Ele estava tentando conversar com eles em hindustani, perguntando se sabiam de algum lugar onde pudéssemos passar a noite. Os monges eram simpáticos e logo ficou claro que falavam inglês melhor do que hindustani, e vi, com alguma surpresa, Holmes gargalhar, bem diferente do taciturno e sarcástico detetive com o qual eu estava tão acostumado.

Holmes nos apresentou como *sadhus* de Deli.

– Viemos para passar algum tempo aos pés de Buda – ele disse, em um inglês mal falado e com sotaque. – Onde podemos ficar?

Em um inglês igualmente mal falado, mas com um sotaque distintamente japonês, um dos monges respondeu:

– Por favor, compartilhe de nosso pequeno quarto. É uma honra para nós.

Eles ficaram encantados quando Holmes falou algumas palavras em japonês. Eu não conseguia acompanhar a conversa, que, posteriormente, se tornou uma mistura deliciosa de inglês, japonês e uma tentativa de hindustani.

Um dos monges, que se apresentou como Hiroshi Ota, explicou que eles eram monges japoneses que tinham chegado a Bodh Gaya há alguns dias, como parte de uma peregrinação, e estavam alojados em quartos ali perto. O outro, um monge mais velho, se apresentou como Akira Fujimoto. Ambos eram do antigo templo Kinkaku-ji de Quioto, disseram. Holmes aceitou sua oferta de hospitalidade e, em pouco tempo, os acompanhamos até sua habitação, um pequeno mas confortável estabelecimento para peregrinos operado por um grupo religioso budista.

Pedi a Holmes que explicasse.

– Watson, é uma coincidência curiosa que nos encontremos com dois monges japoneses em Bodh Gaya. O que é ainda mais curioso é que um deles seja quase certamente um ex-membro da Yakuza. Refiro-me a Akira Fujimoto, o monge mais velho. Observe seu jeito urbano e reservado. Essa não é uma pessoa comum. Seu olhar é pensativo e ele fala pouco, deixando o mais jovem resolver as questões. Isso geralmente é um sinal de alguém que costumava ter autoridade no passado e não está acostumado a executar tarefas ele mesmo. Preciso conhecê-lo melhor. Passemos uma semana aqui, Watson. Você deve acabar de se recuperar e devemos estar prontos para seguir em frente em seguida. Hoje é dia 15, se não me engano. Gostaria de estar em Tóquio no dia primeiro ou algo assim. Vamos tentar ao máximo.

Holmes logo se tornou amigo dos dois monges japoneses. Ele ainda não achava prudente revelar que conhecia o Japão e que sabia muito sobre a Yakuza. Mas, daí a poucos dias, Akira Fujimoto abriu-se por conta própria para Holmes e revelou que estava em uma jornada de transformação, quase literalmente. Hiroshi Ota e eu também ficamos amigos e passeávamos juntos pelo complexo do templo. Eu não falava japonês nem mesmo hindustani, e ele não falava inglês, porém, conseguimos nos comunicar, de forma muito eficaz, por meio de gestos extravagantes e sorrisos.

Por uma questão de concisão, cito aqui as anotações de Holmes:

O sr. Fujimoto e eu nos tornamos grandes amigos muito rapidamente. Ele não era bobo. Notou rapidamente que não éramos realmente sadhus, mas tinha um senso de humor gentil e não via mal

algun em deixar-nos manter nosso pequeno segredo; não era curioso e estava bastante à vontade consigo mesmo e com seu passado. Já não era mais ambicioso e estava em uma busca de revelação espiritual. Tomamos gosto um pelo outro, e ele também percebeu que eu tinha um interesse maior no Japão do que estava deixando transparecer. Considero um maravilhoso capricho do destino que tenha conhecido o sr. Fujimoto em tais circunstâncias. Isso coloca a minha perspectiva da Operação Kobe55 sob um prisma diferente, algo que eu não tinha considerado seriamente até então.

Ele nasceu na Ilha de Kyushu, como muitos membros da Yakuza. Sua infância tinha sido normal e ele nunca tinha realmente se destacado em nada, exceto matemática. Não pôde ingressar em uma universidade e acabou entrando para a vida do crime. Disse que, um dia, tinha sido membro de um clã da Yakuza, o Dojin-kai, e quase se tornou o kumicho. Sua carreira na Yakuza foi bastante banal; tinha sido um líder de gangue e depois responsável por determinadas atividades na cidade de Fukuoka (ele não especificou que atividades, e não achei pertinente pressioná-lo). Ele teve apenas uma falange cortada em uma cerimônia ubitsume, o que presumivelmente significava que ele tinha cometido poucos erros, para os quais um pedido de desculpas era necessário. Geriu as finanças de seu clã por muitos anos e também foi responsável pela lavagem de dinheiro. À medida que envelhecia, foi-lhe dada a tarefa de ligação com o Departamento de Inteligência Interior do governo japonês. Essa tarefa era dada somente para o mais diplomático, cortês, prático e paciente (e eu poderia acrescentar, inteligente).

– O que esse posto significa?

– Era simples, mas muito importante – disse Fujimoto. – Geralmente, era necessário manter o Departamento de Inteligência Interna de bom humor. Eu os mantinha informados sobre a natureza geral de nossas atividades: o que estávamos fazendo e onde. Contanto que não houvesse subversão, nem implicações sociais extremas, a polícia nos deixava em paz. Às vezes, eu tinha que interceder quando algum sênior era realmente acusado de um crime grave. Então, organizava a equipe legal, mandava o dinheiro da fiança e cuidava dos assuntos relacionados. Você poderia me chamar de solucionador de problemas. Eu mesmo nunca fui envolvido em nenhum crime culpável, por isso, o meu papel era legal e útil. Em troca de fazer vista grossa, nós também assumíamos missões em favor deles. Por exemplo, as operações extremamente secretas no exterior, talvez na Coreia ou na China, onde alguns interesses vitais japoneses estavam ameaçados. Lembro-me, por exemplo, de lidar com o financiamento e a logística de uma operação para assassinar um funcionário no tribunal coreano, que estava trabalhando ativamente contra interesses japoneses. Em outra ocasião, forneci o apoio necessário para tirar do Japão um oficial do governo corrupto porém influente, e levá-lo para o Havaí, proporcionando ao governo a desculpa de que eles não poderiam agir contra o funcionário. Esses são apenas dois exemplos.

Cerca de dois anos atrás, o sr. Fujimoto teve uma mudança de posição. Tinha acabado de ter um neto e sentiu que era hora para uma busca espiritual pessoal. Refletiu muito sobre a questão de viver uma vida limpa e visitou mosteiros em Quioto. Começou a escrever haicais e ensaios filosóficos e passou um tempo em Kinkaku-ji, um templo budista extremamente reverenciado, aprendendo a meditar. Pediu a aposentadoria da Yakuza e seu desejo foi concedido. Um interesse nos ensinamentos e na vida do Buda o estimulou, e ele passou por uma cerimônia de renovação espiritual para se tornar um monge leigo. Depois disso, ele e o monge mais jovem, Hiroshi Oto, decidiram passar um tempo viajando para vários lugares de significado budista. Ele tinha conseguido viajar para Calcutá via Hong Kong e Singapura, e ficou encantado que tivesse atingido um marco importante em sua vida. Ele escreveu um haicai para mim, na caligrafia japonesa kanji, como presente, que foi traduzido depois.

*Deixe a neve do inverno
Cair em suas memórias
Bênçãos de Buda*

Discutimos mais seu trabalho na conexão com o governo. Ele fez, ao acaso, uma observação que despertou meu interesse: “A vida no Japão, e talvez no mundo, vai mudar em breve”. Ele foi completamente sincero; apesar de ter se aposentado alguns anos antes, tinha mantido contato com seus velhos amigos, disse. Explicou que a Yakuza tinha se infiltrado e comprometido profundamente o Serviço Diplomático japonês – falou do assassinato coreano, que, embora tecnicamente uma mera “facilitação”, foi de fato executado por um diplomata júnior. Disse que vários ministérios também estavam repletos de simpatizantes da Yakuza, que muitas vezes também eram nacionalistas, insatisfeitos com os ventos da transformação desencadeados pelo Imperador Meiji. Ele me deu os nomes de muitas pessoas influentes no governo, que ignoravam a Yakuza, porque simpatizavam com eles ou eram, na verdade, parte da organização. Tinha certeza de que “algo iria acontecer em breve”. Sabia muito bem que a Yakuza estava trabalhando em estreita colaboração com as Tríades de Xangai e que o objetivo era bastante complexo.

Em seguida, começou um monólogo longo e desconexo sobre a vida ser uma completa ilusão e referiu-se aos conceitos budistas de Maiá, Darma e Nirvana. Essas questões, apesar de interessantes em si, não eram relevantes para o meu objetivo, e não as anotei. No entanto, a partir de uma perspectiva puramente filosófica, eu as considero intrigantes, e valeria a pena fazer uma pesquisa adicional na Biblioteca Britânica, se um dia eu voltar para Londres.

Não presuma que o sr. Fujimoto era um homem falante e indiscreto. Ele simplesmente tinha chegado a um ponto de inflexão peculiar em seu pensamento que o fez querer aliviar sua alma de qualquer informação desnecessária para sua nova busca. Além disso, as minhas anotações acima não são o resultado de uma única longa conversa, mas a compilação de várias outras mais curtas.

Expressei meu desejo de visitar o Japão um dia. O sr. Fujimoto me deu um longo e penetrante olhar e finalmente sorriu. Ele afirmou esperar que isso acontecesse e que se perguntava se já não teria acontecido. Nesse ponto, eu revelei nossas identidades reais e expliquei as circunstâncias, apesar de não ter entrado em detalhes desnecessários. Ele, então, insistiu em escrever uma carta de apresentação, que disse poder me ajudar no templo de Kinkaku-ji, em Quioto, caso uma necessidade se apresentasse; eu seria recebido com hospitalidade e proteção. Eu não conto com tal eventualidade, mas aceitei a carta educadamente.

Passamos uma ótima semana em Bodh Gaya. O ar revigorante e a atividade física auxiliaram minha recuperação. No entanto, Holmes não considerou aconselhável que abandonássemos nosso disfarce até chegarmos a Calcutá. Olhamos para o mapa novamente e concluimos que viajar de volta para Patna era perigoso. Decidimos pegar a estrada para Calcutá, pelas cidades de Dhanbad e Asansol e, em seguida, planejar nosso próximo passo rumo ao Japão.

E assim fizemos, após dar adeus a Hiroshi Ota e Akira Fujimoto, que se propuseram continuar sua peregrinação. Eles estavam planejando viajar para Lumbini, perto do Nepal, onde, segundo eles, Buda nasceu, e para outros lugares no circuito de peregrinação. Desejamos felicidades uns aos outros e nos despedimos.

A viagem para Calcutá foi árdua; nós a completamos em cerca de dois dias, sem nenhum incidente. Viajamos por estrada para Dhanbad e pegamos um trem para Haora, a estação ferroviária que atende

Calcutá. Estávamos extremamente cansados, mas muito conscientes de que talvez nossa viagem tivesse apenas começado.

Calcutá

理

Você sempre discutia comigo, quando éramos jovens tolos, em Kobe, que a lógica é menos importante do que a paixão. Não. Há lógica e música em uma folha de grama, no canto de um beija-flor, no suspiro de um amante.

Chegamos à estação de Haora, o principal ponto de acesso ferroviário de Calcutá, por volta de meio-dia. O Rio Hooghly, sobre o qual passamos, é um afluente do Ganges, que conserva a mística de sua fonte. O calor e a umidade de julho de Calcutá nos afetaram muito, mas minha primeira impressão da cidade foi favorável – mesmo que, pela minha descrição, não pareça. Era diferente de Mumbai e ainda mais lotada. O ar pairava pesado com uma mistura de cheiros, em sua maioria, ruins, mas interessante, como um todo. É impossível descrever a massa fervilhante de pessoas; pobreza e privação pareciam comuns. A área estava, disseram-me, no meio de uma seca prolongada de gravidade extrema, e milhares de pessoas do interior estavam viajando para Calcutá para encontrar um meio de sobrevivência. Fiquei comovido com a situação dos famintos e sem esperança e do profundo e silencioso olhar das crianças esqueléticas. Mas havia pouco que eu pudesse fazer, estando em uma missão diferente, que não nos permitia nenhum desvio.

Holmes teve a ideia de que iríamos encontrar bons quartos e permanecer imperceptíveis na área da Rua Armênia, que era cheia de imigrantes daquele país distante – um fato bastante surpreendente. Encontramos quartos confortáveis no Rose Lodge, embora tivéssemos que mudar nossa vestimenta em um ponto intermediário, a fim de evitar que não nos aceitassem. Holmes ainda insistiu em um disfarce para si mesmo; fez-se parecer anos mais velho. Comprou um par de óculos para mim, e transformei-me em um intelectual. Agora parecíamos dois cavalheiros ingleses – e, uma vez que havia centenas deles em Calcutá, foi bastante simples passarmos despercebidos. Fizemos o *check-in* como James Smith e John Brown; não muito original, mas tão discreto quanto poderíamos imaginar.

Depois do almoço, analisamos nossas opções. O gerente, o sr. Abel Petrosian, revelou-se uma alma cordial e falante.

– Ah, cavalheiros, querem viajar para Xangai? Excelente! Admirável! Um ótimo lugar, lar de muitos dos nossos imigrantes chineses aqui. Deixe-me sugerir algumas opções. A primeira maneira, talvez a mais rápida, é tomar um navio de passageiros para Singapura e, em seguida, viajar em direção ao nordeste. A segunda é viajar para Rangum, no mesmo navio, de lá rumar a oeste por terra para Bangkok e, finalmente, retomar a viagem por mar. Isso parece difícil, mas os senhores, na verdade, economizariam tempo. No entanto, durante as monções, o caminho por terra nada mais é do que um mar de lama, e não sugiro que passem por lá. Há uma terceira opção que consiste em viajar para Daca, em seguida, para Kohima nas montanhas de Naga, Birmânia, China, mas essa é considerada de alto risco, e há uma grande

probabilidade de que os senhores sejam atacados – não, não, não aconselharia isso! Recomendo firmemente que tomem a rota marítima para Singapura. Se quiserem, posso providenciar passagens de primeira classe. Acredito que há um navio de passageiros, o *Isabella*, para Singapura em três dias. Eu o recomendo.

– Três dias parecem um tempo longo, sr. Petrosian – disse Holmes, depois de um momento de hesitação. – Mas acho que não há alternativa. Se puder providenciar passagens para dois no *Isabella*, ficaremos extremamente gratos. Ir para Singapura faz todo o sentido.

– Suas passagens estarão em suas mãos esta noite, senhores. Agora, sugiro que façam um *tour* por esta fascinante cidade. Se quiserem, posso providenciar uma carruagem para transportá-los.

Holmes recusou.

– Acho que vamos andar por aí, sr. Petrosian. Ouvi dizer que há uma influência musical considerável nesta cidade. O senhor indicaria alguém que poderia nos orientar sobre esse assunto?

– Ah, não, sr. Smith, essa não é a música refinada e culta à qual o senhor está acostumado. A música da Índia é primitiva, rudimentar e bastante desorganizada. Não recomendaria de jeito nenhum. Não há filarmônica ou conservatório de música aqui, infelizmente.

– Temo que não seja exatamente isso o que estou procurando, senhor. Bem, encontrarei. Bom dia.

Assim que saímos, Holmes observou:

– Sem chance de irmos para Singapura, é claro, Watson. Esse é um homem tagarela, não dado à discrição, e é melhor dar-lhe uma ideia errada sobre os nossos verdadeiros planos. Sim, vamos viajar naquele navio, mas desembarcaremos em Rangum ou em outro lugar e tomaremos a rota terrestre. Não há dúvida em minha mente de que o Professor Moriarty estará observando cada centímetro do porto de Singapura. Bem, vamos discutir isso mais tarde. Eu – nós – ficaremos frustrados com uma estada forçada de três dias, mas podemos muito bem tirar o melhor proveito da situação e mergulhar na cultura local.

Exploramos Calcutá por um curto tempo. A cidade era especialmente suja, com evidência de extrema pobreza e decadência. Nenhum de nós ficou intimidado. Havia um tipo diferente de vida aqui, repleta de emoção e energia. Decidimos que gostávamos de Calcutá.

Fizemos um passeio pelo Bairro Europeu. Raramente tinha visto Sherlock Holmes em um estado de tanta tranquilidade mental, apesar de eu ter certeza de que seu cérebro gigantesco ainda estava em Tóquio.

Paramos em uma grande livraria, numa área chamada College Street. O proprietário aproximou-se e apresentou-se como sr. Shyam Chundur Mookerjee. Era um homem franzino e falava um inglês excelente.

– Talvez o senhor possa nos dar uma ideia do que podemos ver e experimentar em Calcutá durante os próximos dois dias, sr. Mookerjee. Em particular, estaria interessado em ser apresentado a um músico local.

– Um músico local, senhor? Uma escolha incomum, mas sábia! Certamente somos orgulhosos de nossa música e de nossos músicos. Gostaria de encontrar alguém em particular?

– Talvez alguém que pudesse me ensinar por algumas horas. Percebi que a música aguça minha mente. Sou violinista, embora apenas amador.

– Inusitado, inusitado! Mas louvável. – O sr. Mookerjee estava bastante perplexo com esse pedido peculiar vindo de um inglês.

Um jovem cavalheiro indiano, usando roupas ocidentais, saiu de trás de uma grande estante de livros. Tinha um porte nobre e olhos inteligentes, o cabelo repartido ao meio. Fez uma reverência solene.

– Senhores, desculpem-me. Não quis ser indiscreto, mas, inadvertidamente, ouvi sua conversa com o sr. Mookerjee. Talvez possa ajudá-lo em seus esforços, se me permitir.

Seu inglês não tinha sotaque. O sr. Mookerjee recuou em respeito.

– Meu nome é Debnath Chatterjee, senhores. Eu sou um frequentador regular deste estabelecimento. Se quiserem chegar até aqui atrás, há alguns assentos confortáveis, onde poderíamos conversar com mais privacidade. sr. Mookerjee, talvez um pouco de chá para seus nobres visitantes?

– Claro!

Nós nos apresentamos para o cavalheiro como visitantes em Calcutá, que em poucos dias estariam a caminho de Singapura. Fiquei bastante contente vendo Holmes se adaptar tão facilmente ao nosso entorno e conversar com nativos de todas as classes; e provavelmente esse jovem de porte aristocrático, sugerindo ser um homem financeiramente independente, seria uma pessoa interessante com quem se familiarizar.

Holmes fumava seu cachimbo.

– Sou violinista, sr. Chatterjee, talvez apenas um viajante curioso. No entanto, se pudesse ser instruído sobre algumas composições locais selecionadas, acredito que seria um tempo bem gasto. Proponho, um dia, escrever uma monografia sobre a adaptação do violino à música da Índia.

O sr. Chatterjee olhou para nós com muita atenção.

– Um objetivo extremamente notável e desejável, sr. Smith. Talvez possa ajudá-lo. Porém, a música da Índia é exigente e não pode ser compreendida e absorvida em um período de três dias. Alguns levam décadas antes de conseguirem uma compreensão mediana de suas complexidades fundamentais. No entanto, uma breve introdução é certamente possível. Por coincidência, também sou um amante da música e tenho composições de natureza um pouco mais leve, mas meu assistente, o sr. Sen, que é um músico clássico de alguma eminência, poderia lhe dar algum treinamento por algumas horas, caso seja conveniente.

– Agradeço sua atenção. Quais seriam seus honorários?

– Nenhum! A visita de Sherlock Holmes a minha humilde casa seria recompensa suficiente.

Não é sempre que vejo Sherlock Holmes deixar a surpresa transparecer vividamente em seu rosto. Ele tirou o cachimbo da boca e arregalou os olhos.

– O quê, sr. Chatterjee?

– Por favor, senhor! Tenho certeza – bastante certeza, senhor – de que estou falando com o sr. Sherlock Holmes, o notório detetive particular. É uma extraordinária coincidência que esteja conhecendo-o aqui, em uma livraria em Calcutá. Eu vivi na Inglaterra por alguns anos e seu rosto famoso é bastante familiar para mim, apesar de o senhor parecer um pouco mais velho do que eu imaginava – desculpe meus maus modos! Eu estava a par da forma como lidou com um determinado caso envolvendo o Tratado de Pondicherry; sua intervenção impediu extremo constrangimento ao governador-geral francês e alguns outros indivíduos. Também estou ciente de seu papel no resgate dos diamantes perdidos do Principado de Gwalior. Seu nome e sua fama o precedem, senhor. E este, é claro, deve ser o dr. Watson – ele fez uma reverência. – Por favor, diga-me se estou errado.

Holmes recuperou a compostura.

– Devo cumprimentá-lo, sr. Chatterjee. Vamos encerrar este teatro. Eu posso, é claro, contar completamente com a sua discrição. Estou aqui em uma missão de absoluto segredo e devo partir em dois dias. Se a notícia da nossa identidade vier à tona, temo que as consequências venham a ser desastrosas.

– Nesse caso, sr. Holmes, permitam-me cuidar de seus assuntos. Irei para a minha casa, em uma área chamada Jorasanko, ao norte de Calcutá, para fazer preparativos e me organizar. E, se me permite, gostaria de pedir ao meu bom amigo sr. Jagdish Chandra Bose que se junte a nós lá; ele é um professor de Física da Faculdade Presidency College e está envolvido em várias incursões polêmicas no mundo da ciência, para o qual, confesso, não tenho talento. Sei que ele é um admirador do senhor e ficaria extremamente desapontado por não ter aproveitado esta oportunidade de conhecê-lo. O sr. Mookerjee

aqui fará com os senhores uma breve visita guiada pela cidade e, em seguida, lhes providenciará transporte confiável até a minha residência. Em seguida, serão escoltados de volta ao seu hotel, mais tarde esta noite. Esse plano lhe parece aceitável?

Holmes acenou com a cabeça e, em poucos minutos, o sr. Chatterjee, partiu depois de dar instruções ao sr. Mookerjee. O dono do estabelecimento providenciou uma carruagem, e embarcamos em um breve porém interessante *tour* pela cidade.

Visitamos um templo de Kali, o que acabou sendo uma experiência perturbadora. O lugar era sujo, barulhento e incrivelmente lotado, e tivemos de ser cautelosos, pois dezenas de meninos de rua e mendigos fizeram tentativas inúteis de nos enganarem para pegar nosso dinheiro, roupas e pertences. Os sacerdotes – chamados de *pandas*, se bem me lembro – eram particularmente persistentes em sua postura, a ponto de ser desagradavelmente invasivos, prometendo salvação em troca de compensação monetária, questão pela qual evidenciamos nenhum interesse. Deusa Kali, retratada como uma exterminadora do mal bastante implacável, parece central para a cultura de Bengala, e a cidade recebeu o seu nome. Nesse templo, devotos sacrificam todo tipo de animal para apaziguar sua imagem, um tanto assustadora. Essa pode ser uma visão muito desagradável. Saímos rapidamente.

Cometi um erro ao fazer uma observação ligeiramente grosseira sobre os nativos e suas crenças.

– Que costumes bárbaros, Holmes!

Sherlock Holmes sacudiu a cabeça em desaprovação.

– Bárbaros? *Tsc, tsc!* Um comentário extremamente cruel vindo de você, Watson. Sem dúvida, nossas próprias crenças guiadas pela Igreja da Inglaterra não resistirão ao teste de escrutínio sob as lentes da perspectiva deles. Não sou um homem de religião, como você sabe, mas cada um tem sua opinião. Acreditaria objetivamente que não é correto privar um ser vivo de sua vida para satisfazer uma entidade invisível nas nuvens, que se acredita ter um interesse vicário nos andamentos dos que estão aqui embaixo, mas fora isso, se alguém acredita que existe um deus ou deuses benignos, clementes, facilmente irritáveis, temperamentais, paternais ou maternais, oniscientes ou qualquer outra coisa, que devem ser reverenciados de certas formas complexas, bem, é assim que deve ser. Talvez, um dia, a pura lógica sem emoção vá prevalecer, mas, conhecendo a humanidade, acho que isso não vai acontecer por várias centenas – não, milhares – de anos.

– Sim, você tem razão, Holmes – concordei, devidamente castigado.

Enquanto íamos para Jorasanko para encontrar o sr. Chatterjee (depois de pegar o violino de Holmes em nosso hotel e deixar sr. Mookerjee de volta em sua livraria), passamos por um grupo heterogêneo de bengaleses da classe dos trabalhadores, do lado de fora de uma fábrica nos arredores da cidade, que pareciam estar acenando bandeiras vermelhas e levantando slogans. Nunca tínhamos visto tal visão, e Holmes pediu a nosso motorista para dirigir lentamente, para que pudéssemos observar o evento de perto. Em intervalos regulares, o grupo, como um corpo, cerrava os punhos, levantava a mão direita e gritava algo em voz alta, o que invariavelmente terminava com a expressão “Moordabad” – que mais tarde entendi ser condenatória e desejar a morte da pessoa ou pessoas que são o objeto de sua ira. Holmes fez algumas perguntas ao motorista, que respondeu, provavelmente explicando o que era o problema.

Holmes afundou-se de volta no banco, enquanto a carruagem tomava velocidade.

– Parece que os bengaleses são um povo tempestuoso, Watson. Facilmente agitáveis sobre assuntos grandes e pequenos, propensos a argumentação sem fim. Por um momento, pensei que estávamos testemunhando uma forma de protesto político, o que realmente é o caso, mas o cocheiro me diz que os senhores estavam, além disso, liderando um tumulto trabalhista. Em essência, eles estavam protestando contra as condições de trabalho e sua remuneração, que acreditam ser demasiadamente baixa. Sua

sugestão é que as horas de trabalho sejam reduzidas e os salários aumentados, uma proposição que esperam que o proprietário do moinho (pois era do lado de fora de um moinho que os trabalhadores estavam) considerará favoravelmente. Sem dúvida, você está ciente da influência de Karl Marx, hoje confortavelmente enterrado no cemitério de Highgate, em Londres; ele estabeleceu um argumento poderoso – porém, pessoalmente, eu diria que é errôneo – para a posse comum da terra e da indústria e da ideia de socialismo. Eu arriscaria um palpite de que os cidadãos desta área estão bastante tomados por esse ideal utópico e ansiosos para uma equalização das condições econômicas. Apesar de que eu não desafiaria a premissa dos manifestantes, desconhecendo suas especificidades, também conjecturaria que a perturbação é uma forma de catarse política. Eu me pergunto se nós estamos testemunhando o início de algumas excitantes mudanças, Watson, no próprio conceito do Império Britânico. O tempo vai dizer.

A esta altura, tínhamos chegado a Jorasanko e, depois de dispensar o táxi, entramos no edifício bastante grande e bonito, onde deveríamos nos encontrar com o sr. Debnath Chatterjee. Fomos recebidos de forma atenciosa e extremamente calorosa e, em seguida, levados para um cômodo interno. Em um momento, o sr. Chatterjee entrou na sala, cumprimentou-nos com grande cordialidade e fez as perguntas mais gentis sobre o nosso bem-estar.

Sentou-se à nossa frente, em uma cadeira enorme feita de teca, e nos estudou cuidadosamente com seus olhos intensos, seus dedos tamborilando nos braços de madeira.

– Sr. Smith e sr. Brown? Ora, ora! O senhor poderia ter feito melhor do que isso! Em qualquer caso, estou muito satisfeito, sr. Holmes, em saber do seu interesse na cultura da Índia. Alguém falou que o senhor escreveu uma monografia⁸ sobre a língua morta de Pali, que é considerada a palavra final sobre o assunto. Espero dar-lhe qualquer informação adicional que esteja dentro de minha capacidade.

– E o senhor, dr. Watson? – perguntou, virando-se para mim. – Como invejo a sua excursão para o Afeganistão sobre a qual tanto li! Sim, era a guerra e, sem dúvida desagradável, mas sou um homem romântico, senhor, e pensar no Afeganistão, de certa maneira sonhadora – fortes e orgulhosos *pathans*, lindas mulheres, Candaar, montanhas, a famosa cidade de Cabul...

– Posso? – perguntou Holmes, pegando seu cachimbo, depois de mais algumas brincadeiras.

– Claro! E, ah, aqui está Jagdish!

Um cavalheiro indiano, de seus trinta e tantos anos, em traje ocidental, entrou correndo, um pouco ofegante. Começou a falar em bengalês com o sr. Chatterjee, mas parou quando nos viu e continuou em inglês.

– Senhores, minhas desculpas, acabei de concluir minhas aulas e atrasei-me. Eu...

O sr. Chatterjee levantou o braço em saudação.

– Jagdish! Não precisa se desculpar! Deixe-me apresentar-lhe o sr. Sherlock Holmes e o dr. John Watson, recém-chegados da Inglaterra. Senhores, este é o sr. Jagdish Chandra Bose, um homem com uma inclinação notável para a investigação científica, que, ousado dizer, ficará famoso em breve.

O sr. Bose fez uma reverência para nós, e apertamos as mãos.

– O sr. Chatterjee é muito gentil. Sou apenas um humilde estudante de ciência. E tenho imenso prazer em conhecer a ambos. Costumava ler sobre o senhor, quando estudava em Cambridge. Lord Rayleigh, meu professor lá, sempre falava sobre seus métodos científicos e me pediu para analisar alguns dos seus casos, para ver como o uso de métodos científicos poderia resolver certos tipos de situações criminosas.

Observei Holmes analisar cuidadosamente esse interessante cavalheiro. O sr. Bose tinha, obviamente, uma personalidade irrequieta, os olhos correndo aqui e ali. Tinha estatura mediana, usava óculos sem aro e irradiava certos magnetismo e energia. Fazia um contraste interessante com o sr. Chatterjee, mais reflexivo.

O sr. Bose inspirou profundamente.

– Tabaco. Uma variante incomum; não da Índia. Possivelmente brasileiro? Não! Um fino Virginia! Sherlock Holmes ficou encantado.

– Isso mesmo! O senhor entende de tabaco, sr. Bose!

O sr. Bose deu de ombros.

– Apenas o resultado de ter passado um tempo em Londres com outras pessoas, bastante obcecadas. E li algumas de suas monografias sobre a natureza distinta de vários tipos de cinzas de tabaco. Realmente, senhor, o seu leque de interesses é fascinante!

– Mais monografias, Holmes? – perguntei, entediado. Holmes fingiu não ter ouvido o meu clamor de angústia resignada.

– Afinal de contas, sou um cientista, senhores, e perdoarão minhas perguntas. Pelo que entendi da minha conversa com o sr. Chatterjee, os senhores estão viajando de Londres para o Japão, por caminhos tortuosos, em uma missão delicada. É isso mesmo?

Ele percebeu nossa hesitação e continuou apressadamente:

– Senhores, só posso garantir-lhes sigilo, se isso vale alguma coisa, mas coincidentemente também tenho um pouco de conhecimento do Japão e talvez possa sugerir alguns caminhos para a investigação. Mas cabe inteiramente aos senhores decidir.

– Já ouviu falar da Yakuza, sr. Bose? – perguntou Holmes, de repente.

– Sim, já. E se são eles que o senhor procura, obviamente sabe que é uma tarefa difícil e perigosa. Mas tenho certeza de que pensou o suficiente sobre isso. É o medo da violência das gangues organizadas que claramente impede a investigação feita por órgãos exteriores. Mas, como seus sistemas de valores são, invariavelmente, complexos, o senhor vai encontrar um elo fraco, baseado unicamente em algum princípio de irracionalidade que os une. Essa é a minha sugestão para a sua linha de investigação, sem saber muito mais sobre a sua missão.

Holmes balançou a cabeça, pensativo, com os olhos já perdidos no infinito, analisando esse sábio conselho e vários fatos dos quais estava a par.

Servos entravam e saíam rapidamente, servindo-nos chá e doces locais.

(“Os bengaleses adoram doces, Watson. Povo de extremos em todos os aspectos de comportamento.”

– Holmes tinha observado anteriormente.)

O sr. Chatterjee disse:

– Sr. Holmes, deem-me um momento para falar sobre minha família, apesar de normalmente não ser dado à ostentação. Os Chatterjees são *zamindars*, donos de terra nesta área. Somos bastante prósperos, talvez devido ao bom senso de negócios e à habilidade política das gerações anteriores, especialmente meu avô, Shyamal Chatterjee. Aliás, seu império de negócios diversificou-se para muitas áreas, tais como juta, chá, produção de carvão e até mesmo transporte e sistema bancário. Mas foi no comércio de ópio que a grande maioria da nossa fortuna foi feita, e a família teve fortes ligações com a Companhia Britânica das Índias Orientais, que, por sua vez, tinha laços com a China. Não vou entrar em detalhes sobre nossa riqueza de família, mas até hoje temos propriedades em toda a Índia e até mesmo na Inglaterra. Na verdade, o meu avô está enterrado – contente, esperamos – em Kensal Green.

Vi Holmes enrijecer-se por um momento, ao ouvir a referência ao ópio e à China.

– Eu mesmo recebi algum tipo de educação na Inglaterra, mas não posso me gabar de um histórico acadêmico excelente. Tenho opiniões fortes sobre o assunto e pretendo provar, no devido tempo, que a falta de educação formal não impossibilita necessariamente uma vida rica e gratificante. No entanto, estou divagando. Permita-me passar a palavra para o meu amigo. Como me falta conhecimento científico, sou incapaz de me envolver em uma discussão sobre as novas ideias surpreendentes propostas por ele – olhou para o sr. Bose e continuou. – Talvez eu devesse deixar meu jovem amigo assumir a conversa

agora. Seus superiores ingleses o mantêm à distância, seus colegas têm outros interesses, e seus alunos não têm o espírito de investigação que tanto deseja ver neles. Acho que ele vai desfrutar de uma discussão com os senhores sobre algum aspecto da ciência.

– Seria um grande privilégio ouvir as perspectivas do sr. Bose – disse Holmes, educadamente.

Não compartilhava do entusiasmo de Holmes e não conseguia entender por que ele estava desviando a atenção para discussões científicas, quando, em suas próprias palavras, era imperativo que encontrássemos maneiras de chegar ao Japão e ficar à frente dos nossos inimigos.

O inquieto sr. Bose levantou-se e caminhou pelo cômodo, de cabeça baixa e as mãos cruzadas nas costas. Era, sem dúvida, um homem intenso, com muitos assuntos importantes em sua mente.

– Sim, sou um homem da física, sr. Holmes, dr. Watson. Depois de receber o meu diploma *Triplos* em Cambridge e, em seguida, o de graduação da Universidade de Londres, voltei para a Índia. Sou atualmente membro do corpo docente da College Presidency...

– Não muito bem tratado, infelizmente – comentou Chatterjee. – Não há razão para desconfiarem de nossa pele marrom.

O sr. Bose acenou a mão, impaciente.

– Não é relevante. Homens mesquinhos se ressentem do potencial e da raça dos outros, e eu, pessoalmente, não dou importância à popularidade.

– Mas, no momento, estou debruçado em questões relacionadas a plantas. E agora, sr. Holmes e dr. Watson, preciso fazer-lhes uma pergunta, bastante distinta do mundo do eletromagnetismo, que é o que ensino na Presidency. Qual é sua opinião sobre as plantas? Será que elas possuem vida consciente?

– Sim – apressei-me a responder. – Mas a comparação implícita pode ser contestada.

Holmes não respondeu imediatamente. Deu algumas baforadas em seu cachimbo e disse:

– Por favor, esclareça. Acredito que você está tentando dizer algo que ainda não entendemos.

– Elas vivem com consciência? Será que elas vivenciam a morte? – Sim – disse Holmes.

– Você compararia a vida delas com a nossa?

Houve silêncio.

– Na medida em que nós, *Homo sapiens*, somos considerados o ápice do desenvolvimento animal e alegamos que podemos raciocinar e sentir emoções, eu diria que não, não seria correto comparar a vida vegetal com a humana – disse Holmes, fumando seu cachimbo. Parece quase uma blasfêmia fazer a afirmação da equivalência entre a vida humana e a vegetal, sr. Bose. Estamos bastante convencidos de que somos superiores em todos os sentidos e não iríamos tolerar qualquer opinião contrária, pois isso colocaria sobre a mesa questões emotivas, como a religião. Este é um mundo que nem sequer aceita a equivalência das vidas humana e animal. Qual é a sua proposição, senhor?

– Digo que estou embarcando em uma jornada para provar que as plantas também sentem emoção e dor. Minhas experiências iniciais demonstram muito claramente que, se expostas a certos estímulos, as plantas respondem de maneira semelhante a nós.

– Senhor! – exclamei.

– Extraordinário! E podemos ver uma prova científica de sua teoria? – perguntou Holmes, ignorando minha explosão.

– Neste momento, não, sr. Holmes. Estou construindo um aparelho chamado crescógrafo, com o qual espero demonstrar que a fisiologia das plantas tem semelhanças curiosas com a nossa. Isso deve demorar mais alguns meses. Se, por acaso, estiver em Calcutá, seria uma honra se o senhor examinasse pessoalmente a máquina e testemunhasse minhas experiências.

– Infelizmente, não estarei aqui nesta época, mas com certeza acompanharemos com interesse a evolução.

A intensidade do sr. Bose era bastante poderosa.

– O espírito científico de investigação deve banir noções de superioridade e não se ater a um ideal absoluto do que o termo “vida” signifique. Como sofremos uma lavagem cerebral, senhores! Nunca desafiamos, nunca questionamos os axiomas egoístas martelados em nossas cabeças, desde crianças. Vivemos de oxigênio. Outros talvez não – eles poderiam viver de nitrogênio, quem sabe? Temos um sistema cardiovascular. Outros, não. Reproduzimos de certa maneira. Outros podem reproduzir de outras maneiras. Temos uma visão do significado e da experiência do tempo. Outras formas de vida podem pensar de forma diferente. Quem decide o que é mais avançado e correto? Já observei que plantas reagem à música! – Foi difícil conter esse homem tão entusiasmado.

O sr. Chatterjee interrompeu:

– Sim, uma experiência bastante notável à qual testemunhei e da qual participei, por sinal. Jagdish me pediu para cantar minhas músicas para algumas plantas que tinha trazido para minha casa. Quando fiz isso, algumas morreram, enquanto outras sentiram medo!⁹ Ha, ha, ha!

Educados, rimos da piada do sr. Chatterjee.

– Bem, sr. Bose, estou certo de que há mérito no que o senhor diz. Pode ou não me convencer de suas teorias, mas estou certamente convencido de que é um homem que nasceu cedo demais. Espero ter o prazer de me corresponder com o senhor.

Suspirei aliviado. A conversa estava chegando ao fim.

Mas, aí, Holmes continuou:

– Sr. Bose, conte-me sobre seu trabalho em física.

Quase gritei de frustração. Quando isso iria acabar? Quando discutiríamos o Japão? O sr. Chatterjee percebeu minha inquietação e rapidamente colocou alguns doces na minha frente.

– Estas *rosogolas* são excelentes, dr. Watson – disse ele com uma voz suave. – Devo insistir para que experimente uma.

Experimentei e fiquei em silêncio.

– Sou um pesquisador de ondas de rádio, sr. Holmes. Fiquei interessado pelo trabalho de Heinrich Hertz, sobre a emissão de ondas eletromagnéticas invisíveis no espaço...

– O professor alemão de Karlsruhe – observou Holmes.

– Isso mesmo. Que bom que já ouviu falar dele! Ele trabalhou na teoria de Maxwell. O senhor parece saber tudo isso, apesar de estarmos falando de desenvolvimentos recentes, dos últimos dez anos, mais ou menos. Bem, essa teoria diz, em resumo, que é possível transmitir sinais através de paredes, via o que chamaremos ondas eletromagnéticas. Fios não são necessários. O senhor pode imaginar o mundo de possibilidades que se abre.

Eu estava pasmo, mas Sherlock era a imagem da serenidade.

– Inusitado, mas não impossível, imagino.

– Naturalmente, assim como Tesla e muitos outros pioneiros, somos confrontados com ceticismo e até mesmo escárnio. Tenho um pequeno laboratório – é suficiente – na Presidency. Estou convencido de que essa é uma área totalmente nova da ciência esperando para ser descoberta. Mas sou incapaz de atrair fundos e atenção.

– Genialidade sempre enfrenta ceticismo. Mas tenho certeza de que não vai desistir.

– Fico grato por não ser condescendente. Para começar, preciso de opiniões de homens da lógica, como o senhor, para criar uma visão para a aplicação futura de tais ondas eletromagnéticas. Eu vim a perceber que as pessoas são atraídas por aplicações, não por uma teoria por si só.

– Já entrou em contato com a Royal Society? Qual é a opinião de Oliver Lodge? Certa vez, ouvi-o falar sobre a existência das ondas de Maxwell.

– Na verdade, tenho me correspondido com a Royal Society, mas todo o processo leva muito tempo, e sou ansioso por natureza. Agora estou projetando um receptor de micro-ondas e um transmissor, mas há desafios...

“...Hertz...”

“...galvanômetro... antena...”

“...coesor... detector de cristal...”

E, assim, a discussão tornou-se científica e, para minha frustração, logo me vi confuso, distraído e completamente entediado. Sr. Chatterjee também estava achando difícil acompanhar, e, para minha grande diversão, o distinto cavalheiro adormeceu em sua cadeira, roncando sonoramente, enquanto a menos de dez metros de distância dois homens de ciência discutiam as peculiaridades de uma nova teoria.¹⁰

Com dificuldade, mantive os olhos abertos. Holmes estava falando.

– ...telegramas sem fio surgiriam em breve, eu acredito. Um cientista italiano, Marconi, está atualmente discutindo esse assunto com o Ministério do Interior, se bem me lembro. Meu irmão Mycroft mencionou que havia interesse nos mais altos cargos. O senhor deveria, creio eu, patentear suas descobertas.

– Não sou movido por ganância, sr. Holmes. O que quer que eu descubra deve ser de domínio público. Eu me recuso a lucrar com isso.

– Um ponto de vista nobre, sem dúvida. Mas o senhor pode enfrentar problemas no financiamento de experimentos futuros, se não tomar precauções.

– Talvez, mas estou preparado. A ciência pertence à humanidade, não ao cientista. Não há espaço para o ego. Sonho com uma ampla série de aplicações, que possam, um dia, mudar o mundo. Comunicação eletromagnética: talvez, um dispositivo através do qual o público possa ouvir a música do meu bom amigo sr. Chatterjee. Quem sabe os discursos do primeiro-ministro? Ou o Imperador do Japão?

– A mente cria seus próprios limites, sr. Bose. Acredito que esse dia, como o senhor descreve, virá. Vejo que talvez seja importante para os departamentos de polícia trocar informações através de dispositivos sem fio, eliminando as ineficiências e peculiaridades do telégrafo, limitado pelo código Morse. Embora me pergunte o que aconteceria se meus adversários criminosos, como o Professor Moriarty, se apossassem de tal ciência.

– Não acho, sr. Holmes, que essas descobertas devam ficar limitadas a grupos seletos, simplesmente por medo de seu uso indevido, seus benefícios devem contemplar a humanidade em geral! – exclamou sr. Bose, com fervor.

Fiquei impressionado com a natureza altruísta do sr. Bose, obviamente sincera, embora talvez um pouco ingênua. Holmes balançou a cabeça.

– Aí, talvez, discordemos, sr. Bose. Minha avaliação é a de que as habilidades do público para usar os benefícios da ciência de forma construtiva são limitadas. Não sou de maneira alguma a favor de se negarem conveniências à população, mas as autoridades adequadas devem primeiro explorá-las e atestá-las, e só então deixar que os benefícios da ciência e da engenharia cheguem até os cidadãos. Digo isso apenas do ponto de vista da lógica pura, tendo observado o comportamento de todos os tipos de pessoas na minha carreira – o homem comum que vive para o agora, o criminoso que procura, o mais rápido possível, maximizar o lucro através de meios ilegais, a mulher que cobiça um colar e faria qualquer coisa para obtê-lo, o comerciante que lucra com a arbitragem, porque tem uma vantagem injusta...

Os olhos do sr. Bose brilharam. Essa era uma isca que ele não podia ignorar.

– Autocracia! Quem decide? – o sr. Bose gritou, com raiva. – Quem deu a essas autoridades o direito de decidir o que é bom para o público e o que não é? Não é assim que os autocratas e ditadores mantêm o poder: limitando o acesso ao conhecimento, sob a teoria ilusória de que eles possuem a capacidade, o

poder e o direito de discriminar? E quem pode decidir se eles usaram a ciência e o conhecimento de uma forma sensata? sr. Holmes, a primeira aplicação da ciência foi invariavelmente no campo de batalha. Preferimos matar com melhores canhões e armas, usando os princípios da ciência. Não, sr. Holmes, não! Não tenho paciência com os defensores da regulamentação e do controle em uso próprio!

O sr. Chatterjee foi subitamente acordado, a voz elevada do sr. Bose tinha penetrado seu cochilo. Ele observou seus convidados com os olhos turvos.

– Vamos concordar em discordar, sr. Bose – Holmes respondeu, com uma voz suave. – Nós dois viajamos por estradas diferentes e temos razões para acreditar no que acreditamos. O que devemos fazer é celebrar a ciência e o gênio científico. Sem dúvida, em breve veremos a aplicação de suas descobertas. Naturalmente, sou forçado a me perguntar se não virá um dia – muito em breve – em que as informações serão compartilhadas com facilidade e quase instantaneamente, em qualquer lugar do mundo, tornando-o, de certa forma, muito menor. E se informações sobre a Yakuza, os *Thugs* e a Máfia fossem disponibilizadas para os investigadores de todo o mundo em segundos, ao invés de meses?

Não consegui controlar o riso.

– Meu caro Holmes! Também sou um homem da ciência, à minha própria maneira, mas certamente chegará uma hora em que ideias mirabolantes devem ser contestadas.

– Watson, o que é possível? O que é provável? Como é que sabemos? Quanto não sabemos? – perguntou Holmes. – Estou surpreso, meu caro, que uma ideia tão inovadora possa provocar-lhe uma resposta tão irascível. Talvez o efeito da malária continue de alguma forma sutil. Se essa discussão estivesse acontecendo há cem anos, você poderia, talvez, indignar-se com a sugestão do princípio do telégrafo. No entanto, nós – você! – enviamos frequentemente telegramas, sem pensar duas vezes. Quando você escrever esse episódio e ele for lido daqui a cem anos, quer dizer, quando o mundo será totalmente diferente, você poderá parecer bem ridículo, Watson.

Lembro-me de me sentir indignado, e talvez meu rosto mostrasse esse sentimento, enquanto tentava encontrar uma resposta inteligente.

– Mais doces bengaleses, dr. Watson? – interrompeu Debnath Chatterjee, com uma voz conciliadora, procurando acalmar os ânimos.

Aceitei, com alguma hesitação, um doce branco, com aparência peculiar, chamado *sondesh*, e mordisquei-o com cuidado. O gosto era fascinante.

– Por favor, continuem, senhores – disse, minha raiva diminuindo em segundos –, enquanto realizo uma demorada investigação científica sobre os segredos desse doce.

Minha tentativa de humor foi bem recebida, e os outros irromperam em gargalhadas. Continuei com minha pesquisa a sério, enquanto suas vozes se elevaram e tomaram conta do ambiente.

A voz de Holmes subitamente interrompeu meu pensamento.

– E agora, Watson, se você estiver satisfeito com aqueles doces bengaleses, talvez o sr. Chatterjee faça a gentileza de me apresentar ao seu amigo músico, o sr. Sen, com quem eventualmente eu possa aprender algumas dicas sobre música.

Fiquei envergonhado ao perceber que tinha consumido quase todo o prato de doces, em menos de dez minutos!

Quando o riso cordial diminuiu, atravessamos até o anexo do sr. Chatterjee, onde encontramos um senhor magro, de pele morena, esperando por nós. Estava usando um *dhoti* e, à primeira vista, pareceu bastante indefinível, mas logo depois desfez essa impressão com um sorriso brilhante e genuíno. Estava sentado no chão, em um tapete atrás de um harmônio, e levantou-se quando entramos, juntando as palmas das mãos, em um gesto de namastê. Depois de uma conversa inicial em bengalês entre ele, o sr. Bose e o sr. Chatterjee, ele nos saudou:

– “Bem-bindo”, sr. Holmes, “bem-bindo”! Sou Binayak Sen, professor de música. Ensino música se o senhor quer!

Sherlock Holmes inclinou-se, com respeito.

– Agradeço o privilégio. O senhor vai me achar um aluno fraco. Algumas sugestões sobre os conceitos básicos de música clássica indiana é tudo que peço, se não for inconveniente. E trouxe meu violino.

– Um violino! – exclamou o sr. Bose. – Excelente, sr. Holmes! Física em ação, em todos os sentidos possíveis, o senhor não concorda? Teremos o prazer de ouvi-lo tocar?

Holmes tirou o violino do estojo.

– Segure firme as partituras, Watson. Elas são insubstituíveis.

Ele pôs o violino no ombro e encostou o arco nas cordas e, depois de alguns pequenos ajustes de afinação, tocou o instrumento com uma energia e sensibilidade que raramente tinha visto nele antes. Tocou algumas músicas galesas, em seguida, *O Trinado do Diabo*, de Tartini e, depois, uma composição sentimental escrita por ele mesmo. A atmosfera na sala transformou-se; o sr. Bose e o sr. Chatterjee tinham fechado os olhos e estavam completamente absorvidos, balançando seus corpos no ritmo da música. O sr. Sen observava com muito cuidado os movimentos hábeis dos dedos de Holmes e balançava a cabeça vigorosamente, com admiração.

Aplaudimos quando Holmes concluiu, e ele fez uma reverência.

– Excepcional, sr. Holmes! Uma perfeita aplicação da beleza da ciência! – gritou o sr. Bose.

– Muito poético – observou, conquistado, o sr. Chatterjee.

– Muito bom, muito bom! – exclamou o sr. Sen, esfregando as mãos com satisfação.

– Obrigado. Agora, estou a seu dispor.

– Por favor, o senhor senta no tapete na minha frente, e começamos aula de música indiana simples – convidou o sr. Sen.

Com grande dificuldade, Holmes conseguiu se sentar de pernas cruzadas no tapete em frente ao sr. Sen. O sr. Bose e o sr. Chatterjee fizeram o mesmo. Expressei a minha incapacidade de sentar-me no chão, devido à minha total falta de flexibilidade, e uma cadeira foi providenciada.

O sr. Sen colocou os dedos sobre as teclas do harmônio e produziu uma combinação de sons peculiar, embora não desagradável.

– Primeiro criamos atmosfera. *Raaga* é emoção e atmosfera. Primeiro, afinamos o seu “biolino”, depois, siga o que eu toco no harmônio. Tudo bom?

Holmes seguiu as instruções do sr. Sen e afinou seu violino com cuidado. (“Uma combinação incomum de notas, Watson, não natural para o violino como o conhecemos”, comentou mais tarde. “Mas apropriada para a música daqui. Uma adaptação inteligente. Era muito difícil evitar fazer comparações enquanto tocava, mas fiz o melhor possível. O dedilhado, os arpejos, o manejo do arco – nossas convenções técnicas não encontram muita aplicabilidade aqui.”)

Em seguida, o sr. Sen começou a ensinar a Sherlock Holmes os conceitos básicos da música clássica indiana. A experiência foi agradável para todos nós, assistindo ao enorme esforço do investigador mundialmente famoso para entender o sotaque pesado do sr. Sen, enquanto extraía notas e cadências desconhecidas. No entanto, Holmes provou ser um aprendiz rápido, e os gritos de alegria do sr. Sen pareciam indicar que ele tinha encontrado um aluno promissor. Isso continuou por algumas horas, sem que nem estudante nem professor mostrassem sinais de cansaço, e todos os tipos de melodias e linguagem peculiares emergiram. *Raagas, Swar, Vadi, Samvadi, Aarohon, Abarohan*. Tomei notas, é claro, e Sherlock Holmes me disse mais tarde qual era a sua interpretação dessas palavras.

Passado algum tempo, a aula chegou ao fim, e Holmes e o sr. Sen reconheceram com prazer a

competência um do outro. Um jantar luxuoso nos aguardava, com vários pratos indianos, trazidos em rápida sucessão. Meu gosto pelos doces locais tinha se tornado tema de conversa na cozinha e continuei a encontrar novos pratos, surgindo misteriosamente à minha frente. Consumi-os da forma mais discreta possível, encontrando-me incapaz de resistir. Enquanto isso, Holmes estava mantendo uma animada discussão com Bose, à sua esquerda, e conversas sobre música com Sen, à sua direita. O sr. Debnath Chatterjee era o anfitrião perfeito, que envolve a todos em suas conversas e garante que todos estejam bem alimentados.

Despedimo-nos e partimos para o hotel por volta da meia-noite, muito satisfeitos com o nosso dia. O sr. Bose e Holmes prometeram manter contato frequente, e ele nos desejou boa sorte em nossos planos de nos envolvermos com a Yakuza, aconselhando-nos, uma vez mais, a nos concentrar não no que está aparente, mas no implícito e exagerado.

– Um inimigo arrogante é o seu melhor amigo, senhores, pois é dado ao excesso de confiança – observou o sr. Bose, quando nos apertamos as mãos.

Nenhum de nós estava com vontade de falar. Estávamos inundados de contentamento. Música e ciência tinham enriquecido essa estranha viagem, e nós nos sentimos refeitos como nunca, prontos para enfrentar os perigos assustadores à frente.

De comum acordo, o sr. Sen veio para o hotel na manhã seguinte e passou o dia todo orientando Holmes nas nuances da música indiana. Holmes me disse mais tarde que sabia muito bem que seria impossível aprender em poucas horas qualquer coisa significativa do vasto oceano da música indiana, mas estava satisfeito por ter tido uma excelente introdução. Sua forma de tocar violino tornou-se mais emocional e sutil. Muitos anos após sua aposentadoria formal, quando assumiu a apicultura em Sussex, costumava me convidar para visitá-lo e invariavelmente tocava encantadoras melodias, que traziam lembranças daqueles dois dias fascinantes em Calcutá.

⁸ Recordo-me de que senti uma sensação de ruína e *déjà vu*, quando se tornou conhecida a existência de mais um exemplo do aparente poço sem fundo de monografias escritas por Holmes, sobre qualquer tópico obscuro.

⁹ Aqui, também, minha audaciosa – e, talvez, alguns podem argumentar, atraente – jovem editora, imposta a mim pela Editora HarperCollins, queria cortes indiscriminados, alegando que o leitor moderno estava à procura de crime, e não de botânica, não entendendo as razões, devido ao fato de ser jovem, imatura e, afinal, uma mulher. O ponto desta narrativa é a crônica das discussões e das experiências interessantes que Holmes e eu tivemos durante nossa aventura. O moderno leitor em busca de crime, facilmente entediado com a investigação científica e buscando entretenimento doentio e não refinado, é aconselhado a dar este livro de presente para um conhecido com sensibilidade mais requintada.

¹⁰ Eu não ficaria muito surpreso se o leitor moderno mediano reclamasse da mesma forma sobre isso mais tarde. Mas deixo claro – e informei a minha jovem “editora” (o significado e a pureza dessa palavra têm sido vulgar e infelizmente transformados ao longo do tempo), de olhos grandes e brilhantes e intelecto pretensiosamente penetrante – que tenho que relatar os eventos como eles aconteceram, e não enfeitá-los em nome do “ritmo”, ou para evitar “quebras”. O leitor impaciente, que busca a satisfação em cada página, é aconselhado a devolver este livro para o estabelecimento comercial onde o comprou e requerer formalmente o reembolso. O leitor inteligente e maduro é convidado a ficar e ler com cuidado, pois ele vai, sem dúvida, se beneficiar.

Angkor Wat - Saigon - Nagasaki

史

Parece que foi ontem que brincávamos nas florestas das montanhas de Hakko. As árvores sorriam quando ríamos e gritávamos e batíamos um no outro, com amor. Hoje, nossos netos fazem o mesmo. Já comecei a ver os fantasmas dos meus ancestrais nesta casa.

Como planejado, partimos de Calcutá para Singapura no *Isabella*, sem incidentes, tendo embarcado separadamente. Holmes estava disfarçado de um rico bengalês, vestindo o *dhoti* local, enquanto eu fingia ser um fazendeiro inglês voltando para o meu seringal em Sarawak. Nada podia ser desconsiderado. O jogo de xadrez estava sendo jogado furiosamente em todos os continentes. Os últimos três dias tinham sido extremamente interessantes, com a obsessão recente de Holmes pela música clássica da Índia. Nosso encontro com o sr. Chatterjee tinha sido inspirador também. (“Escreva minhas palavras”, disse Holmes, “vamos ter mais notícias dele em breve.”) Mas, agora, tínhamos que ir rapidamente até Tóquio para encontrar com o sr. Oshima. Em Calcutá, tínhamos nos abastecido com as roupas e os medicamentos de que poderíamos necessitar para o restante da viagem.

Holmes estava quieto e calado, e não estava interessado na viagem em si; nós nos mudamos para nossa cabine de primeira classe e, em pouco tempo, ela foi preenchida com a fumaça amarga de tabaco misturado com um narcótico local, a *ganja*, derivada do cannabis. Ocupei-me com as contas e com a atualização do meu diário.

Fomos informados de que a jornada para Singapura levaria cerca de dez dias, com paradas em Rangum, no porto de Myeik, ao sul da Birmânia, e em George Town, no Estado de Penang, na Malásia. A viagem foi desconfortável em sua maior parte, com a monção em pleno vigor. Fomos fustigados por ventos, ondas vigorosas e fortes tempestades ocasionais. Isso foi providencial, pois ficamos confinados aos nossos quartos e, assim, evitamos contato com outros passageiros.

Mas, logo, Sherlock Holmes estava andando, furioso, para lá e para cá no chão instável de nossa cabine.

– Não há dúvida, Watson. Moriarty com certeza antecipou cada um de nossos movimentos. Certamente enviou alguém para observar o porto de Singapura. Em um ou dois dias, teria verificado a lista de passageiros do *Isabella* e suspeitado de dois homens que viajam para Singapura e enviado um telegrama para lá.

Pegou um mapa da área e colocou-o sobre uma mesa.

– Watson, o nosso objetivo agora é duplo. Chegar a Yokohama e de lá a Tóquio, o mais rápido possível, e também evitar as armadilhas do Professor Moriarty. Só temos uma opção, embora perigosa, especialmente porque você acabou de se recuperar da malária. E isso seria evitar completamente Singapura. Podemos fazê-lo de três maneiras. Sair tranquilamente em Rangum e viajar para Siam. Ou em

Myeik, que parece mais próximo de Bangkok. Essa viagem vai ser a mais difícil, dado o terreno, a lama e o lodo que podemos esperar. Finalmente, podemos desembarcar em George Town, mas teríamos dado a nosso adversário tempo demais para se preparar. Não, temos de arriscar as nossas chances em Rangum ou Myeik.

– A melhor ideia é Myeik, Holmes. Não temos muita opção. As pessoas que desembarcarem em Rangum também estarão sendo observadas. Myeik parece ser um porto pequeno.

– Esplêndido! Está resolvido. Vejo que devemos chegar a Myeik por volta das seis da manhã. Vamos fingir que estamos passando mal e sair. O navio vai zarpar depois de apenas quinze minutos no porto. Será a nossa oportunidade.

Chegamos a Rangum, mas ficamos em nossa cabine. Vários passageiros desembarcaram, e outro tanto embarcou. Observei da vigia se havia qualquer sinal de que estávamos sendo procurados. Vi dois ingleses em pé no portão dos passageiros, depois do *stand* da Alfândega, olhando atentamente para todos que saíam. Não havia nenhum meio de descobrir o objetivo deles.

Logo estávamos em nosso caminho para Myeik, uma distância de cerca de três centenas de milhas náuticas. O arquipélago de Myeik é conhecido por sua beleza estonteante – fomos informados –, mas estávamos preocupados demais para pensarmos nisso. De qualquer forma, Holmes não era o tipo de homem de considerar a suntuosidade da natureza, mesmo no melhor dos tempos. Não tínhamos ideia de como, mas sabíamos que precisávamos despistar nossos perseguidores aqui. E, enquanto o *Isabella* entrava no porto de Myeik, fingimos um mal-estar agudo e convencemos o capitão a nos deixar desembarcar, prometendo retomar a viagem no dia seguinte, no próximo navio.

Nosso plano funcionou. Desembarcamos no pequeno e calmo porto, pouco antes do amanhecer, apertando a bagagem contra nossos estômagos e escoltados pelo preocupado capitão. Com exceção de poucos carregadores e um funcionário, o lugar estava deserto e silencioso, não muito acostumado a visitantes. Os birmaneses são um povo amigável e, assim que o *Isabella* levantou âncora e se afastou em direção a Singapura, recuperamos milagrosamente nossa saúde e fizemos perguntas a respeito de como podíamos chegar rapidamente a Bangkok.

O funcionário birmanês, o sr. U. Mya Sein, muito educadamente nos ofereceu café da manhã e disse que a opção mais rápida, apesar de árdua, seria viajar em lombo de burro através das montanhas, que, segundo ele, estavam enfrentando fortes chuvas. As selvas eram compactas e perigosas, mas o caminho era conhecido, e ele poderia providenciar um bom guia. Concordamos e nos equipamos e nos abastecemos para a viagem, dali a algumas horas.

Entramos na selva, logo ao lado do porto. Mais uma vez, nossa viagem correu tão bem quanto se poderia esperar, ao se atravessar uma floresta tropical. Nosso guia teve a consideração de nos fornecer um creme oleoso espesso, com um cheiro desagradável, que espantaria insetos, bem como água. Mas nada poderia nos ter preparado para a umidade, o calor sufocante e as tempestades intermitentes. Holmes era a imagem da serenidade, como sempre, e discutimos vários casos antigos para passar o tempo. Ele estava extraordinariamente falante e até um pouco feliz.

– Certamente se lembrará, meu caro Watson, do caso de Sir George Hastings e seu encontro com o chantagista Charles Milverton. Você conhece meus métodos: tentei me colocar no lugar de Milverton e imaginar que opções ele consideraria. Ele espremeu a última gota de suas vítimas, mas, ocasionalmente, calculou mal os limites da tolerância. Quando isso acontece, a pessoa que sofre chantagem permanente pode ficar perfeitamente satisfeita em suportar as consequências de não sucumbir. E então, quando pensamos no caso do adido naval da Suécia e os projetos de engenharia que sumiram, você se pergunta quão descuidadas as pessoas em posições de responsabilidade podem ser – deixando esses documentos em sua mesa, ao lado de uma janela aberta, acessível a qualquer transeunte. Deixemos claro, Watson, que

certa classe de criminosos é extraordinariamente criativa – obtendo energia a partir das boas coisas da vida – autoridades em tapetes *kilim* da Anatólia, conhecedores de vinhos Shiraz, especialistas em vasos Ming – você se lembra do galanteador malandro, Barão Adelbert Gruner? Artistas, escultores, violinistas, pianistas, poetas. É uma questão de profundo interesse e merece uma análise científica. Talvez esses homens vejam o crime sofisticado como uma outra forma de arte. Eles vão de sucesso em sucesso – agradavelmente surpreendidos pela ingenuidade dos homens que literalmente sugerem maneiras pelas quais criminosos poderiam tirar proveito deles – até que, finalmente, encontram alguém à sua altura. Seu calcanhar de Aquiles é a sua arrogância crescente e o excesso de confiança – a que me referi anteriormente, no caso do Coronel Sebastian Moran e da maneira com a qual mentiu a bordo do *North Star*.

E dessa maneira Sherlock Holmes continuou, sem se perturbar com os odores estranhos e os sons da selva tropical, o movimento brusco e rítmico das mulas, os insetos que nos vinham sondar, a umidade brutal e a presença ruidosa dos macacos e dos pássaros ao nosso redor.

A flora exuberante da selva era uma distração agradável; cores e formas que eu nunca tinha imaginado. Holmes me aconselhou a não tocar em nada.

– As aparências enganam, Watson. Você certamente se lembra do caso do Cavaleiro Desaparecido, no qual tantos membros perfeitamente inteligentes de uma família respeitável em Norwich foram, coletivamente, convencidos de que cavaleiros estavam marchando por sua casa durante o dia – um caso impressionante de alucinação em massa, lembrando-nos de quão sugestionáveis nossas mentes são. Durante a investigação, descobrimos que a família estava sendo envenenada pelo cozinheiro, por doses de *Datura stramonium*, ou figueira-do-diabo. Essa planta que você vê lá, Watson, é a culpada. As flores roxas em forma de sino e os brotos contêm um alucinógeno que poderia facilmente ser fatal. E ali temos a linda mamona, também conhecida como *Ricinus communis*. As flores são atraentes e felpudas, e a grande folha, de um roxo agradável. Um único grão pode causar náuseas e desorientação, e a toxina acumulada provoca uma morte dolorosa e lenta. Mas, claro, você é um homem da medicina, e já deve saber disso.

Holmes recolheu várias amostras de folhas e flores ao longo do caminho, dizendo – para meu desespero – que esperava um dia escrever uma monografia¹¹ acadêmica para circulação particular, intitulada *A flora da Península Malaia*. Tivemos também alguns encontros triviais com as cobras da região, e, se permitem, narrarei um incidente em que possivelmente salvei a vida de Sherlock Holmes.

Enquanto descansávamos em certo local, Holmes sentou-se em uma grande pedra à beira de um caminho estreito, perto de um riacho, e fumava seu cachimbo. Andei um pouco – estava ficando tarde, ainda estávamos a cerca de duas horas da aldeia onde iríamos passar a noite, e minhas pernas estavam dormentes. Aos pés de Holmes havia um grande monte de folhas mortas. Enquanto caminhava em direção a ele, notei um ligeiro ruído e um movimento na pilha, a apenas dois metros de Holmes. Gritei, para alertá-lo.

Sem nenhuma hesitação, Holmes pulou para cima da pedra, em um único e rápido movimento. Vimos uma grande serpente marrom com manchas triangulares pretas levantar a cabeça e olhar para Holmes com desaprovação e se afastar lentamente.

– Uma jararaca da Malásia, Watson! *Calloselasma rhodostoma*, se não me falha a memória. Uma única picada me teria posto em estado de agonia aguda por dias se não tratada. Necrose e, possivelmente, morte. Meu caro amigo, devo-lhe minha vida!

– Holmes, já perdi a conta do número de vezes em que você me salvou de situações fatais. Não foi nada. Vamos seguir em frente.

Aos poucos, atravessamos o terreno montanhoso, em certo ponto evitando uma enorme pítton birmanesa estirada ao longo do caminho, e entramos no Siam. A viagem terminou logo depois, na

periferia da grande cidade de Bangkok, onde dispensamos o guia. Holmes não estava com disposição alguma de dividir a viagem, a menos que fosse absolutamente necessário. Então, mais uma vez, consultou o nosso mapa.

– O curso mais criterioso, Watson, é evitar grandes cidades, onde há grande probabilidade de um incidente. Seria melhor nos movermos para o leste, em áreas onde o Império Britânico tem influência mínima, embora isso por si só não garanta nada, dado o alcance do poder do Professor Moriarty. Nosso melhor caminho é, portanto, viajar para o protetorado francês do Camboja e, em seguida, para outros territórios franceses da Indochina. De lá, tomamos uma rota marítima para Macau, uma colônia portuguesa, onde iremos, talvez, encontrar amigos e, depois, para o Japão.

Passamos pela cidade de Bangkok, onde fui até o correio para enviar uma breve carta para minha esposa. Holmes vestiu novamente seu disfarce de rico bengalês. Também voltei a meu disfarce de extrator de borracha, mas não corremos riscos e, na medida do possível, evitamos ser vistos juntos. Embora a cidade parecesse exuberante e interessante, com muitos templos budistas, que eu teria gostado de visitar, simplesmente não tínhamos tempo. Contratamos uma carruagem para nos levar de Bangkok para Siem Reap, uma cidade bastante antiga no Camboja. A estrada estava em condições surpreendentemente boas, e passamos por belas paisagens. Fiz nota de vários pontos turísticos, enquanto Holmes se manteve quieto, fumando a marca local de cigarros, cuja qualidade ele ridicularizou com bastante frequência.

Após uma longa viagem, marcada por frequentes mudanças de cavalos, finalmente chegamos, à noite, a Siem Reap onde decidimos descansar por um dia, uma vez que não tínhamos tido nenhuma parada em nossa jornada, desde que a começáramos em Calcutá.

Alugamos um quarto no único (e bastante primitivo) alojamento na cidade, cujo gerente, sr. Suvann Chea, falava um pouco de francês, língua que Holmes e eu falávamos razoavelmente bem. Sr. Chea foi muito hospitaleiro e insistiu em servir-nos chá e croissants surpreendentemente frescos – e inesperados – como lanche.

Soubemos que a cidade era a porta de entrada de um complexo muito maior, que era a base da cultura cambojana. O gerente recomendou que visitássemos as ruínas dos templos locais a cerca de três quilômetros de distância, chamadas coletivamente de Angkor Vat, na manhã seguinte, enquanto ele providenciava a continuação da nossa jornada. Holmes aceitou prontamente a sugestão.

– Isso é uma boa ideia, Holmes? – protestei. – Rapidez é essencial! É este o momento de partir em uma expedição para admirar a arquitetura local?

Holmes levantou uma sobrancelha.

– Aprecio seu espírito e sua dedicação para com nosso objetivo, Watson, mas gostaria que você considerasse vários fatos. Um: estamos precisando com urgência de descanso e distração mental. Uma mente e um corpo cansados são inadequados para os desafios que temos pela frente. Dois: estamos em um lugar de extrema importância histórica, que talvez nunca visitemos novamente. E três: não temos escolha, já que o transporte só estará disponível no período da tarde.

Não estava totalmente convencido, mas evitei qualquer comentário. Holmes partiu para uma observação bastante mordaz e ofensiva:

– Você se parece, em certos aspectos, precisamente com o tipo de leitor cuja atitude superficial você criticou em inúmeras ocasiões. Posso ver que você espera, um dia, narrar esta aventura, caso sobrevivamos, e deseja entreter e proporcionar um clima de ação agitado, pretendendo, talvez, que o cidadão comum em Birmingham, Glasgow ou Norwich se divirta. Não vivemos em um livro, Watson. Esta é a vida real, onde considerações de ordem prática devem prevalecer sobre a excitação medíocre.

– Com o seu sarcasmo cruel, comete uma grande injustiça, Holmes! – bradei, com o rosto ficando

vermelho. – Meus esforços literários podem ser modestos, mas um dia serão considerados como uma homenagem a você e seu intelecto. Estava apenas preocupado com a possível perda de tempo e seu efeito sobre a sua missão.

– De fato, Watson? Nesse caso, retiro minhas observações desnecessárias. Enquanto isso, tome um pouco deste excelente chá Darjeeling e coma um ótimo croissant.

Dormimos bem e, depois de um café da manhã bem cedo, partimos para Angkor Vat em cavalos jovens e resistentes. Acertamos nossas contas com o sr. Chea e pedimos que ele mantivesse algumas carruagens prontas para viajarmos (“De volta para Bangkok,” disse Holmes calmamente). O sr. Chea nos assegurou que as providências seriam tomadas e que não precisávamos nos preocupar.

Passamos algumas horas visitando os magníficos templos no complexo e absorvendo a paisagem.

– Você, sem dúvida, vê a influência marcada da cultura da Índia se estendendo para este país – disse Holmes, ignorando a minha inquietação. – Os templos têm inscrições em Pali, em que tive algum interesse no passado, como deve se lembrar. Uma inscrição dizia que o templo tinha sido abençoado com as águas do Ganges. O que você acha disso, hein, Watson?

– Fantástico, Holmes, mas preferiria continuar nosso caminho para o Japão, se pudesse escolher! – disse, bem nervoso agora.

– *Tsc*, Watson! Você é o exemplo do inquieto e ansioso inglês, longe do seu chapéu-coco, seu clube, o críquete no Lords e o The Times, incapaz de apreciar a beleza do momento das culturas pagãs. Eu desaprovo sua atitude.

– E eu desaprovo a sua, Holmes. Talvez o calor deste lugar tenha reduzido nossa acuidade perceptiva. Estou apreensivo e gostaria que estivéssemos em outro lugar, ao invés de comentar sobre inscrições em Pali e sobre o Ganges.

Depois de mais uma subida tortuosa até o principal templo de Angkor Vat e uma assustadora descida quase vertical, sentei-me em uma das lajes de granito na base, de costas para o templo. Queria tirar meu chapéu e o suor da minha testa, e recuperar o fôlego. O ágil e firme Sherlock Holmes já tinha chegado à parte de baixo muitos minutos antes de mim e estava andando por ali. Percebeu a minha chegada e virou-se para mim e para o templo, admirando a arquitetura impressionante. Seu rosto congelou, com um olhar de horror absoluto.

– Watson!

Ele gritou e correu em minha direção, agarrando meus ombros e me empurrando. Nesse instante, uma pedra enorme veio rolando, passando direto por onde eu estava sentado e chocando-se contra os degraus, destruindo as pedras menores na base da montanha.

Holmes apontou para cima e gritou:

– Watson, lá! Lá! Você o vê?

Vislumbrei por um segundo um rosto escuro olhando para baixo, bem do alto. Logo, ele desapareceu.

– Não há um minuto a perder, Watson! Isso não foi um acidente. Fomos descobertos. Temos que partir imediatamente

Holmes estava em sua melhor forma: instintos protetores e agressivos no auge, as narinas dilatadas, cada nervo de seu corpo à flor da pele, em um estado absoluto de prontidão para qualquer eventualidade.

Subimos rapidamente em nossos cavalos, que galoparam de Angkor Vat em alta velocidade. Atrás, podíamos ouvir gritos e os sons de revólveres sendo descarregados. No entanto, a distância era muito grande, e não chegamos a correr nenhum perigo real. Voltamos apressadamente para Siem Reap.

– Temos no máximo uma vantagem de vinte minutos: o tempo necessário para eles descerem e começarem a perseguição. Rapidez é essencial! – gritou Holmes, enquanto galopávamos para longe.

No alojamento, o sr. Chea saiu para nos cumprimentar, quando corremos para dentro.

– Ah, messieurs, vos amis de Bangkok vous cherchaient! Vous ont-ils trouvés?

– Je crains que non, Monsieur Chea, pourriez-vous les décrire?

– Deux messieurs – des Anglais, je dirais. D’une trentaine d’années, environ. Ils étaient accompagnés par un jeune garçon Cambodgien. Ce n’était pas plus de trente minutes après que vous soyez partis. Ils ont dit qu’ils arrivaient de Bangkok et avaient hâte de vous voir.

– Nous ne nous sommes pas rencontrés, malheureusement. Nous partons immédiatement pour Bangkok, Monsieur Chea. Merci de le leur faire savoir.¹²

Nossas carruagens estavam prontas, como o sr. Chea tinha prometido. Sherlock Holmes pagou os cocheiros pela tarifa para Bangkok. Ele pediu que um prosseguisse sem passageiros o mais rápido possível, dizendo que um amigo estaria esperando na estrada, a cerca de cinquenta milhas à frente. Em poucos minutos, seguimos a primeira carruagem. Cerca de uma milha depois de Siem Reap, chegamos a uma bifurcação, onde uma estrada levava a Bangkok, e outra, a Phnom Penh, capital do Camboja. Holmes pediu a nosso cocheiro que pegasse a estrada para Phnom Penh. Escondemos nossa carruagem em uma área arborizada, saltamos para fora, voltamos para a estrada e nos escondemos atrás de alguns arbustos.

– Agora, vamos ficar deitados aqui, Watson, e checar se nosso estratagema simples funcionou.

Nós nos agachamos atrás da densa vegetação e observamos a estrada, prendendo a respiração. A nuvem de poeira deixada pela primeira carruagem, a caminho de Bangkok ainda era visível. Em quinze minutos, ouvimos o som de cavalos a galope e uma carruagem correndo. Eles passaram rápido, tomando o caminho de Bangkok, e ouvimos alguém gritando: “Mais rápido! Mais rápido! A poeira lá na frente! Não podemos deixá-los fugir desta vez, ou ele vai cortar nossas cabeças!”.

A referência era, obviamente, ao Professor Moriarty, nosso malfeitor em Paris. Quando a poeira baixou e o som da carruagem ficou distante, voltamos à estrada e seguimos em direção a Phnom Penh.

– Nós ganhamos algum tempo, Watson, mas não muito. Essa foi por muito pouco e confirma mais uma vez que é possível para um homem, sentado em um escritório em Paris, observar nossos movimentos como se estivesse pairando invisível, logo acima de nós. Agora vamos para o sul, em direção a Phnom Penh, e depois rumamos diretamente para o leste até o Vietnã, para o porto de Saigon. Lá, pegamos um junco chinês para Macau, se houver algum disponível – Sherlock Holmes tinha claramente feito sua lição de casa.

A carruagem era confortável, e a estrada, razoável, e, com exceção de uma mudança de cavalos a cada par de horas, a viagem foi rápida. O esplendor da zona rural cambojana não fazia diferença para Sherlock Holmes, mas eu olhei para os campos verdes e templos antigos ao longo do caminho com grande admiração. Algumas lojas à beira do caminho ofereciam grilos fritos e assados, a iguaria local, que nos recusamos educadamente a experimentar. Algum tempo depois, o cocheiro anunciou que estávamos prestes a chegar a uma encruzilhada. À direita seria o caminho para Phnom Penh, e, à esquerda, uma estrada menor indo para Saigon. Viramos à esquerda e, depois de várias horas, chegamos à antiga e encantadora cidade de Saigon.

Trocamos nossos disfarces em uma pousada de beira de estrada, onde também comemos e, agora, com a ajuda do nosso amistoso cocheiro, nos transformamos em dois comerciantes chineses. As habilidades de Holmes na arte do disfarce eram extraordinárias: as vestes elaboradas, o rabo-de-cavalo, os olhos puxados e o tom da pele – tudo era exato. Ele tinha aprendido um pouco de mandarim, enquanto trabalhava em um caso para os estaleiros de Londres e agora usava-o com confiança. Chegamos a Saigon e, sem perder tempo, fomos até o porto e fizemos perguntas sobre um navio indo para Macau. Era um porto movimentado com bastante tráfego, e em poucas horas estávamos em uma cabine de primeira classe no *Tek Hwa Seng*, um junco chinês modesto indo para Hong Kong via Macau. Dispensamos nosso cocheiro cambojano, depois de pagar-lhe uma quantia considerável por seu trabalho; essa deve ter sido a

viagem mais longa e mais estranha que ele já tinha realizado, com um indiano e um inglês transformando-se em comerciantes chineses diante de seus olhos.

Enquanto esperávamos, escrevi e postei uma breve carta para minha esposa, sem lhe dar qualquer sinal do meu paradeiro, apenas dizendo que estava tudo bem e que pretendia me comunicar com ela de novo, muito em breve. Pensei que um telegrama seria perigoso. Sim, a carta levaria mais tempo, mas talvez lhe trouxesse conforto, quando chegasse a ela.

O *Tek Hwa Seng* era bem equipado e não estava muito lotado. Tinha cerca de cinquenta passageiros e apenas três cabines de primeira classe. Não se esperava que a viagem demorasse muito, e as condições eram favoráveis. Suspiramos aliviados quando o junco saiu do porto e seguiu rumo a Macau, com uma possível parada nas Ilhas Paracel, no Mar da China Meridional, um corpo d'água conhecido por seus furacões mortais.

– Você vê, mais uma vez, Watson, o extraordinário alcance e a capacidade do Professor Moriarty. Não estamos seguros em nenhum lugar. A analogia com o xadrez, que fiz antes, é bastante precisa, não diria? – refletiu Holmes, enquanto fumava seu cachimbo, acessório bastante destoante do seu ornamentado vestuário chinês e do rabo-de-cavalo.

Éramos os madeireiros chineses Wang Tao (Holmes) e Li Hongzhang (eu, como o amigo mudo de Wang Tao), voltando a Macau. Evitávamos qualquer contato desnecessário com estranhos, pois nossas dificuldades linguísticas se tornariam óbvias e levantariam suspeitas.

– Na minha opinião, ganhamos, na verdade, pelo menos sete dias desembarcando em Myeik e atravessando por terra até Saigon. Sim, não foi confortável, mas acredito que aprendemos várias coisas. Em primeiro lugar, que o Professor Moriarty nunca vai desistir. Agora mesmo, ele deve estar debruçado sobre um mapa desta área, fazendo preparativos para nos capturar. Seus recursos são incalculáveis e as coisas devem se tornar piores agora, que nos dirigimos para a China, onde cairemos na região de operação da Triad do ópio. Mas simplesmente precisamos continuar – há muito em jogo. E, claro, aprendemos muito sobre a flora desta área e passamos pelo notável mundo perdido de Angkor Vat. Se esse caso lamentável chegar a uma conclusão, espero passar um tempo escrevendo monografias¹³, para circulação particular, sobre a botânica desta área e as ideias arquitetônicas dos primórdios cambojanos. Mas, agora, vamos descansar e recuperar as energias.

O *Tek Hwa Seng* progrediu muito ao longo de alguns dias e, exceto por uma rápida tempestade ao longo das Ilhas Paracel, não tivemos nenhum desconforto. Holmes e eu evitamos sair da cabine, sempre que possível. Ele passou um tempo, organizando suas anotações e amostras de folhas. Ocasionalmente, pegava seu violino e verificava a afinação, mas evitou tocar, já que havia a possibilidade real de gerar comentários. Também olhava para as muitas páginas de uma ópera musical, cuja partitura, segundo ele, tinha sido escrita por um jovem e promissor compositor de Praga, com quem ele estava familiarizado. Admirava Sherlock Holmes por sua capacidade de distrair-se com tanta facilidade. Eu estava, é claro, secretamente satisfeito de ele não estar fazendo recurso à cocaína.

– A *expertise* marítima dos chineses é bastante notável, Watson – disse Holmes, fumando seu cachimbo. – Eles eram marinheiros experientes e brilhantes arquitetos navais. Muitas centenas de anos atrás, eles construíram navios com cinco mastros, pesando mais de duas mil toneladas. Aos nossos olhos, as velas quadradas e o design podem parecer estranhos, mas foram eficazes para viagens longas. Seu almirante, Zheng He, se bem me lembro de minhas investigações na Biblioteca Britânica de St. Pancras, alguns anos atrás, era um marinheiro talentoso com a mente aberta, e reuniu conhecimento, ambição e ação, traços de todos os líderes de sucesso. Temos muito a aprender com os chineses, Watson. Papel e pólvora são apenas dois exemplos de sua engenhosidade. Sua literatura deve ser extraordinária.

– Não sabia que estava pesquisando sobre o almirante Zheng He e os chineses na British Library,

Holmes – disse, entediado.

– Você não sabe de muitas coisas, Watson – observou Holmes, cruel, arrumando o rabo-de-cavalo. – Agora, no que diz respeito a esse caso, ao mesmo tempo que acredito que estaremos mais seguros quando chegarmos ao Japão, o perigo certamente nos aguarda em Yokohama, que seria o porto natural de escala para a maioria dos navios. Se formos descobertos lá e detidos pelos homens do Professor Moriarty, estaremos perdidos. Portanto, devemos tentar entrar no Japão de uma forma inesperada. Embora ainda não possa afirmar ter despistado os homens de Moriarty, é provável que ele esteja um pouco decepcionado por sua falta de sucesso. Macau oferece uma possibilidade mais interessante para nós, sendo um enclave de Portugal. De lá, proponho encontrarmos uma maneira de entrar em Nagasaki, uma pequena cidade no sudoeste do Japão, que também tem uma forte ligação com Portugal.

Após o bom tempo do início, enfrentamos algumas tempestades mais fortes ao longo do caminho, mas o navio foi resistente e o capitão, experiente. Cobrimos a distância de Macau a Nagasaki em um tempo razoável, continuando com nosso disfarce de mercadores chineses. O navio parou em Xangai por duas horas. Ficamos a bordo, não interessados em arriscar nossa sorte. O navio seguiu em frente, sem incidentes. Finalmente, na madrugada de 29 de julho de 1893, entramos na charmosa baía de Nagasaki.

Nagasaki é uma próspera cidade de negócios, com um cenário pitoresco. Costumava ser a porta de entrada para os europeus que queriam negociar no Japão. Os portugueses e os holandeses, principalmente, deixaram lá uma marca duradoura, em particular com sua arquitetura. As colinas que cercam a cidade eram verdejantes, e fitei-as com prazer quando entramos no porto.

Holmes ficou no parapeito comigo, observando a chegada do amanhecer. Ele estava em um estado de espírito filosófico.

– Não se iluda com a aparente tranquilidade da cena. Vamos agora enfrentar a questão que me consumiu desde que caí do penhasco, nas Cataratas de Reichenbach. E que recebeu sua total atenção nos dois últimos meses. Estamos agora na fase mais perigosa da viagem, Watson. Temos estado à frente do *North Star*. Os dois japoneses a bordo devem estar preocupados, enquanto o navio atraca em Yokohama, pois as consequências podem ser devastadoras. Vou dizer-lhe por quê.

Desembarcamos no porto, e pessoas acenaram para nós, uma vez que parecíamos chineses; a comunidade é grande em Nagasaki e tem direitos comerciais que lhes dão certas vantagens.

Finalmente, estávamos no Japão.

~

Em Paris, o Professor Moriarty olhava fixamente para outro telegrama.

Alvos desapareceram no caminho de volta de Siem Reap para Bangkok. Tentativa falhou em Angkor Vat. Aguardando instruções.

Ele escreveu rapidamente um telegrama para seu assistente, Tsong Wang, em Xangai.

¹¹ Não li essa monografia, pois achei que eram monografias demais.

¹² “Ah, senhores, seus amigos de Bangkok estavam procurando pelos senhores! Eles os encontraram?”

“Temo que não, sr. Chea, o senhor poderia descrevê-los?”

“Dois senhores – ingleses, eu diria. De uns trinta anos, mais ou menos. Estavam acompanhados de um jovem cambojano. Não foi mais do que trinta minutos depois que os senhores saíram. Disseram que tinham chegado de Bangkok e precisavam vê-los com urgência.

“Infelizmente, não nos encontramos. Partiremos para Bangkok imediatamente, sr. Chea. Por favor, dê esse recado a eles.”

[13](#) A obsessão de Holmes por monografias serviria, com certeza, de tema para outra monografia.

Quioto



*É mais seguro viver nos sonhos, meu amigo.
Lá, encontramos os amores que nunca tivemos.
Lá, ouvimos a música mais bonita, que
o mundo real não merece ouvir.*

Depois de nos refrescarmos em Nagasaki, em uma pousada, que um simpático senhor japonês no porto nos tinha recomendado, Holmes e eu pensamos sobre nosso plano de ação. Todas as agências de segurança provavelmente tinham sido comprometidas, e era necessário manter sigilo absoluto. De acordo com Holmes, Oshima-san era, provavelmente, a única pessoa em quem podíamos confiar plenamente.

– Arriscaria dizer, Watson, que só estaremos realmente em segurança quando entrarmos no edifício onde o sr. Oshima trabalha. O foco de todas as forças deve agora estar no Japão. Deliberadamente, não mantive contato com o sr. Oshima todo esse tempo. Como vamos saber quem está monitorando os telegramas em Tóquio? E, no entanto, tempo é essencial. Temos de chegar a Tóquio muito rapidamente. Preciso ligar para Masako Nohara e trocar ideias com ela.

Depois de tirarmos nosso disfarce chinês, saímos para visitar a ponte Meganebashi, uma atração local que o gerente do hotel disse ser um lugar de rara beleza e tranquilidade. Holmes precisava de um lugar para refletir em silêncio e fumar seu cachimbo. Ambos queríamos esticar as pernas e sentir a terra, depois da longa viagem. A cidade era com certeza linda, com igrejas holandesas e portuguesas, templos budistas, jardins bem cuidados e estradas bem projetadas. As pessoas eram particularmente amáveis.

Encontramos o correio mais próximo, e Holmes ligou para Masako Nohara. A conversa foi breve e direta ao ponto. Continuamos em direção à ponte Meganebashi.

– Houve desdobramentos, Watson. Talvez significativos – disse Holmes, enquanto caminhávamos. – A senhorita Nohara disse que o sr. Oshima adoeceu de repente, com sintomas de intoxicação alimentar, após uma refeição em um restaurante, e está se recuperando. Estará de volta ao trabalho no dia 5. Ela recomendou que continuemos no interior até então, pois a Yakuza certamente expandirá sua investigação e incluirá todos os portos de entrada. Parece que ontem alguém fez indagações sobre nós em Saigon. Além disso, o Imperador do Japão está em Sapporo e também só irá retornar no dia 5. Ela nos aconselha a planejar nossa chegada apenas no dia 6, por segurança, e não nos comunicarmos mais com ela até lá. Em suma, temos de ser discretos. Ainda temos uma pequena vantagem de tempo sobre o *North Star*; seu conselho, então, é sensato.

Enquanto Holmes fumava seu cachimbo, apoiando-se no corrimão da ponte, abri um mapa do Japão, planejando nossa logística.

– Holmes, a viagem daqui para Tóquio passa pelas cidades de Fukuoka, Hiroshima, Okayama, Kobe, Osaka, Quioto, Nagoya...

Holmes me interrompeu:

– Watson, o que você disse? Por que cidades passaremos em nosso caminho para Tóquio?

– Fukuoka, Hiroshima, Okayama, Kobe, Osaka, Quioto, Nagoya, Shizuoka...

– Não ouvimos os nomes dessas cidades recentemente, Watson?

Holmes perguntou, com as sobrancelhas franzidas. Balancei a cabeça.

– Não, Holmes. Não me lembro. Os únicos japoneses que conhecemos até agora foram o sr. Oto e o sr. Fujimoto, em Bodh Gaya. Não conversei com o sr. Oto, muito menos discuti as cidades do Japão.

– Mas eu conversei longamente com o sr. Fujimoto, meu caro amigo! – Holmes estava realmente animado. – E agora me lembro! O sr. Fujimoto e o sr. Oto eram monges do templo Kinkaku-ji, em Quioto. E ele me deu uma carta de apresentação para o sumo sacerdote. Não há um minuto a perder. Precisamos de refúgio, onde quer que possamos obtê-lo. Vamos pegar o próximo trem para Quioto, Watson.

Voltamos correndo para a pousada, onde Holmes checou se ainda tinha a carta do sr. Fujimoto.

Eu estava preocupado.

– Não sabemos ler a escrita japonesa. Tem absoluta certeza de que essa é uma carta de apresentação, Holmes, e não algo que nos colocaria em perigo?

– Uma observação perspicaz, Watson. Esse pensamento me passou pela cabeça. Mas, levando em conta o caráter do sr. Fujimoto e o tamanho da carta, parece provável que esta seja uma carta de apresentação. Teremos que correr o risco. Vamos nos apressar.

Pela nossa pesquisa, descobrimos que a rota mais conveniente era por terra para Fukuoka, e, de lá, pegar uma balsa para a ilha principal, Honshu. A partir desse ponto, uma série de trens convenientes poderiam nos levar até Tóquio. Visitamos rapidamente o escritório de telégrafos, de onde enviei um telegrama para a minha esposa, e logo estávamos em um trem noturno para Tóquio, que passaria por Quioto. Holmes também enviou alguns telegramas.

O trem era lento, mas confortável e limpíssimo. Já tínhamos começado a desenvolver uma opinião favorável a essas pessoas interessantes e sua cultura minuciosa.

– Uma obsessão por precisão e pontualidade semelhante à dos alemães, mas talvez mais alegre – observou Holmes. – Também fiquei agradavelmente surpreso ao saber, do nosso eficiente gerente do hotel, o sr. Yamamoto, que Nagasaki tem um jornal de língua inglesa chamado *The Rising Sun & Nagasaki Express*, cujo editor, Arthur Norman, é um maçom. Trouxe comigo uma edição um pouco antiga; talvez você possa ler e me dizer se há alguma coisa interessante. Enquanto isso, vou fechar os olhos e ouvir você.

Fiquei feliz em ler um jornal de língua inglesa, depois de tanto tempo.

– Deixe-me ler as manchetes em voz alta, Holmes:

“*Imperador visitará Nagasaki dentro de um mês* (Ah! Então vamos perder a chance de vê-lo, Holmes)... *Guy de Maupassant morre de sífilis em Paris, em 6 de julho* (Hum, tarde demais. Como fomos perder isso, Holmes?)... *Rei Kamehameha III, do Havaí, declara 31 de julho como Dia da Restauração da Soberania* (Ahn, o que é isso?)... *A tensão cresce entre a China e o Japão em relação à Coreia* (Por quê, eu me pergunto. Bem, vamos ler em breve)... *Daniel Williams realiza com sucesso a primeira cirurgia de coração aberto sem anestesia* (Isso beira o inacreditável, Holmes, mas o progresso da medicina deve realmente ser aplaudido!)... *A primeira pérola cultivada foi extraída por Kokichi Mikimoto* (Maravilhosamente exótico, Holmes! Pergunto-me se conseguiria uma para minha esposa)... *Sacerdote superior do templo Kinkaku-ji encontrado morto, em circunstâncias misteriosas* (Trágico de fato!)... *Morita-Za, produção kabuki da história dos 47 Ronin, recebida com louvor* (Agora, o que é *kabuki*, Holmes? E que título estranho!)”...

– Pare aí, Watson! – exclamou Sherlock Holmes, sentando-se, com os olhos atentos. – O que falou

sobre o templo Kinkaku-ji? Não é esse o lugar de onde nossos dois amigos japoneses eram?

– Sim, Holmes. A reportagem diz que um sacerdote superior foi encontrado morto lá. Deixe-me ler em voz alta para você.

Quioto - De nosso correspondente especial

Mistério envolve a morte de Ataru Hayashi, um dos ilustres sacerdotes superiores do Templo Kinkaku-ji, em Quioto. O templo é a sede da escola Shikoku-ji de Zen-budismo. Hayashi-san era o curador-chefe de várias relíquias e manuscritos antigos, considerado um administrador capaz, além de brilhante músico e estudioso. No último domingo, depois das orações da noite, Hayashi-san se retirou para seus aposentos particulares, dizendo aos outros que iria praticar seu koto por um tempo, meditar e, depois, recolher-se - uma rotina que era acostumado a seguir. Na manhã seguinte, quando acólitos bateram à sua porta para servir-lhe chá, não houve resposta. Após falharem repetidas tentativas de receber uma resposta, o sumo sacerdote foi informado e autorizou a abertura do quarto de Hayashi-san. O sacerdote foi encontrado morto no chão da sala, com os olhos arregalados de terror, e com espuma grudada ao redor de seus lábios. Um koto com as cordas cortadas foi encontrado ao lado dele. Duas xícaras de chá estavam em uma pequena mesa próxima, indicando um provável visitante. Um inventário revelou que nenhum objeto sob sua custódia tinha sido roubado. O principal detetive criminal do Japão, Shinji Kurosawa, foi designado para o caso e nos garantiu um rápido progresso na questão, embora ainda não existam pistas. Faremos todos os esforços para manter nossos leitores atualizados.

– Bem, bem... Essa é uma coincidência incrível, Watson. Exatamente o templo que planejamos visitar é a cena de um crime! A reportagem, apesar de extremamente breve, tem dois ou três pontos interessantes, dos quais gostaria de saber mais, se tiver a oportunidade.

– Sim. As xícaras de chá e o koto com as cordas rompidas, Holmes?

– Watson, você é brilhante! Mas também estou intrigado com o comentário sobre o rosto dele. Por que estava apavorado? Isso, é claro, também pode ser um sintoma de envenenamento. Talvez se lembre do caso do Pé do Diabo, na Cornualha. Qual pode ter sido a razão, Watson? Bem, podemos supor, mas talvez não nesta viagem.

No entanto, o destino teria algo diferente a dizer. Chegamos a Quioto no meio da manhã e partimos para o Templo Kinkaku-ji, um marco conhecido na encantadora cidade antiga, que já tinha sido a capital do Japão. O traje do povo, o design dos objetos comuns, os extensos arcos que destacavam os detalhes dos templos, a ênfase no minimalismo e na natureza – fiquei fascinado e fiz vários comentários elogiosos. Até Holmes, normalmente indiferente à beleza, foi forçado a admitir que a cidade parecia conter a verdadeira essência do Japão.

Já tínhamos nos livrado, há muito tempo, de nossos disfarces chineses. Holmes, no entanto, teve o cuidado de não usar sua boina e sua capa de viagem, pois teria certamente chamado atenção. Parecíamos dois cavalheiros europeus, cuidando de nossos negócios, em uma cidade acostumada a estrangeiros. Aos portões do Templo Kinkaku-ji, nós nos apresentamos e requisitamos uma reunião com o sumo sacerdote. Isso mostrou-se bastante fácil – cartões não eram necessários. Ficou claro, porém, que os acontecimentos

dos últimos dias tinham deixado uma nuvem negra sobre os ocupantes. Naquele momento, dezenas de monges, de todas as idades, estavam andando por ali, talvez logo após o horário das orações. Mas o jeito deles não tinha a alegria que esperava ver em um grupo de acólitos. Estavam sussurrando, com as sobranceiras franzidas de preocupação. Nenhum deles estava sorrindo.

Entramos no terreno do extraordinário templo, que fomos informados ter quase seiscentos anos e ter sido construído em homenagem a Buda. A edificação do século XIV era banhada a ouro e localizada no meio de um cenário silvestre, com um belo lago como contraponto à estrutura principal. O templo também era chamado de Pavilhão Dourado e era a imagem da serenidade; o reflexo no lago tranquilo, Kyôkochi, era relaxante. Cada um dos três andares tinha um significado distinto, e os quartos dos monges ficavam ao lado do prédio principal. Certas relíquias do Buda agregavam importância à reconhecida santidade do templo.

Fomos levados até uma sala grande para o encontro com o sumo sacerdote, Akira Arima, e pediram que tirássemos os sapatos e os chapéus. Fiquei impressionado com o cômodo – não havia absolutamente nenhum som. Vários sacerdotes estavam sentados imóveis contra as paredes, em posturas de contemplação, e grandes tapeçarias pendiam do teto. Havia várias estampas budistas. O clima geral era sombrio.

O sacerdote idoso tinha uma aparência de dignidade e inteligência. Seu inglês era excelente, com apenas um leve sotaque japonês.

– Cavalheiros, bem-vindos ao nosso templo – ele fez uma reverência.

– Estamos muito honrados, senhor, e obrigado por nos receber – respondeu Holmes, curvando-se. Segui seu exemplo. – Meu nome é Sherlock Holmes, e este é meu amigo e confidente, dr. John Watson.

Fiquei surpreso com a franqueza inesperada de Holmes, então percebi que, de qualquer maneira, a carta de apresentação devia conter nossos nomes verdadeiros, por isso fazia sentido ser sincero.

– No momento, estamos em estado de luto, como os senhores talvez saibam. Lamento não podermos estender-lhes nem mesmo cortesias normais.

– Sim, soubemos do ocorrido e gostaríamos de expressar nossos sentimentos.

– Agradeço. Talvez sejam de algum jornal. Não tenho muito mais a acrescentar, além do que já leram..

– Não, não somos. Acabamos de chegar da Índia e temos uma carta de apresentação escrita pelo sr. Akira Fujimoto, que é afiliado ao seu templo, e que conhecemos em Bodh Gaya.

– *So desu ka?* Verdade? – respondeu o sacerdote, aceitando a carta apresentada por Holmes. – Fico contente em ouvir isso.

Neste ponto, transcreverei as palavras elegantes do sumo sacerdote (*busso*), que mais tarde gentilmente me cedeu suas anotações e reflexões sobre os acontecimentos que ocorreram depois que o conhecemos.

~

Das anotações e reflexões do *Busso Akira Arima*:

O súbito falecimento do meu bom amigo Hayashi-san certamente me tirou do eixo. Apesar de ensinarmos a nossos acólitos sobre a natureza transitória da vida e a necessidade de aceitarmos a inevitabilidade da morte, devo confessar que fiquei profundamente perturbado, especialmente porque sua morte não foi natural e não tem motivo aparente. Passei muitas horas contemplando o Buda e recitando o *Sutra Amitaba*, como fizeram os outros monges e acólitos.

Hayashi-san era um homem excelente, com o equilíbrio perfeito entre a busca espiritual e a

necessidade de trafegar pelo mundo material de forma satisfatória. Tinha as chaves para todos os cofres e armários que abrigam os nossos pergaminhos e artefatos de valor inestimável, que remontam a seiscentos anos. Era responsável pela contabilidade, assim como por nossa tesouraria, com diligência e honestidade escrupulosa. Também cuidava de nossas propriedades em outros lugares no Japão. Nunca uma palavra foi dita sobre ele que não fosse de maneira respeitosa. Era quieto, reservado e sempre falava com uma voz suave e gentil. Nunca procurou nem reconhecimento, nem recompensa e aceitava, de bom grado, qualquer tarefa que lhe pedisse para fazer. Na verdade, lembro-me de enviá-lo à Mongólia, como representante do templo, para uma conferência sobre a interpretação do *Sutra Ratnakuta*, que descreve as vantagens do Caminho do Meio. Era um grande estudioso e mentor sem absolutamente nenhuma ambição mundana. E assim tornou-se respeitado e ganhou influência, sem procurar por isso. Era meu melhor amigo e conselheiro, apesar de não vê-lo como meu sucessor natural, uma vez que ele não tinha o raro elemento de autoridade e ambição, necessário em um líder.

E como posso ignorar seu virtuosismo musical? Hayashi-san tocava *koto* brilhantemente, com um conhecimento notável da música budista e do instrumento também. Sua música nos ajudava a todos a meditar com mais foco; frequentemente ficávamos em transe, enquanto suas sublimes notas acariciavam nossas almas e nos levavam aos pés de Buda. As notas de seu maravilhoso *koto* deslizavam sobre as águas desse lago, alimentando-se dos raios de lua, pedindo-nos para cantar nossos *sutras* sagrados com carinho e amor, em vez de fazê-lo como um exercício de repetição mecânica, saboreando, assim, a essência dos ensinamentos. Sua música acrescentava ainda mais dignidade e grandeza a este templo tão respeitado, Kinkaku-ji. Dizia-se que, se Hayashi-san não fosse um monge, teria se tornado um instrumentista de *koto* de renome.

Como tantas pessoas extremamente talentosas e criativas, ele amava cores, figuras, substâncias e formas. Acreditava piamente que pintar repetidamente o Buda em vários estados de sublime contemplação era, por si só, uma forma evoluída de meditação. Estava no comando das aulas de pintura e muito gentilmente ensinava aos alunos as sutilezas da mistura de cores, o uso de pincéis, a introdução da luz, a escolha do suporte e assim por diante. Para o estudante hesitante, inseguro de suas habilidades, mas ansioso para aprender; para o estudante maduro, dotado de profundo conhecimento de dimensões e características; e para o diletante – Hayashi-san tinha algo para todos e deu-lhes um presente pelo qual sempre foram gratos. Infelizmente, eu mesmo nunca tive nenhum talento nessa área, então não posso dizer mais nada, exceto que a evidência de seu brilhantismo pode ser vista em todas as paredes deste templo. O Buda – pacífico, de olhos fechados, a testa límpida tocada pelo Nirvana, o sorriso compassivo e delicado, os dedos, o cabelo realista; muitas dezenas de pinturas de Hayashi-san viverão aqui para sempre, inspirando o investigador, acalmando a mente perturbada e orientando o artista. Em azul, em vermelho, em alaranjado, em preto – cada um diferente e cada um o mesmo. Cada um talvez exemplificando um ou outro *sutra*. O ouro que você vê neste templo é meramente real. O verdadeiro ouro está na essência de suas pinturas maravilhosas; ele criou um legado surpreendente que as futuras gerações de budistas no Japão devem valorizar. Sua vida parecia tão completa e rica! Talvez os senhores possam entender por que nunca quis sobrecarregá-lo com a perversa responsabilidade adicional da liderança; sua alma era bela e sua função era espalhar a mensagem de Buda através de sua música e de sua pintura.

Há muitos anos, tinha profetizado que uma calamidade atingiria Kinkaku-ji, embora não tivesse certeza de sua natureza. E assim aconteceu. Numa manhã fatídica, muitos jovens acólitos criaram uma perturbação, sem precedentes, do lado de fora dos meus aposentos. Saí e questionei os meninos. Um deles disse que Hayashi-san não estava respondendo às batidas à sua porta, e que estavam preocupados. Será que eu daria permissão para entrarem no seu quarto – eles perguntaram; a porta não estava trancada, de qualquer forma. Corri para o quarto de Hayashi-san, bati à porta e chamei-o em voz alta. Finalmente,

convencido de que havia um problema, abri a porta. Hayashi-san estava caído no meio da sala de estar, morto. Ele estava deitado de costas e seu rosto, contorcido em uma terrível careta. Seus olhos encaravam o teto em horror absoluto, com espuma grudada em seus lábios – foi uma visão terrível. Ao seu lado, estava seu amado *koto*, com as cordas inexplicavelmente cortadas, e havia um alicate junto a ele.

Mandei que ninguém tocasse o corpo e enviei uma mensagem para nosso médico residente, Nara-san, que chegou em instantes. Ele examinou o corpo e disse que Hayashi-san já estava morto há aproximadamente seis a oito horas. Sugeriu que chamássemos a polícia, para o que dei as devidas instruções.

O pessoal da Polícia chegou rapidamente, junto com seu detetive, Kurosawa-san, que me passou a ótima impressão de um homem de poucas palavras e extrema inteligência. Ele examinou o quarto com cuidado e observou que, aparentemente, Hayashi-san tinha recebido um visitante na noite anterior, a julgar pelas duas xícaras de chá sobre a mesa. Eu podia ver que ele estava intrigado pelo fato de que nós insistimos que a porta tinha sido fechada, mas não trancada. As janelas em seus aposentos tinham barras de metal, e os ventiladores em seu quarto ficavam muito no alto e eram muito estreitos. A outra pessoa só poderia ter deixado o quarto pela porta da frente, mas isso era impensável, já que fugiam à norma visitas aos aposentos de qualquer sacerdote após o anoitecer, muito menos alguém tomar chá com eles. Além disso, todos fomos enfáticos ao dizer que Hayashi-san nunca recebia visitantes em nenhum momento. Se houvesse visitantes, teríamos ficado sabendo. Era impossível manter tal evento em segredo.

Na minha presença, Kurosawa-san realizou uma busca minuciosa nos aposentos de Hayashi-san, e não faltava nada. Todas as chaves estavam exatamente onde sempre estiveram. Havia alguns pergaminhos que Hayashi-san tinha pegado emprestado de nossa biblioteca – eles também estavam a salvo e em perfeito estado. Havia alguns outros livros do escritório, a maioria da contabilidade.

Havia somente um item a mais, sobre o qual falarei depois.

Kurosawa-san assumiu o comando e pediu que não mexêssemos em nada. Respeitosamente removemos o corpo de Hayashi-san, para que pudéssemos prepará-lo para o funeral, e selamos seu quarto. Todos os monges foram tomados pela dor, pois Hayashi-san tinha sido um sacerdote venerado, especialmente amado por sua música e sua pintura. Foi difícil conter meus sentimentos, mas tinha que demonstrar o comportamento esperado de um sumo sacerdote e, portanto, circulava sem maiores demonstrações de emoção. Imediatamente, começamos os preparativos do funeral. Assumi pessoalmente a questão e concluí as cerimônias de forma adequada. As autoridades locais também tinham vindo, e o assunto recebeu alguma publicidade.

Um dia depois do funeral, com todos nós ainda recitando o *Sutra Amitabha* e também continuando nosso luto, recebemos dois ingleses que se apresentaram como sr. Sherlock Holmes e dr. John Watson. Tinham com eles, surpreendentemente, uma carta de apresentação de Fujimoto-san, um querido monge leigo que tinha embarcado, várias semanas antes, em uma peregrinação a Bodh Gaya, como parte de uma busca pessoal de expiação e perdão por uma vida passada à procura de objetos resplandecentes e lucrativos. Estava acompanhado de Oto-san, um monge mais jovem.

A carta apresentada pelos visitantes era interessante.

Estimado Arima-san,

Estou me sentindo realmente abençoado por ter conseguido vir até a terra de Buda, sem incidentes e com a sua permissão. Oto-san é um bom companheiro e muito cuidadoso, e conseguimos viajar sem problemas por Xangai, Singapura e Calcutá. Tivemos alguma dificuldade para chegar a Bodh Gaya, mas a jornada foi tolerável. Encontramos abrigo em um dharamshala e

passamos vários dias absorvendo o encanto e a maravilha da terra onde o próprio Buda andou. Na verdade, passei horas contemplando o Buda na figueira e senti as vibrações da alma iluminada.

Estou enviando esta carta pelas mãos de dois senhores extremamente interessantes e dignos de confiança, sr. Sherlock Holmes e dr. John Watson. Sinto que desejam viajar para o Japão em breve e talvez precisem de ajuda. Sr. Holmes, o mais alto, fala um pouco de japonês básico, enquanto o dr. Watson, não. Eles me conheceram disfarçados de monges indianos, mas percebi que não o eram e que são, provavelmente, policiais ou funcionários do governo em algum tipo de missão. Fiz tal suposição em razão de minhas conexões passadas com o governo, das quais você está ciente. Eles finalmente admitiram ser ingleses em uma missão delicada. São homens de bem, na minha opinião, e merecem sua consideração e proteção.

Como sempre, arrependo-me da vida de crime à qual me associei, mas também fico feliz por você, Arima-san, ter me ajudado a confrontar as consequências que talvez enfrente na minha próxima encarnação. Gostaria de quebrar o ciclo de ilusão e adotar o caminho da verdade, confessando meus erros em todas as oportunidades e, quando chegar a minha hora, espero receber o perdão aos pés de Buda.

Pretendemos partir em breve para Lumbini e Sarnate. Com as bênçãos de Buda, talvez voltemos para Kinkaku-ji em seis meses.

Atenciosamente,

Akira Fujimoto

Fujimoto-san era um ex-membro da Yakuza, que tinha estado à margem daquela organização e desenvolvido interesses espirituais há alguns anos. Como você deve saber, não julgamos uma pessoa por sua vida; todos nós estamos sob o domínio do Karma e devemos conscientemente trabalhar para quebrar o ciclo de causa e efeito.

Olhei para o homem alto com o nariz afilado e olhos intensos. Vi inteligência e sabedoria extremas, e também pude entender por que Fujimoto-san tinha ficado tão impressionado. Também sentia instintivamente que esse era um homem de grande discernimento, passível de ter as habilidades necessárias para entender as razões por trás do trágico evento.

– O senhor pode nos ajudar – perguntei – a determinar como e por que a vida de Hayashi-san acabou dessa maneira?

– Se seus investigadores locais não se opuserem à minha presença, ficaria honrado em ajudar.

– Conversarei com o inspetor. Eu o conheço.

Garanti que os nossos hóspedes recebessem os melhores cuidados. Depois disso, convoquei Kurosawa-san e pedi a ele que permitisse aos cavaleiros acesso à cena do crime, apresentando-os como meus queridos amigos que tinham recentemente chegado de Nagasaki.

O sr. Holmes examinou o quarto com muito cuidado. A força de sua personalidade era tão magnética, que ficou claro que ele estava no comando da investigação.

– Qual era a natureza das funções do sr. Hayashi?

Descrevi-as detalhadamente.

– Quem são os sacerdotes que vivem do outro lado de seus aposentos?

Chamei Shimuza-san e Saito-san, ambos sacerdotes leigos.

Eles negaram ter ouvido qualquer coisa e confirmaram que saberiam se alguém tivesse entrado ou saído do quarto. Não há quase nenhum som aqui, eles disseram, pois passamos a maior parte do nosso tempo em contemplação privada. De qualquer forma, Hayashi-san não tinha o costume de convidar ninguém para tomar chá.

– Vejo que as xícaras de chá ainda estão aqui.

– Sim – disse o inspetor. – Dei instruções para que não mexessem em nada. Agora, já faz três dias do evento. Estava planejando pedir para limparem o quarto.

– Uma xícara está completamente seca, enquanto a outra está pela metade. Será que isso não lhe parece significativo, Watson? – o sr. Holmes perguntou a seu amigo.

– Talvez o convidado não goste de chá.

– Muito improvável. Provavelmente, não seria educado para um hóspede não tomar alguns goles. Não, você não entendeu. Vamos nos aprofundar um pouco mais.

Ele examinou as xícaras cuidadosamente e, em seguida, virou-se para o inspetor:

– Poderíamos fazer uma análise química do conteúdo dos copos?

– Claro.

– Fizeram uma autópsia?

– Não.

– Como irão determinar a causa da morte?

– Neste momento, acreditamos que Hayashi-san ficou chocado com alguma notícia, teve um ataque cardíaco grave e morreu. Não havia nenhum ferimento em seu corpo. Existe a possibilidade de envenenamento, a julgar pela aparência do cadáver.

– O senhor era um visitante frequente, sr. Arima?

– Não muito, talvez uma vez por mês.

– Vê alguma coisa diferente?

– Sim – respondi, apontando. – Esse quadro.

Na parede oposta, havia uma pintura extraordinária que eu nunca tinha visto, antes da morte de Hayashi-san. Isso em si não era surpreendente, uma vez que Hayashi-san era um pintor prolífico, que trabalhava em vários quadros ao mesmo tempo, e eu normalmente não estava ciente do que ele estava fazendo. O surpreendente era que essa não era uma pintura de Buda.

Era um quadro de uma mulher.

A pintura era um retrato, com cerca de 90 centímetros de altura e 60 centímetros de largura. Era claramente o trabalho de Hayashi-san, no difundido estilo japonês *Nihonga*, mas era singularmente diferente de suas outras peças. A mulher séria não era particularmente bonita; muitas mulheres são mais atraentes na vida real do que nos retratos. E talvez isso fosse o que a tornou especial. A pintura parecia mais real do que qualquer coisa que tinha visto antes. A vida pulsava na tela, mas era triste e pungente. A jovem tinha por volta de vinte anos, e seus olhos passavam uma tristeza infinita. Ela estava olhando um pouco para a esquerda.

Deixe-me tentar descrevê-la melhor. Não sou muito talentoso com as palavras e, se tropeçar, por favor, perdoem-me.

Vi a genialidade inconfundível de Hayashi-san. Mas fiquei envergonhado. Era uma pintura muito pessoal, cheia de frustração. Não, não me entenda mal.

Ela vestia um quimono incomum, verde claro com uma estampa florida delicada, e não usava maquiagem – bem, você pode imaginar uma pintura conseguir passar uma mensagem como essa? Seu cabelo estava arrumado perfeitamente no estilo da época e, ainda assim, ela era atemporal. Atrás dela, havia um céu azul brilhante, cheio de nuvens brancas furiosas, forçando a tela e desejando saltar para

fora. Embora o vermelho não fosse realmente visível, podia ser sentido – uma emoção discreta e peculiar, imersa na tela.

O pintor tinha transferido uma mensagem de amor profundo para a tela. Mas a mulher claramente não retribuía o sentimento. Seu amor tinha sido considerado indigno ou inadequado, talvez. E, enquanto o pintor a pintava, sua rejeição tinha se tornado progressivamente inflexível e, por isso, a pintura não era estática. Ela descrevia uma série de momentos atormentados, do pintor e da modelo. E quase podíamos ouvir a respiração da mulher. Fiquei absolutamente impressionado com o que vi, como ficou o dr. Watson. “Não sabia que Hayashi-san pintava qualquer outra coisa, além de Buda!” Eu finalmente disse.

– Talvez seja uma mulher que ele conhecia – observou o dr. Watson. – Ele morreu de frente para o quadro. Bastante melodramático!

O sr. Holmes aproximou-se da pintura e estudou-a cuidadosamente, assim como a moldura, com uma lupa. Em seguida, tentou levantá-la, mas desistiu, depois de algumas tentativas.

– Então, o senhor diz que este quadro é novo.

– Nunca o vi. Talvez não seja novo, mas sei que ele nunca o expôs. Tenho certeza disso.

– Ah. A pintura pode ser antiga. Mas vejo que a moldura é nova.

– O rosto parece familiar – disse Kurosawa-san, franzindo a testa. – Eu o vi recentemente, mas não me lembro onde.

O sr. Holmes examinou com atenção os pertences do sacerdote falecido e os livros de contabilidade. Tirou um pedaço de papel do bolso de um quimono que tinha sido mantido dobrado sobre a cama após o funeral.

Entregou-o para mim e perguntou o que era.

– Este é um ingresso para um recital do grande instrumentista de *koto*, Yatsunami Miyagi, no Minamiza Auditorium, um local utilizado para o *kabuki* e apresentações musicais. Isso foi no dia anterior à sua morte.

– Ele tinha costume de ir a concertos?

– Ah, sim – eu disse. – Ele era um grande conhecedor de música. Tinha uma paixão profunda, mas não declarada, por seu significado espiritual, e era ele mesmo um instrumentista brilhante de *koto*.

– Ele tocava em público?

– Não. Para ele, música era uma questão pessoal. Mas sei que era extremamente talentoso.

Os olhos do sr. Holmes se voltaram para o *koto* com as cordas partidas, ainda no chão, onde tinha sido encontrado. Abaixou-se, olhou com muito cuidado as cordas cortadas e o alicate e balançou a cabeça. Seu olhar estava pensativo, quando ele se levantou.

– Por que ele cortaria as cordas?

– Não sei – respondi. – Parece uma coisa impossível de ele fazer. Quase um sacrilégio.

– Não necessariamente. Há um elemento de conclusão nesse ato. Ele tinha um diário pessoal?

– Não sei. Deixe-me ver.

Fui até a mesa para checar seus documentos. Não encontrando nada, olhei atrás dela e vi um pedaço de papel amassado.

– Ah, achei alguma coisa!

Peguei o papel e desamassei-o.

É a caligrafia de Hayashi-san. Deixe-me traduzir para os senhores.

“A música nada mais é do que o próprio paraíso. Quando toco, toco o paraíso.”

“Miyagi é inferior, mas as pessoas o aplaudem. Isso também é uma ilusão.”

“Sou um simples monge que ninguém conhece. E ele – um mero amador e sem valor como instrumentista – é adorado. Como é que ele pode tocar mesmo assim?”

“Ele sempre soube que eu era melhor. Seu pai ameaçou minha pobre mãe e forçou-a a fazer de mim um monge. Que opção ela tinha?”

“Emiko! Emiko!”

“Passei a vida em contemplação e com a música. Com que finalidade?”

– As anotações aparecem desconexas – observei –, embora tenha a impressão de um homem sob o domínio de uma emoção negativa. Isso é estranho, porque não me lembro de vê-lo chateado. É claro que temos uma rotina muito constante e passamos bastante tempo em meditação. É possível que nossa capacidade de observar acontecimentos mundanos tenha diminuído.

– Talvez devêssemos analisar a psicologia do homem, apesar do que o senhor acredita que ele seja – murmurou Sherlock Holmes.

Ele andou pela sala, franzindo a testa, com a cabeça inclinada.

– O que significa “Emiko”? – o dr. Watson perguntou. – É um nome?

– Sim – respondi. – Um nome de mulher. Mas não sei quem ela poderia ser.

– Acabei de me lembrar de uma coisa! Eu assisti ao mesmo concerto ontem à noite – interrompeu Kurosawa-san, de repente. – E agora me lembro por que a pintura parecia familiar. Vi uma mulher mais velha lá, na primeira fila, que tinha certa semelhança com a desse quadro. Tenho certeza disso. Nunca esqueço um rosto.

– Excelente! Isso abre uma nova linha de pensamento – murmurou o sr. Holmes. – Sr. Kurosawa, posso pedir-lhe, por favor, que verifique alguns pontos?

Ele escreveu algo em um pedaço de papel. Kurosawa-san olhou para o papel, acenou com a cabeça, reescreveu o texto em kanji e passou para um assistente.

Nesse momento, outro detetive entrou com pressa no cômodo e conversou com Kurosawa-san.

– Fizemos um grande avanço. Três testemunhas afirmam ter visto Hayashi-san e Miyagi-san após o concerto. Eles ouviram Hayashi-san convidá-lo para tomar chá! – Kurosawa-san estava animado.

– E disso o senhor conclui...?

– Precisamos deter imediatamente Miyagi-san como suspeito!

– Quais são as evidências?

– O ingresso para o concerto. Três testemunhas que ouviram o convite para o chá. Duas xícaras de chá. A morte que parece ter sido causada por envenenamento.

Sherlock Holmes parecia em dúvida.

– Bem, bem, não estou totalmente convencido, mas não tenho muito mais para ir adiante. Algo não me parece certo nessa história. Todos os meus instintos dizem isso. Enquanto isso, quando o senhor espera saber do conteúdo da xícara de chá?

– Esta noite.

– Excelente. Podemos nos encontrar de novo às oito horas? Seria possível o senhor não deter o sr. Miyagi, antes de examinarmos os resultados?

– Sim. Sem problema. Voltarei, então.

Kurosawa-san e seu assistente deixaram o templo, depois de selar novamente o quarto.

– Isso seria um escândalo, é claro – eu disse. – Miyagi-san é um instrumentista de *koto* muito talentoso e famoso. E ser preso por suspeita de assassinato...

– Mas alguma coisa não bate.

– Se o pedaço de papel mostrou que ele tinha inveja de Miyagi-san, por que iria convidá-lo para tomar chá? Por que iria até mesmo assistir ao seu show? – o dr. Watson perguntou.

Sherlock Holmes parou no meio do caminho.

– Watson! Essa é uma observação incrivelmente perspicaz. Um monge músico vai ao concerto de *koto*

de alguém que acreditava ser seu inferior, estranhamente convida o artista para tomar chá, escreve frases aparentemente incoerentes, sugerindo inveja e depressão e é encontrado envenenado. Inexplicavelmente, o *koto* aparece com as cordas cortadas. E o que dizer da descoberta de uma pintura de uma mulher, até então desconhecida? Uma imagem está surgindo? Não? Bem, vamos nos abster de julgamentos. Podemos estar perto da resposta.

Esperamos em meu escritório o relatório chegar. Sherlock Holmes sentou-se em uma cadeira, perdido em seus pensamentos, com os olhos mirando o longe. O dr. Watson olhava os manuscritos antigos e os objetos de arte e história que estavam nas prateleiras. Discutimos a história do templo e os tipos de estudos que os monges faziam. Fiquei contente em ver o interesse do senhor em nossas crenças religiosas e em nosso templo.

Kurosawa-san entrou exatamente às oito horas.

– Então? – perguntou o sr. Holmes, aflito. – Eu estava certo?

– Sim – Kurosawa-san balançou a cabeça. – Completamente certo. Nós checamos. Miyagi-san e Hayashi-san eram alunos do mesmo professor de *koto*, na mesma época. Miyagi-san pertencia a uma família Samurai próspera, enquanto Hayashi-san era de origem bastante humilde e foi criado por sua mãe, que era muito pobre. Eles se conheciam muito bem, mas não eram amigos e, na verdade, antipatizavam-se intensamente. Hayashi-san era considerado superior, mas abruptamente escolheu a vida de monge, talvez porque o pai de Miyagi-san tenha falado com sua mãe e, naqueles dias, a obediência absoluta a uma família Samurai era a única opção. Miyagi-san seguiu uma carreira na música. Ele se casou com Emiko, a filha de seu professor, e ela estava no show da noite passada.

– Isso responde a várias perguntas. E as xícaras de chá?

– Uma mistura confirmada de arsênico e um produto químico não identificado, talvez um alucinógeno, em uma xícara. Nada na outra.

– A outra quer dizer a que estava pela metade?

– Sim. Como pode ter adivinhado? – Kurosawa-san suspirou com admiração.

– Nada além de lógica, sr. Kurosawa. Por si só, o caso é agora bastante claro, senhores, e fornece mais um exemplo odioso do funcionamento sinistro da mente humana. Então, sr. Kurosawa, o senhor tem uma visão melhor das coisas agora?

– Não, Holmes-san. Na verdade, agora estou mais confuso ainda.

– Deixe-me ajudá-lo. Mas podemos dar uma outra olhada no quadro?

– O quadro? Por que isso é relevante nesse momento, Holmes-san?

– Ah, acho que é muito relevante. Pelo menos, para confirmar minha suposição.

A pintura foi trazida.

– Permitam-me remover a moldura – disse o sr. Holmes, com os olhos brilhando.

Com um canivete, retirou cuidadosamente a pintura da moldura.

Atrás, havia vários pequenos pacotes de papel, amarrados por um fio. O sr. Holmes os entregou a mim.

– Por favor, leia os papéis, sr. Arima. Acho que têm conexão com o caso, e gostaria da sua confirmação.

– Como sabia que esses papéis estariam aí? – perguntou Kurosawa-san, em choque.

– Supus, mas não tinha certeza. Notei os arranhões recentes nos lados, mostrando que a moldura tinha sido trocada há pouco tempo. Quando tentei levantá-lo, o quadro pareceu um pouco mais pesado do que eu esperava, com uma ligeira porém evidente inclinação para a direita. Vi um pouco de papel saindo pelas bordas. Alguém estava tentando esconder alguma coisa e não fez um trabalho muito bom. Vamos revisar o conteúdo. Posso estar errado, mas, mesmo se estiver, não deve alterar muito os fatos.

Desamarrei os fios e abri os papéis. Em um instante, ficou claro que se tratava de cartas. Eram declarações de amor de Hayashi-san para Emiko. Vou dar apenas dois exemplos, porque o amor de um homem por uma mulher é pessoal e deve ser respeitado, o máximo possível, mesmo após sua morte. Aqui está um pequeno excerto de uma, que traduzi para o inglês e li, para ajudar o sr. Holmes e o dr. Watson.

Emiko,

Estas palavras nunca serão lidas por você e, mesmo assim, tenho de escrevê-las. Pinteí você e a sinto aqui. É o suficiente. Agora sou apenas um monge, e minha vida está passando lentamente. Por que se casou Yatsushashi? Você sabia que o meu koto cantava poemas de amor para você. Você sabia que ele era inferior. Sim, eu era pobre, mas pensei que você não acreditava que isso fosse importante. Mas era?

Pintar você e tocar koto... música e cor e amor...

Compus uma bela melodia em sua memória. Nunca vou tocá-la. O mundo nunca a ouvirá. Mas é a minha obra-prima. Eu nunca concebi algo mais puro. Se eu a encontrar depois de morrermos, tocarei essa peça para você. Os céus se calarão para sempre.

E aqui está um excerto de outra.

Emiko,

Fiz sessenta e dois anos hoje. Quarenta anos se passaram desde a última vez que a vi. Todos os dias olho para a sua pintura. Todos os dias você parece diferente. Compartilho a sua vida, sem ser visto. Você teve filhos? Eles não deveriam ter sido meus? As nuvens na pintura estão mais calmas hoje; talvez isso signifique que você está em paz. Mas alguns dias atrás, senti que você estava chateada com alguma coisa, e as nuvens estavam muito inquietas. Perguntei-lhe qual era o problema, mas, de novo, você desviou o olhar e não respondeu. Há quarenta anos não fala comigo. Vai falar amanhã?

Todos nós ficamos profundamente comovidos ao ouvir a trágica e dolorosa história de amor não correspondido. Finalmente, o sr. Holmes falou.

– E assim, senhores, espero que agora o caso esteja esclarecido. O sr. Hayashi não foi morto; ele cometeu suicídio, mas queria que parecesse um assassinato. Como e por quê? Para isso, deve-se considerar a psicologia do homem.

– O sr. Kurosawa disse que o sr. Miyagi e o sr. Hayashi estudaram *koto* com o mesmo professor e não se davam bem. Suas anotações apontam para um sentimento de inveja extrema, pelo fato de que um artista menos talentoso, seu rival musical, tenha ficado famoso, enquanto ele talvez tenha sido forçado a se tornar um monge. Ele se juntou a este templo e manteve-se anônimo para a maioria das pessoas, pelo menos no que diz respeito ao mundo exterior. E, ainda mais significativamente, amou uma mulher – Emiko – que o rejeitou e se casou com seu rival. Ao longo da vida, a inveja e a amargura o consomem. Vai a um concerto e vê a mulher que ele amou a vida toda. A raiva finalmente toma conta dele, e a razão é abandonada. Esta é sua única chance de agir e arruinar a carreira e a vida de seu adversário – encenando seu próprio assassinato e fazendo parecer que o sr. Miyagi tinha algo a ver com isso. Ele vai ao concerto e depois convida seu rival para visitá-lo e tomar chá. Por quê, se não havia dúvida de que o sr. Miyagi

não aceitaria o convite, dada sua animosidade no passado? Arima-san disse claramente que o sr. Hayashi sempre falou em voz baixa e suave. No entanto, ao contrário, faz o convite ao sr. Miyagi em voz alta. Por quê, Watson?

– Não consigo imaginar, Holmes, a não ser que houvesse alguém por perto, que ele quisesse que ouvisse.

– Exatamente! Porque ele queria que as pessoas o ouvissem. Queria que as pessoas se lembrassem que houve um convite ao sr. Miyagi! O homem fez um plano relâmpago e quer aproveitar o momento. Agora ele retorna ao Kinkaku-ji, agitado, e continua com sua rotina, mas com a mente clara sobre o que deve ser feito. Traz sua pintura e a emoldura, após inserir suas cartas de amor atrás dela. Corta as cordas de seu *koto*, em um gesto de conclusão – há simbolismo aí; lembrem-se que ele tem o coração de um artista, com uma valorização enorme do drama. Serve chá em duas xícaras, de modo a parecer que alguém esteve com ele. Coloca arsênico em sua xícara e nenhum na outra e bebe da sua. Em seguida, deita-se e deixa o veneno seguir seu terrível curso. Provavelmente, prevê que a polícia não vai encontrar arsênico na outra xícara. Um pedaço de papel é convenientemente encontrado – eu até suporia que foi colocado lá deliberadamente – insinuando uma longa e purulenta história de ódio extremo e o fato de que o pai do sr. Miyagi teria manipulado sua carreira. O ingresso fornece novas pistas na direção do sr. Miyagi. Ele garantiu que o convite ao sr. Miyagi fosse ouvido por várias pessoas. As cordas cortadas de seu amado *koto*, algo que ninguém poderia imaginar que ele próprio faria, para sugerir um rival rancoroso e perverso. Não precisa muito mais para concluir, com base em provas circunstanciais, que o sr. Miyagi o assassinou. Ele irá, no mínimo, ser assediado severamente e será olhado com desconfiança, até conseguir provar-se inocente, se conseguir, porque não conheço a natureza das leis que protegem o suposto criminoso aqui no Japão. Sua carreira estará arruinada. Na mente do sr. Hayashi, matar a si mesmo valeria a pena e traria algum tipo de conclusão pervertida.

– A xícara pela metade?

– Evaporação durante o período de um dia, nada mais. A xícara cheia tornou-se meia-xícara!

– O olhar de terror em seu rosto?

O sr. Holmes deu de ombro.

– Imagino ter sido o alucinógeno ou a constatação de que ele não podia reverter sua ação. Nunca saberemos.

– Excelente, Holmes-san!

Kurosawa-san fez uma reverência.

– Não há nenhuma dúvida sobre o que o senhor disse, Holmes-san. Nós não temos nenhuma base para a detenção de Miyagi-san. A reputação de um homem foi salva a tempo.

Eu estava angustiado, no entanto.

– Holmes-san, por um lado, estou contente que um homem inocente tenha sido exonerado. Mas causa-me angústia que um amigo próximo tenha orquestrado sua própria morte, com uma intenção tão cruel. Nós, do templo, estamos envergonhados. Sua ação trouxe desonra para nós. Como alguém pode aceitar a ideia de que um monge, com uma reputação tão grandiosa, seria consumido pelo desejo de prejudicar alguém?

O sr. Holmes ficou pensativo.

– Uma ideia pode levar uma vida inteira para amadurecer. A inveja cresce ao longo dos anos e pode consumir a pessoa, como já vi acontecer. Um motivo para o assassinato pode ser completamente irracional. Eliminamos os mais óbvios e, depois, o bizarro e improvável torna-se provável. Um homem se esconde por anos atrás da fachada de um sacerdote respeitável, em um templo famoso. Sua mente, tomada pelas coisas e pelos porquês de uma vida que passou. A carreira musical gloriosa. O amor de

uma mulher. Ele não pôde ter nenhum dos dois. As sementes de amargura estão plantadas, esperando o momento exato para germinar. Já vi isso acontecer várias vezes, e você deve até se lembrar, Watson, da época em que fomos contratados para investigar o caso da tentativa de assassinato do príncipe da Baviera. Ao contrário do que se possa pensar, a maioria dos crimes premeditados são cometidos por pessoas com mais de cinquenta anos de idade. Eles passaram anos nutrido certa amargura sobre eventos passados e pessoas, e armaram seu plano de ação. Acredito que esse seja o caso aqui.

No jantar, estávamos em um clima sombrio. Não havia nenhum sentimento de satisfação. Sabia que levaria muito tempo para fazer as pazes com o fato de que um colega próximo tinha um lado do qual eu não sabia nada. Um sacerdote brilhante, administrador capaz, músico e pintor excepcional – ele tinha partido de um modo tão estranho, tramando para derrubar outro homem talentoso, que ele acreditava tê-lo afastado da música e do amor. Podia ter conseguido, se não fosse a intervenção desse talentoso inglês. Sou grato a Fujimoto-san por tê-lo apresentado a nós.

~

Os jornais relataram que Hayashi-san tinha cometido suicídio, e houve algum comentário sobre o assunto, mas o interesse diminuiu alguns dias depois. A verdadeira razão para o suicídio foi mantida em segredo; de todo modo, não havia um motivo razoável para revelá-la. Miyagi-san seguiu seu caminho, sem saber quão perto ele tinha chegado da ruína. Nem Emiko soube jamais do papel que ela desempenhou na morte de Hayashi-san. Seguindo o conselho de Holmes, foi decidido que a bela pintura de Emiko fosse acondicionada, selada e armazenada nos arquivos do Templo Kinkaku-ji e deslacrada somente após cem anos, e lá ela está hoje¹⁴.

Arima-san foi o perfeito anfitrião. Ficamos no Kinkaku-ji por alguns dias, para pensar sobre nossa situação. Enquanto isso, os sacerdotes começaram uma série bastante elaborada de rituais para a alma que partiu, e assisti às cerimônias com fascínio.

Sherlock Holmes estava ocupado, preparando-se para a curta viagem para Tóquio. Kinkaku-ji tinha sido, de certa maneira, um porto seguro, mas já não podíamos nos dar o luxo de esperar. Era hora de partir. O *North Star*, certamente atracaria em Yokohama em poucos dias. Ainda poderíamos ser capturados, antes de concluirmos nossa missão: era impossível dizer quem no navio era o homem do Professor Moriarty.

Então, finalmente, com a ajuda generosa de Arima-san, estávamos em nosso caminho para Tóquio, em um trem noturno. Primeiro, Holmes tomou a decisão incomum de enviar um telegrama para a senhorita Masako Nohara, secretária particular de Oshima-san, pedindo-lhe para nos encontrar na estação Central de Tóquio, na manhã seguinte, no dia 8 de agosto.

¹⁴ Nota de Akira Yamashita, no ano de 2013: Investigações foram realizadas com o intuito de rastrear a pintura nos vastos arquivos do Templo Kinkaku-ji. A princípio, o curador indiretamente confirmou a existência de tal pintura, mas, depois, recusou-se a fornecer detalhes adicionais.

Tóquio

和

Por que nos gostamos, meu amigo? Simples: você não reclamava quando eu jogava neve em você. Sorria com minha felicidade, enquanto a chuva caía em meu rosto. Quando a brisa salgada do Mar do Japão assobiava por entre seu cabelo, ríamos juntos.

A viagem de trem de Quioto para Tóquio levou várias horas. Vimos o coração do Japão de perto e passamos pelo Monte Fuji, uma visão extremamente majestosa e imponente. Sherlock Holmes folheou atentamente suas anotações, enquanto eu me ocupei novamente do meu diário e das contas.

Minha primeira impressão de Tóquio, quando o trem entrou na cidade por volta das cinco horas da manhã, foi de uma cidade populosa e congestionada. Fomos recebidos na estação pela senhorita japonesa da qual Sherlock Holmes tinha falado, Masako Nohara. Fiquei impressionado com sua atitude extremamente confiante e com a maneira como se comportava. Era atraente, mas não em exagero. Não havia dúvida de que era fluente, sem o menor vestígio de sotaque. Era evidente que tinha viajado muito e era bastante inteligente e culta.

– Fico feliz em vê-lo de novo, sr. Holmes – ela disse, ao acomodarmo-nos em nossa carruagem. – Nunca duvidei que chegaria aqui a salvo, mas imagino que deve ter sido uma aventura e tanto.

– Sim, uma longa e fascinante jornada, senhorita Nohara. Dr. Watson e eu com certeza tivemos algumas experiências interessantes. E como está o sr. Oshima agora?

– Ele se recuperou. Enviou-lhes seus cumprimentos e espera receber um relatório completo em breve. Diga-me, no entanto, por que vieram por Quioto?

– Achamos que estávamos expostos. Fez mais sentido procurar um ponto de acesso diferente. Encontramos abrigo em Quioto por uns dias.

– Tenho certeza de que os senhores estavam envolvidos, de alguma forma, no recente incidente no Templo Kinkaku-ji. Soube por minhas fontes que dois ingleses tinham ajudado a polícia a investigar um caso bastante delicado, a respeito do suicídio de um sacerdote superior.

– Uma oportunidade para obter outra visão sobre o funcionamento do cérebro humano.

– Bem, poderíamos aproveitá-lo aqui, sr. Holmes. A polícia não é – digamos assim – suficientemente avançada e científica em seus métodos.

Chegamos à casa de hóspedes e fomos saudados calorosamente por Jiro Hamada, o ex-lutador de sumô e guarda-costas que tinha ajudado Holmes antes, apresentando-o para o Japão e sua língua e cultura. Enquanto descansei, Holmes e a senhorita Nohara conversaram sobre muitos assuntos por algumas horas e, em seguida, ela pediu licença, prometendo estar de volta ao meio-dia. Holmes então voltou suas atenções para sua prática, tocando alguns trechos em seu violino, enquanto olhava para a partitura que tinha trazido com ele. Em meio a uma situação particularmente grave, é notável que ele

possa voltar-se para a música e manter a mente ocupada.

A senhorita Nohara, então, nos escoltou até o Escritório de Inteligência e Pesquisa. Sherlock Holmes levou com ele várias folhas de papel em que tinha feito inúmeras anotações.

Chegamos ao escritório de Oshima-san e fomos levados para dentro por seu assessor, o sr. Suzuki. Hamada-san sentou-se do lado de fora, de guarda, seguindo as ordens da senhorita Nohara.

Oshima-san fez uma reverência.

– Há quanto tempo, Holmes-san, muito tempo, *ne!* Dois anos! Fico muito feliz em vê-lo bem e de volta ao Japão.

Ele se virou para mim.

– É uma grande honra, dr. Watson. Ouvi falar muito sobre o senhor. Espero que tenhamos tempo para discutir alguns dos muitos casos que o senhor narrou de modo tão admirável. Talvez, um dia, a história dos serviços prestados à nossa nação por Holmes-san e pelo senhor vá se tornar conhecida.

– A senhorita Nohara mencionou que o senhor estava doente, mas não esperava encontrá-lo tão pálido e fraco. Parece ter emagrecido também – observou Holmes, pensativo.

– Sim, uma doença inesperada. Comi uma iguaria, um peixe chamado baiacu, que requer um grande cuidado na preparação, pois é muito venenoso. Talvez o cozinheiro tenha cometido um erro. De qualquer maneira, estou muito bem agora. Fez bem em não entrar em contato até realmente ter atingido a costa do Japão, Holmes-san. Não temos certeza de tantas coisas agora. O alcance do Professor Moriarty é profundo dentro do Japão também. Não posso nem imaginar sua luta para chegar até aqui. A última notícia que recebemos foi de Bangkok. Em seguida, você parece ter despistado a todos. Muito louvável.

Holmes sentou-se em uma grande cadeira com os olhos meio fechados. O atendente de Oshima-san abriu a porta para perguntar se podia trazer um pouco de chá, mas a senhorita Nohara mandou-o embora, impaciente, e pediu-lhe para retornar em quinze minutos. A porta fechou-se. Oshima-san, a senhorita Nohara e eu esperamos, ansiosamente, que Holmes falasse.

Holmes levantou-se de repente e balançou a cabeça.

– Não, sr. Oshima. O que tenho a dizer deve ser apresentado a todo o grupo que está familiarizado com os objetivos da Operação Kobe55. As ramificações são tão extremas que simplesmente não podemos nos dar o luxo de manter essas informações conosco por mais tempo. O Japão estará em guerra com todas as potências europeias. A diplomacia perderá seu significado – ninguém confiará em ninguém. A podridão se infiltrou e precisa ser extirpada brutalmente, sem demora.

Oshima-san ficou em silêncio por um momento.

– Posso certamente trazer os ministros e o chefe de polícia. Sugiyama-san chegou a Tóquio da Suíça ontem para resolver diversos assuntos. Claro, talvez o senhor não saiba que a lista de onze foi reduzida para oito, ao longo dos últimos três meses, com as lamentáveis mortes de Nishikawa-san, o ministro das Finanças, Takenaka-san, nosso embaixador na França, e Kasama-san, nosso cônsul em Xangai.

Sherlock Holmes virou-se.

– É mesmo? Não sabia disso. Uma coincidência peculiar: três mortes nos últimos três meses! Quais foram as circunstâncias?

– Nishikawa-san teve um ataque cardíaco, em uma reunião de gabinete. Takenaka-san morreu durante o sono em Paris e Kasama-san escorregou em seu escritório, em Xangai, e bateu a cabeça na borda de uma mesa, sofrendo uma concussão fatal.

– Não acharam estranho?

A senhorita Nohara explicou:

– Certamente, quando você olha para a situação em sua totalidade, parece estranha. Eu, pessoalmente, investiguei as mortes dos embaixadores, mas os relatórios médicos e policiais parecem estar acima de

qualquer suspeita. Não foi detectado nenhum veneno no primeiro caso, e as lesões no segundo eram consistentes com a forma do objeto que causou a concussão. A morte de Nishikawa-san não era inesperada, pois há muito tempo ele sofria de um problema de coração. E...

– Não! – Holmes sacudiu a cabeça, discordando veementemente. – Não! Sinto muito, mas tenho que insistir! Insisto em uma reunião esta noite às cinco horas, três horas a partir de agora, com o restante dos membros. Não há absolutamente nenhum tempo a perder. Essas mortes não são meros acidentes ou eventos isolados; o caso está convergindo a cada segundo. A anarquia está a poucos dias de distância. Nossas vidas estão em grande perigo. Devo insistir ainda que o dr. Watson deve estar presente na reunião. A hora de agir é agora. O Comitê Kobe55 deve se encontrar imediatamente e deve incluir o Imperador!

Oshima-san mexeu-se desconfortavelmente na cadeira.

– Uma audiência imediata com o imperador? Temo que seja impossível. Há protocolo, e levaria dias para seus funcionários do palácio nos concederem uma audiência. Posso transmitir sua mensagem para a secretária particular do imperador em um envelope lacrado, se o senhor insistir em sigilo, mas eu...

Holmes bateu o punho na mesa de Oshima-san.

– O comitê inteiro! Quero todo o comitê! Nem um membro a menos. Eu insisto! O imperador tem que me ouvir. A existência do Japão está em grave perigo. Não temos tempo para o protocolo. O senhor entende, sr. Oshima?

Oshima-san hesitou.

– Seria muito, muito difícil, Holmes-san, por favor, entenda. Todo mundo está se preparando para o feriado do *Obon*...

Sherlock Holmes levantou-se, os olhos faiscando raiva.

– Nesse caso, sr. Oshima, devemos deixar que os acontecimentos sigam seu curso. Não pode haver algo mais fundamental para o futuro do Japão; mesmo assim, o senhor permanece estranhamente preso a protocolos absurdos e procedimentos complicadores e pensando sobre o feriado de *Obon*. Sinto que perdi os últimos três anos da minha vida em uma perseguição inútil. Também coloquei em perigo a vida do meu colega mais próximo e querido amigo. Vamos deixar o Japão agora! Desejo-lhe um bom dia. Watson, vamos...

A senhorita Nohara interveio.

– Holmes-san, estamos muito gratos por seu trabalho e pedimos sinceras desculpas por todo o inconveniente que lhe foi causado. Sem dúvida, o senhor entende que esta não é uma situação normal. Por favor, dê-nos um momento para organizarmos nossos pensamentos.

Ela conversou em japonês com Oshima-san por cerca de cinco minutos. A conversa foi enérgica, mas parecia claro que a senhorita Nohara estava sendo muito persuasiva.

Finalmente, Oshima-san ergueu a mão direita e interrompeu a senhorita Nohara. Parecia cansado.

– Holmes-san, ligarei para Otawa-san e Sasaki-san e pedirei sua intervenção imediata. Eles podem ajudar. Se recusarem, ou se as informações que o senhor apresentar à comissão forem de pouca monta, a minha carreira, obviamente, estará acabada. No entanto, em deferência aos esforços sinceros que fez em prol do nosso país, vou me arriscar.

Holmes fez uma reverência.

– Eu não lhe pediria isso, a menos que tivesse motivos concretos para acreditar que é necessário. O senhor confiou em mim até agora. Por favor, confie em mim mais uma vez.

Oshima-san ligou para o Ministro do Interior e para o chefe da Polícia Secreta e conversou longamente com os dois. Depois do que pareceu uma espera interminável, uma ligação foi feita de volta. Parecia que o pedido de Holmes tinha sido concedido. O imperador iria ver-nos às cinco horas, e os

demais membros da comissão também estariam lá.

– Nunca na história, Holmes-san, o Imperador concedeu uma audiência em tão pouco tempo, sem seus secretários já terem uma ideia da natureza da informação a ser apresentada. Quero parabenizá-lo – Oshima-san sorriu. – Seguiremos imediatamente. Talvez tenhamos tempo para um chá; Suzuki-san sempre mantém um pouco pronto para nós.

Sáimos e vimos uma cena macabra.

Hamada-san estava caído em uma cadeira, a poucos metros da entrada do escritório de Oshima-san, espumando pela boca. Uma xícara de chá estava caída no chão ao lado dele, com seu conteúdo derramado. Em uma mesa pequena, perto dele, havia uma bandeja cheia de xícaras vazias e uma chaleira.

Holmes correu até Hamada-san e segurou seu braço para ver se ainda havia pulsação, enquanto examinei sua jugular, procurando por sinais vitais.

– Ainda há uma leve pulsação. Chamem um médico! Uma lavagem estomacal pode ajudar!

Os rostos de Oshima-san e da senhorita Nohara ficaram brancos.

– Dr. Watson...? – perguntou a senhorita Nohara, com uma voz trêmula.

Balancei a cabeça afirmativamente.

– Parece que ele foi envenenado, mas ainda está vivo.

A senhorita Nohara correu para buscar um médico.

Holmes abaixou-se, levantou a taça de chá do chão e cheirou o resíduo.

– Sim, ele foi envenenado. Não posso dizer com o quê, mas certamente sinto o leve odor de um produto químico desconhecido.

– Talvez o senhor deva chamar suas forças de segurança imediatamente, sr. Oshima.

– Eles penetraram o coração do meu escritório! – Oshima-san estava encostado na parede, completamente abalado.

– Ninguém neste edifício está acima de qualquer suspeita, sr. Oshima! Por favor, detenha seu ajudante, o sr. Suzuki, para começar. Esse chá na chaleira era destinado para nós. O sr. Hamada serviu-se de uma xícara e, infelizmente, colocou-se no caminho dos planos do assassino.

Três policiais entraram correndo no pequeno cômodo e assumiram o controle. Oshima-san conversou com eles rapidamente, e um deles saiu com pressa.

– Pedi a ele que encontre Suzuki-san – explicou Oshima-san.

Em um minuto, o policial voltou.

– Suzuki-san deixou o prédio há uns dez minutos; parece que estava com pressa. Obviamente, ninguém lhe perguntou aonde estava indo e por quê.

– Agora, o único lugar que pode nos dar segurança é o Palácio do Imperador, sr. Oshima. Se a Yakuza conseguiu chegar até aqui, pode ter certeza de que vamos ser observados, enquanto deixamos este edifício. O sr. Suzuki pode muito bem nos ter ouvido falar de nossos planos e ter planejado um outro incidente na rota para o palácio...

A senhorita Nohara interrompeu:

– Há mais de um caminho para o Palácio Imperial. Vamos partir neste momento!

Ela deu a cada um de nós um pequeno revólver de cano curto. O significado era claro.

Corremos para fora do prédio, depois de trancar o escritório de Oshima-san, deixando o médico e a polícia cuidando dos assuntos relativos ao envenenamento de Jiro Hamada.

Por razões de segurança, decidimos pegar o transporte público para o palácio, ao invés da carruagem pessoal de Oshima-san. A senhorita Nohara deu instruções ao cocheiro, e parecíamos estar indo em direção oposta à lógica do Palácio Imperial de Tóquio. Em um ponto adequado, longe do escritório, ela deu novas instruções, e o cocheiro ziguezagueou em várias direções, finalmente virando novamente rumo

ao palácio.

As estradas estavam livres e, apesar de termos mantido nossos revólveres engatilhados para qualquer eventualidade, nenhum novo incidente ocorreu quando nos aproximamos dos portões do palácio.

Descemos aí, e Oshima-san aproximou-se dos guardas. Eles já tinham sido avisados para nos esperarem e rapidamente nos levaram para dentro, sem dificuldade.

O Palácio Imperial era tudo o que se imagina que seja – grande, exuberante, com gramados bem cuidados, edifícios com as fachadas mais delicadas e requintadas. Eu não estava indiferente ao fato de que estava prestes a conhecer o Imperador Meiji, que já estava recebendo aclamação da crítica, segundo Holmes, em razão da atual Restauração Meiji; o Japão estava se afirmando como uma potência mundial, da qual esse imperador foi o arquiteto. A história estava prestes a ser escrita. Embora não tivesse, mesmo na época, nenhum indício do que Sherlock Holmes estava planejando compartilhar, podia adivinhar que era algo de extrema importância.

Fomos levados para uma sala de reuniões, com uma mesa oval, de mogno, muito comprida, no centro. As cadeiras Savonarola com almofadas *zabuton* elaboradas, as cortinas de seda *noren* nas janelas, os incrivelmente belos arranjos bonsai ao redor da sala, as grandes pinturas em ouro e folha de prata da era Azuchi-Momoyama na parede – tudo mostrava o gosto de extrema elegância e requinte. Em um canto, um fogo suave tinha sido aceso para manter o cômodo quente – fazia muito frio para agosto. Exceto pelo Imperador, que ainda não tinha chegado, todos os outros já estavam sentados. Holmes os conhecia de sua passagem anterior no Japão. Sugiyama-san, naturalmente, estava presente, e os dois trocaram um sorriso de reconhecimento. Apertaram-se as mãos em primeiro lugar, o prazer em verem um ao outro era evidente. Fomos ao redor da sala, curvando-nos e apertando mãos.

– Sr. Otawa, um prazer vê-lo de novo. Este é meu colega e amigo de confiança, dr. Watson.

– Claro, claro! O senhor é muito famoso aqui no Japão, dr. Watson. É uma honra conhecê-lo – disse o Ministro do Interior, fazendo uma reverência.

Ele era um homem baixo e corpulento, com uma forte presença, acentuada por uma cabeça grande e um olhar penetrante e inteligente.

– Sr. Yoshida. Encontramo-nos novamente. Obrigado por ter me ajudado em Berlim, Estocolmo e Madri.

– Holmes-san, sou muito grato ao senhor. Os cidadãos do Japão nunca vão saber o quanto lhe devemos. Mas eu sei, assim como o imperador. Obrigado. Embora eu deva lhe perguntar como sabe da minha intervenção – o magro e idoso Ministro das Relações Exteriores disse, com um brilho nos olhos.

– Deixemos que isso seja um segredo diplomático, sr. Yoshida. E este é meu estimado colega, dr. Watson. Sem ele, eu não teria conseguido chegar ao Japão novamente.

– A fama dele o precede, Holmes-san. Estamos honrados em tê-lo aqui – Yoshida-san disse, com sua voz suave e refinada.

Sasaki-san, chefe da Polícia Secreta, adiantou-se e fez uma reverência para Sherlock Holmes. Seu inglês era pobre, mas nada poderia diminuir sua presença, claramente carismática e poderosa. Ele era baixo e atarracado, e portava-se com grande confiança e autoridade.

– Eu agradeço, Holmes-san – Sasaki-san disse, simplesmente. – Jornada muito difícil, problema muito difícil, *ne. Arigato gozaimashita.*

– Sr. Sasaki, obrigado.

Nós nos sentamos. Holmes sentou-se, por protocolo, a uma cabeceira da mesa; o imperador iria se sentar à outra. Sentei-me à sua esquerda imediata e, mais adiante, estavam a senhorita Nohara e Oshima-san. À direita de Holmes estavam Sasaki-san, Sugiyama-san, Yoshida-san e Otawa-san.

Eram 4:55 da tarde.

O Palácio Imperial

真

Você diz, meu amigo, que Majestade não vem de acidentes de hereditariedade, mas de dedicação à verdade. Quando a verdade flui do coração, ele é o Imperador por aqueles poucos minutos. Um palácio é simplesmente o lar de quem é sempre o Imperador.

Revedo minhas anotações, acho que Holmes se superou em todos os sentidos possíveis, durante esse encontro definitivo com o Imperador Meiji e os outros membros da equipe que sabiam da Operação Kobe55. Desde o momento em que o conheci, Holmes tinha lidado em cada tarefa com uma mente clínica; assuntos de estado ou assuntos envolvendo crime ou outros de importância significativa para seus clientes foram tratados com máxima precisão e profissionalismo. Mesmo hoje, não posso tornar públicos certos casos, por serem extremamente delicados. Aqueles que o leitor conhece não são mais capazes de interferir nas vidas e carreiras de homens e mulheres que estiveram envolvidos neles. Em alguns casos, Holmes sugeriu que eu fizesse mudanças ao descrever eventos ou locais; sempre concordei, porque sabia o que o grande cérebro era capaz de prever.

Com tantos anos decorridos após o evento, talvez o leitor possa se perguntar sobre o dilema que me confronta. Será que o leitor não merece conhecer os fatos? Ou será que a sensibilidade da questão não garante sigilo por pelo menos mais cem anos? Sherlock Holmes recomenda a primeira opção, pois, em sua opinião, as lições derivadas de nossa experiência tocavam tantos aspectos da diplomacia e do crime, que poderiam até mesmo servir como uma espécie de monografia elaborada sobre os aspectos da convenção diplomática e detecção do crime. Acredito que uma faceta de seu ego estava envolvida, para ele chegar a tal conclusão. Isso, na minha opinião, foi bastante perdoável. Sherlock Holmes não acreditava em falsa modéstia e, para ele, esse caso particular representou o ápice de sua carreira.

O Imperador foi anunciado, e todos nos levantamos quando ele entrou rapidamente, acompanhado por dois guardas. Não estava usando suas vestes formais, mas seu elegante quimono Yukata e sua postura deixavam claro que ele era da realeza. Olhou em nossa direção e acenou com a cabeça. Fizemos uma ligeira reverência e esperamos que se sentasse e nos autorizasse a fazer o mesmo. Ele fez isso com um aceno de mão.

O Imperador Meiji tinha seus trinta e tantos anos na época e uma aparência impressionante. Holmes me tinha dito que ele era um visionário forte e perspicaz. Também era um poeta introspectivo de certa reputação e dado ao estudo dos clássicos.

Em pé, atrás dele, atentos, estavam seus guardas.

Ele olhou lentamente ao redor do grupo e depois diretamente para Sherlock Holmes. Uma corrente de respeito fluiu entre eles e, em seguida, o momento passou quando Holmes fez uma reverência.

Otawa-san levantou-se e curvou-se novamente para o Imperador, dirigindo-se a ele em japonês. Mais tarde ele me disse que tinha pedido permissão ao imperador que Sherlock Holmes apresentasse um relatório de imensa importância e desculpou-se por solicitar uma audiência com tão pouca antecedência.

O Imperador dirigiu-se a Holmes através de Ottawa-san, pois seu domínio do inglês era fraco.

– Sou grato ao senhor por ter enfrentado problemas em prol do Japão, ao longo dos últimos três anos. Estou pronto para ouvir o que tem a dizer.

Holmes assentiu com a cabeça.

– Obrigado, Sua Majestade. Tenho muito a dizer e peço sua paciência e a de meus colegas aqui presentes. Cheguei a este país maravilhoso mais de dois anos atrás, escoltado por seu estimado embaixador para a Suíça, sr. Sugiyama, e fui informado pelo sr. Oshima sobre a Operação Kobe55. Depois disso, conheci todos os membros do grupo, um por um. Lamento o recente falecimento dos senhores Nishikawa, Takenaka e Kasama. Acredito que eles morreram no cumprimento do dever, assassinados por forças hostis ao Japão, talvez empenhadas em criar uma crise para o país e prejudicar sua reputação perante os olhos da comunidade internacional. Devo elogiar os membros deste grupo por ter reconhecido o câncer enquanto ele se desenvolvia e tomado uma decisão corajosa para lidar com isso.

“O senhor deve estar ciente de que passei alguns meses no Japão, na companhia de Jiro Hamada, principalmente em Tóquio e Osaka, para me familiarizar com os vários aspectos da cultura japonesa. Ele me ensinou o básico de sua bela língua, apresentou-me ao esporte de sumô, me levou para o teatro kabuki e a espetáculos de música. Tudo isso fiz com o propósito de me aprofundar na cultura e entender as nuances dos costumes japoneses. A outra razão foi, é claro, para aprender, de especialistas na organização do sr. Sasaki, sobre a Yakuza. Por que fiz isso? Muito simples – tinha que me preparar para a missão na Europa e pensar no meu plano de ação. Qual era a tarefa? Avaliar de forma independente a extensão da infiltração da Yakuza nos serviços diplomáticos japoneses e compreender como estava operando a ligação da organização do Professor Moriarty e a Opium Triad de Xangai. Deixem-me ser claro mais uma vez: isso é o que pensei que a missão era. No entanto, não estava preparado para o que descobri – mas chegarei a esse ponto mais tarde.

“Trabalhando de perto com o sr. Oshima, a senhorita Nohara, o sr. Ottawa, o sr. Sasaki, o sr. Nishikawa e o sr. Yoshida, primeiro preparei a infraestrutura necessária para que eu operasse disfarçado na Europa. Como o mundo em geral estava convencido de que eu tinha morrido nas Cataratas de Reichenbach, precisava de tempo para permitir que o assunto fosse esquecido e para preparar uma nova identidade. Foi o que fiz, com a ajuda do sr. Yoshida, que criou um elaborado conjunto de identidades para mim, às vezes como um empresário americano, outras, como um banqueiro inglês, em outros lugares, como violinista espanhol e muito mais. Minhas necessidades financeiras deviam ser cuidadas pelo sr. Nishikawa; precisava de absoluta segurança de que teria acesso ao dinheiro, quando necessário. O *network* secreto do sr. Sasaki estava encarregado de me ajudar com armas e acesso a informação policial, quando fosse preciso. Sr. Oshima tinha arranjado para que minhas atividades na Europa fossem vistas como legítimas – organizaram para que eu importasse saquê de um fabricante de boa-fé em Sapporo e outras bebidas de outros países. Tudo isso era muito importante; acreditávamos que poderia levar mais de um ano para avaliar completamente a extensão do problema e desenvolver um plano. O sr. Takenaka, na França, e o sr. Sugiyama, na Suíça, foram julgados em melhor posição para me ajudar com correios diplomáticos, quando precisava me comunicar com o sr. Oshima ou com a senhorita Nohara, ou me fornecer um refúgio seguro, se necessário.

“Visitei Xangai no meu caminho para a Europa e encontrei o sr. Kasama, seu dinâmico cônsul. Fiquei muito impressionado com ele. Homem perspicaz e diligente, estava muito bem informado sobre as

atividades da Opium Triad de Xangai; na verdade, tinha criado, de forma independente, sua própria rede de inteligência e estava ciente dos planos de expansão da Triad muito mais do que qualquer outra pessoa. Isso não era surpreendente, dada sua localização. Também era uma pessoa sociável, que tinha desenvolvido um bom relacionamento com os membros dos serviços diplomáticos dos outros países domiciliados na China. Na verdade, lembro-me de que minha primeira avaliação da enormidade do problema veio de ideias do sr. Kasama. Passei duas semanas em Xangai com ele. Visitamos algumas casas de ópio juntos, incógnitos, pois ele queria que eu visse, em primeira mão, a extensão do negócio do ópio e como isso afetava as pessoas. Foi lá que notei alguns europeus andando ao redor – alguns eram clientes, enquanto alguns pareciam estar realmente envolvidos na administração das casas. Foi quando o sr. Kasama me deu a notícia, em um pequeno restaurante.”

– *Holmes-san, o senhor encontrará europeus de todas as nacionalidades envolvidos no negócio das casas de ópio.*

– *Não é de se surpreender – eu disse. – As pessoas são levadas pelos mesmos desejos, em qualquer lugar.*

– *Mas o que pode ser surpreendente para o senhor é que haja alguns diplomatas europeus envolvidos; não só como consumidores de ópio, mas também como sócios ativos dos negócios.*

– *O quê?*

– *Isso mesmo. Alguns diplomatas estão a serviço da Triad. Eles têm interesses comerciais e muitas vezes são usados como contrabandistas – não necessariamente de ópio, mas para garantir a movimentação de fundos. É possível que não só o serviço diplomático japonês tenha sido comprometido em vários níveis. A podridão também se espalhou para os outros consulados com base em Xangai. De lá, vai se alastrar para outro lugar.*

Holmes virou-se para mim.

– Watson, você se lembra do caso misterioso da sra. Bryant, que disse ser tutora dos filhos do cônsul japonês em Xangai? Era uma mentira óbvia, já que eu conhecia o sr. Kasama, o cônsul-geral, e ele não tinha filhos. De fato, era uma especialista em artes marciais chinesas, a serviço da Triad de Xangai, designada para assassinar quaisquer pessoas com um interesse muito explícito nos assuntos da Triad. Foi ela quem colocou um sonífero em seu chá, entrou em sua cabine através da vigia e matou o sr. Hashimoto, seu amigo. E lembra-se de ter ouvido alguns sons mais cedo, sobre os quais estava se perguntando? Era ela, praticando para o assassinato. Ela tinha o corpo delgado necessário para entrar pela vigia estreita e alta inteligência para planejar um crime tão arrojado. Acredito que ela tenha descoberto que o sr. Hashimoto era, na verdade, um membro da polícia secreta japonesa, retornando ao Japão depois de uma reunião com a Scotland Yard.

– Isso... isso... é impressionante, Holmes! – gaguejei, lembrando-me da simpática senhora que tinha viajado conosco. Na verdade, era uma assassina fria e bem treinada.

– Também deve lembrar que o médico de bordo comentou que ficou intrigado com a natureza do ferimento. Vocês não tiveram uma resposta específica naquela época, mas eu notei que o ferimento era particularmente estreito e profundo, e que a faca tinha sido enfiada sob as costelas, no diafragma, e depois para cima, diretamente no coração; a morte deve ter sido muito rápida. Imagino que a sra. Bryant desceu pelo lado da ponte, quebrou a vigia, rapidamente entrou na cabine e surpreendeu o sr. Hashimoto. Ela o atingiu abaixo das costelas, com a longa faca indo diretamente ao coração, exatamente como planejado. Esse foi o trabalho de uma assassina profissional, dotada de crueldade e conhecimento sobre a anatomia humana, utilizando o instrumento adequado e plenamente consciente da vantagem do elemento surpresa.

Senti um arrepio, pensando na descoberta daquela manhã.

– Isso também deve explicar a você, Watson, por que os dois japoneses que embarcaram em Marselha ficaram surpresos ao ver a sra. Bryant. Sabiam quem ela era: uma agente da Triad. Não esperavam encontrá-la no navio. Não ficaria surpreso se tiver sido a sra. Bryant que posteriormente matou o sr. Kasama em Xangai. Quem poderia imaginar uma pequena e esguia inglesa, já de certa idade, como uma assassina profissional? Acredito que ela foi a “embaixadora”, por assim dizer, do Professor Moriarty para a Triad. O cálculo deles foi perfeito. Gostaria de sugerir, sr. Sasaki, que o senhor peça a seu equivalente chinês para deter essa senhora, que, penso eu, não seja difícil rastrear em Xangai. David Joyce, que eu conhecia pessoalmente, era da Scotland Yard e tinha sido designado por Lestrade para ficar de olho em mim e no Coronel Sebastian Moran, passando-se por Coronel James Burrowe. Joyce se juntou a nós em Marselha para despistar qualquer suspeita. Tenho certeza de que foi a sra. Bryant e os dois japoneses que o assassinaram, sob a coordenação do Coronel Moran, que foi igualmente astuto e deve ter percebido quem Joyce era e que ele o estava vigiando. Mas o crime foi executado com tal requinte profissional, que nunca teremos uma prova conclusiva sobre o assunto. Quem o levou a abrir a porta da cabine, quem o matou, quem o jogou ao mar? O corpo nunca será encontrado e teremos de declará-lo “Perdido no Mar ou Supostamente Morto”. A senhorita Nohara pode facilmente rastrear esses dois japoneses, e isso não deveria mais nos preocupar.

“Mas, para voltar à minha história, algum tempo depois de conhecer o sr. Kasama, parti para Marselha e depois Paris, assumindo a identidade de um empresário americano, Jim Hodges, que supostamente geria uma empresa importadora de vinhos para os Estados Unidos. Aluguei um apartamento no bairro Le Marais e, por razões óbvias, mudei minha aparência: era um senhor de meia-idade, corcunda e calvo. Claro, tinha conexões no submundo de Paris, mas evitei usá-las, pois seria arriscado. Criei meu próprio *network*, usando os bons contatos de Kazuo Takenaka, o seu embaixador na França. Isso também não foi nem um pouco fácil. Entretanto, através da criação de um negócio legítimo que envolvia importação de bebidas de vários países, inclusive saquê do Japão, eu podia visitar a embaixada de vez em quando e encontrar-me com o embaixador. Mas nós nos comunicávamos, quando necessário, encontrando-nos por acaso no Louvre ou nas Catacumbas.”

“Devem se lembrar do sr. Takenaka, um homem extremamente talentoso com uma grande facilidade para línguas, história e economia. Um senhor de extrema integridade e prudência – um mérito a seus Serviços Diplomáticos, Sua Majestade. Ele fará falta.

“Então, teve início o processo extremamente difícil de investigar a questão. Logo consegui fazer amizade com o adido comercial japonês em Paris, que o sr. Takenaka acreditava estar envolvido no caso. Sua intuição estava correta, e o adido, sr. Takada, provou ser minha principal fonte de informação por um longo tempo, antes de voltar para Tóquio no início deste ano. Talvez devam detê-lo, logo após esta reunião. Lembro-me de tê-lo encontrado no Café Le Petit Château d’Eau, perto da Torre Eiffel, depois de termos nos tornado bastante amigos.”

– *Hodges-san, como vão negócios? – ele perguntou, durante uma refeição com escargots e vitela e um excelente vinho Bordeaux.*

– *Muito bem, Takada-san, mas às vezes me preocupo que o fornecimento de Hokkaido não seja regular e confiável.*

– *Por que o senhor só importa vinhos? Por que não tenta algo novo, Hodges-san?*

– *Bem, o senhor sabe, sempre estive no negócio de bebidas, Takada-san. Meu pai construiu seu negócio de uísque em Kentucky, e isso é a única coisa que já fiz. Eu seria capaz de entender um novo negócio? – questionei.*

– *Novas coisas acontecendo no mundo hoje, Hodges-san! Posso lhe dar uma ideia?*

– *Claro!*

– O senhor bom homem, Hodges-san. Muitas propostas de negócios hoje em dia na importação de ópio. As pessoas no Japão precisam de agente de confiança em Paris para distribuir. Negócio muito fácil. Grande demanda. O senhor ganha dinheiro. O senhor importa vinho. O senhor importa ópio.

– Mas não é ilegal?

– Todos os negócios têm problemas, Hodges-san – ele deu de ombros, revirando os olhos. – O que quer dizer ilegal? Tudo legal, tudo ilegal. Você arrisca, você ganha dinheiro. Por que se preocupar? Por que não tentar? Eu apresento o senhor para meus tomodachi – quero dizer, amigos – que distribuem ópio.

– Por que não? Vamos entrar no jogo! – eu disse. Propusemos um brinde à nova possibilidade de negócio.

“E, assim, entrei para o mundo do contrabando de ópio. A fachada era perfeita – um empresário americano envolvido em um negócio legítimo de importação e exportação de bebidas em Paris, secretamente atuando como um canal de distribuição de ópio.

“Agora, eu visitava a embaixada com mais frequência. Mantinha o sr. Takenaka informado de nossa maneira usual, mas os encontros eram com o sr. Takada. Em poucos dias, ele me apresentou a outros indivíduos japoneses que claramente não eram diplomatas; conheci o sr. Murakami, de quem a senhorita Nohara tinha me falado. Não havia nenhuma dúvida – esse homem era da Yakuza. Diplomatas juniores também eram filiados.

“Murakami e eu nos tornamos amigos. Comportava-me como um ingênuo americano idiota, fácil de manipular. Mais tarde, vim a saber que ele tinha verificado minhas referências em Sapporo, mas os arranjos do sr. Oshima tinham sido precisos, e todas as informações batiam. Eu estava completamente legítimo.

“Vamos entender a questão novamente. A embaixada do Japão em Paris era utilizada para facilitar o comércio através da emissão de licenças e identidades para a Yakuza e também identificando canais (como o meu negócio) para a importação de ópio, de várias maneiras. A Yakuza conectou-se ao *network* do Professor Moriarty por duas razões: para a distribuição do ópio na Europa e para garantir a proteção física contra qualquer investigação por parte da polícia – a Sûreté, neste caso. A Triad chinesa usou os canais criados para espalhar ópio pela Europa, com a proteção da Yakuza e do *network* do Professor Moriarty, que acabou se envolvendo na criação de casas de ópio e em gerar e atender a demanda. Eles também conheciam as pessoas certas no Departamento de Alfândega e na polícia. Em todos os lugares, seja na Inglaterra, França, Índia, Japão – a corrupção existe e é endêmica. Todos precisavam uns dos outros. Espero que isso esteja claro.”

Todos balançamos a cabeça, fascinados com a narrativa de Sherlock Holmes.

“Minha empresa agora está importando ópio – embora contrabando possa ser uma palavra melhor. Por favor, lembrem-se de que eu não era o único importador. Havia muitos – e tenho a lista. As importações eram em quantidades muito pequenas. Decidiu-se que o mercado e o sistema seriam testados por alguns anos, antes de uma operação em grande escala. Esse tipo de pensamento estratégico em camadas só poderia ter vindo do próprio Professor Moriarty.

“Logo, conversei com o sr. Takada, expressando minha felicidade pelo novo negócio estar mostrando sinais de progresso. Ele ficou satisfeito e pediu-me para encontrar seus outros amigos, se quisesse expandir meu negócio na Europa. Concordei prontamente, e viajamos juntos para Madri, Lisboa, Zurique, Roma, Varsóvia, Berlim, Estocolmo, Copenhague, Moscou e Londres – sim, Watson, visitei Londres pelo menos cinco vezes durante o período em que você pensava que eu estava morto! Assiduamente construí minha imagem de um corpulento, maleável empresário norte-americano, para o qual só o lucro importava, e a lei existia para ser ignorada ou usada para sua vantagem.

“A sofisticação do planejamento deles era realmente notável, Sua Majestade. Em cada embaixada, conheci diplomatas que passariam por íntegros representantes dos Serviços Diplomáticos japoneses, mas que estavam completamente a serviço da Yakuza. Eles identificavam os importadores e abriam o caminho. A Yakuza assumia e conectava-se com os homens do Professor Moriarty e mantinha a contabilidade das transações. Assim, lenta mas tenazmente, criei um diretório de todos os membros dos Serviços Diplomáticos que estavam – estão – envolvidos. Isso levou quase dois anos. Lembrem-se: tive que desenvolver relacionamentos, um de cada vez, e ganhar a confiança de todos. Em troca de saquê e uísque, os diplomatas lentamente se rendiam e passavam a confiar em mim.

“Na verdade, conheci o Professor Moriarty em Paris. Acontece que o sr. Takada, ficando mais e mais ousado com cada transação de sucesso, me contou sobre suas ligações com o submundo. Estávamos no mesmo café de Paris, em um encontro para o almoço de domingo.”

– Obrigado, Takada-san, esse negócio é muito interessante e não tão difícil. Meu fornecedor em Sapporo recebe seus carregamentos de ópio de Xangai – ele não sabe o que eles contêm, mas é gentil o suficiente para adicionar os pacotes às exportações que envia para mim. Não há problema na Alfândega.

– O senhor homem confiável, Hodges-san, estamos muito satisfeitos, muito satisfeitos! Em breve expandimos muitas vezes, e o senhor e eu ficamos muito ricos.

– Seu *network* é muito forte. Admiro o senhor – elogiei-o, levantando minha taça de vinho em sua direção.

– Quer conhecer o homem que faz a distribuição? Ele é grande homem, Professor Moriarty, muito inteligente, muito inteligente. Não muito fácil conhecer, mas posso tentar.

– Claro! Seria uma honra. Se não fosse por ele, não posso imaginar como isso poderia funcionar, debaixo do nariz de todo mundo!

“E, assim, duas semanas após essa reunião, o sr. Takada e eu, acompanhados pelo sr. Murakami, fomos ao encontro do Professor Moriarty. A nossa carruagem passou por vários lugares e finalmente chegou – ao Louvre!

“Eu não poderia imaginar que o Professor Moriarty estivesse disposto a encontrar alguém em público. A figura mais sombria da Europa, a maior mente criminosa que eu já tinha encontrado – por que iria buscar a luz do sol? Mas, por outro lado, podia entender por que esse local era perfeito: quem imaginaria que o homem mais perigoso e temido na Europa iria encontrar pessoas em um dos maiores museus do mundo? Lembrem-se de que não havia um único caso já registrado contra ele, em qualquer lugar do mundo. Suspeita, mera suspeita, sim – mas nunca nada definitivo.

“Compramos os ingressos e andamos pelo magnífico museu. A delicadeza do Japão, os tesouros da China, as maravilhas da Índia, as vinhetas da Assíria, a mística da Arábia, os tesouros de Roma, vasos etruscos, as pinturas de Leonardo – a beleza refinada da cultura do mundo estava presente no Louvre, e eu poderia ter perambulado por ali durante dias. Mas, hoje, minha missão era diferente.”

– Como o encontraremos? – perguntei ao sr. Takada.

– Ele nos encontrará – respondeu, balançando a cabeça com certeza.

“E, como assegurou meu companheiro, quando entramos na seção egípcia, deserta, e olhávamos com admiração para os sarcófagos e outros exemplos fascinantes da arte daquela cultura, uma voz falou bruscamente atrás de nós.”

– Estão atrasados!

“Nós nos viramos. O Professor Moriarty estava em pé na parede em frente, de costas para nós, com as mãos cruzadas para trás. Eu o teria reconhecido em qualquer lugar, tantos meses depois do nosso último encontro, nas Cataratas de Reichenbach. Estava usando um sobretudo comprido e carregava uma bengala. Quando se virou, vi que tinha mudado pouco: os mesmos olhos furiosos e profundos, o enorme

lobo frontal de seu crânio sugerindo extrema inteligência, os lábios finos, o rosto pálido, a cabeça calva, a pequena corcunda em sua postura.”

“Ele olhou para nós – fiquei satisfeito por meu disfarce ter sido suficientemente eficaz. Não nos estendeu a mão. O sr. Takada e o sr. Murakami fizeram uma reverência, e eu tirei o chapéu. Ele não reagiu.”

– Está indo tudo bem? – perguntou ao sr. Takada. – Os últimos carregamentos chegaram atrasados. Não posso aceitar isso. Esse é um negócio pequeno demais para eu ter que me preocupar com essas questões. Estou mais interessado em assegurar que o sistema esteja em ordem.

– Peço desculpa, Moriarty-san – respondeu o sr. Murakami, quase rastejando. – Houve alguns atrasos na chegada dos navios, e parece que as remessas de Xangai também demoraram. Sinto muito.

– Não estou interessado em desculpas – retrucou Moriarty, seu temperamento colérico à mostra. – Se houver um novo atraso, e eu for desviado dos meus outros negócios, vou considerar encerrar essa atividade. De qualquer maneira, não estou muito satisfeito com os erros de seu pessoal em Berlim e Copenhague; eles parecem absolutamente incompetentes!

– Posso ter prazer de apresentá-lo ao sr. Hodges, Moriarty-san? – disse Takada, servil, ansioso para mudar de assunto. – Ele importa nosso material de Xangai através fabricante de saquê em Sapporo. Nós muito satisfeitos em trabalhar com ele.

– Neste momento, ainda não estou convencido de que podemos expandir para a escala de que preciso – o Professor Moriarty disse, ignorando-me completamente. – Se seus homens sem falanges não mostrarem mais presteza e inteligência para lidar com meus homens, vou reconsiderar. Por que você usa essas pessoas que vão ser facilmente notadas é algo que não consigo entender. E fale menos – ele perdeu a paciência com o sr. Takada. – Quanto mais você fala, mais corre o risco de se expor. Você está expandindo muito rápido e de forma descuidada. Não acredito, de jeito nenhum, em lucros a curto prazo. Isso não é apenas uma questão de dinheiro. Meu objetivo vai além: controlar a Europa e sua economia. Bom dia, senhores – ele disse abruptamente, virou-se e partiu.

“Olhamos para ele em silêncio.”

– Homem muito poderoso, *ne*, Hodges-san.

– Então, aquele era o Professor Moriarty? – observei.

– Sim. Muito ambicioso. Tem grandes planos. Muito homem bom de negócios. Muito bons métodos. Mas muito perigoso. Muito perigoso. Talvez senhor nunca ver ele de novo.

“E, realmente, não tive mais a oportunidade de vê-lo.”

“Nesse meio tempo, a previsão do sr. Kasama começou a revelar-se correta. Um dia, no escritório do sr. Takada na embaixada do Japão, tivemos alguns visitantes. Eles eram da seção comercial da embaixada portuguesa e conheciam bem o sr. Takada. D’Silva e Sequeira foram direto ao ponto. Já estavam envolvidos em contrabando de pequena escala e estavam bastante interessados na opção do ópio.”

– Fazemos teste em Portugal por um ano, D’Silva-san. Murakami-san visita Lisboa com os senhores para ver como funciona.

“O acordo foi aceito, e o sr. Takada pediu-lhes para se encontrarem com um determinado contato na embaixada do Japão em Lisboa. Ficou claro que o *network* estava em ordem, e que diplomatas de outros países europeus também estavam interessados em compartilhar os lucros. Tínhamos: De Groot da Holanda, Herr Schmidt da Alemanha, Senor Cruz da Espanha, Markevich da Rússia – e até mesmo Cosgrove da embaixada britânica, para minha tristeza pessoal, um homem de Cambridge, nada menos! Sim, Murakami ajudou-me a conectar-me com o *network* da Yakuza em todas as capitais europeias. Foi uma situação impressionante.”

– Na verdade, Sua Majestade, estou lhe dizendo que os serviços diplomáticos da maioria dos países europeus foram comprometidos e, longe de serem exemplos de honestidade e dignidade, estão envolvidos em contrabando. Isso é extremamente triste para todos.

– O que deve ser feito? – perguntou o Imperador, claramente abalado. – Se entendi corretamente, nossas embaixadas foram responsáveis por legitimar o contrabando e estabelecer as bases de um vasto *network* de tráfico e de consumo de ópio na Europa. E persuadiram vários diplomatas europeus a se tornarem parte de seus planos.

– Exato. E para responder a sua pergunta, parece claro, Sua Majestade, que o senhor terá de fazer algo pessoalmente. Tenho comigo a lista completa de todos os diplomatas, de todos os países, que estiveram envolvidos de maneira menor ou maior. Obviamente, tenho também a lista de diplomatas japoneses, que sem dúvida será mais constrangedora para todos vocês, porque eles têm operado sob a vigilância do Ministério das Relações Exteriores e da Polícia Secreta japonesa. Levei muito tempo para reunir esses nomes; lamento dizer que 50% das pessoas em cada embaixada do Japão na Europa são suspeitas, inclusive alguns embaixadores...

– Onde está essa lista? – interrompeu Sugiyama-san. – Nosso embaixador em Moscou...

Holmes balançou a cabeça.

– Não, ele está limpo, mas não gostaria de falar a favor ou contra qualquer diplomata aqui. Essa não é a questão. Cabe ao senhor – ele acenou para Sasaki-san – verificar rapidamente o caso. Pode cuidar disso com bastante facilidade, chamando-os para o Japão, para algum tipo de reunião aparentemente legítima, e depois prendê-los. Mas a exposição dos diplomatas europeus terá a maior repercussão, pois eles podem muito bem afirmar que caíram numa cilada de seus amigos japoneses. Isso pode ser extremamente embaraçoso. Acredito, Sua Majestade, que a única maneira de o senhor lidar com isso é antecipar-se à questão, antes de ser confrontado por outros países com evidências do envolvimento de diplomatas japoneses. Sugiro que escreva uma carta diretamente para o Chefe de Estado de cada país, a ser entregue por um representante pessoal, dando uma versão resumida dos fatos e fornecendo os nomes dos diplomatas das respectivas embaixadas, juntamente com a prova circunstancial ou direta de seu envolvimento no caso. Possuo tal prova contra cada um deles.

Houve silêncio.

– Há 138 diplomatas japoneses e cerca de 79 diplomatas europeus envolvidos.

– Por que o senhor não nos enviou detalhes no decorrer da investigação? – perguntou Oshima-san, com um tom um pouco bravo.

– Por uma razão muito simples que o senhor entenderá imediatamente. Não tinha garantia de que minha correspondência não seria interceptada. As únicas coisas sobre as quais podia lhe escrever eram as minhas necessidades financeiras e informações gerais que não eram realmente sigilosas: por exemplo, os casos recentes da investigação do assassinato do almirante Santiago ou o caso do sequestro do herdeiro do trono de Schleswig-Holstein. Como os acontecimentos comprovaram, há apenas algumas horas, minhas suspeitas procediam: a Yakuza se infiltrou em seus escritórios. E seu próprio caso de intoxicação por baiacu não teve nada de accidental.

Yoshida-san interveio.

– Em que ponto o senhor decidiu que a Operação Kobe55 tinha chegado a uma conclusão lógica? Por que voltou?

– Voltei porque o Professor Moriarty tinha começado a suspeitar. O sr. Takada tinha me levado a muitas cidades para me apresentar a seus equivalentes nas embaixadas como importador legítimo de saquê japonês, que poderia adicionalmente importar ópio. Em seguida, ele voltou para o Japão. Seu sucessor está limpo e não envolvido – ainda. Nesse meio tempo, surgiram rumores de que um empresário

americano tinha começado a expandir seu negócio muito bem na Europa; o que não teria sido um problema, exceto pelo fato de que o Professor Moriarty investigou meu passado nos Estados Unidos e não estava satisfeito com os resultados, ou eu acreditava que não. Ele começou a desconfiar. Quando meus pedidos de reunião na embaixada japonesa em Copenhague e depois em Berlim foram recusados pelas mesmas pessoas com quem eu tinha me encontrado, pelo menos três vezes antes, percebi que alguma coisa tinha mudado. Seu adido em Berlim, o sr. Uchiyama, me encontrou em um parque e confessou que tinha sido instruído pela Yakuza – que, por sua vez, deve ter recebido ordens do Professor Moriarty – para ficar de olho em mim. Então, fui a Londres para encontrar um meio de transmitir-lhe minha informação acumulada e para aconselhar-me com Lestrade e Mycroft. Creio que fui seguido através do Canal da Mancha.

“Mycroft, como os senhores devem saber, detém uma posição estratégica no Ministério do Interior, onde sua perspicácia é muito valorizada. Eu sempre tive aptidão para a ação, já ele prefere enfrentar de sua cadeira os desafios de grande importância e exerce uma enorme influência; não seria exagero dizer que ele, ocasionalmente, é o governo. Não dá a mínima importância para você ter concordado com ele sobre qualquer assunto ou não. Prefere passar o tempo no exclusivo Diogenes Club, onde falar é estritamente proibido – tal é a aversão dos seus membros esquisitos às relações sociais. Mas estou divagando.

“Eu o tinha, é claro, mantido mais ou menos informado sobre meu paradeiro na Europa. Ele sempre me dizia para suspender imediatamente o que ele chamava de ‘uma aventura juvenil’, com grande probabilidade de acabar de maneira lamentável. Ele já tinha concluído que eram águas mais profundas do que aparentavam e tinha até deduzido quem eram as pessoas envolvidas. Mas não achou que fosse necessário intervir, sentindo que meus caminhos irritantes talvez fossem mais adequados para lidar com a situação.

“Foi ele que me aconselhou a partir imediatamente para o Japão e requisitar uma audiência com o senhor diretamente, Sua Majestade. Ele ainda levantou a hipótese de que era muito provável que a Yakuza, dado seu conhecimento da psicologia de grupos criminosos bem-sucedidos, apressasse as questões em um ambiente político perturbado, tomando medidas extremas e muito ousadas. Especificamente, sentiu que a possibilidade de uma tentativa de assassinato contra sua pessoa, por pessoas de dentro, não poderia ser descartada, e queria que eu o avisasse. Acredito que os dois cavalheiros da Yakuza a bordo do *North Star* eram os assassinos designados, tendo sido especialmente treinados pelo próprio Coronel Moran no manuseio de rifles de ar comprimido, que usam balas de revólver. Por isso, eu precisava chegar ao Japão, antes de o navio atracar em Yokohama. Agora, eles podem sem dúvida ser detidos no desembarque.”

Enquanto o grupo se esforçava para encontrar as palavras certas, Holmes continuou.

– Lestrade ficou, é claro, absolutamente encantado em me ver. Ele também acreditava que eu tinha morrido nas Cataratas de Reichenbach. Expliquei a situação e ele, que, depois de alguma descrença inicial, entendeu a gravidade da questão. Ele concordou que eu deveria planejar bem, e para breve, minha fuga ao Japão e tentar falar diretamente com o senhor. Tivemos a ideia de fazer o dr. Watson trazer a informação a Tóquio sem seu conhecimento.

– Holmes! – exclamei, ofendido.

– Era tudo muito simples, Watson. Providenciamos sua passagem para o *North Star* e criamos a cortina de fumaça. Foi muito fácil falsificar uma carta do Japão, supostamente selada em Yokohama.

– Como fizeram que ele levasse a informação? – perguntou Oshima-san. – Isso não seria igualmente perigoso?

– Se uma pessoa não sabe que está com a informação, a informação está segura. – O rosto de Holmes

ficou corado com triunfo. – E foi o que fiz: codifiquei e transcrevi toda a lista de nomes e provas contra cada pessoa em notação musical. Em suma, usei um código que só o olho treinado poderia compreender. As páginas de “música” que surgiram não poderiam ter sido reconhecidas como uma lista de nenhum tipo. Lestrade arranhou para que um de seus agentes entrasse na casa do dr. Watson e as pusesse em meu violino, que estava em sua posse, e que ele muito graciosamente não tinha aberto uma vez sequer depois da minha “morte”. E assim, o dr. Watson carregou meu violino com ele por toda parte. Ao longo do caminho, nas poucas ocasiões em que abri a caixa e toquei o instrumento, disse a ele que as partituras eram as composições de um jovem músico de Praga. Aqui estão elas!

Sherlock Holmes balançou triunfantemente as páginas de partitura no ar. Esse era, sem dúvida, seu momento de glória.

– Esse papel, Holmes-san, contém a lista completa de diplomatas japoneses e outros que fizeram parte dessa operação. E provas específicas de suas atividades. É isso mesmo? – perguntou o Imperador Meiji.

– Exatamente, Sua Majestade.

– Foi prudente viajar dessa maneira, com informação tão delicada? – perguntou a senhorita Nohara.

– Obviamente, eu tinha tomado as devidas precauções. Mas não poderia ter feito de outro jeito. Uma carta teria levado muito tempo e poderia ter sumido ou sido roubada.

– Qual é a chave? – perguntou Otawa-san.

– Um sistema antigo, mas eficaz, concebido pelo compositor italiano Porta. Em seu sistema, a primeira metade do alfabeto corresponderia a uma sequência de treze mínimas subindo as notas em uma pauta musical, e a segunda metade do alfabeto, a uma sequência decrescente de treze semínimas. No entanto, um músico acharia tal partitura incomum e potencialmente dissonante. O sistema foi alterado mais tarde por outro compositor, Thomas Thickenesse, de modo que fizesse sentido musical. Talvez pareça complicado. Mas isso não importa agora: a decifração é fácil e não vai demorar muito. Posso fazer isso sozinho, dentro de duas horas.

– Inovador e admirável, Holmes-san – exclamou o Imperador.

Holmes fez uma reverência.

– Isto, Sua Majestade, é sua propriedade agora, para o senhor agir da forma que achar correta. Peço que as minhas sugestões sejam levadas em consideração. Fui testemunha de muitos desafios diplomáticos e descobri o grande valor da honestidade como um meio de desfazer a tensão. Tomar medidas imediatas é importante; se o senhor não fizer isso, é provável que o Professor Moriarty se comunique com os governos estrangeiros de uma maneira diferente de nós. O Japão será acusado de mau uso de canais diplomáticos para encorajar a atividade criminosa, com a finalidade de minar a soberania de nações independentes. Infelizmente, as ações pessoais de diplomatas não podem ser distinguidas daquelas dos países que eles representam e, em seguida, o senhor não será capaz de negar convincentemente que isso era parte de uma estratégia oficial. A retaliação será rápida e pode incluir a prisão de diplomatas japoneses, a suspensão dos tratados e confisco de bens japoneses. Pode incluir até a guerra, se o objetivo de deliberadamente subverter governos e culturas europeias, através da distribuição de ópio por via diplomática, for concebida por vários governos. Não é um preço que o senhor pode pagar, especialmente tendo em vista suas recentes iniciativas para modernizar o Japão.

O Imperador balançou a cabeça, seu rosto estava pálido.

Holmes se levantou, sua expressão estava sombria e solene.

– Ao mesmo tempo, é também meu dever doloroso, Sua Majestade, dizer que este grupo foi comprometido. A Yakuza se infiltrou no núcleo da comissão que supervisiona a Operação Kobe55. Lamento dizer que o senhor tem um traidor nesta sala.

続

Deixe que o mar, o fogo, o tempo e nós nos encontremos, meu amigo. Há tanta beleza no encontro de nossas essências. Você tem tantas qualidades raras! Anseio em ser como você. É meu desejo mais profundo.

Houve momentos em que, como cronista da brilhante carreira do meu bom amigo Sherlock Holmes, encontrei-me lutando para encontrar as palavras certas para descrever um evento, especialmente a atmosfera dramática provocada pela revelação de um ou mais fatos surpreendentes e totalmente inesperados, em um momento delicado da investigação. O choque dá resultado – assim como o humor, surpreendentemente – quando a nova informação contraria o conhecimento ou as suposições do interlocutor. O que parece óbvio e nem digno de lembrança pode conter camadas de informação. Em vários casos no passado – especialmente aqueles relacionados à diplomacia – Sherlock Holmes achou melhor não chamar a atenção de ninguém para certos fatos cruciais, que poderiam exacerbar as tensões e não serviriam a nenhum propósito útil. Esse não foi o caso aqui. A hora de revelar uma verdade desagradável tinha chegado.

O pronunciamento solene e dramático de Holmes teve o efeito desejado. Todos, inclusive o Imperador, encolheram-se com angústia. A senhorita Nohara, no entanto, não o fez, e pude ver a sombra de um sorriso em seu rosto, enquanto ela olhava para as mãos.

– Essa é uma acusação muito grave, Holmes-san – disse Otawa-san, finalmente, com a voz não muito firme. – Todos aqueles que conceberam e executaram a Operação Kobe55 estão nesta sala, com exceção de três que lamentavelmente faleceram. O próprio Imperador aprovou essa lista; o que você apresentou foi justamente o que a comissão esperava, em sua maior parte, e estamos completamente cientes das consequências que essas pessoas enfrentarão. Como é possível que alguém neste grupo possa ser um traidor?

– Ah! Uma pergunta muito boa. E, por outro lado, os fatos são assustadoramente claros. Minha conclusão é baseada em certos pontos.

“Primeiro, considere por algum tempo o porquê de eu ter sido escolhido para essa missão com tamanha facilidade, sem que ninguém se encontrasse comigo antes. Podia entender os esforços sinceros do sr. Sugiyama para me levar ao conhecimento da comissão de Kobe55 e me acompanhar por todo o caminho desde a Suíça, na esperança de que alguém com a minha reputação e experiência pudesse ajudar de algum modo. Mas não conseguia entender por que deveria me tornar tão singularmente crucial para a execução da estratégia. Parecia extremamente conveniente e um pouco rápido demais. Por que confiar em um homem que nunca tinha encontrado, indo puramente por sua reputação, especialmente se ele não era japonês e sabia pouco sobre o país, sua história e sua língua? No entanto, não era a primeira vez que isso

acontecia: lembro-me de, pelo menos, dois casos em que me deram total autoridade para operar em nome dos governos do Brasil e de Liechtenstein, com base exclusivamente em recomendações governamentais internas, e sem ninguém de nenhum dos governos realmente se encontrar comigo.¹⁵”

“Vamos, então, contemplar a extrema facilidade com que me foi concedido acesso a vários funcionários. É verdade que havia uma ordem secreta do governo, vinda do senhor, sr. Yoshida, dando-me acesso a embaixadas japonesas em qualquer lugar, mas, mesmo assim, fiquei surpreso que meu disfarce como empresário americano nunca tenha sido contestado uma vez sequer. Além disso, o encontro com o Professor Moriarty foi um pouco fácil demais de ser arranjado. Por que o adido comercial estaria tão disposto a me apresentar a ele? Talvez tenha sido para ajudar o Professor a checar quem eu realmente era? Lembrem-se de que eu era apenas uma das empresas que atuavam como canais para a importação de ópio, mascarados como outra coisa.

“Em Lisboa, Berlim, Praga – os portões se abriam como que por mágica. A informação era compartilhada com muita facilidade – com facilidade demais. O dinheiro era disponibilizado para as minhas despesas sem perguntas. Pareceu-me que talvez o *network* estivesse me permitindo investigá-lo, para ajudá-lo a identificar seus próprios pontos fracos, e não o contrário. As remessas que eu estava importando eram mínimas – nunca fui um peixe grande e sabia que não fazia muita diferença para o negócio deles. Não, tinha sido escolhido porque eu não chamaria atenção na Europa e por causa do meu conhecimento do *network* do Professor Moriarty. Era um mero peão, embora de suma importância. O Professor Moriarty foi um profissional minucioso – queria ter certeza de que o *network* estava funcionando perfeitamente, e que melhor estratégia do que tê-lo testado por seu maior adversário – eu?

“E, apesar de a reunião com o Professor Moriarty no Louvre ter sido breve e ele não ter dado nenhum sinal de me reconhecer, refleti que a conversa que teve com o adido comercial, sr. Takada, e o representante da Yakuza, sr. Murakami, não justificaria sua exposição em público. Ele repreendeu Takada pelas remessas atrasadas e por certos erros operacionais que tinha observado. Não é o trabalho de um general verificar se os rifles de seus soldados estão em boa condição. Poderia facilmente ter transmitido a mesma mensagem de forma mais discreta. Não, seu principal objetivo era verificar por si mesmo se Hodges era Holmes. Ele era, obviamente, inteligente demais para permitir que o reconhecimento transparecesse em seu rosto. A reunião foi claramente requisitada por ele, e não por nós. Ele tinha sido alertado.

“Alguém nesta sala – sim, *nesta sala* – estava trabalhando para a Yakuza e mantendo o Professor Moriarty informado. Vamos analisar as possibilidades.”

Houve um silêncio sufocante na sala.

“Nunca estive confortável com a senhorita Nohara, já que sempre tive uma visão peculiar sobre a capacidade das mulheres de manter segredos. Considerava-a como suspeita, já que tinha acesso à correspondência do sr. Oshima. Além disso, foi ela que nos deu a informação inicial sobre as negociações do *saiko-komon* da Sumiyoshi-kai e Inagawa-kai com a Triad de Xangai e do início do projeto europeu. Parecia provável que ela fosse o elo mais fraco. Mas eu não tinha nada conclusivo.

A senhorita Nohara não respondeu e continuou olhando para baixo, séria.

“Então, pensei no sr. Yoshida – como essa deterioração dos Serviços Diplomáticos poderia ter acontecido sem o conhecimento de seu chefe? Seria possível que, deliberadamente, tivesse fingido não ver?

O rosto de Yoshida-san ficou vermelho de constrangimento e desonra. Ele também não respondeu.

“No entanto, não havia provas. Além disso, também descobri que a maioria dos embaixadores não estavam envolvidos. Ele tinha conversado comigo uma vez, com grande tristeza, sobre o dano que poderia ser feito à imagem do Japão caso as suspeitas fossem trazidas a público. Isso parece inocentar o

sr. Yoshida, apesar da necessidade de mais evidências para estabelecer que não estava envolvido.”

Sherlock Holmes virou-se para Oshima-san e sorriu, sombrio.

A tensão no cômodo era terrível.

– Sr. Oshima, que posição delicada a sua! Estar ciente dos maiores segredos de sua nação e muitas vezes ser impossibilitado de agir. Assistir a eventos, supor e considerar como acontecimentos, do outro lado do mundo, podem impactar seu país. Não o invejo.

O Imperador sobressaltou-se:

– Oshima-san! Impossível!

O rosto de Oshima-san ficou pálido.

– O senhor cometeu um erro. Eu protesto! Sou um servo leal do Imperador! – disse, com uma voz rouca.

– Claro que é, sr. Oshima – respondeu Holmes, com uma voz suave. – Nunca o acusei de nada. Simplesmente disse que sua posição era delicada. Na minha abalizada opinião, o senhor é um dos maiores patriotas do Japão. – Holmes sentou-se. – Um dos senhores, sr. Otawa, sr. Sugiyama, sr. Sasaki, está a serviço da Yakuza. E sei quem é. Posso rever o caso a favor e contra cada um dos senhores, mas não vejo por quê. Não percamos tempo. Não temos nenhum. Uma confissão seria melhor.

Sugiyama-san pulou de sua cadeira e, antes que qualquer um de nós pudesse reagir, rapidamente se posicionou atrás da senhorita Nohara. Tirou um revólver, pressionando-o contra a cabeça dela, enquanto puxava seu cabelo para trás violentamente.

– Passe os papéis para Masako, ou vou matá-la sem pestanejar! – ele berrou para Holmes, completamente transformado do diplomata bem-educado, cortês, que tinha sido até segundos atrás.

– O que significa este ultraje? Como ousa entrar nesta sala com uma arma? – gritou o Imperador.

Seus guardas saltaram para a sua frente, com suas espadas em punho. Os outros presentes afundaram em suas cadeiras, chocados. Holmes estava bastante calmo, assim como a senhorita Nohara. Eu estava consideravelmente assustado com a reviravolta inesperada dos acontecimentos.

– Atiro nela se alguém se mexer! Acreditem! – gritou Sugiyama-san, segurando firme o pescoço da senhorita Nohara.

Holmes entregou o maço de partituras para a senhorita Nohara.

– Levante-se! – berrou Sugiyama-san.

Arrastando a senhorita Nohara, Sugiyama-san levou-a até a lareira.

– Jogue-as lá dentro! Agora!

A senhorita Nohara jogou os papéis no fogo. Eles cintilaram, estalaram e foram reduzidos a cinzas em menos de um minuto. Com eles, foi a lista completa de diplomatas e as provas de sua cumplicidade. Assistimos em silêncio e horror enquanto o resultado de anos de investigação meticulosa era destruído.

– Seu trabalho se foi, Holmes-san. Sinto muito.

– Não conseguirá escapar, Sugiyama-san – disse Oshima-san, calmamente. – É melhor se entregar. Não há como escapar.

– É o que veremos. Agora, estamos por toda parte, inclusive neste palácio!

– Sabia que era o senhor, sr. Sugiyama – disse Sherlock Holmes, com uma voz calma. – Fiquei desconfiado desde quando nos encontramos pela primeira vez, e em seguida, quando viajamos de trem para Vladivostok, mas não sabia de nada naquele momento. Foi tudo fácil e perfeito demais.

Sugiyama-san riu.

– Realmente não importa, Holmes-san. Nossos planos estão funcionando. Não será capaz de interferir. A Yakuza em breve assumirá o Japão. O mundo se curvará em reconhecimento a nossa superioridade e será liderado por nossa gloriosa nação. Nós nos opomos à Restauração! A pureza da

raça japonesa deve ser preservada a todo custo, e os estrangeiros, com suas ideias corruptoras, não podem ser autorizados a circular sem controle pelo país. Neste momento, meus parceiros estão entrando no Palácio Imperial e estarão aqui em exatamente dois minutos.

– Ouvir isso de um embaixador de destaque na Suíça... – observou Holmes, impressionado. – Esperava que o senhor tivesse desenvolvido uma perspectiva liberal em muitas questões.

– Minhas longas temporadas na Europa me ensinaram uma coisa, Holmes-san: o Japão é superior. Em todos os aspectos. A Europa está decadente, e seu povo é impressionável e fácil de controlar. Mas suas pretensões são corruptoras. A Restauração vai destruir a glória do Japão, e não podemos permitir que isso aconteça. O senhor acha que diplomatas japoneses atuando em conjunto com a Yakuza são movidos unicamente por dinheiro? Não! Muitos se opõem fortemente à Restauração e estão preparados para fazer o que for necessário para revertê-la e trazer o Japão de volta a seu estado puro. Eu, como muitos outros diplomatas, pertencço a uma família Samurai antiga e não posso aceitar a lenta erosão da posição de proeminência do Japão!

– Diga-me, foi o senhor que informou o Professor Moriarty sobre mim?

– Claro. Ele soube que o senhor tinha escapado da morte assim que chegamos a Moscou.

– E o assassinato do guarda no Trans-Siberian?

– Fui eu, claro.

– O assassinato do agente em Vladivostok?

– Trabalho de um dos meus agentes.

– O acidente na Gare du Nord, em Paris?

– Claro!

– A carruagem de fuga em Madri? O incidente do barco em Roterdã?

– Mesmo, Holmes-san? Já sabe as respostas. Por que fazer essas perguntas?

– O que sabe sobre o encontro com o Professor Moriarty no Louvre?

– Exatamente como o senhor supôs. O Professor queria checar sua identidade com os próprios olhos.

O senhor fez o melhor que pôde, com um excelente disfarce, mas ele soube imediatamente.

– Mas por que tudo isso?

– Para atraí-lo para nossa armadilha e mantê-lo por perto. O Professor Moriarty deixou claro que o único homem que poderia interferir em seus planos de dominação da Europa era você. Era melhor para nós tê-lo sob observação constante, dando-lhe informações incorretas e obtendo do senhor uma ideia de como o governo japonês estava respondendo. Fomos bem-sucedidos em grande escala.

– A morte do embaixador do Japão na França, sr. Takenaka?

– Uma simples questão de adição de veneno de mariscos em sua sopa, sr. Holmes. Um ataque doloroso de paralisia respiratória precedeu sua morte lamentável. Ele era um completo incômodo, e não apreciamos o envio de volta de Takada-san para Tóquio.

– A morte accidental do sr. Kasama, em Xangai?

– O senhor deduziu corretamente que havia a mão da sra. Bryant, nossa agente particularmente eficiente de Xangai. E, claro, nós o seguimos a partir do momento em que embarcou no *North Star*; sofreu um ataque em Angkor Vat. Obviamente, estou ciente de que nossos agentes o confundiram com outro cavaleiro até Mumbai e, portanto, o senhor se salvou da morte em Alexandria. É um homem de muita sorte, sr. Holmes. Mas não mais. E agora, chega de conversa. Meus amigos da Yakuza devem chegar a qualquer momento.

– Eles não virão, Sugiyama-san – a senhorita Nohara falou, pela primeira vez. Estava sorrindo. – Você não é a única pessoa com contatos profundos na Yakuza. O senhor esteve sob observação por muito tempo, e seus pontos de vista contra o Imperador e sua visão da Restauração são bem conhecidos nas

camadas de liderança da Yakuza. Posso não pertencer à Yakuza, mas Honda-san e eu fizemos tudo o que era necessário para convencer aqueles que o senhor chama de amigos de que uma operação de militantes da Yakuza, no Palácio Imperial do Imperador, com o possível objetivo de capturá-lo ou assassiná-lo, viraria a opinião pública fortemente contra eles. Essa tarde, quando foram informados dessa reunião de emergência, o senhor os visitou e pediu-lhes para tomar uma posição, uma vez que o senhor previu que Holmes-san iria informar o imperador sobre tudo e que precisava aproveitar a oportunidade, ao invés de esperar que os dois assassinos da Yakuza chegassem no *North Star*. Eles o tranquilizaram e prontamente informaram Honda-san. Não há ninguém em posição. O senhor fez um péssimo erro de cálculo. Por favor, renda-se. Há três revólveres apontados para o senhor agora. Ah, e as balas em seu revólver são falsas. Nós as substituímos no período da tarde, enquanto o senhor estava almoçando.

O rosto de Sugiyama-san perdeu a cor, e sua mão ficou trêmula.

– Mentira! – ele rosnou.

Apontou o revólver para a senhorita Nohara e disparou. Nada aconteceu. Disparou de novo e, de novo, nada. O revólver caiu de sua mão trêmula e bateu no chão.

Em poucos segundos, Sherlock Holmes, Sasaki-san e eu tínhamos dominado Sugiyama-san, segurando-o no chão e amarrando-o. Guarda-costas do Imperador rapidamente o escoltaram para fora da sala, enquanto Oshima-san e os outros observavam, quase paralisados com o choque.

– E, sr. Sugiyama, os papéis que o senhor queimou eram inúteis. Eram uma cópia de uma verdadeira trilha sonora *Leider De Onne Wörter, Canções sem palavras*, escrita por um de meus compositores favoritos, Mendelssohn. Os papéis originais, com as partituras, já tinham chegado ao escritório do Imperador, essa manhã, através dos contatos da senhorita Nohara. Eles estão sendo decodificados neste momento. O senhor acha que eu seria tão estúpido a ponto de ter apenas uma cópia? Fiz mais duas cópias: uma para os meus registros pessoais e outra para ser mantida com o meu irmão Mycroft, com instruções específicas sobre o que fazer caso ele não tivesse notícias minhas dentro de um período específico de tempo.

~

Nos dias que se seguiram, Sherlock Holmes e eu fomos tratados com muita honra e alvo da mais atenciosa hospitalidade pelo Imperador. Um generoso banquete foi seguido por outro, e uma apresentação *kabuki* fascinante, *Yoshitsune Senbon Zakura (Yoshitsune e as Mil Cerejeiras)* foi sucedida por outra performance esplêndida com os enormes tambores *kodo*. O Imperador Meiji nos mostrou sua coleção de bonsai e também nos levou às salas que continham os maiores tesouros do Japão antigo, não acessíveis ao público em geral. Era evidentemente um conhecedor das artes: pintura, caligrafia, escultura, música – estava interessado em tudo e tinha uma opinião sobre tudo. Ele nos mostrou sua coleção particular de pinturas do grande artista Hokusai, conhecido pelo uso de azul da Prússia. Em outra sala, havia exemplos impressionantes da arte *ukiyo-e* da era Edo.

O imperador lamentou sua falta de conhecimento do inglês, mas sabia muito da história inglesa. Ele nos fez muitas perguntas sobre as atitudes, os hábitos alimentares, de trabalho e de línguas da Europa. Falou em transformar o Japão e fazer do país uma potência econômica mundial um dia.

– Às vezes, história demais não é tão bom, Holmes-san – ele ponderou, uma vez. – Quando somos muito orgulhosos de nosso passado, não pensamos em nosso futuro.

Sua perspicácia brilhou nessas simples palavras.

O imperador compôs um poema *waka* admirável sobre a amizade, que ele escreveu de próprio punho e com o qual presenteou Sherlock Holmes. Na tradução oficial autorizada pelo palácio (não muito boa), lê-se:

*Ser amigo
Mostrar ao outro
Seus defeitos
É o verdadeiro espírito
Da amizade*

– E agora, Holmes; ou devo dizer Holmes-san?

Perguntei, descansando em nossos alojamentos, alguns dias depois, à espera da confirmação de nossa viagem de volta no *North Star*, que tinha atracado em Yokohama; os dois membros da Yakuza, que estavam a bordo, tinham sido imediatamente detidos para sua surpresa e frustração.

Holmes passou vários minutos tocando uma música indiana extremamente triste em seu violino. Os gemidos atacavam meus tímpanos e eu tive visões do sr. Binayak Sen, o guru indiano sorridente de Calcutá.

– A prisão do sr. Sugiyama não significa necessariamente que o problema tenha sido resolvido. Após seu interrogatório, estou certo de que ele será convidado a cometer suicídio, como um nobre ato final. Espero que o Imperador siga meu conselho e envie emissários especiais para pedir audiências com os Chefes de Estado de todos os países europeus, com uma carta pessoal dele, expressando seu profundo desgosto em saber que elementos de seu reino tenham participado ativamente de atividades ilegais executadas em seus territórios. Ele também vai apresentar os nomes de seus funcionários, com a prova relevante necessária para as devidas prisões.

Mas, como de costume, teremos de conviver com o fantasma da presença do Professor Moriarty na Europa. Sim, as operações europeias da Triad de Xangai serão erradicadas e muitos criminosos serão presos. Tenho certeza de que não haverá nenhuma evidência ligando o Professor Moriarty a nada disso. Ele está à nossa frente nesses assuntos, Watson, e devemos respeitá-lo por isso. Verá isso como apenas mais um transtorno temporário que criei para ele e já estará trabalhando em seu próximo estratagema com vigor renovado.

O grande e alegre Jiro Hamada entrou com uma excelente seleção de sashimi e saquê quente. Ele tinha se recuperado da tentativa de envenenamento e voltado a ser a pessoa animada de sempre. Saiu do quarto e voltou em alguns minutos com um *koto*.

– Eu o presenteio com isso, Holmes-san. Leve-o para a Inglaterra, como uma lembrança do Japão e de mim, seu *tomodachi*, seu amigo.

Sherlock Holmes nunca foi um homem de demonstrar emoção, mas segurou a mão de Hamada calorosamente. Aceitou o *koto* com gratidão, segurando o instrumento com respeito e com cuidado. Então, fez uma tentativa de tocá-lo e produziu uma música razoavelmente boa.

– Agora, Watson, meu caro amigo, faça-me um favor e escreva um telegrama urgente, para ser enviado pela manhã.

– Sim, Holmes, o que devo dizer?

– Diga isto: “*Em segurança no Japão com Sherlock Holmes. Voltaremos juntos na próxima partida do North Star*”. Enderece-o à sra. Mary Watson. Sabe onde o telegrama deve ser entregue.

¹⁵ Um deles foi o caso do tratado perdido entre o Brasil e o Equador, que teria mergulhado a América do Sul em sua crise mais grave, se não tivesse sido recuperado. O outro foi o caso do tratado entre Liechtenstein e Espanha, que teria resultado em questionamentos sobre a neutralidade do primeiro nas tensões vigentes naquela época no Mediterrâneo. Em ambos os casos, Sherlock Holmes exigiu e recebeu carta branca para operar em nome dos estados, e ambas as questões foram concluídas para satisfação de todos, sendo que o público foi mantido completamente alheio ao assunto.

Epílogo

識

*O Sensei da minha vila disse que eu
era um tolo porque minha
mente era cheia de fatos inúteis.
Sei que a sua é cheia
de desejo de saber mais. Você quer viver
para sempre e ser um estudante eterno.
Que maravilhoso!
Rezo para que seu desejo seja concedido.*

Clara Bryant foi detida em Xangai. Foi julgada por assassinatos múltiplos, considerada culpada e condenada à morte. Posteriormente, foi executada.

Hiroshi Sugiyama, o cortês embaixador do Japão na Suíça, cuja participação na ligação entre os serviços diplomáticos e a Yakuza tinha sido descoberta, foi persuadido a cometer suicídio pulando de uma ponte perto da Baía de Sagami, perto do Buda de Kamakura. Essa foi considerada uma solução melhor do que submetê-lo a um julgamento, o que teria tornado públicas outras questões sensíveis.

Shamsher Singh, o fascinante assistente do marajá de Patiala, continuou se correspondendo animadamente conosco. Estava em contato com Holmes quando estourou o escândalo referente à proposta de casamento do marajá à filha de seu treinador de cavalos irlandês.

A Sherlock Holmes foi atribuída a mais alta condecoração civil do Japão, a Medalha de Honra com Faixa Vermelha (*hosho*), e eu também recebi um prêmio, a Medalha de Honra com Faixa Verde, que acredito não ter merecido. Também fomos nomeados cidadãos honorários do Japão.

Yoshida-san se demitiu, assumindo a responsabilidade moral por ter deixado a podridão nos Serviços Diplomáticos chegar a níveis tão graves.

Sasaki-san tornou-se partidário do aumento do uso da ciência na coleta de informações. Convocou uma reunião dos chefes de Inteligência de vários países para trocar ideias e plantou a semente para a criação de um Departamento de Polícia Internacional. Por sugestão de Holmes, ele enviou um convite para o cientista indiano Jagdish Chandra Bose para visitar Tóquio; não temos ideia se ele aceitou.

Oshima-san aposentou-se três meses depois de deixarmos o Japão. Foi substituído por Masako Nohara. Ninguém poderia encontrar uma razão para se opor à nomeação de uma mulher de mérito genuíno para o cargo de Diretora de Inteligência e Pesquisa. Fiquei sabendo que ela encomendou um retrato de Sherlock Holmes e o pendurou em um lugar de destaque no escritório, para servir como um lembrete permanente do homem.

Kasama-san e Takenaka-san receberam honras póstumas por seus serviços ao Japão.

Na esperada limpeza, todos os 138 diplomatas japoneses que se tornaram peões da Yakuza foram retirados dos Serviços Diplomáticos do Japão e presos por vários crimes, incluindo insubordinação.

Enquanto alguns se suicidaram através do ritual complexo de evisceração, o *seppuku*, outros foram condenados à prisão perpétua, e um número muito pequeno foi executado – Takada-san entre eles.

A Yakuza retirou seu pessoal da Europa e encerrou o acordo com a Green Gang Triad de Xangai. Imagino que as pessoas envolvidas foram obrigadas a passar por mais uma cerimônia *ubitsume* – ou duas.

Sherlock Holmes realmente escreveu uma monografia intitulada *A música clássica da Índia* e, posteriormente, outra, *O koto japonês – possibilidades musicais pentatônicas para o ensemble de cordas ocidental*, ambas recebidas com aclamação crítica por estudiosos de todo o mundo. Ele está dando os retoques finais em mais uma, *A flora da Península Malaia*, e está passando bastante tempo na Biblioteca Britânica, pesquisando alguns aspectos do governo do Rei do Império Khmer, Jayavarman VII, que era a força por trás de Angkor Vat, o grande símbolo do Camboja. Ele deu a entender que muitas outras monografias estavam por vir, mas escolhi ignorar a ameaça.

Holmes refletiu sobre a suspensão do uso de cocaína, após os sinceros apelos de Oshima-san. Holmes e o cientista indiano Jagdish Chandra Bose têm mantido uma correspondência pessoal contínua. Ele, para minha consternação, também se tornou um devoto apaixonado da dieta vegetariana e discursou sobre o assunto – persuasivamente, ouvi dizer – na Royal Society.

O Imperador Meiji seguiu o conselho de Sherlock Holmes e enviou emissários pessoais a todos os Chefes de Estado na Europa onde diplomatas japoneses operavam de maneira ofensiva, equivalente à subversão. Ele assumiu total responsabilidade moral pelas ações de seus representantes e explicou em detalhes os vários passos que tinha tomado para evitar a repetição de tais incidentes, bem como para reverter os danos que as ações prévias pudessem ter causado. Como Holmes tinha previsto, após a indignação inicial, o gesto foi bem recebido. Vários governos europeus iniciaram uma limpeza em seus próprios Serviços Diplomáticos, guiados pelas provas fornecidas pelo governo japonês; todos os 79 diplomatas identificados foram demitidos do serviço e presos. Alguns foram liberados, porque a prova não era conclusiva. Alguns foram enforcados, outros, guilhotinados e o resto, condenado a diferentes penas na prisão. Dois desses diplomatas estavam a serviço de Sua Majestade, uma questão que nos causou grande embaraço. Em suma, um evento catártico aconteceu no mundo diplomático, levando a considerações mais rigorosas na seleção de diplomatas de carreira e à criação de um código severo e inflexível de conduta diplomática, extraoficialmente conhecido como “A Convenção de Holmes”. O leitor pode, eventualmente, estar familiarizado com isso.

Akira Fujimoto, o ex-membro da Yakuza que visitou Bodh Gaya, retornou ao Templo Kinkaku-ji, em Quioto, para retomar uma vida de busca espiritual. Assumiu o cargo do falecido Hiyashi-san e serviu como um administrador eficiente no templo.

O Professor Moriarty prometeu continuar sua campanha contra a soberania da lei. Você poderá, talvez, ler sobre sua subsequente batalha de cérebros com Sherlock Holmes no *Caso dos Falsificadores de Nova York*, que estou atualmente documentando. Tudo dependerá das excentricidades dos editores modernos, impulsionados pelo lucro em detrimento do bom gosto e da escrita excepcional, como esta; só o tempo dirá.

Nossa viagem de volta para Liverpool no *North Star* foi sem incidentes. Não sentimos necessidade de desembarcar em Xangai, Singapura, Mumbai, Áden, Alexandria ou Marselha. Holmes ocupou-se com a elaboração das muitas monografias às quais me referi antes, enquanto coloquei em ordem minhas anotações sobre nossas experiências. Claro, ele também passou um tempo tocando alternadamente violino e *koto* e tornou-se razoavelmente hábil no novo instrumento. Eu não conseguia entender facilmente os trechos tristes da música indiana nos quais ele se perdia. A música japonesa parecia mais meditativa e agradável, quando ele tocava o *koto* corretamente.

O Capitão Samuel Groves aposentou-se logo depois. Ele informou aos donos do *North Star* que tinha decidido se tornar um apicultor em Sussex South Downs, decisão que Sherlock Holmes achou intrigante e fascinante. Ele próprio se tornou um apicultor após sua aposentadoria relutante, vários anos mais tarde; os dois se tornaram vizinhos e discutiam animadamente as muitas características impressionantes das abelhas rainhas¹⁶. Em particular, o capitão Groves nos disse que tinha se tornado uma pilha de nervos após aquela viagem angustiante, já que não estava acostumado a ser testemunha de crimes hediondos, e optou por um estilo de vida totalmente previsível e mais suave, no qual o contato com outros homens seria significativamente reduzido.

Minha esposa ficou feliz em me ver de novo, mas notei que ela ficou ainda mais satisfeita ao ver Sherlock Holmes, uma questão que me deixou bastante perplexo.

¹⁶ Lembro aos leitores a monografia inovadora de Holmes sobre o assunto: *Sobre os cuidados com a abelha rainha e observações sobre sua reação à Sonata para Violino nº 1, em Sol Maior, Opus 78, de Brahms*, que foi recebida com grande aclamação na Royal Society.

Agradecimentos

Há muitas pessoas que tornaram este livro possível.

Minha esposa, Vidya, por inúmeras sugestões ao longo do caminho e por ser uma revisora focada e muito exigente. Ela acreditou na ideia e em mim. O resto é um mero detalhe.

Meu filho Sarang, por sua sugestão inspiradora de uma jornada de Sherlock Holmes pela Índia.

Meus inúmeros amigos ao redor do mundo, que me encorajaram em cada etapa. Especialmente, Herma Caelen e Frauke Hertel, de Bruxelas.

Tanaya Vyas, a designer imensamente talentosa, responsável pela capa fascinante. Não sei de onde ela tirou a ideia para o projeto, mas tenho uma admiração imensa por sua criatividade.

O jovem e talentoso artista Mohan Raj, por criar o mapa das viagens de Sherlock Holmes e por ajudar com os ideogramas no início de cada capítulo.

Os excelentes editores da HarperCollins Índia – e Ajitha, em particular – que, em um lapso momentâneo de bom senso, decidiram aceitar o original. Ajitha parece ter uma semelhança impressionante, em mais de um sentido, com a editora com quem Watson estava muito frustrado, como você deve ter percebido.

Mas, falando sério, devo agradecer a minhas estrelas, por eu ter editores tão experientes e perceptivos, que me ajudaram ao longo do trajeto, com palavras sábias e conselhos em vários pontos. Percebi que a escrita é muito mais fácil do que a edição.

A habilidade de Karthika como editora se manifestou em cada etapa. Equilibrar a história, escolhendo a palavra mais apropriada, ajudando-me a cortar texto que não acrescentava nada – sua objetividade me ajudou de muitas maneiras. Ter uma editora perspicaz em todas as fases da escrita e da reescrita realmente me ajudou. Obrigado.

A equipe de marketing da HarperCollins, por seu entusiasmo e por sua vontade de experimentar.

O Japão, país que admiro e que proporcionou tantos temas que me ajudaram a desenvolver a trama.

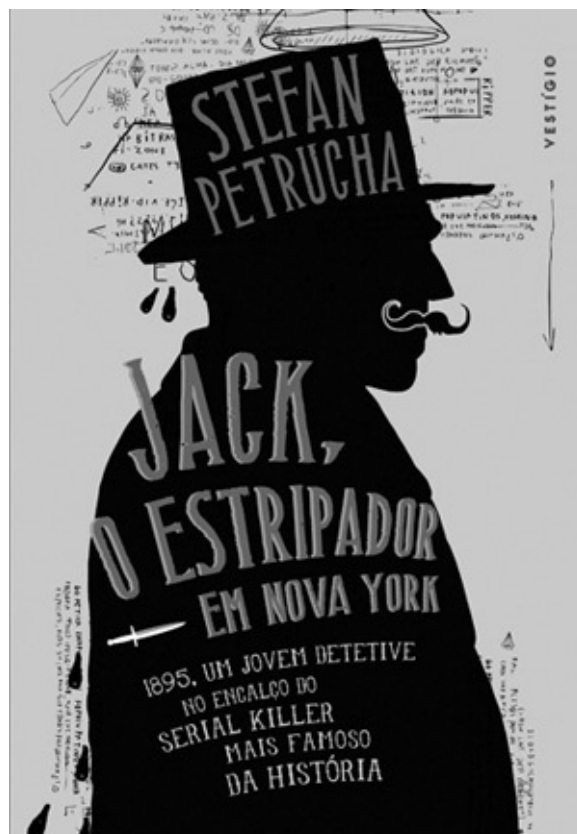
E, finalmente, Arthur Conan Doyle, por criar um personagem que viverá através dos tempos e fornece inspiração infinita a tantos.

VASUDEV MURTHY
(Akira Yamashita)

AKIRA YAMASHITA é um velho imigrante vindo de Osaka para viver em Bangalore. Ele administra a elitista Academia Japonesa de Cítara, onde dá aulas de Música Clássica Indiana – sendo, sobretudo, expert em Raga Bhairavi, música clássica do norte indiano. Ele oferece um desconto de 10% nas aulas para quem tiver lido este livro.

Fora isso, passa o tempo escrevendo contos japoneses memoráveis, que tomaram conta do imaginário de milhões de pessoas. Seu livro *Sambar para a alma indiana* permaneceu na lista dos mais vendidos durante anos. Ele espera casar-se com uma indiana que se sobressaia na preparação do *sambar* – exótico prato indiano – e encoraja candidatas a se manifestarem.

LEIA TAMBÉM



STEFAN PETRUCHA

Tradução: Guilherme Henrique Miranda

**JACK, O ESTRIPADOR
EM NOVA YORK**

**1895, um jovem detetive no
encalço do serial killer mais
famoso da história**

Páginas: 288 Formato: 16 cm x 23 cm

Carver Young sonha ser um detetive, apesar de ter crescido num orfanato, tendo apenas romances policiais e a habilidade de abrir fechaduras para estimulá-lo. Entretanto, ao ser adotado pelo detetive Hawking, da mundialmente famosa Agência Pinkerton, Carver não só tem a chance de encontrar seu pai biológico como também se vê bem no meio de uma investigação de verdade, no encalço do cruel serial

killer que está deixando Nova York em pânico total.

Mas quando o caso começa a ser desvendado, a situação fica pior do que ele poderia imaginar, e sua relação com o senhor Hawking e com os detetives da Nova Pinkerton entra em risco. À medida que mais corpos aparecem e a investigação ganha contornos inquietantes, Carver precisa decidir: de que lado realmente está?

Com diálogos brilhantes, engenhocas retrofuturistas e a participação de Teddy Roosevelt, comissário da polícia de Nova York que viria a ser presidente dos Estados Unidos, Jack, o Estripador em Nova York desafiará tudo o que você pensava saber sobre o assassino mais famoso do mundo. E o deixará sem fôlego!

Copyright © 2013 Vasudev Murthy, HarperCollins Publishers India
Copyright da tradução © 2015 Editora Nemo/Vestígio

Publicado mediante acordo com HarperCollins Publishers India e Vikings of Brazil Agência Literária e de Tradução Ltda.

Título original: *Sherlock Holmes in Japan*

Todos os direitos reservados pela Editora Nemo. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

GERENTE EDITORIAL
Arnaud Vin

EDITOR ASSISTENTE
Eduardo Soares

PREPARAÇÃO
Eduardo Soares

CAPA
Carol Oliveira
Diogo Droschi
(Sobre imagem de Dimapf)

DIAGRAMAÇÃO
Christiane Morais de Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Murthy, Vasudev

Sherlock Holmes no Japão : 1893, aventuras dos anos perdidos do detetive mais famoso da história / Vasudev Murthy ; tradução de Ana Carolina Oliveira. -- 1. ed. -- São Paulo : Vestígio, 2015.

Título original: *Sherlock Holmes in Japan*.

"Escrevendo com o pseudônimo de Akira Yamashita".

ISBN 978-85-8286-184-4

1. Ficção - Literatura juvenil 2. Ficção de suspense 3. Ficção indiana (Inglês) I. Título.

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção juvenil e de suspense : Literatura indiana em inglês 813.6

A **VESTÍGIO** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA** 

São Paulo

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar, Conj. 2301

Cerqueira César . 01311-940

São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034-4468

Belo Horizonte

Rua Aimorés, 981, 8º andar

Funcionários . 30140-071

Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3214-5700

Televendas: 0800 283 13 22

www.editoravestigio.com.br